

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



CASAS CONTEMPORÂNEAS

e a vasectomia como método contraceptivo:
um estudo fenomenológico-hermenêutico

Patrícia Lopes Salzedas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciências
Área: Psicologia



Ribeirão Preto - SP
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo:
um estudo fenomenológico-hermenêutico

Patrícia Lopes Salzedas

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Salzedas, Patrícia Lopes

Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo: um estudo fenomenológico-hermenêutico. Ribeirão Preto, 2011.

228 f.: il. ; 30 cm

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Bruns, Maria Alves de Toledo.

1. Planejamento Familiar. 2. Vasectomia. 3. Gênero. 4. Fenomenologia-Hermenêutica.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Patrícia Lopes Salzedas

Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo: um estudo fenomenológico-hermenêutico

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado(a) em ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura: _____

Aos meus contemporâneos.

AGRADECIMENTOS

Há muito por agradecer neste momento! Primeiramente, declaro-me grata a todos que têm tornado meu caminho, pessoal e profissional, uma experiência de inquietações frutíferas e de diálogo.

Agradeço à natureza, cuja beleza divina embala meu pensar e me oferece, no nascer de cada novo dia, renovadas possibilidades de ser-no-mundo.

Aos meus pais, Adalberto e Neuza, primeiros mestres de minha existência. Minha imensa gratidão por terem me ensinado a caminhar (andar) e a dialogar (falar).

A Alcides, Andréa e Adalberto Jr., por trilharem comigo os desafios da contemporaneidade desde os primeiros passos.

A Laura, João Victor, Beatriz e Isabela, crianças amadas de minha vida.

À Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, minha admiração à minha mestra-guia que me conduziu com mãos firmes e hábeis, iluminando o caminho do diálogo e alargando meus horizontes.

À Profa. Dra. Ana Márcia Spanó Nakano e à Profa. Dra. Ana Raquel Lucato Cianflone, pela solicitude em participar do exame de qualificação e contribuírem de maneira generosa com orientações tão pertinentes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, que me acolheu nesta jornada de compromisso com o saber científico.

À Profa. Dra. Eucia Beatriz Lopes Petean, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.

Especialmente à querida Denise Aparecida Silveira, chefe do Serviço de Pós-Graduação da FFCLRP-USP, que me auxiliou em momentos difíceis deste percurso.

À Jacqueline Correa, técnica para assuntos administrativos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.

Aos integrantes do Gupo SexualidadeVida – USP/ CNPq, nos quais encontro sustentação para seguir na trilha da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Ricardo Gorayeb, pela confiança depositada em meu trabalho durante mais de uma década no Hospital das Clínicas da FMRP-USP.

À equipe médica da Disciplina de Urologia do Hospital das Clínicas da FMRP-USP que participou do desenvolvimento de minha prática profissional no contexto hospitalar, especialmente ao Prof. Dr. Silvio Tucci Junior, Prof. Dr. Antônio Carlos Pereira Martins, Prof. Dr. Aduino José Cologna, Prof. Dr. Haylton Jorge Suaid e Prof. Dr. Rodolfo Borges dos Reis.

Ao Prof. Dr. Jeová Nina Rocha, pelo exemplo de dedicação à pesquisa científica.

Aos integrantes da Comissão de Controle do Tabagismo do HCFMRP-USP que fizeram do trabalho um laço de amizade.

À amiga Eliana, cuja sensibilidade e seriedade tornaram nossos diálogos, sobre a pesquisa, reflexões profundas sobre a vida. Além disso, por ter me acompanhado nos tortuosos caminhos do saber científico, nas dificuldades e alegrias da conquista por cada passo dado.

À Maria Luíza, Aline, Adriana e Pietra, pela amizade, disponibilidade, apoio e carinho.

À Cidinha, Jaqueline, Karin, Alexandra, Rosana, Vera, Andréa, Camila, Cassiana, Will e Elaine, psicólogas-amigas queridas com quem sei que posso contar sempre.

Ao Cleber, cujas pontuações, indagações e silêncios me fazem pensar sobre os significados de ser-no-mundo-com-outros na atualidade.

À Profa. Maria do Socorro, pela cuidadosa leitura e correção deste trabalho.

A Murilo Moscheta, cujo trabalho delicado e primoroso resultou na capa desta tese.

À Maria Cristina M. Ferreira, pelo auxílio quanto às normas da ABNT.

Ao querido amigo André, por ter “ressuscitado” meu *notebook* quando pensei que estava tudo perdido e ter cantado para mim “With a little help from my friends” (The Beatles), fazendo-me lembrar como é bom ter amigos por perto.

Ao Danilo, pela prontidão em me auxiliar no manejo do computador.

À Marilene e Rachel, secretárias cuidadosas e competentes.

Aos colegas do Tribunal de Justiça, com quem compartilho meu dia a dia.

Aos colegas do Curso de Filosofia da UFSCar, com os quais sou conduzida a novos aprendizados.

Aos psicólogos aprimorandos do HCFMRP-USP, cuja troca me lançou a reflexões sobre a prática profissional do psicólogo.

Aos meus clientes, por partilharem comigo suas singularidades.

Aos amigos que fiz viajando pelo mundo, por celebrarem comigo a (a)ventura de viver.

Àqueles que ficaram pelo caminho, “professores” de outros tempos, e que agora reencontro nas redes sociais do mundo virtual.

À Maria, Marilene, Cleide e Tânia, por cuidarem de mim e de minha casa.

Por fim, especialmente aos colaboradores e colaboradoras deste estudo que tornaram possível a construção deste caminho.

CONFECÇÃO DA CAPA

A capa desta tese foi confeccionada por Murilo dos Santos Moscheta, especialmente para esta finalidade. Intitulada “CORTE AQUI”, carrega significados em cada um de seus detalhes.

A construção do conceito de “CORTE AQUI”

A família, ao ser transformada em brinquedo, condensa os significados de idealização (que são nutridos desde a infância) equalizando o “viver e compor a família” com o “brincar de casinha”. A escolha pelos playmobills se deu por duas razões. Em primeiro lugar foram produtos muito populares, produzidos em série ao lado de Barbies, Kens, Legos, e tantos outros. Salientam assim o caráter massificador e homogeneizante do projeto de uma família ideal. Este significado é reforçado pela “cartela de filhos” a partir da qual a família pode ser composta. Em segundo lugar, o playmobill foi muito popular na infância de uma geração que hoje escolhe quantos filhos vai ter. Assim, ao ser colocado ao lado das palavras “casais contemporâneos” o brinquedo antigo faz uma pergunta: “O que realmente há de original em nossos projetos familiares?”

Finalmente, para que esta representação se articulasse harmonicamente com o conteúdo da tese, especificamente com o procedimento de vasectomia, a família de brinquedo foi transformada em papel de modo que pudessem ser também resultado de um corte. A linha tracejada e as tesouras que estão presentes na composição da capa fazem alusão tanto ao procedimento cirúrgico (o corte) da vasectomia, quanto ao processo de “montagem” da família. O corte da vasectomia permite o recorte que se dá na composição familiar. Por fim, o cortar se articula com o “cortar e colar” popularizado pelos programas de computador, sendo uma referência na compreensão das subjetividades contemporâneas.

Murilo dos Santos Moscheta*

* uso autorizado da imagem “CORTE AQUI”, na capa desta tese e em mídias digitais.

RESUMO

SALZEDAS, P. L. **Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo:** um estudo fenomenológico-hermenêutico. 2011. 228 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

O planejamento familiar consiste em um conjunto de ações de regulação da fecundidade que garantem a igualdade de direitos de aumentar ou limitar a prole pela mulher/homem, ou casal, o que envolve uma conscientização da necessidade de limitar os filhos, conforme a capacidade de criá-los, ou seja, educar, alimentar, proteger e oferecer condições dignas de vida. Assim, a escolha contraceptiva envolve questões de gênero e da família. A vasectomia é a esterilização cirúrgica para homens. Em 1996/97, a Lei 9.263 regulamentou o planejamento familiar no Brasil e, entre 1996 e 2006, houve um aumento de homens brasileiros vasectomizados. A presente pesquisa busca compreender o(s) significado(s) e sentido(s) da escolha da vasectomia como contraceptivo por casais heterossexuais. Para isto, foram entrevistados seis casais no Ambulatório de Vasectomia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. A idade dos entrevistados variou de 31 a 41 anos e das entrevistadas de 31 a 42 anos. Os casais tinham de dois a três filhos. Os colaboradores e colaboradoras foram entrevistados individualmente e responderam à seguinte questão norteadora: “Fale para mim sobre seu relacionamento conjugal (ou afetivo-sexual) atual, levando-se em conta sua infância, adolescência, vida adulta, o casamento, culminando com a escolha pela vasectomia como método contraceptivo.”. Os relatos foram submetidos ao percurso do método qualitativo fenomenológico-hermenêutico. Após a suspensão fenomenológica, leitura e releitura dos depoimentos, destacaram-se as seguintes categorias temáticas: 1) Temporalidade da infância; 2) Temporalidade da adolescência; 3) Temporalidade da união conjugal; 4) Família de origem e transgeracionalidade; 5) Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia. Desvelando o fenômeno, os significados encontrados para a opção pela vasectomia apontam: satisfação dos casais com o número de filhos, mesmo referindo um não planejamento das gravidezes; interferência na vida sexual com uso de outros métodos contraceptivos; corresponsabilidade do homem na escolha contraceptiva; menor complexidade da vasectomia se comparada à laqueadura. Percebe-se que os avanços tecnológicos, na área biomédica, combinados com uma maior participação de homens na vida doméstica apontam para uma flexibilização dos papéis de gênero. Replanejar o projeto de vida a dois e vivenciar outras realizações pessoais e profissionais acompanha a elegibilidade da vasectomia. Constata-se que estes casais heterossexuais contemporâneos, vivendo em um contexto de pluralidade de formações familiares e numa sociedade de consumo, influenciados pela transmissão familiar transgeracional, transitam por caminhos na direção de um casal mais igualitário, ressignificando o modelo patriarcal. Quanto ao projeto de ter filhos, revela-se a necessidade de efetivos programas de planejamento familiar que envolvam homens e mulheres na reflexão de seus projetos de vida no que concerne à constituição da família e os instrumentalize para um diálogo autêntico e reflexivo na relação com o outro, responsabilizando-se efetivamente pela realização do projeto de ter filhos.

Palavras-chave: Planejamento familiar. Vasectomia. Gênero. Fenomenologia-Hermenêutica.

ABSTRACT

SALZEDAS, P. L. **Contemporary couples and vasectomy as a contraceptive method: a phenomenological-hermeneutical study.** 2011. 228 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

Family planning consists of a number of actions targeting fecundity regulation so as to insure that the man or the woman, or the couple has equal rights to increase or limit offspring, which involves awareness of the need to limit the number of children according to their conditions to raise them, that is, provide education, food, safety and decent living conditions. Thus, choosing a contraceptive method involves issues relative to gender and family. In 1996/1997, Law 9.263 ruling over family planning was passed and between 1996 and 2006 there was an increase in the number of Brazilian men who underwent vasectomy. The present study sought to comprehend the significance and meaning of choosing vasectomy as a contraceptive method by heterosexual couples. To achieve this goal, six couples recruited from the Ambulatório de Vasectomia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (USP - Medical School Hospital Vasectomy Outpatient Clinic) were interviewed. Male respondents aged 31 to 41 and female respondents aged 31 to 42. The couples had two to three children. Respondents were interviewed individually and answered the following question: “Could you tell us about present your marital (or affective-sexual) relationship taking into consideration your childhood, adolescence, adulthood and marriage leading to choosing vasectomy as a contraceptive method?”. The subjects` reports were submitted to the qualitative phenomenological-hermeneutical method. After the phenomenological suspension, reading and re-reading of testimonials, the following categories of topics stood out: 1) temporariness of childhood; 2) temporariness of adolescence; 3) temporariness of marital relationship; 4) original family and trans-generational connections; and 5) temporariness of plans to have children and choosing vasectomy. Unveiling the phenomenon, the meanings found for choosing vasectomy indicated that, first, the couples were happy about the number of children they had even though pregnancies had not been planned; second, the use of other contraceptive methods affected their sexual relationship; third, the male partner was mutually responsible for choosing a contraceptive method and, finally, when compared to ligature of the tubes vasectomy was less complex. Thus, technological developments combined with a greater participation of the male partner in domestic issues evidence that both partners play a more flexible role in their relationship. Re planning their way of life together and experiencing new personal and professional achievements follows choosing vasectomy. These contemporary heterosexual couples, living in a consumerist society and influenced by trans-generational family values have been found to be heading toward a more egalitarian couple team and reshaping the patriarchal model. As for prospects of having children, proper family planning programs involving both partners and that equip them with ways to think about their plans to have children are lacking. Such programs should also equip couples with means to openly and frankly talk about their relationship and help them make themselves mutually responsible for their plans to have kids.

KeyWords: Family planning. Vasectomy. Gender. Phenomenology-Hermeneutics.

RESUMEN

SALZEDAS, P. L. **Parejas contemporáneas y la vasectomía como método anticonceptivo:** un estudio fenomenológico-hermenéutico. 2011. 228 f. Tesis (Doctoral) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

El planeamiento familiar consiste en un conjunto de acciones de regulación de la fecundidad que garantizan la igualdad de derechos de aumentar o limitar la prole por la mujer/el hombre, o la pareja, lo que envuelve una concienciación de la necesidad de limitar los hijos, de acuerdo con la capacidad de criarlos, o sea, educar, alimentar, proteger y ofrecerles condiciones dignas de vida. Así, la elección contraceptiva envuelve cuestiones de género y de la familia. La vasectomía es la esterilización quirúrgica para hombres. En 1996/97, la Ley 9.263 reglamentó el planeamiento familiar en Brasil y, entre el 1996 y el 2006, hubo un aumento de hombres brasileños vasectomizados. El presente trabajo intenta comprender el(los) significado(s) y sentido(s) de la elección de la vasectomía como contraceptivo por parejas heterosexuales. Para eso, fueron entrevistadas seis parejas en el Ambulatório de Vasectomia do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. La edad de los entrevistados varió de los 31 a los 41 años, y de las entrevistadas de los 31 a los 42 años. Las parejas tenían de dos a tres hijos. Los colaboradores y colaboradoras fueron entrevistados individualmente y respondieron a la siguiente cuestión guía: “Hábleme sobre su relación conyugal (o afectivo-sexual) actual, considerándose su infancia, adolescencia, vida adulta, el matrimonio, culminando con la opción por la vasectomía como método anticonceptivo.”. Los relatos fueron sometidos al recorrido del método cualitativo fenomenológico-hermenéutico. Tras la suspensión fenomenológica, lectura y relectura de las deposiciones, se destacaron las siguientes categorías temáticas: 1) Temporalidad de la infancia 2) Temporalidad de la adolescencia; 3) Temporalidad de la unión conyugal; 4) Familia de origen y transgeneracionalidad; 5) Temporalidad del proyecto de tener hijos y elección de la vasectomía. Desvelando el fenómeno, los significados encontrados para la opción por la vasectomía apuntan: satisfacción de las parejas con el número de hijos, aunque refiriendo al no planeamiento de las gestaciones; interferencia en la vida sexual con el uso de otros métodos contraceptivos; corresponsabilidad del hombre en la elección contraceptiva; menor complejidad de la vasectomía si comparada con la ligadura de trompas. Se percibe que los adelantos tecnológicos en el área biomédica, combinados con una mayor participación de los hombres en la vida doméstica, apuntan para una flexibilidad de los papeles de género. Replanear el proyecto de vida juntos y experimentar otras realizaciones personales y profesionales acompañan la elegibilidad de la vasectomía. Se constata que estas parejas heterosexuales contemporáneas, viviendo en un contexto de pluralidad de formaciones familiares y en una sociedad de consumo, influenciados por la transmisión familiar transgeneracional, transitan por caminos en la dirección de una pareja más igualitaria, de nuevo significado al modelo patriarcal. En cuanto al proyecto de tener hijos, se revela la necesidad de efectivos programas de planeamiento familiar que envuelvan hombres y mujeres en la reflexión de sus proyectos de vida, en lo que se refiere a la constitución de la familia, y los instrumentalice para un diálogo auténtico y reflexivo en la relación con el otro, responsabilizándose efectivamente por la realización del proyecto de tener hijos.

Palabras-clave: Planeamiento familiar. Vasectomía. Género. Fenomenología-Hermenéutica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração vasectomia.....	49
---------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição (em %) de mulheres unidas de 15-44 anos, segundo o uso de método contraceptivo e tipo de método, por classe econômica, Brasil, PNDS 1996 e 2006... 45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de orientações para transcrição 100

Quadro 2 – Perfil sociodemográfico dos casais colaboradores no momento da entrevista.... 102

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANS	Agência Nacional de Saúde
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
FFCLRP-USP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo
FMRP-USP	Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo
HC-FMRP-USP	Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNDS	Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

PRÉ-REFLEXIVO - Do aconselhamento psicológico de casais, durante a escolha da vasectomia como método contraceptivo, ao encontro de questões de gênero e da família:.....	29
CAPÍTULO 1 – PLANEJAMENTO FAMILIAR E INTERDIÁLOGOS COM A ESCOLHA DA VASECTOMIA POR CASAIS CONTEMPORÂNEOS.....	41
1.1 Horizontes do planejamento familiar e contracepção.....	42
1.2 Horizontes das leis brasileiras, planejamento familiar e relações de gênero.....	53
1.3 Horizontes do paradigma patriarcal e o movimento feminista.....	59
1.4 Horizontes da família e transgeracionalidade.....	65
1.5 Horizontes da sexualidade, conjugalidade e amor.....	72
CAPÍTULO 2 – O SER-NO-MUNDO NA PERSPECTIVA DE MARTIN HEIDEGGER	81
CAPÍTULO 3 – O PERCURSO DA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA	91
3.1 O método fenomenológico.....	91
3.2 O acesso aos colaboradores e colaboradoras e a entrevista fenomenológica	95
3.3 Considerações éticas	101
3.4 Perfil do(a)s colaboradore(a)s.....	102
CAPÍTULO 4 – EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO DO FENÔMENO: CATEGORIAS TEMÁTICAS E UNIDADES DE SIGNIFICADO.....	107
4.1 Categorias temáticas	107
4.1.1 Categoria 1 – Temporalidade da infância	108
4.1.2 Categoria 2 – Temporalidade da adolescência.....	108
4.1.3 Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal.....	108
4.1.4 Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade	108
4.1.5 Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia	109
4.2 Perfil dos casais e análise compreensiva das entrevistas.....	109
4.2.1 Perfil do casal 1: Cristiano e Adriana.....	109
4.2.2 Perfil do casal 2: José e Leda	128
4.2.3 Perfil do casal 3: Valdir e Helena.....	136

4.2.4 Perfil do casal 4: Sérgio e Cláudia.....	150
4.2.5 Perfil do casal 5: Rogério e Carla.....	164
4.2.6 Perfil do casal 6: Carlos e Vera	171
CAPÍTULO 5 - O DESVELAR DO(S) SIGNIFICADO(S) AO(S) SENTIDO(S) DO FENÔMENO - Casais contemporâneos e a escolha da vasectomia como método contraceptivo	191
5.1 Aspectos gerais.....	191
5.2 O ser-no-mundo heideggeriano	196
CAPÍTULO 6 – HORIZONTES.....	203
REFERÊNCIAS.....	207
APÊNDICES	221
APÊNDICE A – Caracterização dos colaboradores da pesquisa	221
APÊNDICE B – Caracterização das colaboradoras da pesquisa	222
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	223
ANEXOS.....	227
ANEXO A - CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA – BRASIL	227
ANEXO B – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP	228

Das pedras no caminho (Carta a Drummond)

Foi no primeiro tropeço que me dei conta da pedra no CAMINHO. Confesso que, distraída, não a vi. Somente muito tempo depois percebi as impressões deixadas por ela, quando a memória faz seu serviço e traz à tona recortes de nós mesmos. Naquela ocasião, um ser em forma de anjo me estendeu a mão em um desses lapsos de tempo em que a perfeição é PRESENÇA na vida.

“*Ses cheveux sont châtain clair et bouclés, ses yeux sont petits...il est grand.*” Assim o descrevi no momento em que o vi. Como poderia chamar de “*mon petit*” o que era tão grande aos meus olhos? Então, virei as costas e continuei caminhando. Vieram outras pedras, devo dizer que flores também brotaram muitas vezes. Mas é das pedras que falo agora. Quantas vezes, disse: “*mon coeur, mon coeur...*”, como quem embala uma criança que chora. Isso sempre acontecia depois de uma nova pedra e um novo tropeço.

Com o passar do TEMPO já enxergava as pedras, entretanto, os tombos permaneciam. Descobri que apesar de serem várias, de fato, parecia sempre a mesma. Já podia supor onde ela estaria, mas como me defender dela...

Até que um dia, surpreendentemente, transpus uma das pedras, como quem salta sobre ela. “*Je suis heureuse*”, pensei. Foi como degustar a ANGÚSTIA, digeri-la e continuar viva, inteira e intacta naquilo que não se nomeia e, menos ainda, se compreende, mas se pode sentir como parte da própria ESSÊNCIA. Foi nessa época que me lembrei do anjo que passou por mim. Como desejei, então, ter sido capaz de vê-lo humano, simplesmente humano. Aqui e agora, penso que o era, pois também se foi, virando-me as costas. Talvez também estivesse tentando aprender a transpor as pedras do caminho. O que permanece é a GRATIDÃO a esse “outro-presença”.

Como aprendiz na EXISTÊNCIA, descubro diariamente que as possibilidades de transpor uma pedra são infinitas, e já não dispensei ajudas alheias, auxílios que tenho aprendido, também, a oferecer, embora entenda que o esforço para passar por cada uma é um fazer solitário.

Quanto às pedras? Elas são necessárias para que aprendamos a valorizar o assobio do vento, o céu azuuuuul do inverno e as margaridas amarelas.

Patrícia Lopes Salzedas - Março de 2009

Em tempo: Aprendi, também, que escondido numa pedra pode estar um diamante...

Patrícia Lopes Salzedas - Abril de 2011

PRÉ-REFLEXIVO

Do aconselhamento psicológico de casais, durante a escolha da vasectomia como método contraceptivo, ao encontro de questões de gênero e da família:
casais da contemporaneidade

“O homem está condenado a ser livre” afirma o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (SARTRE, 1973, p. 15), que explica: “condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer”. O percurso desta pesquisa remonta à reflexão insistente acerca do axioma referido a partir da leitura do texto “O existencialismo é um humanismo” durante as aulas da disciplina “Figuras do si mesmo II”, ministrada pelo Prof. Dr. Reinaldo Furlan, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. A inquietação que se instalou naturalmente levou-me a extrair das palavras do filósofo sentidos próprios. Se o ser humano é responsável por tudo que faz, ou seja, tudo que escolhe fazer, que significado(s) e sentido(s) um casal comunica quando opta pela vasectomia como método contraceptivo? Arrebatada por esta pergunta, outro registro filosófico, do alemão Martin Heidegger, já me invadia o pensamento: “a linguagem é a casa do ser” (HEIDEGGER, 1973, p. 347), e a palavra proferida consoma e manifesta esse ser. Portanto, o caminho de possível acesso ao(s) significado(s) e sentido(s), atribuídos por aqueles que elegem algo para si mesmos, era a escuta de seus relatos.

A vontade de compreender a opção de casais heterossexuais pela vasectomia, como método anticoncepcional, conduziu-me à realização deste estudo. A fim de esmiuçar a trajetória percorrida até a elaboração do projeto que culminou nesta tese, faz-se necessário retomar o percurso a partir do ano de 1997, último ano de minha graduação em Psicologia pela FFCLRP-USP, esta mesma faculdade que me acolhe agora em meu Doutorado. A partir dali, os escritos de filósofos fenomenólogos como Edmund Husserl, Martin Buber e Martin Heidegger passaram a fazer parte de minhas leituras estudantis. Ao ouvir repetidas vezes que, para a fenomenologia heideggeriana, o termo fenômeno designa “o que se revela, o que se mostra em si mesmo” (HEIDEGGER, 2008a, p. 67) e que o ser-aí (*Dasein*), lançado ao mundo, e cujo projeto o encaminha para a morte, está circunscrito no tempo e no espaço,

gradativamente, foram se delineando em mim inquietações e a busca por compreensão desse ser mundano em sua expressão particular e singular.

No ano de minha formatura em Psicologia, apresentei Trabalho de Conclusão de Curso que versava sobre adolescentes portadores de deficiência visual, sob o título “Adolescer: a vivência de portadores de deficiência visual”. Recordo-me que foi aquele trabalho que possibilitou meu primeiro contato com a fenomenologia e a metodologia qualitativa fenomenológica e, também, com a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, minha atual orientadora. A aula de apresentação daquele primeiro estudo científico trago comigo como marca indelével, nem tanto por lembrar a cena em detalhes, mas porque parte da dinâmica daquele rito consistia em que os colegas, outros graduandos presentes, ao final, entregassem observações por escrito ao apresentador do trabalho e estas, guardo até hoje, mas não se engane que as tenho por excesso de organização ou apego exacerbado ao passado, as tenho, pois minha memória está longe de ser como daqueles que se recordam detalhes de diversos acontecimentos das próprias experiências vividas. Então, guardar é recurso para não esquecer e como é importante tê-las em minhas mãos no momento de tamanho esforço no presente trabalho em que é chegado o momento de compartilhar novamente.

Em 1998, após o término da graduação em Psicologia, cursei aprimoramento em saúde reprodutiva da mulher, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o que me trouxe as primeiras experiências como psicóloga no contexto hospitalar e me levou à realização do Mestrado sobre mulheres no climatério, resultando no estudo “Sexualidade feminina: a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério” (SALZEDAS, 2001), sempre conduzida pela mesma mestra e método científico. Tanto o Trabalho de Conclusão de Curso quanto o Mestrado me possibilitaram, juntamente com minha competente orientadora, publicações em revistas científicas¹. Destaco, ainda, que nos dois trabalhos científicos anteriores, assim como neste, a vivência da sexualidade é pano de fundo desse cenário em que se encontram os colaboradores, me fazendo lembrar Sigmund Freud (1996) no texto “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”, no qual ele afirma que o comportamento sexual de um ser humano frequentemente constitui o protótipo das demais reações frente à vida como um todo.

Retomando o percurso do presente estudo, ressalto que o ponto de partida para a construção de uma pesquisa está na inquietação provocada por algo para o qual a atenção se volta, dúvidas se apresentam e clamam por compreensão. Nesse caminho reflexivo, em 2000,

¹ <http://lattes.cnpq.br/8311082651589409> (endereço curricular na Plataforma Lattes)

inicie a prática profissional no contexto hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP (HCFMRP-USP). Foi na prática hospitalar como psicóloga responsável pelo atendimento de adultos nos Ambulatórios de Urologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – *campus* de Ribeirão Preto – que me deparei com inquietações sobre minha prática profissional e sobre aqueles a quem atendia, ou seja, homens e/ou casais em busca da realização da vasectomia como método contraceptivo. Vale ressaltar que a inserção do profissional de psicologia no atendimento de homens cuja demanda era o desejo de se submeter à cirurgia de vasectomia está relacionada com a Lei 9.263, de 1996/97 (BRASIL, 1996), que regulamentou o planejamento familiar, no Brasil, e estabeleceu que todo homem ou mulher que optasse pela esterilização cirúrgica deveria ter acesso a aconselhamento multidisciplinar visando a desencorajar a esterilização precoce. Assim, no ano de 1998, foi implantado o aconselhamento psicológico de homens e/ou casais que buscavam a vasectomia como contraceptivo no Ambulatório de Vasectomia do HCFMRP-USP. Em 2000, assumi os atendimentos dos ambulatórios de Urologia, entre os quais o de Vasectomia, em que desde o princípio se desenharam indagações suscitadas pela prática do aconselhamento, no qual, eram realizadas orientações aos casais acerca de outros métodos contraceptivos, possibilidades de arrependimento futuro decorrentes da esterilização cirúrgica, vida sexual após a vasectomia e orientações gerais sobre a cirurgia. De acordo com Morato (2007, p. 86), o campo do “aconselhamento psicológico pode ser compreendido como construções ou configurações de práticas que se transformam e reformulam frente às demandas do ser humano e suas condições de existência”, tratando-se, o aconselhamento, de um momento em que se revela a possibilidade de um sujeito dirigir-se com liberdade de escolha, na interface de um contexto social, ético e político, ou seja, dentro de sua condição humana de ser-no-mundo. Assim, compreender o ser inserido no mundo em sua singularidade é localizá-lo dentro de um contexto histórico e temporal, aos quais, Heidegger (2008a) denominou de historicidade e temporalidade, respectivamente.

Retomando minha prática de atendimento ambulatorial, quase a totalidade dos casos assistidos nos últimos dez anos foi composta por casais, embora o ambulatório não fosse vedado ao atendimento de homens viúvos ou solteiros. Frequentemente, após a primeira sessão de aconselhamento psicológico, o agendamento de um segundo e um terceiro atendimentos ocorria para aqueles casais que expressavam dúvidas quanto à escolha ou para os quais havia impedimentos legais para a realização da vasectomia. Nos primeiros meses de trabalho, absorvida pela novidade daquela demanda, os atendia a partir de um protocolo no qual alguns temas, referidos anteriormente, eram abordados, e cuja reflexão se realizava com

o casal. Com o passar do tempo e os inúmeros contatos com casais que elegiam a vasectomia como método contraceptivo e procuravam o ambulatório, mobilizou-me a constatação de que algumas falas, de homens e mulheres que chegavam ali, repetiam-se inúmeras vezes por bocas diferentes. Por exemplo, a maioria dos assistidos referia já terem conversado com outro(s) homem(ns) que havia(m) se submetido à vasectomia, o que os motivou a optarem pelo método, e ainda, sobre a possibilidade de arrependimento futuro uma vez feita a esterilização cirúrgica, caso viessem a perder um, ou mais, de seus filhos, respondiam “*um filho não substitui o outro*”. Entre estas e outras verbalizações, tais casais revelavam crenças, medos, hábitos, nuances da convivência conjugal e familiar e mostravam o velamento em que se mantinha(m) o(s) significado(s) subjetivo(s) de tal escolha, dentro da contemporaneidade e das relações de gênero. Na atualidade, em que os formatos de família se multiplicam, permaneciam indagações sobre esse casal e a família que constituem dentro desse panorama da diversidade de formações familiares. Luz (2001) refere que as relações familiares viveram um processo de transformação durante todo o século XX que culminou com a diminuição da família extensa. Ademais, a pluralidade de formações familiares, como famílias monoparentais, recompostas, casais sem filhos, entre outras, são realidades dentro desse universo atual das relações familiares (LUZ, 2001; ROQUE, 2006; VAITSMAN, 1994).

Portanto, os recorrentes questionamentos sobre o relacionamento conjugal e familiar que foram se delineando no passar dos anos, decorrentes da prática profissional, além do arcabouço teórico-metodológico apreendido nas experiências prévias como pesquisadora, despertaram-me para a realização deste estudo que busca compreender o fenômeno “a escolha da vasectomia por casais heterossexuais”, o que me remeteu ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Doutorado) da FFCLRP-USP. Após contatar a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, fui acolhida por ela nessa busca por compreender o fenômeno referido, a partir da metodologia qualitativa fenomenológica. Das indagações provocadas pela realidade e dos frutíferos debates com a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, este trabalho foi se desenhando. Além disso, consultando a literatura científica brasileira, constatei a escassez de estudos que se ocupavam dos aspectos subjetivos envolvidos no fenômeno aqui estudado, revelando a necessidade de um desvelar do(s) significado(s) e sentido(s) dessa vivência pela perspectiva dos casais envolvidos, sendo este o objetivo do presente estudo.

Dessa maneira, no ano de 2006, iniciei a elaboração do projeto de doutorado intitulado “O casal da atualidade: a escolha compartilhada da vasectomia como método contraceptivo” que foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, no qual ingressei em 2007, sob orientação da Profa. Maria Alves, pesquisadora do Programa de Pós-

Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP e coordenadora do Grupo de Pesquisa SexualidadeVida/USP-CNPq, grupo este que também integro. Tal projeto se inseriu na linha de pesquisa Subjetivação: processos culturais, linguagem e história, e na subárea: Sexualidade e a reflexividade da moral sexual na constituição histórico-cultural do sujeito na pós-modernidade.

Nesse período de estudo e produção desta tese, a participação em eventos científicos, cujas discussões relacionavam-se a questões envolvendo sexualidade, família, gênero, a prática da psicologia hospitalar e a contemporaneidade, também, auxiliaram a enriquecer a construção deste trabalho científico.

Considerando este momento de pré-reflexão e apresentação do estudo e por ser esta uma pesquisa construída a quatro mãos, passo a utilizar a primeira pessoa do plural já que sem a condução valiosa da Profa. Maria Alves este trabalho não teria sido concebido e realizado. Então, convidamos o leitor a nos acompanhar nesse caminho rumo à compreensão do(s) significado(s) e sentido(s) atribuído(s) por homens e mulheres à escolha da vasectomia como contraceptivo.

Em nosso percurso, este estudo científico foi submetido a exame de qualificação. Naquele momento, juntamente com a Banca, optamos por rever o título da tese que constava em nosso projeto inicial. Por isso, alteramos o título desta pesquisa para “Casais contemporâneos e a vasectomia como método contraceptivo: um estudo fenomenológico-hermenêutico.”

A partir daqui, convidamos o leitor a nos acompanhar nessa trilha da pesquisa. Inicialmente, é necessário dizer que, optamos pelo método fenomenológico-hermenêutico como caminho a ser percorrido, além disso, elegemos o filósofo fenomenólogo Martin Heidegger como alicerce fundamental para a compreensão do fenômeno “a escolha da vasectomia por casais heterossexuais”, já que tal pensador se ocupou, sobretudo, acerca da questão do ser, localizado no tempo e no espaço-vivido. Além disso, Heidegger (2008a) nos aponta duas possibilidades ontológicas do ser se inserir no mundo, a autenticidade e a inautenticidade, as quais norteiam nossa compreensão do(a)s participantes deste estudo científico. O pensar heideggeriano auxilia na reflexão a respeito de homens e mulheres vivendo na contemporaneidade na medida em que nos permite olhar para o ser humano em sua situacionalidade e múltiplas possibilidades de escolha, na perspectiva de sua finitude e sua condição de lançado ao mundo-vida. O filósofo alemão nos mostra a fenomenologia-hermenêutica como caminho de compreensão do fenômeno ora estudado. Para Van Manen (1990 apud SILVA, 2010, p. 277), pesquisa e escrita são aspectos de um mesmo processo na

consecução do método fenomenológico-hermenêutico e “esse processo é fenomenológico porque trata de uma *descrição* pura da experiência vivida; e é hermenêutico porque a experiência é descrita através da sua *interpretação* em um ‘texto’ ou de uma forma simbólica”. Van Manen acrescenta que a fenomenologia-hermenêutica, atuando no campo das ciências humanas, estuda as pessoas, e não os indivíduos, já que “pessoa” refere-se a cada ser (único) e sua singularidade.

Nossas reflexões não intentam esgotar a complexidade que envolve o fenômeno que nos lançamos a compreender já que este guarda aspectos inesgotáveis e (re)construídos, por isso, falaremos em horizontes de compreensão sempre persistindo em vislumbrar em profundidade o(s) significado(s) e sentido(s) do fenômeno que buscamos alcançar.

A seguir, apresentamos a sequência de capítulos que compõem esta tese:

Capítulo 1 – PLANEJAMENTO FAMILIAR E INTERDIÁLOGOS COM A ESCOLHA DA VASECTOMIA POR CASAIS CONTEMPORÂNEOS

Neste capítulo se encontram eixos teóricos deste trabalho científico. Ancoradas na Psicologia do gênero e partindo do conceito de planejamento familiar, buscamos articular conteúdos para apresentar um panorama abrangente de aspectos sócio-históricos, políticos e culturais que envolvem o fenômeno indagado. No intuito de apresentar de maneira didática os interdiálogos de compreensão relacionados ao fenômeno, os subdividimos nos seguintes itens:

- 1.1. Horizontes do planejamento familiar e contracepção
- 1.2. Horizontes das leis brasileiras, planejamento familiar e relações de gênero
- 1.3. Horizontes do paradigma patriarcal e o movimento feminista
- 1.4. Horizontes da família e transgeracionalidade
- 1.5. Horizontes da sexualidade, conjugalidade e amor

Capítulo 2 – O SER-NO-MUNDO NA PERSPECTIVA DE MARTIN HEIDEGGER

Neste capítulo são apresentadas ideias importantes do pensamento filosófico do alemão Martin Heidegger. Trata-se de um dos eixos teóricos que fundamentam esta pesquisa

e nos conduzem à compreensão dos relatos de nossos colaboradores e colaboradoras como seres humanos viventes no mundo.

Capítulo 3 – O PERCURSO DA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

Neste ponto explicitamos o percurso metodológico desta tese. Ele está dividido da seguinte maneira:

- 3.1. O método fenomenológico
- 3.2. O acesso aos colaboradores e colaboradoras e a entrevista fenomenológica
- 3.3. Considerações éticas
- 3.4. Perfil do(a)s colaboradore(a)s

Capítulo 4 – EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO DO FENÔMENO: CATEGORIAS TEMÁTICAS E UNIDADES DE SIGNIFICADO

Aqui introduzimos o leitor ao universo de nossos entrevistados e entrevistadas, a partir das categorias temáticas e unidades de significação capturadas em seus relatos. Apresentamos, também, um perfil de cada casal e a análise compreensiva de seus relatos. As categorias temáticas que encontramos foram:

- 4.1. Categorias temáticas
 - 4.1.1 Categoria 1 – Temporalidade da infância
 - 4.1.2 Categoria 2 – Temporalidade da adolescência
 - 4.1.3 Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal
 - 4.1.4 Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade
 - 4.1.5 Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da

vasectomia

- 4.2. Perfil dos casais e análise compreensiva das entrevistas
 - 4.2.1 Perfil do casal 1: Cristiano e Adriana
 - 4.2.2 Perfil do casal 2: José e Leda

4.2.3 Perfil do casal 3: Valdir e Helena

4.2.4 Perfil do casal 4: Sérgio e Cláudia

4.2.5 Perfil do casal 5: Rogério e Carla

4.2.6 Perfil do casal 6: Carlos e Vera

Capítulo 5 – O DESVELAR DO(S) SIGNIFICADO(S) AO(S) SENTIDO(S) DO FENÔMENO – Casais contemporâneos e a escolha da vasectomia como método contraceptivo

Neste capítulo, ocupamo-nos em dialogar com os relatos de nosso(a)s colaboradore(a)s e os eixos teóricos que nos acompanham nesta jornada compreensiva, apontando o(s) significado(s) e sentido(s) que emergem dessa interlocução na direção da interpretação do fenômeno ora inquirido. Além disso, fazemos uma reflexão, ancorada na ideia de ser-no-mundo heideggeriano. Este capítulo está dividido em:

5.1. Aspectos gerais

5.2. O ser-no-mundo heideggeriano

Capítulo 6 – HORIZONTES

Este capítulo encerra nossas reflexões e mostra caminhos a seguir, mas não pretende esgotar a complexidade que envolve o fenômeno abordado.

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

- **APÊNDICE A - Caracterização dos colaboradores da pesquisa**
- **APÊNDICE B – Caracterização das colaboradoras da pesquisa**
- **APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

ANEXOS

- **ANEXO A – Critério de Classificação Econômica – BRASIL**
- **ANEXO B – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP**

Capítulo 1



CAPÍTULO 1 – PLANEJAMENTO FAMILIAR E INTERDIÁLOGOS COM A ESCOLHA DA VASECTOMIA POR CASAIS CONTEMPORÂNEOS

Conforme já mencionamos em nosso Pré-reflexivo, o objetivo deste estudo é buscar compreender o(s) significado(s) e sentido(s) da escolha da vasectomia por casais heterossexuais. Para atingir tal finalidade, neste capítulo centramos atenção nas interfaces de compreensão do fenômeno, ou seja, os interdiálogos possibilitados por eixos teóricos que envolvem a complexidade do fenômeno estudado.

Ancoradas na Psicologia do Gênero² e partindo do conceito de Planejamento Familiar, buscamos articular os principais eixos teóricos relacionados à escolha da vasectomia por casais contemporâneos, para apresentar um panorama abrangente de aspectos sócio-históricos, políticos e culturais. No intuito de apresentar os horizontes de compreensão do fenômeno de maneira didática, seguiremos os itens abaixo:

- 1.1. Horizontes do planejamento familiar e contracepção
- 1.2. Horizontes das leis brasileiras, planejamento familiar e relações de gênero
- 1.3. Horizontes do paradigma patriarcal e o movimento feminista
- 1.4. Horizontes da família e transgeracionalidade
- 1.5. Horizontes da sexualidade, conjugalidade e amor

² Para a Psicologia do gênero, a compreensão do desenvolvimento psicológico humano se dá na articulação entre os aspectos subjetivos, desenvolvimentais e cognitivos dos processos semióticos, em um contexto psicológico, e o fundamento histórico, institucional e ideológico dos sistemas de signos, em um contexto sociocultural, ou seja, o ser humano constrói permanentemente seu desenvolvimento por meio da interação entre a sua atividade psicológica individual e o conjunto das atividades que contextualiza um meio sociocultural particular (FÁVERO, 2010).

1.1 Horizontes do planejamento familiar e contracepção

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o planejamento familiar encontra-se entre as atividades mais importantes para a realização de ações preventivas na área da saúde, na medida em que proporciona aos casais a informação e os meios necessários para concretizarem sua decisão de ter filhos de maneira consciente e voluntária (FERREIRA; GONÇALVES; JAMAS, 2010).

A Lei 9.263, de 1996/97 (BRASIL, 1996), regulamentou o planejamento familiar no Brasil e o definiu como um conjunto de ações de regulação da fecundidade que garantam a igualdade de direitos de aumentar ou limitar a prole pela mulher, pelo homem, ou pelo casal, o que envolve uma conscientização da necessidade de limitar os filhos de acordo com a capacidade de criá-los, incluindo o educar, alimentar, proteger e oferecer condições dignas de vida. O artigo 10º da referida lei, que trata da esterilização cirúrgica, ficou vetado pela Presidência da República até o segundo semestre de 1997 (VIEIRA, 2003). Levando-se em conta a definição de planejamento familiar, percebe-se que planejar a família tem implicações sociodemográficas e econômicas já que envolve sua organização e possíveis repercussões no meio social.

Posto isso, a partir de 1997, ficam estabelecidos critérios legais para realização dos procedimentos de vasectomia e laqueadura, ou seja, a esterilização cirúrgica para homens e mulheres, respectivamente. De acordo com a Lei 9.263 (BRASIL, 1996; SANTOS, 1999), a esterilização voluntária é permitida somente a indivíduos com capacidade civil plena, tendo 25 anos ou mais ou que tenham pelo menos dois filhos vivos. Além disso, é necessário um prazo de 60 dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico, não sendo considerada manifestação da vontade, caso a pessoa esteja sob o uso de bebida alcoólica, drogas, estados emocionais alterados ou apresentar incapacidade mental. Há, ainda, a necessidade da expressão da vontade por parte da(o) companheira(o), se houver, pela esterilização cirúrgica. Nesse caso, o casal deve considerar, também, possíveis riscos cirúrgicos, efeitos colaterais no pós-operatório, dificuldades de reversão e outras opções de métodos contraceptivos, além de avaliar possíveis causas de arrependimento futuro pela dificuldade em conceber outros filhos biológicos. Desde a vigência da lei descrita, homens e mulheres que optam pela esterilização cirúrgica devem ter aconselhamento multidisciplinar durante o processo de escolha do método contraceptivo.

Feitas essas primeiras colocações, entendemos que a escolha do método anticoncepcional se insere dentro da concepção de planejamento familiar e a elegibilidade do método cirúrgico por um homem, ou seja, sua participação direta e ativa na questão reprodutiva merece nossa atenção, considerando que historicamente as questões reprodutivas eram delegadas à mulher. Tanto assim

que, ainda hoje, quase a totalidade dos métodos contraceptivos é efetivamente para o uso das mulheres, restando aos homens a utilização do condom (método contraceptivo de barreira) e a vasectomia (MARCHI et al., 2003; VIEIRA, 2003). Os principais métodos anticoncepcionais voltados ao uso das mulheres são: métodos comportamentais (tabelinha, temperatura basal e método billings); hormonais (anticoncepcional oral, adesivo dérmico, anel vaginal, implante subdérmico, injeção mensal/trimestral e pílula do dia seguinte); métodos de barreira (espermicidas, diafragma e condom feminino); dispositivo intrauterino (DIU); e, a esterilização cirúrgica (laqueadura tubária).

Entendemos que a contracepção é parte das ações na área da saúde que devem compor um efetivo programa de planejamento familiar. Então, quais métodos contraceptivos são mais utilizados por mulheres e homens brasileiros e como isso se construiu historicamente?

Segundo Vieira (2003), o modelo de planejamento familiar no Brasil é marcado pela medicalização excessiva, sobretudo com o uso da pílula e da esterilização feminina, ou seja, há uma biologização e medicalização do corpo da mulher. A autora aponta que, nas últimas décadas, o declínio de fecundidade no Brasil ocorreu de maneira muito rápida, diferentemente dos países europeus que levaram de um a dois séculos. No Brasil, em 1970, a fecundidade era de 5,8 filhos por mulher, e em 2000, passou a 2,44. O declínio da fecundidade ocorreu independente da melhora das condições materiais da população e se explica pela facilitação do acesso à esterilização feminina e disponibilização de anticoncepcionais orais de baixo custo no mercado, além de ações indiretas como o acesso à educação e aumento das mulheres na força de trabalho. Assim, a intensa queda da fecundidade brasileira, nos últimos 40 anos, não foi resultado de uma política nacional voltada para tal finalidade. Destacamos que no Brasil, entre os anos de 1964 e 1985, instalou-se a Ditadura Militar, cujas principais características eram a falta de democracia, suspensão dos direitos constitucionais e censura.

Brandão (2010) nos diz que, a partir da primeira metade do século XIX, a valorização da mulher na condição de mãe e protetora do(s) filho(s), conduzida pelas normas higienistas, leva a família a ser medicalizada por meio do corpo da mulher. O saber médico, lugar ocupado anteriormente pela Igreja, aparece como regulador da sexualidade dentro da família. As prescrições médico-pedagógicas vão substituindo os ensinamentos divinos que pertenciam a padres e pastores, como veremos no item “Horizontes da família e transgeracionalidade”.

Rios e Gomes (2009) destacam que a emancipação feminina com o Movimento Feminista e o surgimento do anticoncepcional oral, na segunda metade do século XX, possibilitaram à mulher, à revelia da participação dos homens, ter sob seu controle a escolha pela fecundidade. Das proles numerosas à diminuição das famílias, os métodos

contraceptivos, sobretudo o anticoncepcional oral, demarcam a separação entre a atividade sexual para procriação e com a finalidade de prazer.

Para Vieira (2003), do ponto de vista histórico, a reprodução como possibilidade de escolha, e não mais como destino, aconteceu com o desenvolvimento de tecnologias e a mudança de valores, a partir da segunda metade do século XIX. O movimento *birth control*³ possibilitou uma aproximação entre os próprios integrantes do movimento e o saber médico, viabilizando o desenvolvimento do conhecimento sobre reprodução e meios de contracepção. No entanto, a autora destaca que, antes de 1960, os métodos contraceptivos disponíveis restringiam-se ao preservativo masculino, a capa cervical e o diafragma, consequências do progresso alcançado pela indústria da borracha no século XIX e que permitiram a fabricação desses artefatos. Ao final da década de 1950, foi produzido o primeiro anticoncepcional oral hormonal, o “Enovid” (VIEIRA, 2003, p. 152), e no início da década de 1960 foi aperfeiçoada a tecnologia para esterilização feminina. Naquele momento histórico, os idealizadores de programas de planejamento familiar, conduzidos principalmente, pelos Estados Unidos, e dirigidos a países com pouco desenvolvimento (Caribe e Ásia, por exemplo), ficaram conhecidos como neomalthusianos, dado que Thomas Malthus (1766-1834), economista britânico, acreditava que era necessário limitar os nascimentos devido ao perigo de uma explosão demográfica e os limites dos recursos naturais. Para tanto, defendia a abstinência sexual e o casamento em idade tardia. Já os neomalthusianos recorriam às novas tecnologias para o controle de natalidade.

Vieira (2003) acrescenta que o Brasil não acompanhou o modelo neomalthusiano de planejamento familiar, visto que a densidade populacional era baixa e o declínio da fecundidade estabeleceu-se mesmo frente à recusa governamental em implantar o planejamento familiar. A autora afirma que, a partir da década de 1940, o controle de doenças transmissíveis e melhor nível sanitário foram responsáveis pelo declínio da mortalidade no Brasil e que, entre 1940 e 1970, a alta fecundidade e a diminuição da mortalidade produziram uma pirâmide etária composta por 42% de jovens menores de 15 anos e 5% de pessoas com mais de 60 anos. A partir de 1970, o uso dos métodos contraceptivos explica a queda da fecundidade, já que outros aspectos, tais como, idade ao casar, infertilidade pós-parto e amamentação, não haviam se alterado na mesma proporção.

Quanto ao uso de métodos anticoncepcionais nos últimos anos, no Brasil, a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS) 2006 (BRASIL, 2009a)

³ Movimento iniciado na Inglaterra no final do século XIX, com a participação de políticos (socialistas e anarquistas) da época.

apontou os métodos utilizados nos anos de 1996 e 2006, a partir de entrevistas domiciliares com mulheres em união conjugal (12.612 e 15.575 mulheres distribuídas pelos estados brasileiros em diferentes classes econômicas, em 1996 e 2006, respectivamente), conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição (em %) de mulheres unidas de 15-44 anos, segundo o uso de método contraceptivo e tipo de método, por classe econômica, Brasil, PNDS 1996 e 2006 (BRASIL, 2009a).

Ano/Método	Baixa (E)	Média-Baixa (D)	Média (C)	Alta e Média-alta (A e B)	Total
1996					
Não usa	35,1	22,8	16,4	13,7	22,1
Esterilização feminina	36,5	39,9	37,6	40,4	38,5
Esterilização masculina	0,6	1,0	3,7	8,5	2,8
Pílula	18,5	24,8	26,5	18,2	23,1
Condom	1,6	4,3	5,5	7,8	4,6
Outros métodos*	1,8	2,4	4,0	3,6	3,0
Abstinência periódica	2,0	2,3	2,8	6,1	2,9
Coito interrompido	4,0	2,6	3,5	1,6	3,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2006					
Não usa	26,3	21,3	16,8	15,0	18,4
Esterilização feminina	32,3	29,7	25,1	20,2	25,9
Esterilização masculina	1,0	1,8	4,2	13,3	5,1
Pílula	24,1	26,3	30,2	23,9	27,4
Condom	10,3	11,7	12,8	16,4	13,0
Outros métodos*	3,6	6,1	7,7	7,7	7,0
Abstinência periódica	0,5	1,5	0,9	1,0	1,0
Coito interrompido	1,9	1,7	2,2	2,5	2,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNDS-1996 e PNDS-2006 (BRASIL, 2009a) - algumas porcentagens no item "Total" somam 100,1 - por provável erro de aproximação decimal na fonte original dos dados.

*Inclui todos os outros métodos: DIU, diafragma, injeções e outros.

A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) 2006 (BRASIL, 2009a) aponta que a regulamentação da prática da esterilização nos serviços de saúde pública (em 1996/97) parece ter contribuído para mudar o perfil de uso de métodos contraceptivos. Houve uma

homogeneização do acesso à esterilização feminina para os estratos sociais e um aumento da participação do homem na contracepção de mulheres com melhor nível socioeconômico. Observa-se que a participação masculina, com o uso do preservativo ou na realização da vasectomia, foi de quase 30% entre as mulheres de classes econômicas mais altas, enquanto na classe econômica mais baixa, a participação dos homens foi pouco mais que 10%. Quanto ao crescente acesso à esterilização cirúrgica, em janeiro de 2008, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (BRASIL, 2008) publicou no Diário Oficial da União, a Resolução Normativa nº 167, que revia o Rol de Procedimentos e Eventos em Saúde e ampliou as coberturas para os beneficiários de planos de saúde. A laqueadura tubária e a vasectomia passaram a ter cobertura obrigatória, desde que seguidas as diretrizes do Ministério da Saúde descritas na Lei 9.263.

Segundo a PNDS 2006 (BERQUÓ; GARCIA; LAGO, 2008; BRASIL, 2009a), a participação masculina na contracepção aumentou em todas as categorias socioeconômicas, sendo que isso se deve ao aspecto reprodutivo e à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e Aids, pelo uso do condom. Apesar do aumento no uso do preservativo, a prevalência de seu uso ainda é baixa, ficando em 16,4% na classe econômica mais alta.

Embora o corpo feminino ainda seja alvo preferencial no que se refere à contracepção, um homem mais participativo no controle da natalidade e na vida familiar está emergindo em nossa sociedade. Como já dissemos, atualmente, a participação direta do homem na contracepção vincula-se à utilização de dois métodos anticoncepcionais: o preservativo e a vasectomia. O primeiro é método contraceptivo de barreira e o segundo é a esterilização cirúrgica (BRISIGUELLI NETO et al., 2009).

Segundo Arilha, Ridenti e Medrado (1998), o interesse despertado pela condição masculina no que se relaciona à saúde reprodutiva e sexual, desde os anos de 1970, vincula-se fortemente à percepção de que os indicadores sociais das mulheres – violência, pobreza, mortalidade materna, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, entre outros tantos – somente seriam modificados se houvesse transformações nos padrões de comportamento masculino.

O conceito de saúde reprodutiva surgiu na década de 1980 e abrange as relações de gênero implícitas no exercício dos direitos reprodutivos. Este conceito evidencia o entendimento de que a reprodução humana se constitui em uma construção social, em que se determinam os papéis de homens e mulheres para além das diferenças biológicas (MARCHI et al., 2003). A saúde sexual é parte da saúde reprodutiva. Na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, Cairo (RELATÓRIO..., 1994), e na Quarta Conferência

Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher (DECLARAÇÃO..., 1995), definiu-se que saúde reprodutiva é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não de mera ausência de doença ou enfermidade, em todos os aspectos relacionados ao sistema reprodutivo, suas funções e processos. A saúde reprodutiva implica que a pessoa possa ter uma vida sexual segura e satisfatória, tendo a capacidade de reproduzir e a liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes deve fazê-lo. Está implícito, nesta última condição, o direito de homens e mulheres de serem informados e de terem acesso aos métodos eficientes, seguros, aceitáveis e financeiramente compatíveis de planejamento familiar, assim como a outros métodos de regulação da fecundidade a sua escolha e que não contrariem a lei, bem como o direito de acesso a serviços apropriados de saúde que propiciem às mulheres as condições de passar com segurança pela gestação e parto, proporcionando aos casais uma chance melhor de ter um filho sadio. Tendo em vista essa definição, a assistência à saúde reprodutiva é definida como o conjunto de métodos, técnicas e serviços que contribuem para a saúde e o bem-estar reprodutivo, prevenindo e resolvendo os problemas de saúde reprodutiva. Isto inclui igualmente a saúde sexual, cuja finalidade é a melhoria da qualidade de vida e das relações pessoais e não o mero aconselhamento e assistência relativos à reprodução e às doenças sexualmente transmissíveis. Podemos notar que o planejamento familiar passa a ser visto como um direito individual, o que reconfigura valores relativos ao uso de contraceptivos, bem como sua aceitação.

A inclusão dos homens no debate sobre saúde reprodutiva não deve estar atrelada apenas à promoção do bem-estar das mulheres. Além disso, para Schraiber, Gomes e Couto (2005), na atualidade, os homens assistidos pelas instituições de saúde devem ser considerados enquanto masculinidades e não uma única masculinidade, já que a perspectiva biológica não é suficiente para compreender o comportamento dos homens em geral, e estes desenvolvem identidades diferentes de acordo com as relações sociais que estabelecem, reconhecendo, dessa maneira, os homens como sujeitos que têm necessidades, assim como direitos sexuais e reprodutivos.

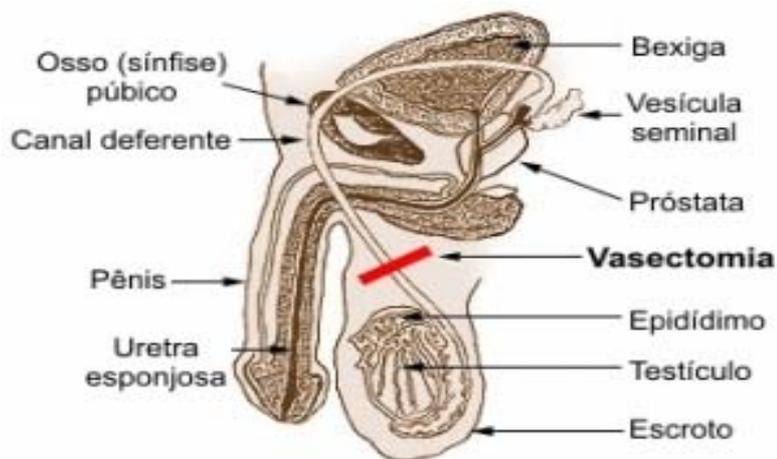
No Brasil, a política nacional de atenção integral à saúde do homem (BRASIL, 2009b), numa parceria do Ministério da Saúde com o Sistema Único de Saúde (SUS), aponta que é necessário conscientizar os homens do dever e do direito à participação no planejamento reprodutivo, e a paternidade não deve ser vista como uma obrigação, mas sobretudo, como um direito do homem em participar de todo o processo, desde a decisão de ter ou não filhos, como e quando tê-los, bem como o acompanhamento da gravidez, do parto, do pós-parto e da educação da criança. Além disso, tal política de assistência à saúde do

homem tem entre seus principais objetivos promover ações de saúde que contribuam significativamente para a compreensão da realidade singular masculina nos seus diversos contextos socioculturais e político-econômicos.

Retomando a reflexão acerca dos métodos contraceptivos disponíveis ao uso dos homens atualmente, o uso do preservativo masculino está relacionado à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas. Com o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), na década de 1980, doença para a qual não há medicamentos preventivos ou curativos, tal método de barreira tornou-se, cada vez mais, condição fundamental para a prática de sexo seguro (GUNE, 2008). No entanto, seu uso, ainda hoje, é envolto por significados que variam, por exemplo, de uma geração a outra, ou se utilizado no relacionamento conjugal ou numa relação sexual com parceria eventual. O PNDS 2006 (BRASIL, 2009a) apontou que, em 2006, mais de 80% das mulheres com idade até 24 anos usaram o preservativo na primeira relação sexual. Neste grupo etário, constatou-se um aumento significativo do uso do preservativo na primeira relação sexual quando comparado à PNDS 1996, de 18,0% em 1996 a 62,9% em 2006. Já entre as mulheres unidas, com mais de 40 anos, de nível socioeconômico mais baixo e aquelas esterilizadas, a maioria refere nunca ter usado o condom. Constatamos que o preservativo masculino ainda encontra resistência quanto ao seu uso na prática sexual de casais em relacionamentos estáveis e relativamente duradouros, ou quando outro método contraceptivo já é utilizado pelo casal, incluindo-se a esterilização cirúrgica.

Quanto à vasectomia, historicamente, a primeira vasectomia realizada remonta ao século XIX. Em 1823, Sir Astley Cooper, cirurgião britânico, realizou o referido procedimento cirúrgico em um cão. Já em 1890, a vasectomia passa a ser utilizada como método profilático de epididimite, quando do tratamento cirúrgico da próstata. Em 1897, Ochaner mostrou que não havia alteração na vida sexual de homens após vasectomia bem-sucedida e, em 1899, Sharl obteve sucesso com a realização da vasectomia em um homem que sofria de masturbação compulsiva. A partir de 1928, a vasectomia passa a ser tomada como um método de esterilização permanente, sendo considerada irreversível até 1945 e, por volta de 1970, atingiu seu ponto máximo de popularidade nos Estados Unidos (BRAGA, 1998).

A vasectomia consiste no rompimento dos canais deferentes do homem, o que impede a passagem de espermatozoides dos testículos até a vesícula seminal. A Figura 1 ilustra a interrupção do(s) canal(is) deferente(s).



Fonte: <http://sersaude.com>

Figura 1- Ilustração vasectomia

Enquanto a laqueadura tubária, feita em mulheres/casais que não desejam mais filhos, exige internação e anestesia geral ou raquidiana e apresenta maior risco de infecção, e cuja reversão é mais difícil e arriscada, a vasectomia é realizada sob anestesia local e, em geral, não há necessidade de internação do paciente para realização do procedimento. Uma vez em casa, o paciente deve ter cuidados imediatos de repouso que não interferem drasticamente em sua rotina. Posteriormente, o controle da efetividade da cirurgia é feito pela análise de amostras de líquido seminal sem presença de espermatozoides. Pasqualotto et al. (2004) relataram que de 2% a 6% dos homens vasectomizados procuram a cirurgia de reversão. Segundo os autores, apesar das dificuldades técnicas em reverter cirurgicamente a vasectomia, quanto menor o intervalo entre as duas cirurgias maior a possibilidade de sucesso, o que diminui consideravelmente após 15 anos da realização da vasectomia.

Estudo apontando a evolução da utilização da vasectomia como método contraceptivo na população canadense, entre os anos de 1977 e 1997, constatou que a idade média do homem vasectomizado, entre 320.000 avaliados, era de 35 anos (JEAN-FRANÇOIS, 1999).

Na Suíça, a contracepção cirúrgica é considerada legal desde 1976. Em estudo avaliando a satisfação, após dois a sete anos da realização da cirurgia, Ehn e Liljestrand (1995) encontraram que 93% dos pacientes estavam satisfeitos após dois anos e depois de cinco anos, 95% referiam satisfação com a opção. Problemas mencionados referiam-se ao desempenho sexual, dor crônica no local da cirurgia e desejo de ter outros filhos em relacionamentos posteriores à opção pela vasectomia. Vale ressaltar que arrependimento não foi encontrado entre os pacientes que foram aconselhados em centros de planejamento familiar. Corroborando esse estudo, Sandlow et al. (2001) demonstraram a necessidade de

aconselhamento adequado antes da realização da vasectomia, particularmente para esclarecer expectativas relacionadas ao pós-operatório, assim como a reversibilidade do procedimento.

Uma das grandes preocupações de homens que optam pela vasectomia como método contraceptivo refere-se à potência sexual, relacionando, frequentemente, vasectomia à castração. Quanto a isso percebemos que muito se discorre sobre as implicações do uso dos métodos anticoncepcionais pelas mulheres, enquanto os temores com relação à vasectomia e à iniciativa de homens pela esterilização cirúrgica permanecem velados.

Segundo Marchi et al. (2003), quando um homem resolve optar pela vasectomia como método contraceptivo, geralmente já dialogou sobre o assunto com outros homens já vasectomizados, desfazendo equívocos sobre o método e afastando temores. Vale destacar que muitos homens, por falta de acesso à informação, acreditam ainda que a vasectomia pode acarretar disfunção erétil. Entendemos que o fato de homens procurarem informações, a respeito da vasectomia com outros homens que já se submeteram a ela, demonstra uma lacuna e um silêncio dos serviços de saúde na direção de um efetivo acompanhamento e esclarecimento de homens e mulheres em programas de planejamento familiar.

Dias (1983) realizou pesquisa com 200 soldados do Sri Lanka e os indagou sobre o comportamento sexual após terem se submetido à vasectomia há pelo menos quatro anos. Uma diminuição da frequência sexual foi relatada por 15% dos entrevistados, 19% referiram diminuição no desejo sexual e 33% referiram mudanças durante o intercuro. Além disso, 7% das esposas relataram mudança no comportamento sexual depois da cirurgia. Entretanto, 92% dos homens referiram satisfação com a operação, o que indica que as mudanças no comportamento sexual não podem ser atribuídas diretamente à vasectomia.

No Brasil, pesquisa realizada em Serviço de Saúde Pública de São Paulo (MANHOSO; HOGA, 2005), por intermédio da análise dos relatos de 20 pacientes vasectomizados, apontou que programas de planejamento familiar com a inclusão da participação dos homens são necessários para uma escolha adequada do método contraceptivo entre um casal. Além disso, todos os entrevistados expressaram satisfação com a escolha pela vasectomia, e este sentimento estava relacionado, entre outros aspectos, com a manutenção da *performance* sexual.

Em outro estudo brasileiro (BERTERO et al., 2005), 64 pacientes, com idade média de 35 anos, foram avaliados quanto à função sexual, antes e 90 dias após a realização da vasectomia. Para a referida avaliação, foi utilizado o Índice Internacional da Função Erétil (IIEF). Os resultados apontaram que a vasectomia causa um impacto positivo na função sexual, em especial na libido, não havendo relatos de disfunção erétil entre os referidos

pacientes. O impacto positivo gerado pela vasectomia relaciona-se com o fato de não mais haver uma preocupação com a possibilidade de uma gravidez indesejada.

No Brasil, a opção pela vasectomia está relacionada positivamente ao maior grau de escolaridade e renda de homens em uniões estáveis/casamentos (DUARTE et al., 2003; MELONI et al., 2005), o que nos leva a constatar que a informação sobre as implicações reais da vasectomia, ou seja, um impedimento para conceber filhos biológicos, auxilia na elegibilidade do método pelo homem/casal. Isso evidencia a necessidade de se investir em campanhas educativas de planejamento familiar, incluindo homens e mulheres, possibilitando uma reflexão sobre os papéis de gênero, além dos aspectos legais e emocionais envolvidos na escolha de um método contraceptivo (MARCHI et al., 2003).

Enfim, a vasectomia não altera o desejo e a potência sexual do homem, isto é, a *performance* sexual independe da esterilização cirúrgica. O aconselhamento de pacientes, antes da realização do procedimento cirúrgico, pode minimizar preocupações e idealizações quanto à vida sexual pós-vasectomia. Entretanto, a subjetividade e singularidade envolvidas no ato sexual, que comporta símbolos particulares para cada homem e mulher, devem ser levadas em conta antes da realização da esterilização.

Para Marchi et al. (2003), a opção pela vasectomia é um último recurso anticoncepcional frente a dificuldades encontradas na utilização de outros métodos contraceptivos. Além disso, referem que tal decisão é tomada a partir do desvelar de um relacionamento que se constrói

[...] entre um modelo quase patriarcal, com o predomínio dos homens nas decisões da vida familiar, e um modelo ambíguo nas decisões reprodutivas, em que as mulheres haviam assumido a responsabilidade da anticoncepção até que, diante da inevitabilidade da esterilização, os homens consideraram que deveriam colaborar (p. 1017).

Giffin e Cavalcanti (1999), analisando o homem em sua relação com a reprodução, afirmam que os homens que escolhem a vasectomia como método apontam as preocupações com a saúde de suas companheiras como motivo. Gomes et al. (2006) apontam que a morte da mulher no parto, ou no puerpério, pode levar a uma desestruturação familiar e tal risco pode levar o homem à participação na contracepção.

É importante afirmar que não intencionamos encontrar as “causas” da opção pela vasectomia por nossos colaboradores e colaboradoras, mas tão somente buscamos compreender como se dá tal escolha e quais significados nossos sujeitos, homens e mulheres, atribuem a ela.

Além dos métodos contraceptivos, o planejamento familiar implica na reflexão sobre o desejo (ou não) de ter filhos e responsabilização acerca da realização de tal projeto. Szejer e Stewart (1997) afirmam que o desejo (ou não) de ter filhos é diferente para homens e mulheres, tanto do ponto de vista psíquico quanto fisiológico. Embora as técnicas médicas estejam alargando as possibilidades de uma mulher ter filhos biológicos após os 40 anos, esta realidade se apresenta muito mais à maioria dos homens que, mesmo após os 60 anos, não encontram impedimentos fisiológicos para procriar. Assim, o desejo de ter filhos é demarcado por uma escolha delimitada pelo gênero.

Se por um lado o homem pode ter maiores chances de experienciar a paternidade mesmo em idade senil, é a mulher que gesta a criança concebida, e sobre isso Szejer e Stewart (1997, p. 91) afirmam

[...] o homem não tem o direito de atentar contra o corpo da mulher, nem impor-lhe uma gravidez contra sua vontade, nem constringendo-a a abortar como muitas vezes ocorre. Essa decisão pertence, antes de tudo, à mulher, porque se trata do seu corpo e seria impensável submetê-lo à vontade de um outro, ainda que seja o pai do embrião que está em seu ventre.

Segundo Marcolino e Galastro (2001), a concepção é o resultado natural do intercursos sexual entre homem e mulher, no entanto, atualmente, os recursos tecnológicos tornam a realização da concepção artificial cada dia mais viável por procedimentos de inseminação artificial e fertilização *in vitro* (RIOS; GOMES, 2009; VARGAS; RUSSO; HEILBORN, 2010).

Em estudo com casais cariocas que apresentavam dificuldades para engravidar e utilizaram tecnologias médicas para atingir tal objetivo, Vargas, Russo e Heilborn (2010) constataram que, no contexto contemporâneo, o que importa é, sobretudo, poder ter filhos, mesmo que a decisão por não tê-los seja tomada pela pessoa/casal. O que está em jogo é o fato de que se ter um filho é uma opção, não ter filho(s) também deve ser, corroborando os achados de Rios e Gomes (2009) que realizaram uma revisão da literatura científica acerca de pessoas/casais contemporâneos que optaram por não ter filhos e encontraram que é a possibilidade de escolha, o PODER escolher, a grande fonte de satisfação individual/conjugal, independente do que se escolhe.

Percebemos que os direitos reprodutivos e sexuais, tomados na individualidade de cada ser humano, devem estar sustentados por uma ampla gama de informações consistentes e disponíveis que possam auxiliar realmente na realização (ou não) do projeto de ter filho(s).

Ferreira, Gonçalves e Jamas (2010) destacam que a Constituição Brasileira atual (1988) prevê o direito de ter ou não ter filhos e deve garantir o conhecimento e acesso aos métodos contraceptivos cientificamente aprovados e disponíveis que permitam uma melhor seleção dos mesmos, conforme as condições de vida de homens e mulheres. Para as autoras, o planejamento familiar é influenciado por modelos culturais e valores morais, sociais e religiosos que se relacionam com o exercício da sexualidade. Assim, a gravidez não desejada, o aborto e a participação (ou não) dos homens nas decisões sobre planejamento familiar são alguns dos diversos fenômenos que se relacionam à saúde reprodutiva e sexual de homens e mulheres. Isso posto, a educação dirigida à população sobre tais questões deve ir além da distribuição de métodos contraceptivos. As estratégias devem ser pensadas a partir de atividades socioculturais e lúdicas que, desde tenra idade, possibilitem o debate desses temas (ARILHA, 1999; FÁVERO, 2010; FERREIRA; GONÇALVES; JAMAS, 2010).

A partir daqui, voltaremos nosso olhar a aspectos legais construídos no decorrer da história brasileira no que concerne ao planejamento familiar e às relações de gênero, com o propósito de alargar nossa visão acerca das relações de gênero na interface das mudanças políticas expressas na (des)construção de nossas leis.

1.2 Horizontes das leis brasileiras, planejamento familiar e relações de gênero⁴

Acerca da legislação brasileira referente à família, sexualidade e reprodução, Barsted (1999) nos diz que ela é permeada por impasses e ambiguidades que refletem o quadro da sociedade brasileira de maneira mais abrangente, onde convivem o moderno e o tradicional, a liberdade e o autoritarismo, igualdades e diferenças. Tomando como ponto de partida a Proclamação da República no Brasil (1889), a autora destaca que não se pode pensar o Direito abstraído das relações de poder entre as classes, os sexos e etnias em cada momento histórico.

Barsted (1999) descreve que o Código Civil Brasileiro, promulgado em 1916, reconhecia para homens e mulheres, brancos e negros, a igualdade quanto à capacidade civil plena a partir dos 21 anos, no entanto, até 1962, o texto traria assimetrias de gênero, em que uma mulher casada

⁴ O termo gênero foi utilizado pela primeira vez por Simone de Beauvoir no livro “O Segundo Sexo” (1949) e, a partir daí, foi incorporado ao discurso feminista. Gênero denomina os sexos para além do determinismo biológico. Refere-se a uma construção sexual marcada pelo contexto histórico, social, político e cultural. Não se restringe ao binarismo sexual dominante (homem e mulher heterossexuais), incluindo, independente do sexo, gays, lésbicas, entre outros (SOUZA-LEITE; BRUNS, 2010).

necessitava do consentimento de seu cônjuge para diversos atos da vida civil. Além disso, até 1932, mesmo a mulher com mais de 21 anos não tinha direito ao voto. De acordo com Fávero (2010, p. 92), “o movimento pelo sufrágio feminino (1789-1945) [...] tratou-se de um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio às mulheres.” A autora refere que, no Brasil, a atriz Josefina Alves compôs e encenou uma peça teatral chamada *O voto feminino* (em 1878), o que fez dela uma das primeiras mulheres a defender o direito ao voto e à cidadania no Brasil. Entretanto, mesmo com a defesa pública do direito ao voto pela mulher em meados do século XIX, o voto feminino entre as brasileiras foi permitido a partir de 1932 com o Decreto n. 21.076 que instituiu o Código Eleitoral Brasileiro e dizia que todo cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, era eleitor, no entanto, homens com mais de 60 anos e mulheres de todas as idades podiam se isentar de tal obrigação. Segundo Fávero (2010), o sufrágio feminino fica assegurado somente na Constituição de 1934, durante o governo provisório de Getúlio Vargas.

Ainda acerca do Código Civil de 1916, o marido era o provedor da manutenção da casa e à mulher cabia ocupar-se com a direção moral da família. Assim, as leis reproduziam e reforçavam os papéis de gênero culturalmente atribuídos a homens e mulheres. Em 1962, com o *Estatuto da Mulher Casada*, a mulher é vista com a mesma capacidade civil do homem, mas continuava a ser considerada como colaboradora do marido na constância do casamento e com papel secundário quanto ao exercício do pátrio poder (BARSTED, 1999).

Quanto ao Código Penal de 1941, Barsted (1999) destaca a criminalização da bigamia e do adultério, sendo o adultério masculino visto com mais complacência no âmbito do Poder Judiciário se comparado à severidade com que se julgava o adultério feminino, legitimando, inclusive, o assassinato de mulheres adúlteras com o argumento de legítima defesa da honra. Temas como estupro e violência doméstica faziam distinção, segundo os padrões de moralidade sexual da sociedade brasileira, entre mulheres ditas honestas, ou seja, se solteiras, virgens, e se casadas, recatadas, e aquelas cujo comportamento sexual não se enquadrava aí, o que demonstra as divisões que, além de incluir e excluir socialmente a mulher de acordo com a expressão de sua sexualidade, instituíam punições àquelas que escapassem às regras e costumes que deveriam ser seguidos.

Segundo Lins (2000), o patriarcado, que se fundamentava em dois pontos principais, quais sejam, o controle da fecundidade feminina e a divisão sexual de tarefas, via na sujeição da mulher o meio de restringir sua sexualidade e limitá-la a tarefas específicas. Para a autora, nessa lógica, a fidelidade feminina era obsessão masculina, pois somente ela poderia garantir a legitimidade dos filhos, além disso, nessa concepção, a mulher era tomada como tentação, adversária, suspeita, o que requeria vigilância absoluta. A mulher, tomada como objeto, e sob o jugo dos poderes

absolutos do pai e, posteriormente, do marido, servia ao homem como objeto de promoção social com o casamento e possuidora de um útero para gerar seus filhos.

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, ao final do século XVIII, é raiz do início de uma nova lógica que pretende estender a democracia a todos. (LINS, 2000). No entanto, como podemos perceber, ainda no século XX e neste início do século XXI nos encontramos em plena (des)construção e ressignificação do paradigma patriarcal. Podemos dizer, também, que as leis brasileiras, das quais nos ocupamos neste ponto, espelham uma normatização de comportamentos sociais em determinado período histórico e passam, com o decorrer do tempo, por revisões e reformulações que expressam as mudanças sociais e culturais que estão ininterruptamente ocorrendo.

Retomando a reflexão sobre leis brasileiras posteriores à Proclamação da República no Brasil, as leis relativas às atividades laborais, pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), de 1943, criaram restrições ao trabalho feminino que começaram a ser retiradas nos anos de 1970 e, somente na Constituição de 1988 permaneceram apenas restrições relativas ao trabalho da mulher gestante (BARSTED, 1999; FÁVERO, 2010). Ressaltamos que no pós-Segunda Guerra Mundial, em 1945, com a volta dos homens dos campos de batalha, os postos de trabalho que vinham sendo ocupados por mulheres foram por eles reivindicados, e a mulher retorna ao lar. No Brasil, o *Estado do Bem-Estar Social*⁵ defendia o pleno direito ao emprego masculino e propunha que o lar fosse cuidado pela mulher.

Durante grande parte do século XX, continuava imperando, independente da classe social, a ideologia do homem provedor e da mulher colaboradora e esteio moral da família, embora entre as famílias de classes populares muitas mulheres já fossem chefes de família. Outro ponto a ser destacado é a adoção do divórcio, pela Lei 6.515, de 1977 (BRASIL, 1977), apesar da oposição da Igreja Católica. Naquela mesma década, a crescente entrada do sexo feminino no mercado de trabalho impôs uma mudança na percepção da mulher como mera colaboradora na condução da família. Para Barsted (1999, p. 61),

[...] o intenso processo de urbanização, a introdução de contraceptivos desde a década de (19)60 – que dissociaram reprodução e sexualidade –, a influência das mensagens do movimento feminista, a importância das mensagens da mídia, dentre outros fatores, alteraram fortemente os padrões de moralidade sexual. Divorciados, os cônjuges ficavam como se solteiros fossem, podendo contrair ou não novas núpcias.

⁵ Segundo Chauí (1984), o Estado do Bem-Estar é aquele que se ocupa da política social (alimentação, transporte, saúde, educação, aposentadoria, saneamento) como forma de controle estatal do capital e de barganha nos conflitos sociais e políticos [...] encarregando-se não somente da sobrevivência dos velhos, mas também das crianças e dos jovens.

Segundo Fromm (1983), a repressão sexual diminui quando, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919), opera-se uma revolução sexual em que antigos princípios e inibições vão sendo abandonados. Já depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve um desenvolvimento crescente do computador que desencadeou imensos progressos científicos no universo da comunicação. Outro advento importante nesse período foi a contracultura na década de 1960 (SOUZA-LEITE; BRUNS, 2010). A contracultura foi alavancada pela juventude questionadora (movimento hippie, por exemplo) dos valores vigentes e instituídos na cultura ocidental naquele momento histórico, marcada por uma maior liberação sexual, além do surgimento da pílula (anticoncepcional oral) cuja difusão, conforme já dissemos, trouxe consigo uma liberdade à mulher na expressão de sua sexualidade. A contracultura focava-se principalmente na transformação dos valores e do comportamento, buscando libertar-se de amarras religiosas e familiares, entre outras. O Movimento Feminista, iniciado naquele período, reivindicava equidade de direitos entre homens e mulheres. A naturalização da heteronormatividade, colocada a serviço da manutenção do paradigma patriarcal, até então, marginalizava outros formatos de família que não se enquadravam naquele modelo hegemônico, tais como, uniões homoafetivas, famílias monoparentais, entre outras.

Barsted (1999) afirma que foi a partir da Constituição Federal do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988) que se consolidou no Direito brasileiro uma nova perspectiva sobre família, sexualidade e reprodução. Tais mudanças incluíram uma tendência da legislação em reconhecer a igualdade e a equidade entre homens e mulheres e a incorporar dispositivos menos preconceituosos no campo da sexualidade e da reprodução. Sobre a reprodução, o artigo 226, parágrafo 7º da Constituição Federal (BRASIL, 1988) declara que

[...] fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos desses direitos, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais e privadas.

Reconhece, ainda, a legitimidade das uniões estáveis heterossexuais e os filhos nascidos fora do casamento, proibindo qualquer designação discriminatória relativa à filiação, como a denominação “filhos bastardos”, por exemplo. Pinelli (2004) afirma que a união consensual/estável tem se colocado como uma escolha possível de vivência conjugal e formação familiar. Esta opção tem ganhado adeptos entre segmentos mais jovens da população e entre pessoas que tiveram uma experiência conjugal anterior.

Para Beaujot (2002), embora ainda se encontrem aqueles que advoguem pela volta dos valores da família, contrários ao divórcio e à união consensual, evocando o modelo patriarcal,

estes ignoram o potencial dos arranjos familiares que buscam se estabelecer e se manter por meio de relações mais igualitárias.

Sobre o pátrio poder, apenas em 2002, o novo Código Civil Brasileiro, que substituiu o de 1916 (BRASIL, 2003), estabelece que a família não seria mais regida pelo poder do pai, como na época feudal, e pressupõe igualdade de poder entre os membros do casal (FÁVERO, 2010).

Recentemente (2011), o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou a ADI⁶ 4.277 e a ADPF⁷ 132, em que se discutia a equiparação da união estável entre pessoas do mesmo sexo à entidade familiar, preconizada pelo artigo 1.723 do Código Civil (BRASIL, 2003). O referido artigo dispõe que “é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. Várias entidades representativas de homossexuais manifestaram-se pela procedência das duas ações, enquanto a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) colocou-se contrária, alegando que a Constituição Federal não previa esse tipo de união. No entanto, o Poder Judiciário, por intermédio dos ministros que compõem o STF, julgou procedentes as ações, legitimando a união homoafetiva, baseando-se no artigo 3º, inciso IV, da Constituição Federal que veda qualquer discriminação em virtude de sexo, raça, cor e que, nesse sentido, ninguém pode ser diminuído ou discriminado em função de sua orientação sexual.

As diversas alterações das leis brasileiras relatadas até aqui expõem um panorama que se comunica com as modificações na maneira de se relacionar entre homens e mulheres no decorrer desse mesmo período histórico. E a atualidade? Como podemos definir o momento atual? Para responder a isso, devemos ter em mente que o contexto sócio-histórico, cultural, econômico e político atual, a contemporaneidade⁸, a qual Lipovetsky e Serroy (2011) denominam de hipermodernidade, é marcado pelo mundo-aldeia global em que os meios de comunicação, de transporte e de produção dos bens de consumo tornam a realização dos

⁶ Ação Direta de Inconstitucionalidade

⁷ Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

⁸ Contemporaneidade designa o momento histórico atual. Lipovetsky e Serroy (2011) a denominam de hipermodernidade, enquanto Hall (2005) a chama de pós-modernidade. Para Lipovetsky e Serroy (2011, p. 32), “o mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o hipercapitalismo, força motriz da globalização financeira; a hipertecnificação, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o hiperindividualismo, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o hiperconsumo, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores.”

desejos humanos algo quase instantâneo, conseqüentemente, enfadonhos e descartáveis, obedecendo à lógica capitalista de formar consumidores sempre insatisfeitos e desejosos por novos produtos, entre os quais, podemos arrolar a parceria afetivo-sexual e a prole.

Para Fromm (1983), o ato de consumir converteu-se em uma atividade compulsiva e irracional que guarda um fim em si e que tem pouca relação com o uso e prazer das coisas compradas e consumidas. Sob tais signos, o que é produzido e consumido satisfaz à fantasia humana de riqueza e distinção. Assim, quando bebemos Coca-Cola, consumimos rótulos, imagens e *slogans* que acompanham esse e outros produtos. Para o autor, o consumir humano deveria estar atrelado aos nossos sentidos, a nossas necessidades orgânicas, a nosso gosto estético, havendo a participação de seres humanos concretos, sensíveis e inteligentes, como uma experiência humana significativa e produtiva. Porém, em nossa cultura, consumir consiste, geralmente, em satisfazer uma fantasia artificialmente estimulada, alheia ao nosso ser real e concreto.

Caetano (2008, p. 12) afirma que a visão materialista perpassa a sociedade contemporânea, cuja lógica consumista aprisiona o ser humano na hipervalorização da aparência dos outros, de si e do mundo. O autor nos diz que, na lógica contemporânea, “o homem é o que tem. Se não tem deixa de ser. A vida perde significados”. Atualmente, as relações são reguladas pela perspectiva do lucro, e o progresso é predatório na relação com a natureza, da qual nos apartamos. Caetano (2008, p. 15) afirma, ainda, que “o homem parece não reconhecer seu papel histórico. Vive destituído de autenticidade. Segue passageiro, levado pelo turbilhão, quando não deveria se distanciar da ciência de si próprio, que o faria conhecedor do modo como se tece a trama de sua história”. Tal afirmação aponta para o esvaziamento de sentidos de uma vida conduzida pela lógica do lucro, da utilização dos outros como utensílios e o perigo que espreita de destruição do mundo pela insustentabilidade da relação homem-predador sem limites e a natureza.

Para May (1971), o dilema do homem moderno em meados do século XX é o *vazio*. Entenda-se por *vazio* o fato de muitos, frequentemente, não terem uma nitidez dos próprios sentimentos. Essa vivência comumente pode levar o sujeito a buscar tal preenchimento no outro, ou seja, nos relacionamentos com amigos, pais, filhos ou parceiros afetivo-sexuais, na expectativa de que esse(s) outro(s) ocupe(m) plenamente o *vazio* experimentado. Sobre tais pessoas May (1971, p. 14) aponta:

[...] em geral falam fluentemente sobre o que deveriam desejar – completar com êxito um curso superior, arranjar um emprego, apaixonar-se e casar, constituir família – mas torna-se logo evidente, até para eles, estarem

descrevendo o que os outros – pais, professores, patrões – deles esperam e não o que realmente desejam.

Referindo-se ao papel da cultura no mundo contemporâneo em que há um hiperconsumismo e falta sentido numa existência desorientada, Lipovetsky e Serroy (2011, p. 198) expressam que

[...] a cultura não é contra a paixão: é, ao contrário, o que deve alimentar as paixões ricas e boas dos indivíduos. Não mais apenas exaltar a profundidade, mas talvez realizar algo mais importante para a maioria: impor limites à desorientação e fazer com que os homens tenham autoestima quando envolvidos com atividades que mobilizem sua paixão por superar-se e assumir o papel de protagonistas em suas vidas.

Para os autores, a sociedade hipermoderna caracteriza-se “pelo enorme crescimento dos fenômenos bolsistas, digitais, urbanos, midiáticos, artísticos, tecnológicos, consumistas: hipertrofia que é a nova figura reguladora da modernidade” (p. 194).

Assim, tendo algumas das leis brasileiras como um painel de normatização dos comportamentos sociais e a sociedade de consumo como pano de fundo da atualidade, damos continuidade aos nossos interdiálogos discorrendo acerca do paradigma patriarcal e o movimento feminista, já que também esses são horizontes de compreensão relevantes neste estudo. Mesmo não esgotando a temática do planejamento familiar e das normatizações sociais por meio das leis, passaremos a discorrer, então, acerca do Paradigma⁹ Patriarcal e o Movimento Feminista, explicitando as relações de poder entre homens e mulheres.

1.3 Horizontes do paradigma patriarcal e o movimento feminista

Fávero (2010, p. 48) afirma que historicamente

[...] o termo patriarcado refere-se a um governo de sacerdotes, no qual o sacerdote, o *hieros*, é um pai. Assim, a ideia do patriarcado implica a descrição de uma ordem particular de vida, que enaltece os pais separando-os dos filhos homens, isto é separando os homens dos meninos e colocando, tanto os filhos quanto as mulheres, sob a autoridade do pai.

⁹ Kuhn (2006) designa paradigma aquilo que os membros de uma comunidade partilham. Na comunidade científica, refere-se a modelos metodológicos e valores que servem como base para realização de estudos científicos que são utilizados durante um período histórico.

Essa visão coloca a mulher numa posição hierarquicamente inferior na relação com os homens, além de estabelecer seu destino às atividades domésticas e à vivência da maternidade (BADINTER, 1985; BEAUVOIR, 1976). Fávero (2010, p. 75) aponta, ainda, o conceito de *patriarcado contemporâneo* em que “articulado com o capitalismo, [...] trata-se [...] de produzir e de reproduzir a vida a partir de relações de dominação e de expropriação, em especial dos corpos e da autonomia das mulheres”. Corroborando tais ideias, a autora aponta uma crescente feminização da pobreza como uma das faces do patriarcado contemporâneo, em que entre mais de um bilhão de pessoas em condições de extrema pobreza no mundo, 70% são mulheres (PRÁ, 2001 apud FÁVERO, 2010). A compreensão atual das relações entre homens e mulheres fez com que a violência contra a mulher passasse a ser assumida como manifestação das relações de poder e incompatíveis com a dignidade e valor da pessoa humana, o que não se trata de atribuir à mulher o lugar de vítima e colocar o homem no papel de algoz (BADINTER, 2005; FÁVERO, 2010), mas a necessidade de considerar a construção simbólica, cultural e institucional às quais estamos expostos no processo de socialização (BOURDIEU, 2009). Reflexo disso, a Lei nº 11.340, Lei Maria da Penha (BRASIL, 2007) criou mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Nolasco (2003) nos diz que a sociedade contemporânea, na qual a democracia de mercado nega que a experiência humana é uma experiência emocional, vê o deslocamento do homem viril de outros tempos históricos (simbolizado na figura do guerreiro, do cavaleiro), para um homem assentado em sentimentos (amor, ódio, fúria, etc.) sem objeto, nascidos da indiferença, construídos sobre um outro virtual. Essa transição é marcada por uma identidade masculina que busca reencontrar o seu lugar de homem de verdade. Na medida em que as sociedades contemporâneas estabelecem que o caminho para o sucesso individual está no comportamento agressivo e competitivo pelo homem, estão apontando como os indivíduos devem caminhar. Dentro desta perspectiva, o indivíduo perde a possibilidade de criar novas formas de singularização para si mesmo, sua vida e futuro, seguindo um roteiro superficial, polarizado e de aparências. Sexo e etnia perdem relevo nesta sociedade que se denomina libertária, igualitária e soberana quanto à liberdade de escolha e expressão (NOLASCO, 2001). O autor afirma, ainda, que a violência de homens contra mulheres é expressão da narrativa histórica de um indivíduo que apresenta o percurso de um herói sem rumo e sem futuro e define como lugar de homem o lugar do Mal. Essa violência letal, nos aponta Nolasco (2001), só pode ser quebrada com o estabelecimento de vínculos de gratidão, respeito, generosidade e cooperação entre homens de uma geração a outra.

Giffin e Cavalcanti (1999) apontam que o gênero masculino está sendo repensado, consequência das novas demandas da contemporaneidade em que a mulher participa cada vez mais do espaço público como força de trabalho. As condições de vida das mulheres, em relação à escolaridade e renda aparecem na transformação da família contemporânea. O investimento na escolarização e na carreira ampliou as possibilidades femininas de alcançar maior autonomia pessoal e independência econômica, e a redução da dependência financeira promoveu alterações nas expectativas femininas quanto à vida conjugal e familiar, tendendo a rejeitar o padrão assimétrico e hierarquizado de relação de gênero no casamento, para privilegiar uniões conjugais mais igualitárias (PINELLI, 2004). Em contrapartida, Pinelli (2004) aponta que os comportamentos familiares e as relações de gênero, em países desenvolvidos (Estados Unidos, entre outros), com mulheres mais escolarizadas e com uma condição financeira melhor, encontram mulheres que continuam a ter de conciliar a dupla jornada de trabalho com o cuidado dos filhos e a atividade profissional. De acordo com Oliveira e Brito (2007), se por um lado o maior rendimento financeiro da mulher pode significar um maior poder decisório nas questões conjugais e uma redistribuição das responsabilidades domésticas, por outro, ainda hoje, pode acarretar situações de violência e maior opressão para a mulher, caso o homem veja sua condição masculina ameaçada pela perda ou diminuição de seu papel de provedor.

A compreensão do patriarcado é fundamental neste estudo para posterior análise de nossos colaboradores. Assim, insistimos ainda mais nesse tema que, de acordo com Fávero, (2010) guarda quatro pontos principais no que se refere à história brasileira:

1. em primeiro lugar, a tese de que a instituição familiar brasileira teve como ponto de partida o modelo patriarcal importado pela colonização europeia e adaptado às condições do Brasil da época, latifundiário e escravagista;
2. um segundo ponto refere-se a que, após

[...] a desintegração do patriarcado rural, a mentalidade patriarcal permaneceu na vida e na política brasileira por meio do coronelismo, do clientelismo e do protecionismo, de tal modo que, até mesmo no meio urbano, a gênese das atitudes autoritárias sobre a condição feminina deve ser entendida em relação aos esquemas de dominação social que caracterizam o patriarcado tradicional brasileiro (FÁVERO, p. 88);

3. a manutenção de um discurso conservador na atualidade em relação aos papéis sexuais e aos papéis de gênero encontra-se muito próximo da mentalidade patriarcal;

4. e, por fim, a reprodução do mesmo discurso conservador pelos meios de comunicação,

[...] assim como está nas histórias que insistimos em recontar às crianças, como aquela da Bela Adormecida, aquela mocinha em estado comatoso, com vida vegetativa e que volta à vida ao receber um beijo do Príncipe que então a carrega em seu lindo cavalo para viverem no SEU reino, felizes para sempre (p. 89).

Por outro lado, nos dias atuais, a crescente flexibilização dos papéis de gênero nos obriga a rever os estereótipos com os quais identificávamos e separávamos homens e mulheres. Badinter (2005, p. 171) afirma que

[...] as diferenças entre os sexos é uma realidade, mas não predestina aos papéis e às funções. Não há uma psicologia masculina e uma psicologia feminina que sejam impermeáveis uma à outra, nem tão pouco duas identidades esculpidas em mármore. Uma vez adquirido o sentimento de identidade, cada adulto faz dele o que quiser, ou o que puder. Ao por fim à onipotência dos estereótipos sexuais, abriu-se caminho para o jogo das possibilidades. Não se trata [...] da instauração do triste império do unissexual. A indiferenciação dos papéis não equivale à das identidades. Ao contrário, é condição da multiplicidade delas e de nossa liberdade.

A autora afirma que os ideais feministas da década de 1960 consistiam na conquista pela igualdade de direitos que equiparasse homens e mulheres, e não incluía, necessariamente, uma melhora na maneira de se relacionar entre os sexos. Por outro lado, destaca que os estereótipos dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, demarcados pelo paradigma patriarcal, serviam como nossos referenciais e, ao mesmo tempo que nos enclausuravam, também nos tranquilizavam. Além disso, a flexibilização dos papéis de gênero fazem com que muitos homens temam perder seu lugar de poder na relação com a mulher e, por isso reagem com violência, ao que a mulher corre o risco de se reconduzir ao papel de vitimizada, distanciando-se desse outro, o que mantém o afastamento entre homens e mulheres (BADINTER, 2005; GIFFIN; CAVALCANTI, 1999; NOLASCO, 1995). O modelo de masculinidade limitado à virilidade, relacionando-se com características como o autoritarismo, dominação e opressão vem sendo questionado e repensado nos últimos anos já que é fonte de alienação entre os homens e distanciamento para com as mulheres (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006).

Os estudos feministas desenvolvidos pela filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) recusavam o fatalismo biológico feminino da maternidade e considerava este o eixo principal de “opressão às mulheres”, já que a maternidade determinava o espaço ocupado pela

mulher na família e na sociedade (SCAVONE, 2001). Posteriormente, o discurso feminista, valendo-se das ideias ventiladas pela Psicanálise, recupera o lugar da maternidade como um poder o qual somente as mulheres possuíam. Assim, o problema já não estaria na negação da maternidade e sim na divisão equitativa das responsabilidades implicadas no papel de mãe e de pai, ou seja, as funções das figuras parentais¹⁰. Da negação à afirmação da maternidade, Scavone (2001, p. 53) aponta que

[...] essas reflexões constituem uma crítica feminista ao discurso dominante da 'invenção da maternidade'. Os elementos deste contradiscurso contribuíram para maior tomada de consciência das mulheres na construção de uma escolha reflexiva da maternidade. Por outro lado, contribuíram para o questionamento mais profundo das relações de gênero na família, (re)discutindo o lugar do pai.

O feminismo traz consigo a reflexão sobre a maternidade, paternidade e a parentalidade. Para Scavone (2001, p. 57), na atualidade,

[...] a escolha reflexiva para aceitação ou não da maternidade constitui um elemento deste período de transição, possibilitando às mulheres e aos homens que a decisão pela reprodução seja feita com base na experiência adquirida, sem medo, culpa [...] evidentemente, esta escolha será tanto mais reflexiva quanto maior a possibilidade de acesso à informação, à cultura e ao conhecimento especializado. Este novo modelo, que ora já se esboça, tem diversas nuances e se define com mais ou menos força de acordo com a classe social e o país a que está referido. É o modelo: de proles reduzidas; de mulheres com carreiras profissionais; de mães e pais, juntos e/ou separados, produzindo e reproduzindo; de casais hetero e homossexuais; de mães ou pais criando seus filhos sozinhos; da institucionalização dos cuidados maternos por profissionais especializados; enfim, é o modelo que busca se adequar às mudanças da vida contemporânea, ao mesmo tempo em que é forjado por estas mudanças, redesenhando o funcionamento e a estrutura da família contemporânea.

Segundo Villela e Arilha (2003), durante mais de dois mil anos, nas culturas ocidentais, prevaleceu o entendimento de que o humano era representado pelos homens. Já as mulheres eram consideradas existências intermediárias entre a humanidade e a animalidade. Foi a partir do século XVIII que se passou a considerar a mulher tão humana quanto o homem, embora diferente deste, não somente quanto ao corpo, mas em seu caráter e

¹⁰ O conceito de parentalidade designa a figura parental responsável pelo cuidado, proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. As funções parentais não são, obrigatoriamente, desempenhadas pelos genitores, podendo ser realizadas por outros familiares ou pessoas que não tenham parentesco consanguíneo (ALARCÃO, 2002; SANTOS, 2004; SCAVONE, 2001).

personalidade, visto que sua função principal seria a procriação e cuidado da prole. Para essas autoras, somente

[...] ao longo do século XX, tomou força a perspectiva de que subjetividades, desejos, modos de ser, de dar e obter prazer não necessariamente guardam uma relação direta com a existência de úteros, ovários ou testículos, nem têm como finalidade a reprodução. Os avanços no campo da cirurgia e da estética permitem remover esses órgãos, esculpindo vaginas onde anteriormente havia pênis, implantando pênis onde havia vagina, mudando a distribuição de pêlos, gordura e massa muscular. São inúmeras as tecnologias que permitem às mulheres ter sexo sem engravidar. As relações sexuais e amorosas de pessoas do mesmo sexo adquirem estatuto de normalidade. Bebês podem ser feitos em laboratórios, mulheres podem gerar sem ter sido fecundadas e espermatozoides podem fecundar óvulos sem que haja qualquer relação entre os produtores de uns e outros. Ampliando-se os arranjos entendidos como família, ao mesmo tempo em que se discute o que seriam os direitos sexuais (p. 96).

Analisando as vivências afetivo-sexuais de mulheres transgenitalizadas, Pinto (2008) afirma que os avanços tecnológicos na contemporaneidade imprimem marcas na singularidade de cada ser e na constituição de sua subjetividade. Assim, isso também é pertinente se pensarmos nos tratamentos para infertilidade, testes de investigação de paternidade pelo DNA, entre outros. Para Scavone (2001), a possibilidade de acesso às novas tecnologias conceptivas é um recurso tecnológico que reafirma a possibilidade de escolha, no entanto, cria novos impasses na realização da maternidade/paternidade e nas relações familiares.

Acerca da paternidade na atualidade, no período imediatamente após o nascimento de um filho, Montigny, Lacharité e Amyot (2006) afirmam que a colaboração de enfermeiras nesse momento pode auxiliar direta e indiretamente para a percepção do controle e dos acontecimentos pelos pais, exercendo um positivo e importante papel na construção da paternidade imediatamente após o nascimento de uma criança. Além disso, segundo Schraiber, Gomes e Couto (2005), cada vez mais a participação dos homens na concepção não se restringe a contribuir com seus espermatozoides, o homem tem sido incluído (pelas práticas médicas e/ou por iniciativa própria) nos procedimentos pré-natais (acompanhando a realização do ultrassom) e no momento do parto, entre outros.

Sutter e Bucher-Malsuchke (2008, p. 81) afirmam que

[...] o pai cuidador parece ser aquele que recupera em si a capacidade de amar, acolher e cuidar, recalcada por um passado patriarcal, que nega ao homem essa dimensão própria do seu desenvolvimento humano e psicobiológico. Ao mesmo tempo, esses homens são a transição entre

antigos modelos identitários, preestabelecidos, e novas demandas e posicionamentos, embora o fio condutor da masculinidade permaneça apoiado em algum diferencial eleito, tal como ser capaz de proteger e prover a família.

Ainda sobre o cuidado dos filhos pelo homem, embora seja algo que tem sido delegado às mulheres, há homens que, na contemporaneidade, se interessam em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos, envolvendo-se ativamente nas necessidades destes e considerando tal tarefa tão importante quanto a profissional (SUTTER; BUCHER-MALSUCHKE, 2008). De acordo com as autoras, a paternidade participativa é aquela em que o pai está presente no cuidado e há o envolvimento constante no cotidiano dos filhos no que se refere à alimentação, à higiene, ao lazer e à educação.

Como constatamos a partir de nossos interdiálogos, durante séculos o cuidado da prole foi delegado à mulher que exercia tal tarefa a sua maneira. O envolvimento dos homens no universo doméstico, que inclui, o trato dos filhos, traz consigo uma possibilidade de se (re)criar a maneira com que se interage, cuida e zela pela criança, o que leva a novas reflexões e relativização do que seria certo (ou errado) no cuidado e educação dos filhos, desde rotinas como dar banho, alimentar e brincar até valores morais. A participação crescente dos homens/pais em questões relacionadas à vida doméstica, como o cuidado dos filhos e a participação no planejamento familiar, explicita as mudanças que a contemporaneidade tem trazido para as relações afetivo-sexuais.

Diante do exposto, podemos observar a complexidade envolvida na compreensão dos arranjos familiares da contemporaneidade. Por isso, esboçaremos um panorama histórico do conceito de família e apresentaremos a definição de transgeracionalidade com o intuito de clarificar tais temas.

1.4 Horizontes da família e transgeracionalidade

Traçando o percurso da família no decorrer da história do Ocidente, sob o signo da repressão sexual, Chauí (1984, p. 127) afirma que a “fábrica familiar” trabalh(ava) no intuito de reafirmar a ideologia dominante de determinado momento histórico. Chauí (1984, p. 128) parte da família romana cristã, definida como “um conjunto de pessoas, objetos e bens que estão sob a autoridade de um chefe doméstico, o *pater-familias*”. A família inclui, ainda, os

descendentes de um ancestral em comum e as propriedades e servidores pertencentes ao *pater-familias*. No início da era cristã conviviam outros formatos de família, provenientes de vários povos conquistados pelos romanos, no entanto, foi a Igreja Católica que se ocupou em homogeneizar a estrutura familiar de maneira lenta e paulatina. Para a autora, é desse formato de família que somos herdeiros. A Igreja estabeleceu padrões morais a serem seguidos e, conseqüentemente, legitimou a repressão sexual de seu seguidores.

Segundo Fromm (1983), até o século XV, a Terra era considerada o centro do universo e o ser humano motivo de toda a criação. Após isso, a Terra perdeu seu lugar de centro e passou a satélite do Sol, descobriram-se novos continentes (o Novo Mundo) e de um sistema social estático (feudalismo medieval), foi se afrouxando a configuração das relações sociais entre os homens. Ariès (1981) explicita por intermédio de gravuras, pinturas e documentos medievais que até o século XVI, a família existe como *linhagem*, instituição política, e não como espaço doméstico. Portanto, as casas não possuíam divisões, e a criança era vista como um adulto em miniatura, como demonstram suas vestimentas.

Para Chauí (1984), com a consolidação social e política da burguesia entre os séculos XVI e XVII, a *linhagem* começa a perder sua força e dá lugar à família conjugal¹¹, e o espaço privado começa a receber divisões. Os motivos religiosos, com os quais a família é representada, com atributos da Sagrada Família, e a constituição da família pelos genitores, filhos, padrinhos e afilhados vai redefinindo as alianças sociais, em possibilidades de ascensão social e de apadrinhamento, por exemplo. Segundo Brandão (2010), o modelo canônico de casamento/família servia para que a Igreja Católica, representante terrestre das Leis Divinas, mantivesse seu poder político e econômico. Chauí (1984, p. 130) nos diz que

no século XVIII, a privatização da família (acompanhando a privatização da propriedade e da apropriação do produto do trabalho) prossegue. A família é conjugal, a casa se reparte em cômodos definidos, separando os lugares comuns e os privativos, os dos donos e dos servidores, os quartos dos pais e dos filhos, mas a separação definitiva só se completará como separação por idade e por sexo, no século XIX.

Gradativamente, as vestimentas e o fechamento da família no seio doméstico pela burguesia vão transformando as relações familiares e sociais. Entre os séculos XVI e XIX, a família vive uma ambigüidade: ter proles numerosas (prova da bênção divina) e a conseqüente

¹¹ Família conjugal é aquela “hierarquicamente composta pelo grupo de parentesco, unido por livre escolha e no amor (casamento moderno), constituído pelo casal e que pode abrigar outros agregados. Essa noção de família desenvolveu-se juntamente com os processos de modernização e industrialização e caracteriza-se pela divisão sexual do trabalho, nas esferas públicas ou privadas, segundo o gênero” (SANTOS, 2004, p. 70).

fragmentação do patrimônio, resolvido, a princípio deixando-o todo para o primogênito. Aos demais filhos cabia casar-se com outros primogênitos, ou seguir para as benesses da vida religiosa. Conforme Chauí (1984), essa ambiguidade levava ao uso de métodos contraceptivos, condenados pela Igreja. Com isso, os casais passaram a interromper as relações sexuais após terem a prole que queriam, e os maridos buscavam as prostitutas enquanto às mulheres cabiam o recato e a abstinência sexual. Além disso, o adiamento do casamento, já que as moças deveriam casar-se virgens e, antes de estabelecer uma aliança conjugal, os rapazes deveriam assegurar os meios de sustento da família. Quando o Código Napoleônico (1804) retirou os direitos do primogênito, devendo os bens paternos serem divididos entre todos os filhos, tais recursos para o retardamento do casamento foram ainda mais utilizados.

Os traços do capitalismo nos séculos XVII e XVIII viram a técnica e a indústria em seus primórdios visto que as práticas e ideias da cultura medieval continuavam exercendo considerável influência sobre as práticas econômicas à época. As máquinas eram vistas como uma ameaça ao trabalho do homem (FROMM, 1983). Para o autor, o desenvolvimento nos séculos XIX e XX assistem o homem deixando de ocupar o centro do sistema, que passa a ser lugar dos negócios e da produção, caracterizado pela exploração dos empregados (mão de obra) pelo detentor do capital. O lucro é o objetivo final do empregador. Fromm (1983) acrescenta que a relação entre pais e filhos modifica-se a partir do século XIX. Os filhos gradativamente deixam de temer seus pais e vão se tornando seus companheiros.

Nas classes populares, a interdição para o uso de qualquer meio anticoncepcional levou à constituição de famílias numerosas que serviam de mão de obra barata. No velamento da divisão de classes a que se embasava a sociedade, o Estado estabeleceu a família como *célula-mater* da sociedade. “A definição de família como realidade sagrada (pela Igreja), jurídica (pelo Estado), moral (pela ideologia) é o que a transforma em ‘fábrica de ideologia’ [...]” (Chauí, 1984, p. 134). A família, seja ela burguesa ou trabalhadora, realiza sua socialização por intermédio do pai, que faz a mediação entre o espaço privado (onde a mãe é a “rainha”) e o âmbito público (espaço do trabalho).

Até os dias de hoje, a família é local de reprodução de valores morais, preconceitos e interditos de uma herança repressiva que são incorporados pelos seguintes discursos sociais: médico, jurídico, educacional, psiquiátrico/psicológico, religioso (CHAUÍ, 1984; SANTOS, 2004; SANTOS; BRUNS, 2000).

A família conjugal, enfatizando a privacidade e centrada nos filhos, instalou-se na Europa, no século XVIII, e no Brasil e Estados Unidos, no século XIX. (VAITSMAN, 1994). A construção dessa família sacralizada, hegemônica, constituindo uma união conjugal

indissolúvel, centrada nos filhos e produtora e reprodutora de um discurso ideológico que perpassa toda a sociedade, leva à exclusão daqueles indivíduos que não se enquadram nesse formato, tais como, casais inférteis, sujeitos portadores de necessidades especiais, pessoas com orientação sexual homossexual, dada a impossibilidade de reproduzirem e constituírem suas famílias nesses moldes (SANTOS, 2004).

Já durante o século XX, a criança e sua sexualidade passam a ser alvo central de questionamentos de pais e educadores. Além disso, as alianças conjugais passam a ser pautadas pelo afeto, o patriarcado já dá sinais de exaustão, e a sexualidade se desatrela da reprodução e das regras do casamento. Ademais, a qualidade de vida afetiva e sexual passa a ser foco de preocupação dos casais e da ciência (BRANDÃO, 2010).

De acordo com Flaquer (1999), a perda da legitimidade do patriarcado é uma das mudanças mais importantes que caracterizam o final do século XX, tendo como um de seus sinalizadores o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres e o ofuscamento da figura do pai na constelação familiar. Therborn (2006), referindo-se às transformações na instituição familiar durante todo o século XX, afirma que o enfraquecimento do patriarcado e a revolução sexual, em grande parte do Ocidente, não decretaram o fim da família, no entanto, imprimiram a ela maior complexidade, agregando novos formatos que antes eram raros ou marginalizados, como os casais sem filhos, as famílias monoparentais, uniões homoafetivas, domicílios unipessoais, entre outros. Romanelli (2000) afirma que são as mulheres as principais mediadoras das relações e dos afetos familiares e responsáveis pela integração familiar.

Para Vargas e Moás (2010, p. 759), “o núcleo familiar tradicional, composto pelo casal heterossexual com crianças, não mais consiste no único modelo de estrutura da família na sociedade brasileira”. Ao analisar o momento atual, deparamo-nos com múltiplas formas de expressão de relações interpessoais e familiares. A família moderna vai sendo substituída por novos formatos e a revisão do paradigma patriarcal. Na sociedade contemporânea, o que caracteriza a família e o casamento é a inexistência de um modelo dominante (SANTOS, 2004).

Frente ao modelo de valores do capitalismo, individualismo, consumismo, competição, somados a eventos como a globalização e o desenvolvimento tecnológico crescente, a sociedade ocidental vivencia um processo de mudanças profundas das relações sociais, na qual se incluem as relações familiares. Novos modelos familiares vão ganhando espaço social, entre os quais, casais heterossexuais sem filhos (RIOS; GOMES, 2009), famílias chefiadas por mulheres (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007), as uniões homoafetivas (SANTOS, 2004) e os recasamentos (MARCONDES, 2008), entre tantos outros formatos possíveis que explicitam a pluralidade de arranjos familiares que coexistem na atualidade.

Santos (2004) afirma que a família conjugal da atualidade atravessa um período de transição, dados os avanços tecnológicos e a rapidez com que somos afetados por acontecimentos e informações. Isso desencadeia uma transformação na estrutura familiar e na educação dos filhos, levando a uma maior liberdade sexual para ambos os sexos, uma inversão em que os filhos ensinam os pais (sobre o uso das novas tecnologias, por exemplo) e maior igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Em se tratando da compreensão da família e a maneira como se (des)constrói, é relevante destacar o conceito de transgeracionalidade. Entendemos que o legado deixado de uma geração a seus descendentes vai muito além dos bens materiais e perpassa por valores morais e culturais deixados como herança.

Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48) definem transgeracionalidade social como

[...] um processo que abrange a transmissão de crenças e valores sociais que vão sendo repassados às novas gerações, ocorrendo por intermédio da definição de comportamentos esperados ou proibidos, bem como da exigência de aceitação e comprometimento com os mesmos.

O conceito de transgeracionalidade social é mais abrangente que o de transgeracionalidade familiar sobre o qual nos ocuparemos a seguir.

Falcke e Wagner (2005) afirmam que os processos de transmissão transgeracional ocorrem de uma geração para a seguinte. O prefixo *trans* enfatiza a permanência de tais processos no dia a dia das sucessivas gerações da família. Este conceito implica em olhar o ser humano como parte de um contexto histórico do qual é herdeiro. As experiências vividas na família vão sendo gravadas pela criança que sofre influência, as quais se expressam no momento de tomar decisões, frente a suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais, por exemplo. Entretanto, as diferenças individuais modulam a intensidade e compreensão com que os valores familiares são gravados por cada integrante de determinada família. Destacam, também, que logo ao nascer (ou mesmo antes) é depositado sobre a criança um rol de expectativas do tipo: “ele vai ser jogador de futebol”, ou, “ela vai ser aeromoça”.

A importância familiar desta atribuição é que irá determinar o poder e o quanto esse mandato passará a fazer parte do modo de viver do sujeito. A frustração da expectativa familiar, na recusa de cumprir determinado papel ou função, gera sentimentos de abandono e solidão [...]...a tentativa de rejeição do padrão familiar de origem, em muitos casos, se dá pela busca do modelo oposto. Assim, seria como se encontrar com o outro lado da mesma moeda e, inevitavelmente, o sujeito passa a sofrer consequências semelhantes àquelas do padrão vivenciado na família de origem (p. 27).

Para as autoras, a transmissão transgeracional familiar envolve os seguintes aspectos:

1. Lealdade: relaciona-se com aspectos morais, políticos e psicológicos da estrutura relacional da família. Refere-se à interiorização das expectativas grupais e assunção de uma série de atitudes para assumir seus ditames.
2. Valores: são os tabus, mitos, crenças e rituais transmitidos, individual e coletivamente, e que correspondem à ideologia do sistema familiar.
3. Crenças: as crenças incluem interpretações e premissas daquilo que se considera como certo. O que alicerça a crença é o componente emotivo acerca do que deve ser certo. Assim, a crença define a identidade familiar.
4. Legado: fenômenos que revelam às gerações seguintes os principais aspectos da família atual e o que se espera que tenha continuidade.
5. Mito: é um sistema explicativo de aspectos da vida que são difíceis de serem compreendidos ou aceitos de maneira consciente.
6. Segredos: surgem com a finalidade de esconder determinados fatos que vão contra a cultura familiar, bem como os tabus sagrados que se mantêm entre as gerações, ou ainda, que diz respeito à privacidade de um dos integrantes da família, o que favorece o processo de individuação.
7. Ritos: série de atos e comportamentos estritamente codificados na família que se repetem no tempo e dos quais participam todos ou uma parte dos familiares.

Entender a transmissão da vida psíquica na perspectiva transgeracional implica em considerar a desordem e a complexidade de uma transmissão que tem suas raízes ancestrais, entre segredos e lutos não realizados, e a condição atual de cada integrante da família, datado e localizado (EIGUER, 1998).

Em seu ciclo vital, a família experimenta momentos de crise previsíveis, como o nascimento de um filho, a sua saída de casa para estudar ou casar-se, ou imprevisíveis, dificuldades financeiras ou doença de um de seus integrantes (FALCKE; WAGNER, 2005, p. 44). Nesses momentos de crise é que se evidencia o poder dos padrões transgeracionais. Entenda-se por crise momentos na família em que há uma instabilidade temporária e necessidade de reorganização das inter-relações e o estabelecimento de novas regras de funcionamento familiar. Nesse contexto,

[...] a construção da individualidade vai depender da descoberta de quais são os desígnios familiares e, com isso, será possível que o sujeito alcance o desenvolvimento de sua originalidade, mesmo com tons familiares. [...] ao desvendar a conexão familiar deixa-se de ter uma obediência cega ao que estava escrito e pode-se modificar aquilo que chama-se de destino.

Quando um casal se forma e tem um filho, seja para permanecer juntos somente pelo tempo de conceber a criança, seja para estabelecerem uma vida em comum, esse modo singular passa a fazer parte da pré-história da criança e a influenciará em seu futuro. Para cada integrante do casal, esse encontro adquire sentido em sua própria história e vai servir como um banho de linhagem da qual emergirá o filho. O filho vem revestido por uma missão investida pelas figuras parentais, uma missão reparadora entre um casal que não se entende, por exemplo, no entanto, embora sua missão gere impacto em seu comportamento, com sua liberdade e personalidade, poderá negociá-la, realizá-la ou fazê-la fracassar (SZEJER; STEWART, 1997). Além disso, a respeito da gravidez, os autores afirmam que é a palavra do médico (pelo exame) que confirma e reconhece a gravidez de um filho, e, nesse momento, a gravidez deixa o âmbito familiar e passa a estabelecer uma ligação com a sociedade pela figura do médico que esboça o laço pelo qual a criança, ao nascer, será considerada como cidadã.

Szejer e Stewart (1997) consideram que as marcas simbólicas da criança estão presentes desde as dificuldades durante a gravidez. A história da criança tem uma pré-história que se inicia no encontro entre os genitores, o que é possível somente na medida em que a história de cada um possibilita isso. Um homem e uma mulher que se encontram e têm um projeto comum, ou não, de ter um filho, estão inscritos em suas próprias famílias, enriquecidas pela de seus ascendentes e colaterais que vão inscrevendo cada novo familiar em um lugar próprio a ser ocupado. O nascimento de uma criança implica, também, no nascimento de uma mãe e de um pai. Para Szejer e Stewart (1997, p. 63),

[...] a forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda com outros modelos parentais. Os pais sempre são um modelo de referência em relação ao qual nos determinamos, seja querendo fazer como eles, seja tentando corresponder ao seu desejo ou opondo-nos a ele.

Podemos pensar, então, que a escolha conjugal também se relaciona com os aprendizados intrafamiliares. Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48) afirmam que

[...] a escolha do cônjuge e do tipo de relacionamento conjugal, que aparentemente são livres e espontâneas, estão permeadas por mensagens,

implícitas ou explícitas, transmitidas transgeracionalmente pelos antecessores. O casamento constitui-se, então, em um processo que não é exclusivo do noivo e da noiva. Ao contrário, nele estão implicados fortemente os valores e legados do contexto familiar e social de cada um.

Silva, Menezes e Lopes (2010), em estudo qualitativo sobre as motivações para a escolha do cônjuge entre casais brasileiros, apontam que as motivações transgeracionais baseadas nos modelos conjugais parentais, seja para repeti-los ou evitá-los, estão presentes entre os casais estudados e destacam que tais casais apontam perceber a necessidade de apresentarem certas características ou ideias comuns, como caminho para alcançarem uma convivência mais harmônica. Segundo Falcke e Wagner (2005), embora os indivíduos possam buscar tanto relacionamentos semelhantes como diferentes de seus pais, dependendo de suas experiências, esse relacionamento segue como uma importante referência.

Neste ponto nos perguntamos: pensando na conjugalidade construída nas bases que descrevemos, o que podemos dizer acerca da sexualidade e do amor? Por isso, a partir daqui, versaremos sobre sexualidade, conjugalidade e amor.

1.5 Horizontes da sexualidade, conjugalidade e amor

Sexo denomina as características biológicas e físicas de homens e mulheres. Marrega e Bruns (2009) afirmam que, no decorrer do século XX, reconfiguram-se as relações entre homens e mulheres e isso traz uma crescente flexibilização e alargamento na compreensão dos papéis de gênero, desconstruindo a divisão binária, homem/mulher que estava reduzida às diferenças visíveis entre o corpo feminino e o corpo masculino. Problematizando a dominação masculina, Bourdieu (2009) afirma que, na visão androcêntrica, o corpo masculino (viril, fálico) estabelece uma relação de dominação com relação ao corpo feminino, embasada e naturalizada pela constituição biológica.

Nolasco (2006) afirma que o corpo é mais do que um suporte ao desenrolar da cena subjetiva, ele é agente promotor de um esforço de individuação, sentir-se corpo é necessário à determinação do Eu. Ultrapassando a formulação cartesiana que embasava o reducionismo biológico, o corpo tomado, em estreita relação entre os aspectos psicológicos, biológicos e culturais, coloca o viver como fruto de uma tensão criativa na qual o ser humano integra os

aspectos biopsicossociais. Vista dessa forma, a construção da feminilidade/masculinidade perpassa o âmbito social.

Passemos, então, ao conceito de sexualidade.

Conforme Merleau-Ponty (1999), a história sexual de um ser humano é a chave para a compreensão de sua existência na medida em que é por meio dela que o homem projeta sua maneira de ser com relação ao mundo, circunscrito por sua temporalidade e pelos outros com quem se relaciona. Nessa perspectiva, a sexualidade está profundamente vinculada à constituição das subjetividades humanas, selada por mecanismos repressivos, criados e recriados, no decorrer da história da humanidade.

A sexualidade, como eixo condutor e de controle das relações sociais que se estabelecem em diferentes momentos históricos, é definida por Villela e Arilha (2003) como o conjunto de fantasias e ideias que cada ser humano constrói sobre si e para si em função daquilo que supõe levar ao gozo. O prazer sexual, fenômeno especificamente humano, que inclui as sensações corporais e a atribuição de significados para o ato sexual, parece distinguir a cópula do sexo. Bataille (2004) esclarece que é o erotismo¹² que diferencia a atividade sexual entre os humanos e os outros animais sexuados. Segundo Salzedas e Bruns (2007), a força transgressora que triunfa sobre as interdições internalizadas desde tenra idade é o erotismo presente em todas as fases do desenvolvimento humano. O *ethos* erótico está submetido ao corpo e à sociedade em determinado período histórico, corpo e sociedade estão demarcados por modelos de estética, valores morais e sexuais veiculados pela família, escola, religião e meios de comunicação, entre outros. Além disso, os aspectos culturais de determinado período histórico de uma sociedade estabelece normas quanto ao comportamento sexual e reprodutivo esperado para mulheres e homens.

Assim, o que se entende por sexual não são fatos dados, constituem-se em fatos aprendidos, ou seja, podem ser construídos, desconstruídos e reconstruídos em seus significados (FÁVERO, 2010).

Os relacionamentos afetivo-sexuais têm papel central na vida das pessoas, e a qualidade dos mesmos traz implicações na saúde mental, física e vida profissional de homens e mulheres (FÁVERO, 2010; NORGREN et al., 2004). Na atualidade, a busca por relacionamentos afetivo-sexuais tem como finalidade principal a realização pessoal e a satisfação conjugal.

¹² Alberoni (1986, p. 185) define erotismo como “uma forma de conhecimento, um conhecimento do corpo. Do nosso corpo, do corpo do outro, um conhecimento adquirido através do corpo”.

Embora o conceito de satisfação conjugal abranja uma complexidade de fatores, Norgren et al. (2004) referem-se à satisfação conjugal como um fenômeno complexo que se relaciona com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, segurança, fatores que propiciem intimidade decorrendo da congruência entre expectativas e aspirações que os cônjuges têm em comparação à realidade vivenciada no casamento. Para Norgren et al. (2004, p. 583), em estudo qualitativo com 38 casais, casados há pelo menos 20 anos e pertencentes às camadas médias da população da região metropolitana da cidade de São Paulo

[...] todos os cônjuges satisfeitos e insatisfeitos, homens e mulheres, deram como motivo para permanecer na relação, o amor. Isso parece confirmar o valor que o amor-paixão-romântico desempenha na cultura ocidental atual. Busca-se a alma gêmea, a cara metade e, ao ser encarado desse modo, o amor deixa de ser um atributo importante da relação conjugal, tornando-se algo sem o qual não se vive. Almejando compartilhar a vida com alguém especial espera-se viver feliz para sempre: relações conjugais duradouras e satisfatórias.

O mesmo estudo alerta que a relação conjugal é uma construção e que, ao casar, o trabalho está apenas começando e que casais que permanecem juntos há muito tempo constroem valores, objetivos e modos de encarar a vida semelhantes e buscam maneiras de lidar com questões que se colocam no dia a dia do casamento para que este permaneça vivo, desenvolvendo-se e transformando-se.

Então, mostra-se significativo que discorramos sobre o conceito de amor já que este parece envolver os significados atribuídos à convivência conjugal e manutenção do casamento. Assim, levando-se em conta que neste trabalho nos ocupamos da busca por compreender a opção pela vasectomia por casais heterossexuais, insistiremos na reflexão acerca da vivência amorosa neste início do século XXI.

Analisando as concepções de amor no Ocidente desde a Grécia Antiga, na obra “O Banquete”, de Platão, até os tempos contemporâneos com a compreensão de Sartre e Beauvoir sobre o assunto, Pretto, Maheirie e Toneli (2009) traçam um histórico em que se pode constatar que diferentes períodos na história ocidental produziram significados para o amor que se refletiram nas relações amorosas de cada época. Na obra filosófica platônica, o amor sexual é sublimado e transcende a existência humana. O amor tinha cunho sagrado e estava ligado à ideia de bem, beleza e sabedoria, não pertencendo às vivências terrenas, e sim ao mundo das ideias. Já no cristianismo, o amor divino e incondicional, dada a filiação divina dos homens como filhos de Deus, devia se submeter a todo tipo de sacrifício para alcançar e assegurar a salvação. Para as autoras (2009),

o casamento vai se configurando como o espaço mais apropriado para a realização do amor que tem como fim a propagação dos filhos de Deus pela constituição da família, e não como um meio para os homens adquirirem certa realização existencial. É um aprisionamento que vem com a paixão, a qual se confunde com o amor, que, ao mesmo tempo em que é irresistível, é um dever; todos devem amar e estabelecer uma conjugalidade em que os cônjuges, antes de tudo, devem ser companheiros – a boa esposa e o bom marido. A paixão, por sua vez, deve ser superada e bem dirigida, constringida através de normas e costumes (p. 396).

As autoras relatam, também, o surgimento do amor cortês, no século XII, cuja ênfase na renúncia e sofrimento, em face a um amor inatingível, mantinha o aspecto idealizado do amor-paixão. Já no final do século XVIII, o amor romântico agrega outros elementos à experiência amorosa sem romper com o fundamento idealista do amor, e tal vivência passa a ter importância central na vida do sujeito, ou seja, aquilo que faria a vida valer a pena. Nessa concepção há a exigência de exclusividade em que pese à experiência amorosa toda possibilidade de felicidade na vida, desconsiderando as condições sociais, políticas e econômicas vividas. Tão altas expectativas no relacionamento amoroso frutificaram entre a burguesia e trouxeram consigo frustrações entre os parceiros frente à impossibilidade de satisfazer a totalidade das necessidades do outro.

Então, o que pensar do relacionamento a dois na atualidade? Em se tratando do amor na contemporaneidade, Giddens (2003) afirma que as transformações na modernidade acarretaram mudanças na intimidade, levando a mudanças na sexualidade, no amor e erotismo. Para o autor, o *ethos* do amor romântico pressupõe um vínculo emocional durável com o outro, tendo como base as qualidades intrínsecas no próprio vínculo, portanto é precursor do relacionamento puro.

O que é o relacionamento puro? É aquele em que o relacionamento se mantém dado o investimento nele pelos dois envolvidos e sua duração está intimamente ligada às satisfações individuais obtidas na relação, resultando no amor confluyente¹³ (GIDDENS, 2003; PRETTO; MAHEIRIE; TONELI, 2009). Segundo Pretto, Maheirie e Toneli (2009, p. 397), o casal que vive um relacionamento dessa ordem deve, por atos e palavras, oferecer garantias do seu comprometimento com a relação. Além disso, as autoras (2009) afirmam que, influenciado pelo amor romântico do século XIX, o modelo proposto por

¹³ A expressão “amor confluyente” é definida por Giddens (2003) como modelo de amor que sugere uma estrutura ética para a promoção de emoção não destrutiva na conduta do indivíduo e da vida comunitária e proporciona a possibilidade de uma revitalização do erótico – não como uma habilidade especial de mulheres impuras, mas como uma qualidade genérica da sexualidade nas relações sociais formadas pela mutualidade, ao invés do poder desigual. O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo, uma arte de dar e receber prazer.

Giddens (2003) não implica em um rompimento para um novo tipo de relação amorosa, na medida em que continua atendendo aos preceitos individualistas, em que a manutenção do relacionamento se dá centrada no compromisso e isolamento do casal, em detrimento do investimento em outras relações sociais, assim como a ideia de casal igualitário, demarcado por uma “conjugalidade individualista-igualitária” em que, enquanto houver cultivo, reflexão e investimento, o casal se basta em si mesmo, e a escolha entre eles é fundada no desejo e na escolha puramente individual. No casal igualitário, há um respeito pela singularidade do(a) parceiro(a) que se traduz em três pontos: a psicogenicidade, na qual cada um tem uma lógica interna; a igualdade, em que ambos estão abertos à pluralidade de experiências e negam os constrangimentos morais; e as mudanças, como exigência para alcançar a autoperfeição.

Conforme discutido anteriormente, vivemos em uma sociedade de consumo que se ocupa em formar homens e mulheres consumidores, em que exercitando o “comprar, consumir e gastar - aos poucos, o indivíduo vai entrando numa espiral em que ao consumir, é consumido; ao gastar, se gasta e se desgasta e o desejo permanece para sempre insatisfeito” (SILVA ; NOGUEIRA; FRAGA, 2009, p. 108). Nesse contexto, Bauman (2004) destaca que a comunicação instantânea pelas mídias disponíveis, o consumismo que não é caracterizado por acumular bens e sim usá-los e descartá-los, para em seguida abrir espaços para outros bens e usos, e cuja rotatividade, e não o acúmulo, é o que mede o sucesso na vida do “*homo consumens*”, dificultam a possibilidade de vivenciar a experiência de amar o próximo, haja vista que o outro, objeto do desejo de consumo, efêmero e descartável, passa a servir à satisfação particular do sujeito. Para Bauman (2004, p. 112),

[...] parcerias frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo de união pessoal ‘até que a morte nos separe’ [...] e uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa ‘flexibilidade’) marcam todas as espécies de vínculos sociais [...]

Para Pretto, Maheirie e Toneli (2009, p. 398), o cenário contemporâneo descortina

[...] o perfil do amante narcísico atual [...] para quem, responsabilidade e compromisso são investimentos e riscos existenciais que as pessoas na contemporaneidade parecem não estar dispostas a assumir. São valores que rompem com o imediatismo, na medida em que envolvem uma temporalidade, em especial um futuro, caracterizando-se como valores que se tornaram sacrifício e não condição sobre a qual a realidade humana é construída.

Corroborando tal ideia, Cioffi (2005, p. 191) afirma que

[...] a intimidade, diferentemente da sexualidade sem laços, exige compromisso que o indivíduo contemporâneo reluta em identificar, por ir contra o primado dos valores sociais do seu tempo. Numa sociedade de consumo, na qual tudo é descartável, o amor também se reveste desse caráter.

Preto, Maheirie e Toneli (2009) fazem, ainda, uma análise das concepções de Sartre e Beauvoir sobre o amor. Para Sartre, a condição humana de ser livre e situado em determinado momento histórico e cultural coloca o ser em constante processo de vir-a-ser, de (re)inventar-se, e o amor aparece como uma das possibilidades do ser se relacionar, não a única, nem a mais importante, portanto, o amor faz parte de um contexto que leva em conta os aspectos sociais, políticos, culturais em que o sujeito está inserido. Assim, não é possível vivenciar o amor desconsiderando outros papéis presentes na existência, tais como, o profissional, o de pai/mãe, de filho(a), de amigo(a), enfim, dependendo da história particular de cada ser-no-mundo. Para Beauvoir, enquanto a mulher coloca em sua existência a realização amorosa como eixo exclusivo que justifica sua existência, o outro passa a ser depositário de expectativas irrealizáveis e, por consequência, de frustrações imensas. Percebe-se que os filósofos referem-se ao fato de que o aprisionamento no relacionamento a dois, nos moldes do amor romântico, não permite a realização das potencialidades do ser que se estreita e se faz objeto na relação com o outro, o que obstaculiza a vivência do amor autêntico que assumiria o outro em suas falhas, limites e potencialidades e se comprometeria com a realização de si e a mediação da realização do outro.

Segundo Preto, Maheirie e Toneli (2009, p. 401),

[...] no amor individualista, é comum o casal restringir a relação ao plano informativo, instituindo um cotidiano caracterizado mais pela divisão de tarefas que pela reciprocidade e comprometimento existencial. A reciprocidade envolve o compartilhar, que por sua vez, envolve a comunicação entre os parceiros, o que só é possível a partir da presença de dois eus, de duas liberdades não submetidas. O comprometimento reside no plano do tecimento entre dois sujeitos, em que estes são cúmplices na construção da história, compartilhando o caminhar, estabelecendo um entrelaçar de seus princípios e sendo capazes de criar e recriar, conscientes da responsabilidade com sua existência e com a do outro.

Bauman (2010, p. 204) afirma que

[...] amar é estar determinado a partilhar e mesclar duas biografias [...] o amor é parente da transcendência. É quase um outro nome para o impulso criativo, e, como tal, repleto de riscos; e, como todos os processos criativos, nunca se sabe como ele terminará.

Viver na contemporaneidade, em que coexiste a ideia de encontrar e viver uma relação amorosa que dure por toda a vida, em contrapartida com a flexibilização das relações abertas à experiência de novas possibilidades, é o desafio que se coloca na pauta do dia para ser refletido pelos protagonistas da conjugalidade, mediadores e (re)criadores de formas de se relacionar e realizar o projeto do ser-aí na atualidade.

Entre tantos projetos possíveis para os quais o ser-aí se lança, deparamo-nos com o desejo de ter filho, a realização deste desejo e a escolha e utilização de método contraceptivo cirúrgico (vasectomia) que explicita que quem escolhe ter ou não ter filhos é a pessoa/casal. Assim, ao leitor que nos acompanha nesta busca de compreensão inesgotável dessa escolha em seus significado(s) e sentido(s), o pensamento heideggeriano vem ao encontro de um aprofundamento em nossa compreensão do fenômeno, por isso o elegemos como nossa âncora de compreensão. Portanto, acerca do pensamento filosófico hermenêutico de Martin Heidegger e sua compreensão do ser-no-mundo, trataremos no próximo capítulo dando continuidade aos horizontes de compreensão relacionados ao fenômeno indagado.

Capítulo 2



CAPÍTULO 2 – O SER-NO-MUNDO NA PERSPECTIVA DE MARTIN HEIDEGGER

O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa vida que não tenhamos nisso, um dia a menos nela.

Fenando Pessoa

Na busca por compreender o fenômeno ora indagado, elegemos o pensamento do filósofo fenomenólogo Martin Heidegger para buscar compreender o ser humano situado no mundo. Entendemos que o filósofo alemão, na medida em que fez profundas reflexões sobre o sentido do ser, é arcabouço teórico fundamental na direção do desvelamento do fenômeno que interrogamos.

Martin Heidegger viveu de 1889 a 1976. De acordo com Giles (1975), entre os pensadores que influenciaram o pensamento heideggeriano, é possível destacar Franz Brentano (1838-1917) e seu livro “Sobre os Diversos Sentidos do Ente segundo Aristóteles”, além de Aristóteles e Husserl, “o primeiro por ser o formulador da teoria do ser enquanto ser, e o segundo por ser o formulador do método fenomenológico” (GILES, 1975, p. 188).

Heidegger via, como problema fundamental da Filosofia, a questão sobre o ser. O filosofar heideggeriano nos convida a meditar sobre aquela que é a grande característica da inquietação humana, o sentido do ser (GILES, 1975). Em “Ser e Tempo”, Heidegger (2008a) se impõe a tarefa de pensar a questão do “sentido do ser”.

Para o filósofo alemão, a fenomenologia é a arte de desvelar aquilo que, no comportamento cotidiano, ocultamos a nós mesmos. Heidegger toma a fenomenologia como uma possibilidade metodológica que descreve e analisa a generalidade das essências, e por isso mesmo, exige fundamentalmente uma teoria geral do ser, isto é, uma ontologia. O termo ontológico refere-se ao homem enquanto homem, ao que lhe é essencial e o difere dos outros entes. É nessa ontologia fenomenológica que encontramos a originalidade e a própria profundidade do método fenomenológico. A fenomenologia enquanto método surgiu no início do século XX com Edmund Husserl (1859-1938), propondo uma terceira via entre o discurso especulativo da metafísica e o raciocínio das ciências positivas (ARANHA; MARTINS, 2009).

Contrária à dicotomia cartesiana, a filosofia de Heidegger vê o homem em seu sentido de ser e não enquanto objeto calculável e mensurável da ciência naturalista. Em seu filosofar, Heidegger leva em conta o ser-no-mundo e chama de mundanidade esse “lugar” ontológico, na medida em que significa a estrutura de um momento constitutivo do ser. Segundo Steiner

(1978, p. 75), para Heidegger “a noção de identidade existencial e a de mundo estão completamente fundidas. Ser é ser mundano”. A essência do ser humano é a sua existência e, inserido no mundo, só pode procurar seus significados na relação com outros entes. Para o filósofo, “a essência do ser reside no ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008b, p. 363).

No referencial heideggeriano, ente é tudo aquilo de que falamos, pensamos, entendemos, tudo com o que nos relacionamos, e também o que nós próprios somos, enfim, é tudo aquilo que é, que se manifesta (HEIDEGGER, 2008a).

A existência analisada por Heidegger é cotidiana e pessoal e está sempre relacionada ao mundo e ao contato com os outros, pois existir é ser-no-mundo-com-outros (HEIDEGGER, 1981). Nessa perspectiva do ser-no-mundo com outros entes, ou seja, num contexto em que a singularidade do ser se entrecruza com tudo mais que compõe seu mundo-vida, o filósofo dividiu em duas categorias ontológicas os modos de existir humano: a autenticidade e a inautenticidade. O modo de existir inautêntico, ou impessoal, aliena o ser-aí (*Dasein*) da existência dentro das dimensões de temporalidade e historicidade. Manifesta-se no “palavrório”, ou tagarelice, nos quais o ser-aí não consegue mais distinguir o que sabe e o que ignora, pois não assume a existência e a deixa controlar pela superficialidade. O “aí”, de ser-aí, refere-se a algo que pode manifestar-se como fenômeno e abre caminho para o ser escondido, e constitui o método fenomenológico na hermenêutica, já que é uma parte do ser-aí que compreende o ser. O ser-aí é o ser enquanto possibilidade, enquanto projeto, e que se realiza na existência no mundo (HEIDEGGER, 2008a). De acordo com Bruns e Trindade (2007, p. 77), a palavra hermenêutica

[...] tem suas raízes no verbo grego *hermeneuein*, que é comumente traduzido por “interpretar”, e no substantivo *hermeneia*, “interpretação”. Seu significado remete-nos à interpretação do sentido de palavras ou textos bíblicos ou exegese, podendo, também, significar dizer, explicar, ou arte de interpretar.

Em se tratando dos modos de existir do ser, segundo Heidegger, há, ainda, três aspectos essenciais à condição do existir humano. São eles: o humor, a compreensão e a linguagem. Conforme Forghieri (1984, p. 16),

Humor que é o afeto ou sentimento da pessoa na situação. Compreensão que é uma forma de conhecimento anterior ao raciocínio, pois é vivida em lugar de ser pensada. Linguagem que é a articulação da compreensão, mas que é anterior às palavras.

Enquanto a compreensão é a maneira como o ser se projeta no mundo, a linguagem é o veículo pelo qual a compreensão se expressa. Seus significados (particulares) e sentidos (ontológicos) podem ser construídos pela linguagem que é uma estrutura ontológica do ser-aí que possibilita a ele indagar-se.

Na perspectiva heideggeriana, o homem, lançado no mundo, nele mergulha atraído de maneira interessada. O ser-aí deseja enquadrar-se no mundo, sentir-se como parte dele e, por isso se expressa, pela fala, de modo inautêntico, ou seja, o ser humano não fala o que vem de seu interior, mas repete falas alheias, anônimas, do “a gente” (que pode referir-se a todos ou a ninguém). No modo de existir inautêntico o ser não vive como si mesmo, mas como os outros vivem. Assim, enquanto a autenticidade implica em responsabilizar-se por suas próprias escolhas, o impessoal “escapole quando a situação lhe exige decidir” (MARTINS FILHO, 2010, p. 72).

Quando o ser-aí se retira da categoria impessoal em favor da possibilidade de um projeto por parte do mais autêntico ‘eu’, constitui-se em disposição para a angústia que se perfaz no silêncio e na abertura para assumir-se como ser-para-a-morte (GILES, 1975). Vivenciando a angústia que a percepção da finitude traz consigo, o ser-aí abre a possibilidade de aceitar seu destino e desempenhar com decisão e força seu papel no mundo. A fonte da angústia é o mundo como tal e o que a inspira é a própria possibilidade de ser-no-mundo em contrapartida com a perspectiva da finitude do ser. Portanto, a angústia é a possibilidade de abertura do homem em direção ao ser-aí.

Como dissemos, para Heidegger, o ser humano é lançado no mundo, e sua existência se concretiza em sua condição mundana de tal forma que o existir humano ocorre localizado no tempo, o que caracteriza a temporalidade do ser. Ademais, sendo um ser temporal, não vive eternamente e tem sua existência marcada por um período em que permanece no mundo. Então, a morte é vista como um possível impedimento para tudo o que ele almeja fazer.

Além de ser mundano, o ser é na relação com outros entes, ou seja, os outros fazem parte da existência particular de cada ser vivente. Essa identidade social que se constrói na relação com os outros é cambiante e se (re)faz nas relações sociais na interface com a singularidade de cada ser. Assim, o diálogo com aspectos sociais, políticos, históricos e culturais da existência humana é condição necessária para a compreensão desse contexto mundano que abriga o ser e para a compreensão do próprio ser.

Na condição de ser lançado ao mundo, o *Dasein* (ser-aí) está submetido às contingências sócio-político-culturais construídas historicamente, refletindo, portanto, o momento, época e local em que vive, sendo essa a facticidade particular de cada ser-aí

(BRUNS; TRINDADE, 2007). Isso implica dizer que o ser-aí não escolhe o país, a cidade, a família, enfim, o “mundo” em que é lançado. Quando o *Dasein* começa a perceber que o mundo não o satisfaz totalmente e lhe sobrevém o estado de ânimo chamado angústia, então, abre-se para se perceber como principal referência em seu existir no mundo e se responsabilizar por suas próprias vivências.

O filosofar de Heidegger se ocupa da analítica do *Dasein*. Acerca do *Dasein* (ser-aí), ou presença, Safranski (2005, p. 498) nos diz:

[...] a análise do *Dasein* de Heidegger é toda uma tentativa de mostrar que somos criaturas que podem construir pontes porque podem vivenciar o espaço aberto, as distâncias e sobretudo os abismos – por cima de si, ao redor de si, dentro de si, – por isso sabem que a vida significa: atravessar abismos e preservar-se nessa transição. Assim o *Dasein* é um ser que olha para si mesmo do outro lado, e se envia para o outro lado – de uma extremidade da ponte a outra. E a questão aí é: que a ponte só cresce sob nossos pés à medida que nela andamos.

No pensamento heideggeriano, a transcendência na existência humana se dá no caminho em direção ao ser (NAVES, 2009). Para o filósofo alemão, esse caminhar nos leva ao encontro da morte, e do mesmo modo que não há como escapar do estado de lançado no mundo, nada isenta o homem de ser-para-a-morte. A angústia gerada pela conscientização gradativa da temporalidade do ser faz com que o homem paulatinamente possa escolher a si mesmo como possibilidade de ser-no-mundo em detrimento do existir inautêntico que optava pela atratividade de utensílios mundanos. Somente essa angústia possibilita um vivenciar autêntico na relação com o outro, além de possibilitar uma responsabilização maior pela própria vida, saindo do uso da linguagem alienada (tagarelice) para o discurso que toma como referência principal a si mesmo.

Quanto ao silêncio, para Heidegger, é preferível o silêncio rico em significações e que revela o ser em seus sentidos, do que a tagarelice que pode ocultar o ser do homem (BEAINI, 1981). Na perspectiva heideggeriana, o desvelar do ser (pela analítica do *Dasein*) é a busca de compreensão dos significados e sentidos que se mostram por intermédio da linguagem. Como já pontuamos em nosso Pré-reflexivo, a linguagem é a casa do ser, e é por meio da palavra proferida que o ser se manifesta e é por essa via que escolhemos acessar nossos colaboradores e colaboradoras nesta pesquisa.

Segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009), Heidegger, por quem a época contemporânea é chamada de *Era da Técnica*, via a atualidade marcada pelo velamento da angústia, ocultada pelo consumismo hipertrofiado ou pela tentativa de planejamento e controle excessivo, sinais

de uma tecnicização da realidade. Tal postura aparece como impeditiva para uma integração do ser com experiências fundamentais do existir humano, quais sejam, a dor, a liberdade, o amor e a morte. Segundo Dantas, Sá e Carreteiro (2009), o ser humano está absorvido no cálculo da realidade e na superficialidade da relação com a natureza, o que é expresso, por exemplo, quando trata a natureza como uma reserva de recursos, em termos utilitários e de potencial de consumo, numa lógica de controle e exploração. Assim, não há uma efetiva reflexão da maneira como o ser humano se relaciona com o mundo. Além disso, a tentativa de prolongamento da vida do corpo e a assepsia e isolamento da doença e da morte nos apontam para um tratamento da morte no mesmo nivelamento com que se lida com outros problemas operacionais de produção. No entanto, quanto maior a tentativa de controle dos aspectos da existência, maiores os sentimentos de tédio e enfado frente à realidade.

Segundo Rafael e Ribeiro (2007), na conferência “Serenidade”, Heidegger aponta dois tipos de pensamento, o que calcula e o que medita, sendo o que medita a essência do que calcula. O filósofo alemão refere um distanciamento do homem do pensamento que medita. Afirma, também, que a tecnologia, ou seja, as tecnologias inventadas e refeitas todos os dias são resultado da conquista do pensamento que calcula, que esquece de meditar sobre o uso da técnica. Para Heidegger, serenidade é enxergar os objetos além da técnica, é vislumbrá-los em seu mistério, mistério este que se refere a tudo aquilo que está oculto e só pode ser desvelado por meio da serenidade.

O que Heidegger nos diz é que estamos de tal maneira absorvidos pelo mundo dominado pela técnica, até porque os benefícios advindos dela são inegáveis, que nos distanciamos de um pensar que medita sobre a técnica e que pensa nas consequências provocadas por ela. É claro que podemos experienciar as consequências das criações humanas em nossa vida (por exemplo, quando utilizamos celulares, laptops, transporte aéreo), por outro lado, as repercussões negativas vindas da natureza também nos comunicam que tais caminhos, embora tragam prazeres e confortos imediatos, sob uma análise mais demorada, dão mostras da crescente aniquilação da natureza por não sustentá-la em suas próprias necessidades. Enfim, o homem que calcula, não medita sobre o futuro e sobre a natureza envolvida em suas ações imediatistas.

Dantas, Sá e Carreteiro (2009, p. 5) nos dizem:

O pensamento meditante e a serenidade implicam, para ele (Heidegger), uma renúncia à atitude de controle voluntarista do mundo. Este não querer, no entanto, não quer dizer desistência, mas, sim, uma permissão para que as coisas venham à luz por si mesmas, não tendo necessariamente que estar enquadradas em um horizonte predeterminado de cálculo.

Conforme já descrito, é o sentimento perturbador da angústia que possibilita a passagem da condição alienada da existência ao encontro do ser com seu modo de existir na autenticidade.

A angústia de que nos fala Heidegger é a que vai além de um conceito cientificamente entendido como estado psicológico, pois é capaz de tirar o homem do sono anestesiante da vida banal, onde está mergulhado nos afazeres, nos compromissos, no ritmo ditado pelo dia a dia (NAVES, 2009, p. 68-9).

Segundo Naves (2009), na perspectiva de Heidegger, a angústia não se confunde com medo e se aproxima de um ímpeto corajoso na medida em que o mundo vivido na inautenticidade se amplia para as possibilidades do vir-a-ser na autenticidade.

A construção da autenticidade pelo ser fundamenta-se na saída de um estreitamento do ser para a liberdade de escolha ciente de sua condição de abandonado no mundo e responsável pelas possibilidades de seu próprio vir-a-ser. A liberdade é guia do ser de projetos que se responsabiliza por si e pelas escolhas que faz. Para Naves (2009, p. 71),

A liberdade em si é algo intrínseco ao homem, mesmo que ele não tenha consciência de ser ela o primeiro caminho rumo à autenticidade. Contudo, quando desconexa da consciência, esta liberdade não se torna agente de alforria para o homem, antes mantém-no preso na vivência do que é cotidiano.

Portanto, o fato de ser livre permite ao homem fugir às responsabilidades e permanecer de acordo com o que é ditado externamente.

No tocante ao pensamento heideggeriano, podemos compreender a relevância da liberdade na construção do verdadeiro “eu”, como um ser-no-mundo único, plenamente capaz de edificar e rever, sendo sua vontade, o seu modo de ser existente, especialmente em um mundo contemporâneo marcado pelos ditames e necessidades do mercado globalizado e voraz, que não permite a individualidade das pessoas, mas que deseja a massificação e o nivelamento, tão desejado por aqueles que visam ampliar os seus mercados produtores, que criam novos valores e modismos, que instiga o consumismo e o sistema capitalista no seu todo, que não pensa no cuidado humano e seus valores, mas apenas na conquista de novos espaços comerciais (NAVES, 2009, p. 76).

Para Caetano (2008), o caminhar da existência para a morte revela ao ser o próprio mundo, e essa consciência da finitude mostra um mundo, o qual deve ser preenchido com significados. Além disso, o mundo é morada, estrutura ontológica do ser, base essencial do ser-aí que se constrói no tempo-espço vivido. Assim, cuidar do mundo é, em última

instância, cuidar de si mesmo. Para Heidegger, o cuidar é um fenômeno ontológico fundamental, ou seja, no fenômeno do cuidado (*sorge*), o homem preocupa-se com a sua própria existência e a existência em geral. Isso é possibilitado pelo fato do ser, enquanto presença, ser-no-mundo-com-outros, o que lhe possibilita a abertura para a convivência. O cuidado é o ser do *Dasein*, e é o seu *a priori*, ou seja, a condição de possibilidade, a abertura necessária, o espaço para o acontecer dos fenômenos.

Ainda a respeito do ser-com-outros, Martins Filho (2010, p. 64-5) nos diz que

[...] ocupação e preocupação são os dois modos de relacionamento entre ser-com e os demais entes. O ocupar-se com, não define o autêntico caráter ontológico de *Dasein*, como também, não se trata de sua plena manifestação, no que se refere ao seu modo de ser-com-os-outros e [...] ao contrário da ocupação, referida anteriormente, a preocupação possui caráter ontológico na medida em que expressa o autêntico modo de Ser-com-os-outros do *Dasein*. Contudo, na maior parte das vezes, o Ser-com mantém-se nos “modos deficientes” de preocupação. Nesse sentido, a preocupação não é exercida em sua autenticidade.

Para Naves (2009), a partir da preocupação, conceito heideggeriano que remete à inquietude do homem frente ao mundo e suas necessidades, interesses e atividades, o ser se mantém mergulhado na cotidianidade, afastado de suas reais possibilidades. Assim, se por um lado o *Dasein* pode realizar o projeto autêntico do ser, “a dimensão sociável do *Dasein* também o expõe ao aniquilamento de seu ser mais possível, de sua possibilidade mais verídica – a existência autêntica.” (NAVES, 2009, p. 67). Entenda-se, por cotidianidade, a existência humana balizada pelas experiências cotidianas de um homem absorvido pelo mundo, sem imprimir personalidade própria a suas próprias experiências, trata-se da condição de homem inautêntico.

Considerando a visão de ser-no-mundo do filósofo Martin Heidegger, cuja fenomenologia-hermenêutica sustenta as reflexões desta tese, podemos perceber que o ser humano que se traduz em palavras na relação com os outros, característica esta que o diferencia dos outros seres vivos, é a possibilidade de velamento e desvelamento do ser-aí na medida em que é por intermédio da palavra (pensada ou dita) que o ser-aí se impessoaliza ou realiza suas potencialidades na direção de tornar-se responsável e livre em suas escolhas enquanto ser histórico e mundano. Por esta pesquisa, envolver a subjetividade e a singularidade dos colaboradores e colaboradoras ouvidos em suas histórias de vida enquanto seres no mundo, a compreensão de seus relatos se dá sob a luz das ideias do filósofo alemão Martin Heidegger.

Dando continuidade ao nosso percurso, no próximo capítulo, explicitaremos o caminho metodológico percorrido e nossa fundamentação teórica nas bases da fenomenologia-hermenêutica.

Capítulo 3



CAPÍTULO 3 – O PERCURSO DA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

Neste capítulo, explicitaremos o percurso metodológico deste estudo. Elegemos o método qualitativo fenomenológico, sustentado pela fenomenologia-hermenêutica do filósofo Martin Heidegger para alcançar o objetivo deste estudo, qual seja, compreender o(s) significado(s) e sentido(s) atribuído(s) por homens e mulheres à escolha da vasectomia quando da realização do projeto de ter filhos.

Em primeiro lugar, o que é o método fenomenológico? Silva (2010) esclarece que a fenomenologia busca compreender o significado da experiência vivida, ou seja, de um fenômeno para o qual a atenção do pesquisador se volta. Para AmatuZZi (2007), diante do fenômeno, o método fenomenológico pretende ampliar a compreensão pelo desvelar do mesmo, cujo acesso se dá pelo que é dito do vivido, composto com palavra e, portanto, o pesquisador tem acesso ao vivido por meio de versões dele.

Já que a fenomenologia como método guarda uma postura compreensiva frente às experiências vividas, e sendo estas, fenômenos para os quais o olhar do pesquisador se dirige, entendemos que tal método mostra-se apropriado para nos auxiliar na compreensão do fenômeno aqui indagado.

3.1 O método fenomenológico

Na sequência, apresentaremos as ideias mais relevantes do método fenomenológico para melhor entendimento da constituição da fenomenologia como método de natureza qualitativa. A fenomenologia é um movimento filosófico iniciado ao final do século XIX por Franz Brentano e, no início do século XX pelo matemático e filósofo Edmund Husserl. Esta corrente filosófica contemporânea surge como proposta de uma terceira via entre o discurso especulativo da metafísica e o raciocínio das ciências positivas, em decorrência de uma crise das ciências da natureza como método de pesquisa. Essa terceira via é colocada como aquela que vem antes de todo raciocínio, colocando o conhecimento de algo no mesmo plano da realidade (ARANHA; MARTINS, 2009). Husserl dirigiu sua crítica, sobretudo, à maneira como a psicologia havia se apropriado dos métodos da natureza, aplicando-os sem considerar as diferenças entre seus objetivos (DARTIGUES, 1992). Sob influência de Franz Brentano, de

quem foi aluno, e sua obra “Psicologia do ponto de vista empírico”, Husserl estabelece a ideia de intencionalidade da consciência, ou seja, a consciência sempre se volta para algo, e essa relação entre consciência e mundo percebido é indissociável (BRUNS, 2007).

Husserl defende que a atitude fenomenológica frente ao mundo difere da postura natural e que, o pesquisador deve realizar uma mudança radical em seu olhar acerca do mundo por intermédio da redução fenomenológica (*epoché*), ou seja, colocar o fenômeno em suspensão de juízo de valores, colocar o fenômeno entre parênteses (BRUNS, 2007). Isto não significa uma neutralidade absoluta com relação ao fenômeno, mas garante um distanciamento de conhecimentos prévios e uma abertura para olhar o fenômeno como ele se apresenta na realidade (GILES, 1975).

Sustentado pelo método fenomenológico, o pesquisador deve abster-se de pressupostos e pré-concepções sobre a natureza do que está indagando. Isso não significa que parta de um vazio, e sim de suas dúvidas e questionamentos que caracterizam o pré-reflexivo (SANTOS, 2004).

Na pesquisa fenomenológica, no estudo de fenômenos sociais, o foco está nos significados construídos pelos sujeitos, o que significa dizer que o fenômeno precisa, em princípio, ser analisado na perspectiva dos próprios sujeitos, assim, o acesso às experiências pode se realizar por entrevistas fenomenológicas, as quais levam “as pessoas a descrever as suas trajetórias e a sua experiência no contexto de suas vidas e na das pessoas que as cercam” (SILVA, 2010, p. 280).

Para o fenomenólogo Martin Heidegger, o fenômeno é aquilo que se mostra e descrever terá o alcance de um trabalho de interpretação, o que possibilita o acesso ao sentido.

Descrever o fenômeno, o ser dado nas vivências, consiste em explicitar o sentido que nelas se encobre, assim como se explicita, por meio de uma interpretação, o significado original de um texto, de uma obra de arte ou de um produto histórico, em geral encoberto nas significações, e que o esforço hermenêutico desembaraça ou restitui (NUNES, 1992, p. 60).

Conforme já dissemos, na obra “Ser e Tempo”, Heidegger parte da questão fundamental acerca do sentido do ser, pela analítica do *Dasein*. O ser-aí designa o ser do homem concreto que é colocado em suspensão, como antes havia feito Husserl com os dados existenciais da consciência (HEIDEGGER, 2008a).

Nunes (2002, p. 11-2) afirma que, para a fenomenologia heideggeriana,

[...] a intencionalidade não é mais, como foi para Husserl, a propriedade fundamental da consciência, mas a direção para o ser compreendido, isto é, para o ser pré-descoberto, de que a consciência é o ponto de abertura. Sob esse novo ângulo, a fenomenologia adquire um porte ontológico, ou melhor, ela se torna ontológica. A fenomenologia é ontologia e, como ontologia, é uma hermenêutica, porque a descritividade fenomenológica tem o alcance de um trabalho de interpretação aplicado ao *Dasein* [...]

Conforme já descrevemos, o filósofo alemão leva em conta o ser inserido no mundo, o ser-no-mundo, e a existência analisada por Heidegger é cotidiana e pessoal e está sempre relacionada ao mundo e ao contato com os outros. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger nos remete à origem, em que hermenêutica remonta à palavra grega *hermeios* que significa a interpretação do sentido das palavras (BRUNS; TRINDADE, 2007). Portanto, a finalidade da pesquisa fenomenológica à luz da perspectiva heideggeriana é buscar compreender o(s) significado(s) (particular)(es) e sentido(s) (ontológico)(s) de determinado fenômeno, a partir da experiência humana como ela acontece no cotidiano. Segundo Roque (2006, p. 77),

[...] na contemporaneidade, [...] a teoria hermenêutica trata da problemática de uma teoria geral da interpretação, como metodologia das ciências humanas. Foi desenvolvida no início do século XX, por Dilthey, como uma metodologia da compreensão. A filosofia hermenêutica trata da base teórica para a investigação científica do sentido, rejeitando o “objetivismo”.

Levando-se em conta que, neste estudo, a análise está ancorada na hermenêutica do filósofo Martin Heidegger, concordamos com Silva (2010, p. 276) que afirma que “a descrição fenomenológica hermenêutica é uma interpretação do fenômeno” e, acrescenta que “o objetivo do pesquisador ao desenvolver uma pesquisa utilizando o método fenomenológico-hermenêutico é compreender os significados presentes no estudo para descobrir o seu sentido.” (p. 277).

Dando seguimento à descrição do método fenomenológico, o percurso proposto pela pesquisa fenomenológica constitui-se dos seguintes momentos de análise (BRUNS, 2007; HOLANDA, 2007):

Visão do todo da entrevista: é o momento em que o pesquisador tem acesso à experiência vivida como ela se mostra por intermédio do relato do sujeito (pela entrevista fenomenológica), entrando em contato com o fenômeno. Nessa etapa são realizadas a transcrição dos relatos dos colaboradores e colaboradoras, a leitura e releituras das entrevistas, a fim de nos familiarizarmos com a descrição das experiências vividas pelos sujeitos para apreendermos o sentido geral do fenômeno indagado.

Delimitação dos elementos significativos da experiência: consiste em discriminar e revelar as unidades de significado, ou seja, a partir da leitura dos relatos do(a)s colaboradore(a)s, há a reflexão acerca das vivências relatadas ao pesquisador e a identificação de unidades de significação nos relatos do(a)s entrevistado(a)s, ou seja, trechos das descrições que evidenciam os significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno indagado. Estabelece-se, então, uma relação empática com a situação vivida pelos entrevistados, e as unidades de

significado são apreendidas pelo pesquisador a partir da postura fenomenológica. É por intermédio da variação imaginativa (BRUNS; TRINDADE, 2007) que o pesquisador assume uma postura empática na relação com o(a)s depoentes e, colocando-se no lugar deles, busca compreender o fenômeno interrogado.

Compilação de pontos para uma síntese: transformação do discurso espontâneo em linguagem psicológica e inteligível. Nessa etapa, as unidades de significado apreendidas são agrupadas em categorias temáticas, apontando para convergências e divergências nos relatos dos entrevistados frente ao fenômeno em questão. Trata-se de uma elaboração entre a linguagem do(a)s depoentes e a formulação geral do pesquisador, e a colocação dos pontos de uma forma geral, buscando uma delimitação da estrutura da experiência vivida.

Discussão: É o caminho para o desvelar do fenômeno. Trata-se da sistematização consistente da experiência relatada pelos entrevistados, buscando compreendê-la para alcançar o(s) significado(s) e sentido(s) do fenômeno, ou a sua interpretação. É o momento de síntese em que se confronta o relato do(a)s colaboradore(a)s e os eixos teóricos que sustentam o olhar do pesquisador acerca do fenômeno em questão. Este ponto da análise leva à abertura de novos caminhos e de outros questionamentos. A análise compreensiva não tem como finalidade chegar a conclusões e sim a um alargamento da compreensão a respeito de algo.

Vale ressaltar que, sob o olhar da fenomenologia hermenêutica de Heidegger, os significados referem-se à experiência particular do sujeito, enquanto os sentidos remetem ao ser ontológico, à sua origem, ou, em última instância, ao ser enquanto parte de um contexto social, da humanidade.

Segundo Silva (2010), o pesquisador deve manter uma relação forte e orientada com a questão que norteia seu estudo e afirma que “uma interpretação é forte quando as experiências vividas se transformam em um texto que representa um modo de viver e uma maneira efetiva de agir”, assim, o pesquisador fenomenológico não deve perder de vista o referencial filosófico que fundamenta sua reflexão na busca da interpretação do fenômeno. A pesquisa fenomenológica (SILVA, 2010, p. 293)

[...] é uma forma de aprendizado profundo, levando a uma transformação da consciência, um aumento de percepção, da reflexão e do tato. É um processo sistêmico, mas singular, que ilustra experiências de pessoas de forma intersubjetiva. O todo e as partes são inseparáveis porque retratam experiências vividas que podem guardar certa familiaridade com a experiência de outras pessoas.

A finalização de um estudo fenomenológico, na confecção de um texto, cujos resultados sejam ricos em significados, deve possibilitar um diálogo entre leitor e texto, de maneira a contribuir para um processo reflexivo, embora não tenha a finalidade de esgotar completamente os significados de um fenômeno e, sim, ampliar o olhar sobre ele.

3.2 O acesso aos colaboradores e colaboradoras e a entrevista fenomenológica

Como já dissemos, esta pesquisa teve início a partir das inquietações despertadas na prática profissional como responsável pelo atendimento psicológico nos ambulatórios da Clínica Cirúrgica da Disciplina de Urologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

O Hospital das Clínicas da FMRP-USP iniciou suas atividades em 1956. Trata-se de um hospital universitário cuja missão se alicerça na prática da assistência, no ensino e na pesquisa em saúde. A área de atuação do hospital concentra-se no município de Ribeirão Preto e região, no entanto, ante suas características como hospital de referência para atendimentos complexos, recebe pessoas vindas de outros estados brasileiros e até mesmo de outros países. Os pacientes do HCFMRP-USP são acompanhados por equipes multidisciplinares comprometidas com a busca incessante das melhores técnicas para assisti-los e a humanização dos atendimentos. De acordo com o *site*¹⁴ da instituição, este hospital-escola realiza cerca de 2.500 consultas diárias, 60 cirurgias, 90 internações, seis mil exames laboratoriais e mais de sete mil pessoas, entre médicos, docentes, residentes, enfermeiros e pessoal de apoio trabalham para a consecução de tais demandas. O presente estudo se desenvolveu no HCFMRP-USP.

Desde 1998, o Hospital das Clínicas da FMRP-USP oferece a homens que desejam submeter-se à vasectomia aconselhamento psicológico anterior à realização da cirurgia. No Ambulatório de Vasectomia do Hospital das Clínicas, os homens ou casais que expressam o desejo em optar pela vasectomia, como método contraceptivo, são conduzidos da seguinte maneira:

1) consulta médica para avaliação da condição clínica do paciente para a realização da cirurgia e encaminhamento para aconselhamento psicológico do paciente e sua companheira, se houver;

¹⁴ www.hcrp.fmrp.usp.br (último acesso ao *site* em abril de 2011)

2) aconselhamento psicológico de casal, ou somente do homem, no caso de o mesmo ser solteiro ou viúvo. Vale destacar que embora a cirurgia de vasectomia não seja vedada a sujeitos sem parceira fixa, estes são exceções nesse ambulatório, comparecendo, geralmente, homens engajados em uniões conjugais. Em vista disso, vamos nos remeter aqui aos sujeitos que comparecem com suas parceiras para o aconselhamento, pois é desses colaboradores que esta pesquisa se ocupa. O aconselhamento psicológico do casal envolve a reflexão sobre os seguintes pontos:

2.1) motivos do casal para a escolha da vasectomia: aqui se dialoga com o casal sobre os significados que a opção pela vasectomia ocupa em sua vidas.

2.2) abordagem de aspectos legais e emocionais envolvidos em tal escolha, de acordo com a regulamentação do planejamento familiar no Brasil com a Lei 9.263 de 1996/97, Art.10¹⁵ (BRASIL, 1996).

¹⁵ Art. 10. Somente é permitida a esterilização voluntária nas seguintes situações:

I - em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos, desde que observado o prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico, período no qual será propiciado à pessoa interessada acesso a serviço de regulação da fecundidade, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce;

II - risco à vida ou à saúde da mulher ou do futuro concepto, testemunhado em relatório escrito e assinado por dois médicos.

§ 1º É condição para que se realize a esterilização o registro de expressa manifestação da vontade em documento escrito e firmado, após a informação a respeito dos riscos da cirurgia, possíveis efeitos colaterais, dificuldades de sua reversão e opções de contracepção reversíveis existentes.

§ 2º É vedada a esterilização cirúrgica em mulher durante os períodos de parto ou aborto, exceto nos casos de comprovada necessidade, por cesarianas sucessivas anteriores.

§ 3º Não será considerada a manifestação de vontade, na forma do § 1º, expressa durante ocorrência de alterações na capacidade de discernimento por influência de álcool, drogas, estados emocionais alterados ou incapacidade mental temporária ou permanente.

§ 4º A esterilização cirúrgica como método contraceptivo somente será executada através da laqueadura tubária, vasectomia ou de outro método cientificamente aceito, sendo vedada através da histerectomia e ooforectomia.

§ 5º Na vigência de sociedade conjugal, a esterilização depende do consentimento expresso de ambos os cônjuges.

§ 6º A esterilização cirúrgica em pessoas absolutamente incapazes somente poderá ocorrer mediante autorização judicial, regulamentada na forma da Lei.

Além do Art 10, os seguintes Artigos guardam os seguintes conteúdos:

Art. 11. Toda esterilização cirúrgica será objeto de notificação compulsória à direção do Sistema Único de Saúde.

Art. 12. É vedada a indução ou instigamento individual ou coletivo à prática da esterilização cirúrgica.

Art. 13. É vedada a exigência de atestado de esterilização ou de teste de gravidez para quaisquer fins.

Art. 14. Cabe à instância gestora do Sistema Único de Saúde, guardado o seu nível de competência e atribuições, cadastrar, fiscalizar e controlar as instituições e serviços que realizam ações e pesquisas na área do planejamento familiar.

Parágrafo único. Só podem ser autorizadas a realizar esterilização cirúrgica as instituições que ofereçam todas as opções de meios e métodos de contracepção reversíveis.

Os aspectos psicológicos relacionados à opção pela vasectomia devem remeter o casal à reflexão de seu planejamento familiar, números de filhos esperados, não planejados, impacto da chegada dos mesmos em suas vidas e possibilidades de perda da prole.

2.3) orientação relacionada à vida sexual após a cirurgia: esclarecimentos sobre a manutenção da vida sexual após a vasectomia, desfazendo informações equivocadas de que a cirurgia pode levar a quadros de disfunção sexual masculina;

2.4) orientações quanto a outros métodos contraceptivos: utilização de material didático impresso para elucidar a ação de outros métodos contraceptivos existentes e cientificamente indicados na evitação de uma gravidez indesejada;

2.5) possibilidades de arrependimento pós-vasectomia: são abordados com o casal situações hipotéticas de perda de um ou mais de seus filhos, já que após a esterilização cirúrgica haveria um dificultador, caso desejassem ter outro(s) filho(s) biológico(s). Para o futuro vasectomizado, é indagada a possibilidade de vir a se casar novamente no caso de perda ou separação da companheira atual e, então, desejar ter outros filhos biológicos;

2.6) leitura e assinatura pelo casal de Termo de Consentimento para a realização da vasectomia. Este documento fica anexado ao prontuário médico do paciente.

3) Não havendo impedimentos legais e/ou psicológicos para a realização da cirurgia, o paciente é reencaminhado para consulta médica para esclarecimentos adicionais sobre a vasectomia e o pós-cirúrgico, e então, o procedimento cirúrgico é agendado.

Retomando o acesso aos colaboradores e colaboradoras deste trabalho científico, estes foram encontrados na rotina do Ambulatório de Vasectomia referido. Realizamos pessoalmente o contato com os participantes do estudo e os convidamos a participar desta pesquisa, após a finalização do aconselhamento psicológico descrito anteriormente. O aconselhamento psicológico consiste em um processo de escuta ativa, individualizado e com foco no cliente, em que se estabelece uma relação de confiança entre interlocutores, em que se possibilita ao sujeito atendido resgatar seus próprios recursos internos, podendo, assim, reconhecer-se como protagonista de sua própria saúde e transformação (BRASIL, 2000).

Fornecidas informações, sobre o presente estudo científico, àqueles que concordaram em participar, era agendada a entrevista fenomenológica no mesmo período em que teriam de retornar ao hospital para consulta médica para esclarecimentos finais e agendamento da cirurgia, respeitando, assim, a aceitação e disponibilidade dos participantes. Dos 20 casais convidados, somente um casal não quis participar e com dois deles as entrevistas não

chegaram a ser feitas, já que não foram localizados no ambulatório na data e hora, previamente, agendadas. Entre os 17 casais que concederam seus relatos em entrevista, a partir de uma questão norteadora, um foi retirado do quadro de colaboradores já que a gravação do depoimento do sujeito não ocorreu por falha no gravador. Portanto, foram efetuadas entrevistas com 16 casais, ou seja, 32 entrevistas individuais, com 16 homens e 16 mulheres, a partir da questão norteadora “Fale para mim sobre seu relacionamento conjugal (ou afetivo-sexual) atual, levando-se em conta sua infância, adolescência, vida adulta, o casamento, culminando com a escolha pela vasectomia como método contraceptivo.”

Os critérios para inclusão/exclusão do(a)s colaboradore(a)s estão diretamente ligados aos objetivos de nossa pesquisa e definem o seguinte perfil de colaboradore(a)s:

1. Casais que se encontram na faixa etária variando entre 25 e 45 anos, o que se enquadra na média de idade de homens e mulheres que buscam pela vasectomia como contraceptivo em pesquisas científicas citadas neste estudo. Casais que tenham filhos somente na união conjugal atual.

2. Casais contatados no Ambulatório de Vasectomia logo após aconselhamento psicológico e eletivos para a realização da esterilização cirúrgica (vasectomia).

3. São critérios de exclusão, homens e mulheres sob efeito de uso de bebida alcoólica, drogas, estados emocionais alterados ou incapacidade mental no momento da entrevista.

Dos 16 casais entrevistados, cinco foram submetidos ao Exame de Qualificação, como parte do processo de Doutorado e, no decorrer da análise compreensiva, percebemos que os critérios de saturação e de inclusão/exclusão apontaram para a determinação final de seis casais a serem analisados no presente estudo qualitativo. No decorrer da análise dos depoimentos, pudemos perceber a convergência e repetição dos relatos o que nos apontou o ponto de saturação em 12 entrevistados, seis homens e suas respectivas companheiras, sendo os cinco casais submetidos ao exame de qualificação e mais um casal, considerando a ordem cronológica em que os casais foram entrevistados.

Rezende (1990) enumera seis características que devem estar presente na estrutura do discurso fenomenológico: ser significativo, pertinente, relevante, referente, provocante e suficiente. Incluem-se no adjetivo significativo os aspectos do discurso que definem o fenômeno; pertinente está ligado ao que realmente integra a estrutura significativa do

fenômeno; a característica relevante é a articulação com os aspectos significante e pertinente descritos, buscando seu lugar no mundo; referente porque deve estar contextualizado no mundo na perspectiva de tempo e espaço; provocante em relação aos sentidos descritos a partir do fenômeno para o sujeito na interface com outras possibilidades de significado acerca do fenômeno; e, suficiente já que o texto fenomenológico se dirige a ampliar a compreensão do fenômeno indagado, sem se propor a esgotá-lo completamente em seus sentidos. Elencando essas seis características, o autor nos mostra a dimensão estrutural do fenômeno que se quer compreender.

As entrevistas ocorreram nas dependências ambulatoriais do hospital, em sala que garantia a privacidade entre pesquisadora e colaboradore(a)s. Todas as entrevistas foram gravadas com a anuência do(a)s participantes. Na oportunidade, foram esclarecidos os objetivos e a relevância da pesquisa, assim como sua participação voluntária, não interferindo na continuidade de seu acompanhamento hospitalar, além da garantia do anonimato dos sujeitos nos resultados do estudo e o sigilo quanto à identidade dos mesmos nos documentos da pesquisa. Após as explicações iniciais, foi realizada leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e assinado pelo(a)s participantes. Em seguida, o(a)s entrevistado(a)s responderam ao Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2008) (ANEXO A) e a um questionário semiestruturado para caracterização do(a)s colaboradore(a)s da pesquisa (APÊNDICES A/B). O CCEB tem a função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, sem a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”, a divisão é feita exclusivamente em classes econômicas. Já o questionário semiestruturado contém as seguintes informações para caracterização do perfil de cada colaborador(a): data de nascimento, escolaridade, profissão, idade de início de atividades profissionais, estado civil, número de filhos e sexo dos mesmos, com quantos anos teve o primeiro filho, religião, breve relato da condição socioeconômica desde o início da união conjugal até hoje.

Conforme descrição prévia, as entrevistas foram mediadas pela questão norteadora “Fale para mim sobre seu relacionamento conjugal (ou afetivo-sexual) atual, levando-se em conta sua infância, adolescência, vida adulta, o casamento, culminando com a escolha pela vasectomia como método contraceptivo.” Elas foram gravadas com a permissão de todo(a)s o(a)s participantes. Os relatos foram obtidos por meio da técnica de história oral e, posteriormente, transcritos na íntegra, conservando, assim, a linguagem do(a) participante.

As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo a entrevista do homem anterior à de sua companheira. Isso se deveu ao fato de que o paciente estava no ambulatório para

consulta médica e após a entrevista, e enquanto sua parceira era entrevistada, era atendido pelo médico no ambulatório. As entrevistas tiveram duração aproximada de 50 minutos, e cada participante foi entrevistado(a) uma única vez. Sempre que um(a) participante expressava uma palavra, ou frase, que tivesse um significado muito amplo ou deixasse dúvida, dificultando a compreensão, eram solicitados esclarecimentos, e a questão norteadora era retomada.

As entrevistas foram gravadas em fitas de áudio cassete e, posteriormente, transcritas com base nas orientações para transcrição de Preti (1993), de acordo com o Quadro 1.

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	MAIÚSCULA
Prolongamento de vocal e consoante (como s, r) podendo aumentar para mais ou para menos
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --
Superposição, simulação de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto	(...) ou [...]
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”

Quadro 1 – Modelo de orientações para transcrição

Realizamos as transcrições dos relatos de nosso(a)s colaboradore(a)s na íntegra e não os incluiremos no corpo desta tese, tendo em vista nosso compromisso em preservar o anonimato de nosso(a)s entrevistado(a)s.

Nesta pesquisa foi utilizada a história oral de vida. A utilização da história de vida visa a alcançar a visão de uma pessoa acerca de suas experiências subjetivas em um período de tempo ou um evento ou sequência deles, sobre os quais o entrevistado faz uma descrição em primeira pessoa (MOREIRA, 2002). A história de vida possibilita a abertura para que o entrevistado explore todos os aspectos de suas vivências em que o assunto indagado estiver relacionado. Além disso, a história oral vai ao encontro da perspectiva de Heidegger, pois este compreende o homem como uma unidade de estruturas ontológicas que se constituem no tempo vivido, ou seja, em sua existência como um todo (SANTOS, 2006). Para Moreira (2002, p. 55-6), “o objetivo do pesquisador é registrar as histórias dos sujeitos tal qual eles as contam, a sua ‘definição da situação’”.

Assim, a história oral de vida neste estudo é coerente com a perspectiva fenomenológica-hermenêutica que busca informações, significados e sentidos, a partir do fenômeno como ele se mostra, das vivências dos sujeitos na sua maneira singular de ser.

Segundo Thompson (1992), a entrevista livre tem como objetivo possibilitar o registro da subjetividade do sujeito que olha para sua própria vida e experiências e as traduz pela linguagem.

3.3 Considerações éticas

De acordo com a Legislação Federal, pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional em Ética e Pesquisa, e pelo compromisso ético enquanto profissional, esta pesquisa foi submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do HCFMRP, da Universidade de São Paulo, por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, visando, com isso, a preservar os participantes deste estudo de quaisquer prejuízos físicos e morais.

Para que tal procedimento se efetivasse, uma cópia do projeto de pesquisa original juntamente com um modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados àquele Comitê de Ética, enfatizando, em carta de solicitação pró-submissão de análise, o sigilo de todos os nomes e particularidades dos sujeitos. Além disso, explicitando que os

relatos do(a)s colaboradore(a)s se destinam exclusivamente para estudo científico. Assim, somente após a análise e aprovação do Comitê de Ética, foi iniciada a realização das entrevistas com o(a)s colaboradore(a)s deste estudo científico. O ofício de aprovação do projeto nº4326/2007 que resultou nesta tese, aprovado pelo CEP do Hospital das Clínicas da FMRP-USP, refere-se ao processo HCRP nº8601/2007 (ANEXO B).

Na sequência, apresentamos um quadro com o perfil do(a)s colaboradore(a)s no momento da entrevista.

3.4 Perfil do(a)s colaboradore(a)s

Casal	Nome* (Fictício)	Idade (anos)	Escolaridade	Tempo de união	Nº	Filhos	Religião	M. C. U.	C.C.E.B.
						Sexo			
1	Cristiano	38 (b)	E. M. C.	20 anos	3	1 F (19a)	Evangélica	ACO e preservativo esporádico	B2
	Adriana	40 (b)	E. M. C.			2 M (14a; 1a 6m)			
2	José	41 (b)	E. M. I.	18 anos	2	2 M (18a; 13a)	Católica	ACO	B2
	Leda	36 (b)	E. M. C.						
3	Valdir	38 (b)	S.C.	7 anos	2	2 M (5a; 3a)	Espírita	ACO	B1
	Helena	42 (b)	S.C.				Católica		
4	Sérgio	31 (b)	E. M. C.	2 anos	2	2 M (6a; 1a)	Espírita	ACO	B2
	Cláudia	31 (b)	S. C.						
5	Rogério	35 (n)	E. F. I.	8 anos	3	1 F (8a)	Católica	ACO	C2
	Carla	32 (n)	E. F. I.			2 M (7a; 4a)			
6	Carlos	38 (b)	E. M. C.	12 anos	2	2 F (8a; 4a)	Católica	Preservativo	B2
	Vera	33 (p)	E. M. C.						

Legenda – M.C.U.: Método Contraceptivo Utilizado; C.C.E.B.: Critério de Classificação Econômica Brasil (2008); b: branco(a); p: pardo(a); n: negro(a); ACO: Anticoncepcional Oral; M: Masculino; F: Feminino; E.F.I.: Ensino Fundamental Incompleto; E.M.I.: Ensino Médio Incompleto; E.M.C.: Ensino Médio Completo; S.C.: Superior Completo.

* todos os nomes são fictícios para preservar a identidade do(a)s colaboradore(a)s deste estudo.

Quadro 2 – Perfil sociodemográfico dos casais colaboradores após a escolha da vasectomia

De acordo com o Quadro 2, no momento da entrevista, a idade dos entrevistados variou de 31 a 41 anos, enquanto a faixa etária das entrevistadas foi de 31 a 42 anos. Quanto à religião, dois casais se declararam católicos, um evangélico, um espírita e houve um casal em que o homem declarou-se católico enquanto a esposa evangélica e um em que ele se apresentou como espírita e ela, católica. Em relação à escolaridade, apenas um casal tem nível superior completo, dois casais têm ensino médio completo, e um tem ensino fundamental incompleto. Entre os outros dois casais, as mulheres têm grau de instrução maior que seus companheiros. O tempo de união conjugal variou de dois a 20 anos, sendo que quatro casais estão casados e os outros dois mantêm união estável. Quatro casais têm dois filhos, enquanto os outros dois possuem três filhos. Declaram não ter outros filhos biológicos de outros relacionamentos afetivo-sexuais e/ou filhos adotivos. A idade dos filhos variou de um a 19 anos.

Quatro casais entrevistados fazem uso do anticoncepcional oral e um, do preservativo masculino. Outro casal utiliza o anticoncepcional oral combinado com o uso esporádico do condom.

A classificação econômica variou de B1 a C2. Duas colaboradoras não têm atividade profissional, dedicando-se às tarefas domésticas, enquanto os outros sujeitos têm atividade laboral. Entre os homens encontramos: funcionário público, trabalhador rural, oficial administrativo, fiscal de clube, representante comercial e engenheiro agrônomo. Já as mulheres dedicam-se às seguintes atividades profissionais: técnica em informática, auxiliar de faturamento, gerente de vendas e educadora física.

Apresentados nossos colaboradores e colaboradoras, neste ponto de nossa jornada, caminhamos em direção à compreensão do fenômeno estudado. É importante ressaltar que o desvelar do fenômeno perpassa pelo olhar de quem o observa. Assim, neste desvelar, nossa intencionalidade na relação com o mundo está presente. Dito isto, a partir dos relatos de nosso(a)s colaboradore(a)s, o leitor que nos acompanha poderia acrescentar infinitas outras categorias e unidades de significado além das que se seguirão nesta análise compreensiva. Embora essa seja uma limitação que se coloca, não é impedimento para continuarmos no percurso em direção ao desvelamento do fenômeno.

A seguir, apresentamos o perfil dos colaboradores e colaboradoras desta pesquisa científica e destacamos que todos os nomes reais foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

Capítulo 4



CAPÍTULO 4 – EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO DO FENÔMENO: CATEGORIAS TEMÁTICAS E UNIDADES DE SIGNIFICADO

[...] buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

Lya Luft

Seguindo na direção da compreensão do(s) significado(s) e sentido(s) da escolha da vasectomia como método contraceptivo por casais heterossexuais, utilizando o método qualitativo fenomenológico-hermenêutico, buscamos aprofundar acerca da complexidade que envolve o fenômeno que indagamos. Para isso, a análise compreensiva das entrevistas realizadas com nossos colaboradores e colaboradoras, após a transcrição integral, e leitura e releitura das mesmas, foi realizada pela categorização por temas, que incluem cinco dimensões. Ressaltamos, ainda, que este estudo não se propõe a generalizações e sim a um aprofundamento do fenômeno, a partir do relato de nossos entrevistados e entrevistadas.

4.1 Categorias temáticas

4.1.1 Categoria 1 – Temporalidade da infância

4.1.2 Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

4.1.3 Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

4.1.4 Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

4.1.5. Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

4.1.1 Categoria 1 – Temporalidade da infância

Nesta dimensão, explicitaremos as percepções de nossos colaboradores e colaboradoras a respeito da infância por eles vivida. As memórias, experiências e aprendizados, sobretudo nas relações familiares.

4.1.2 Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

Neste item, apontaremos as unidades de significado que aparecem nos relatos e se referem à adolescência de nosso(a)s entrevistado(a)s.

4.1.3 Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

Nesta categoria, refletiremos acerca do processo de construção do relacionamento conjugal, levando-se em conta o paradigma patriarcal, as repercussões do feminismo e os papéis de gênero na relação conjugal contemporânea. Além disso, procuraremos apontar, também, a vivência afetivo-sexual dos casais.

4.1.4 Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Neste ponto, destacaremos a relação do(a)s participantes com a família de origem (sobretudo com as figuras parentais) e a educação dos filhos, sob a perspectiva da transmissão transgeracional.

4.1.5 Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Aqui nos dedicaremos aos significados atribuídos por nossos sujeitos à escolha da vasectomia como método contraceptivo. Para tanto, relataremos as unidades de significado do(a)s colaboradore(a)s que nos remetem ao motivo da escolha, ideias sobre planejamento familiar, informações sobre contracepção e a realização do projeto de ter filhos.

Nesta pesquisa optamos por analisar as entrevistas aos pares, ou seja, por casal, já que suas histórias se entrecruzam em significados. Assim, poderemos desvelar convergências e/ou divergências em suas falas. Antes da apresentação das unidades de significação dos casais, apresentaremos um perfil sociodemográfico de cada um e um perfil do casal no momento da entrevista. Então, passemos a palavra aos nossos entrevistados e entrevistadas.

4.2 Perfil dos casais e análise compreensiva das entrevistas

4.2.1 Perfil do casal 1: Cristiano e Adriana

Cristiano, 38 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, funcionário público, declara-se evangélico, está casado com Adriana há 20 anos e tem três filhos biológicos deste relacionamento, uma menina, com 19 anos, e dois meninos, um com 14 anos e outro com um ano e seis meses.

Adriana, 40 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, do lar, declara-se evangélica, está casada com Cristiano há 20 anos e tem três filhos biológicos deste relacionamento, uma menina, com 19 anos, e dois meninos, um com 14 anos e outro com um ano e seis meses.

Os pais de Cristiano se separaram quando ele contava com dois anos. Passou a morar com sua mãe e começou a trabalhar aos dez anos para ajudar na subsistência da família, durante o segundo casamento da genitora. Adriana viveu uma infância com seu pai, mãe e irmã mais velha,

entre muitas brincadeiras de criança. Aos 18 anos começou a namorar Cristiano. Na ocasião, a mãe da colaboradora, preocupada com a possibilidade de Adriana iniciar vida sexual e vir a engravidar, já que isso havia acontecido com a irmã mais velha de Adriana, passou a repreendê-la e por diversas vezes a mandava sair de casa, o que culminou com a expulsão da entrevistada da casa de seus pais, quando foi morar com a família de Cristiano, aos 19 anos. O colaborador relata que a recebeu e se responsabilizou por ela porque, embora ela não estivesse grávida, eles já tinham vida sexual ativa. O entrevistado conta que, após a separação de seus genitores, reencontrou seu pai quando estava com 14 anos e era como se fossem estranhos um para o outro. Atualmente, Cristiano tem atividade laboral remunerada, e Adriana cuida dos afazeres domésticos e dos filhos. O casal tem três filhos, sendo que a gestação do mais novo gerou divergências entre eles já que o colaborador havia dito que não queria outros filhos e colocou a culpa pela gravidez em descuido/propósito de Adriana, visto que o casal fazia uso esporádico de preservativo masculino e a colaboradora usava anticoncepcional oral regularmente. Cristiano sugeriu que Adriana praticasse o aborto e somente começou a ajudá-la no enxoval da criança depois do sexto mês de gravidez, após assistir a um ultrassom do bebê. No momento atual, Cristiano se considera parecido com seu pai já que tem se isolado e se distanciado cada vez mais de seus filhos, por estes não corresponderem às expectativas que tinha para a vida deles. Relata que sua filha mais velha anunciou há seis meses que vai se casar e parou de estudar e o filho do meio também não se empenha na escola e quase foi reprovado. Cristiano acrescenta que em relação ao terceiro filho tem lutado para ser carinhoso, mas não é como os dois primeiros, já que não queria mais ter filhos. Adriana relata que sempre foi mediadora entre as necessidades dos filhos e o marido, tendo que pedir e comunicar a este o que lhe era transmitido pelos filhos. Ambos concordam que a escolha da vasectomia é o melhor caminho, e outra gravidez poderia levar ao fim do casamento.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

Na categoria temporalidade da infância, o colaborador assinala:

A infância foi difícil...porque hoje o adolescente começa a trabalhar com vinte, dezoito anos, eu comecei muito cedo (dez anos, na roça), eu tinha que ajudar a minha mãe [...] – Cristiano

Podemos observar, no relato do colaborador, o trabalho infantil e as responsabilidades assumidas no auxílio da subsistência da família desde tenra idade. Considerando que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi instituído em 1990 (BRASIL, 1990), o

entrevistado refere sua condição de criança em uma temporalidade em que tais direitos conquistados por crianças e adolescentes com o ECA ainda não eram uma realidade, exemplificando o período de profundas mudanças ocorridas nas leis brasileiras quanto à proteção da criança e do adolescente nos últimos 20 anos. Como já pontuamos no capítulo 1, no item “Horizontes das leis brasileiras, planejamento familiar e relações de gênero”, diversas foram as alterações em nossas leis desde a Proclamação da República no Brasil (1889), muitas delas dirigem-se a garantir equidade de direitos e deveres entre homens e mulheres com diferentes orientações sexuais, além de proteção a mulheres, crianças e idosos contra qualquer tipo de violência e abuso. Embora tais leis ainda não se traduzam em um respeito pleno a mulheres, crianças e idosos, já apontam uma mudança na compreensão de suas necessidades e direitos.

Sobre a infância, Adriana diz:

Eu brinquei bastante na minha infância e adolescência...(risos)...até quatorze, quinze anos ainda na rua, de bets, então, assim, eu aproveitei bastante...pra mim sempre foi...fora [...] problemas financeiros na família sempre teve, mas não tem assim do que reclamar muito não [...] – Adriana

A colaboradora descreve uma infância com pais protetores e na inocência das brincadeiras de criança.

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

Verbalizando sobre suas memórias da adolescência o entrevistado diz:

[...] minha mãe era muito sistemática, ela começou deixar eu sair de casa pra ir no cinema, pra ir numa praça com dezesseis anos pra dezessete anos, quer dizer, um ano e meio depois eu tava casando [...] – Cristiano

Quanto ao casamento, ainda na adolescência, Cristiano afirma que o motivo de seu início foi o fato de que Adriana havia sido expulsa de casa por não ser mais virgem, já que eles haviam tido as primeiras experiências sexuais.

[...] ela foi pra minha casa, né?! E, como, assim, a gente tinha tido relações sexuais, mas ela não tava grávida, a gente tinha se prevenido, como eu sempre fui muito responsável eu falei ‘não, fica aí’, se teu pai...vai fazer falta um prato de comida pro teu pai ‘fica aí que eu acho que dá pra mim te sustentar’, e a gente começou assim, sem base nenhuma, sem ter

conversado, sem ter combinado...cheguei em casa e ela tava lá...e a gente ficou junto. – Cristiano

Na direção da compreensão do fenômeno, o discurso do colaborador evidencia uma postura, diante da expulsão de Adriana da casa paterna, de corresponsabilidade por um ato realizado a dois (referimo-nos ao início da atividade sexual quando eram namorados). Levando-se em conta que o namoro dos entrevistados ocorreu no final da década de 1980, notamos que o colaborador via em Adriana sua parceira sexual e também sua companheira, com quem viria a ter filhos e vida em comum.

Souza-Leite e Bruns (2010) destacam que a década de 1960 foi marcada por eventos importantes, entre os quais, a contracultura, questionadora dos valores vigentes e instituídos na cultura ocidental e que levou a uma maior liberação sexual. Além disso, o surgimento da pílula (anticoncepcional oral) trouxe consigo uma liberdade à mulher na expressão de sua sexualidade. Na mesma década, o Movimento Feminista trouxe à pauta a questão da (des)igualdade de direitos entre homens e mulheres. A postura do entrevistado em assumir o relacionamento merece atenção já que os papéis de gênero no namoro, na temporalidade de nossos sujeitos, sofria influência das gerações anteriores assinaladas fortemente pelo paradigma patriarcal em que, em geral, os homens faziam distinção entre a mulher para ter relações sexuais e aquelas para namorar. Como adolescentes que eram, aparecem como precursores de mudanças que estavam ocorrendo nos relacionamentos afetivo-sexuais, como, por exemplo, a iniciação sexual da mulher antes do casamento. Além disso, o uso do anticoncepcional oral para evitar uma gravidez indesejada também está presente no relato do entrevistado, separando a prática sexual por prazer e para procriar. Na temporalidade da adolescência do casal entrevistado, em muito, ainda era a mulher quem deveria se responsabilizar e arcar sozinha com as consequências de sua iniciação sexual fora (e antes) do casamento, como no caso, a expulsão de casa. Não era uma regra o rapaz assumir-se como corresponsável pelo relacionamento afetivo-sexual. Em geral, o controle da práxis do ato sexual era de responsabilidade única da garota. Isso corrobora os dizeres de Badinter (2005) de uma crescente flexibilização dos papéis de gênero na atualidade. Nessa direção, mulher e homem podem assumir o relacionamento como coautores de uma obra a ser construída a quatro mãos.

Na perspectiva heideggeriana, Martins Filho (2010, p. 72) afirma que no modo de existir inautêntico o ser não vive como si mesmo, mas como os outros vivem, enfim o impessoal “escapole quando a situação lhe exige decidir”, enquanto a autenticidade implica

em se responsabilizar pelas próprias escolhas. Tal pensamento vai ao encontro de nossa compreensão de um modo de existir do casal entrevistado, cuja responsabilidade é tomada para si mesmo e construída em coautoria na relação a dois.

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

No que se refere à temporalidade da união conjugal, acerca do início do casamento, Cristiano afirma, apontando-nos a condição socioeconômica do casal:

A gente casou, a gente não tinha nada...quando falo nada, é NADA mesmo, nem cama, nem fogão, NADA...a responsabilidade total desde o começo, mas eu sempre fui centrado nas coisas que eu assumo...e aí a gente começou a construir. (a vida em comum) – Cristiano

Falando dos meses que se seguiram ao casamento e a aceitação de seus pais, Adriana diz:

[...] quando eu casei, eu e meu esposo...a gente morava...no fundo da casa da minha mãe, era mais difícil, a gente não tinha...no começo nenhuma condução, nada... – Adriana

Para Heidegger (1981), a expressão *a gente* (verbalizada pelo casal) remonta à impessoalidade, a gente refere-se ao modo de existir ontológico pautado na inautenticidade. O filósofo acrescenta que a essência do ser-aí se dá na existência, e que a impressão que temos de que algo já nos era constituído antes de nos inserirmos no mundo refere-se à *facticidade* do ser de estar absorvido pelo mundo e dele (externamente ao *Dasein*) se inundar de significados disponíveis pela cultura no tempo histórico em que se vive. Portanto, “*a gente não tinha nada*” parece nos comunicar, também, um (re)início, enquanto possibilidade do ser-aí se (re)inserir no mundo com os outros, a partir da conjugalidade.

Além disso, quando ambos verbalizam que “*a gente não tinha nada*” referem-se a bens materiais como eletrodomésticos, carro e casa próprios. O início do relacionamento conjugal, que inclui o morar junto, implica numa série de mudanças na vida do casal que se forma. Segundo Chauí (1984), a partir do século XVIII, a família conjugal que se encapsula no seio doméstico em suas próprias necessidades e privatiza-se, acompanhando a privatização da propriedade e da apropriação do produto do trabalho no crescente processo de industrialização à época, tem, na realização do projeto de ter filhos e na transmissão dos bens conquistados na vigência da vida em comum, seus objetivos principais. Nossos entrevistados

(herdeiros desse modelo de família e situados na contemporaneidade) nos informam que no princípio do casamento nada tinham e, na sequência, Cristiano nos relata (na temporalidade do presente) a dificuldade em aceitar um terceiro filho dada a responsabilidade que isso implica, ou seja, oferecer condições materiais de subsistência aos familiares.

Hoje eu comecei a fazer faculdade, vou fazer engenharia, comecei faz três dias, mas, mais uma vez não é pensando em mim porque eu penso assim...oh, e agora nem eles (esposa e filhos) sabem que eu penso assim...meu salário...(por volta de dois salários mínimos), é o que eu tenho pra sustentar três filhos e uma esposa...Se amanhã nem esse (salário) eu ganhar...como eu sustento esse povo? Então, eu vou fazer faculdade, mais uma vez, cinco anos, não é pensando em mim, porque se fosse pensando em mim, eu...largaria mão de tudo assim e ia embora, sei lá, fazia uma loucura. – Cristiano

Segundo Cristiano, sua esposa e filhos não participam de suas preocupações com o trabalho, fazendo uma distinção entre o espaço doméstico e o público (do trabalho). Em outro trecho, ainda referindo-se ao seu momento atual, expõe seus planos de adquirir bens para deixar aos filhos.

[...] porque eu tinha comentado com a minha esposa, eu falei 'oh, a minha meta nesses (próximos) quatro anos [...] é o seguinte, já que (vou) ganha(r) um pouco mais, é comprar dois terrenos, um pra minha filha e um pro meu filho mais velho'...e aí cê percebe que mais uma vez não dá certo, não vai dar certo, uma que ela (filha) não vai ter paciência de esperar (pois vai se casar) e, cê ia comprar terreno, cê vai ter que ajudar a pagar aluguel, cê vai ter que ajudar fazer FESta e aí cê se frustra [...] – Cristiano

Sobre a *cotidianidade* da convivência conjugal e a divisão de papéis entre ela e o marido, Adriana expressa:

[...] meu esposo ele é assim, ele põe as regras dele e tem que ser aquilo que ele quer, você não pode ir contra ele, se você contrariar ele aí é...então cê tem que aprender a co...ou você convive assim ou você não aguenta [...] – Adriana

Podemos notar, no relato da entrevistada, as dificuldades no relacionamento e as ressonâncias de um modelo patriarcal em que o homem tinha o lugar de autoridade máxima do lar. Se por um lado, o casal demonstra uma flexibilização na maneira de se relacionar, lançando luz a possibilidades alternativas de convivência conjugal e de ser-no-mundo-com-outro na conjugalidade, saindo dos estereótipos do patriarcado, por outro, denotam resquícios de modelos sociais transgeracionais quanto aos papéis de gênero. Tal transição e flexibilização de valores e papéis de gênero aparecem sob a forma de reflexão do entrevistado, na temporalidade do presente, acerca de seu papel frente à sua família:

[...] você projeta as coisa e organiza as coisa na sua cabeça e parece que nunca acontece daquela forma (refere-se à esposa e aos filhos)...e aí, cê meio que se frustra...eu sou bom projetista (no trabalho), bom encarregado..., mas na minha família eu fico meio que em dúvida se eu fui...e aí que me frustra... eu sou trabalhador, que entro às sete, saio às cinco, eu cumpro horário, sou honesto, faço as coisas correta, eu erro igual a todo mundo, mas eu assumo meu erro, tenho meus defeito igual a todo mundo, mas eu consigo passar a imagem assim do que é certo e do que é errado e eu acho que eu não consegui passar isso pra minha família. – Cristiano

Segundo Giffin e Cavalcanti (1999), a emancipação feminina e a sua participação crescente como força de trabalho desencadearam um questionamento da identidade tradicional masculina no papel de provedor e manutenção da autoridade na família. No relato do colaborador, o momento presente, de escolha da vasectomia, aparece acompanhado de um questionamento sobre o sentido da própria existência que clama por um replanejamento de acordo com as próprias necessidades e na constatação de que os outros (sejam os filhos, seja a esposa) têm necessidades e desejos próprios e singulares e o frustram na medida em que se diferenciam, assumem suas próprias individualidades e protagonismo na vida.

No desvelamento do fenômeno que indagamos, percebemos que o projetar (e organizar) a vida familiar e conseqüente frustração quando isso não se realiza, vai ao encontro da compreensão de Dantas, Sá e Carreteiro (2009), quando se referem ao pensamento heideggeriano, em que na contemporaneidade podemos observar uma tentativa de velamento da angústia por intermédio do planejamento e controle excessivo dos eventos da realidade. Vale notar que, em outra unidade de significação já pontuada, o entrevistado, quando vislumbra entrar em contato com a angústia (velada) mas que nele habita, fala em fugir, fazer uma loucura. Entretanto, para Heidegger (2008a) é, exatamente, na vivência da angústia existencial que o ser-no-mundo pode se abrir para uma vida na autenticidade enquanto protagonista em seus projetos.

Sobre o passar dos anos de vida conjugal em comum, o entrevistado expõe:

Tudo que a gente conseguiu foi bem difícil e é bem difícil porque o salário não é muito... sempre foi muito apertado e sempre é muita pressão porque você sempre quer dar mais pra família [...] – Cristiano

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), o homem contemporâneo, instigado pela lógica capitalista e neoliberal é formado para ser consumidor e formar novos consumidores. O capital, adquirido pelo trabalho, reverte-se em bens (materiais) que visam a suprir as necessidades e desejos humanos. Entretanto, a busca sempre urgente em consumir e descartar utensílios (como é designado por Heidegger tudo com o qual o ser-no-mundo se relaciona

com superficialidade) leva a um desgaste do próprio ser que, em algum momento, se cansa e se questiona sobre os significados de suas próprias atitudes (CAETANO, 2008). Nessa direção, nosso entrevistado, referindo-se ao seu casamento no momento atual, afirma:

[...] chega um tempo na sua vida que você se cobra porque que cê se...(pausa) porque você abdicou tanto da tua vida em função de outra pessoa, né?! Nos últimos tempos eu tenho refletido muito sobre isso, porque assim, eu fiquei vinte anos da minha vida vivendo em função da minha esposa e dos meus filhos...nunca pensei em mim...só que, assim, a idade vai chegando você se pergunta assim, 'você deixou de fazer tanta coisa, mesmo junto com ela, sair, ir num bar, beber um refrigerante, conversar, gastar mais tempo com a vida social do que com problema, né?!' – Cristiano

Pensando sua temporalidade atual, continua:

Acho que no meu ritmo eu tenho vontade de fazer alguma loucura, deixar o trabalho, ir embora, pegar...não deixar a família, mas pegar a família e ir embora lá pro Nordeste, viver numa cidade bem pequenininha onde não tenha pressão, que o mais pesado seja pescar e vender o peixe, entendeu? Mas eu não sei se eu vou...(o celular do entrevistado está vibrando)...você viu que tenho dois celular?! (ambos do trabalho) – Cristiano

E diz, ainda:

[...] eu acho que essa pressão que eu tive a vida inteira, assim de casar com dezoito, ter que sustentar a esposa e filho(s)...e também quando você tem um cargo de chefia...você tem que lidar com problema de funcionário, tem que saber contornar o problema que ele teve com a família também, você não pode explodir com ele, mas cê também não pode explodir em casa, né, então, eu sempre guardei todos os meus problemas (do trabalho), eu sempre guardei comigo. – Cristiano

O entrevistado parece corresponder a um ritmo que se relaciona com as demandas da contemporaneidade, a qual Lipovetsky e Serroy (2011) chamam de hipermodernidade, ritmo explicitado no fato de ele estar com dois celulares que tocam e o solicitam o dia todo. O relato nos remete, também, ao enfado e à insatisfação frente a essa realidade que o solicita, que não para, cambiante, e paradoxalmente, sem sentido, sem diálogo e que clama por rompimento, por um corte. O contato com a finitude da vida o faz refletir profundamente sobre o sentido de sua própria existência e o tempo que ainda teria para suas próprias realizações pessoais e profissionais. Interessante notar que o fator desencadeador de sua necessidade de replanejar a vida são as vivências familiares culminando com a chegada do terceiro filho. Percebemos, ainda, o isolamento do entrevistado na relação com seus familiares, embora, em seu relato, reflita de maneira generosa sobre a existência compartilhada com eles e seus significados e sua própria temporalidade e finitude.

Até eu comentei com a minha esposa, falei ‘oh, eu tenho trinta e oito anos’, aí a gente tava brincando e conversando e eu falei ‘oh, uma pessoa, a MÉDIA de vida no Brasil é setenta anos, como eu sou uma pessoa muito estressada e eu, assim, não extravaso esse estresse’, eu se...eu não consigo esconder, fica visível na face, mas assim, eu não explodo, é muito difícil eu explodir, eu sofro aquilo mas eu fico sossegado e, eu falo pra ela, ‘como eu sou assim, capaz que a minha média de vida é cinquenta’, como eu tenho trinta e oito (risos), eu tenho mais doze de vida, então eu tenho que começar a pensar em mim [...] – Cristiano

Sobre o diálogo com o esposo, Adriana nos pontua:

[...] a gente nunca foi de ter muito diálogo porque ele é uma pessoa meio fechada, meio reservada, então, agora eu acho que piorou um pouquinho [...] – Adriana

E, continua:

Ah, (diálogo) é o que falta um pouco atualmente!...eu acho...diálogo, um pouquinho de compreensão, paciência, tem um monte de coisa...se eu for colocar aqui, principalmente, acho que com os filhos tá faltando mais, sentar e conversar, né?!...nem tanto comigo, que a gente, às vezes, até, de vez em quando, conversa, mas com os filhos faz tempo...é o que eu acho...e umas férias pra nós dois porque é o que a gente tá precisando, principalmente ele, umas férias só nós dois, uma lua de mel mesmo, ir pra um lugar e ficar só nós dois, deixar o pequenininho, deixar tudo, é o que eu acho que precisa pra renovar, é o que eu acho [...] – Adriana

Heidegger (1973) afirma que a linguagem é portadora do ser, e a palavra proferida o revela. A entrevistada nos conta que falta diálogo, e o diálogo ausente vem acompanhado pelas palavras compreensão e paciência. O falar para o filósofo alemão pode estar pautado pela tagarelice, uma fala irrefletida (um modo de existir na inautenticidade), ou pelo falar na autenticidade, por intermédio da palavra que expressa a transcendência do ser-aí, sendo, portanto, compreensiva. Para Forghieri (1984, p. 16), analisando a perspectiva heideggeriana, “compreensão é uma forma de conhecimento anterior ao raciocínio, pois é vivida em lugar de ser pensada”. Assim, Adriana nos aponta a ausência de um diálogo familiar ancorado no modo de existir na autenticidade.

Além disso, a entrevistada fala sobre uma nova lua de mel, remetendo-nos à vivência afetivo-sexual do casal. Pontua que a intimidade necessita ser resgatada com férias a dois, sem os filhos. Sobre a vida afetivo-sexual do casal, Cristiano refere:

[...] eu vou ser sempre preocupado, mas ela não sei...e eu sempre cobrei dela, falava ‘oh, enquanto a gente é novo a gente tem que namorar, agora que a gente é CASADO, agora que a gente pode namorar, a gente pode andar pelado pela casa, a gente pode fazer o que a gente quiser, é nossa casa, eu sou teu esposo, você é minha esposa’, mas ela sempre meio que se afastou, não sei se é por causa do jeito dela e eu, meio que fui me protegendo porque eu falei assim ‘pode ser que não seja amor, pode ser que eu seja só a proteção dela e aí eu tenho que me proteger porque depois quem vai sofrer no mundo sou eu...e eu fui meio que matando esse carinho, essa forma de tratar ela, de passar a mão no cabelo, de sentar junto, de abraçar pra

assistir TV, de pegar filme pra assistir junto, né?! Eu não sei se isso é o mal das mulheres, mas acho que a maioria faz isso – Cristiano

Enquanto Adriana verbaliza:

[...] Nós dois?...olha, a gente não tem, assim tanto...ficar beijando, abraçando muito mais não, não tem isso daí, vou ser bem sincera, muitas vezes ele até cobrava de mim, uma época, que os filhos da gente tava maiorzinho, ele falava ‘vamo namorar?’ e eu não queria, aí depois inverteu, aí ele parou de querer namorar, ficar beijando porque ele viu que eu recuei, aí depois quando eu quis ele não quis, aí ficou assim, fica cada um na sua, de vez em quando tem um beijinho, tem...sabe?...é mais só na parte mesmo lá, sexual, que tem os momentos, mas nessa parte de carinho não tem muito não, de ficar beijando e abraçando, mas eu sinto sim que eu tenho algum bloqueio nessa parte, mas...minha irmã também tem, minha irmã também fala, ela fala que ela, nessa parte, ela também precisa de um psicólogo. A gente sempre comenta que foi a criação da gente porque meu pai nunca, JAMAIS, nem pegou a gente no colo de pequena, minha mãe que pegava, mas meu pai não, nunca deu um abraço, nunca deu um beijo, e, no entanto, eu nunca consegui também [...] – Adriana

Segundo Falcke e Wagner (2005), o ciclo vital da família é permeado por crises, entre as quais, o nascimento dos filhos. As autoras afirmam que tais momentos evidenciam os padrões transgeracionais, ou seja, aqueles valores, atitudes, crenças e legado transmitidos de uma geração a outra. Nosso casal de colaboradores refere que, no decorrer do casamento, houve um afastamento afetivo-sexual entre os dois e Adriana pontua dois motivos, o primeiro relacionado à sua própria educação pautada em valores que vão ao encontro de uma sexualidade feminina reprimida (CHAUI, 1984). Acrescente-se que a entrevistada assinala que as dificuldades sexuais não são somente dela, mas também de sua irmã. Além disso, refere que já pensou na possibilidade de procurar um profissional psicólogo em decorrência de tais queixas, sinalizando novamente a necessidade de uma possibilidade de diálogo. Cristiano, por seu lado, entende o afastamento e a recusa sexual de Adriana como falta de amor. O segundo aspecto importante trazido pela entrevistada é a relação que a mesma faz do afastamento do casal com a vinda/presença dos filhos.

Szejer e Stewart (1997, p. 280) referem que o período da gestação e após o parto implicam em mudanças psíquicas e físicas para a mulher:

A jovem mãe tem dificuldade em habitar seu novo corpo. Os seios intumescidos a estorvam, seu ventre cheio de pregas e, frequentemente, ainda um pouco gordo provoca nela um mal-estar indefinível. Resumindo, ela não está à vontade em sua pele. E, ao invés de se afligir, olhando-se no espelho, ela transpõe todos os seus cuidados e toda a sua vaidade para o bebê.

O que é corroborado na verbalização do colaborador a seguir, quando fala sobre o que mantém seu casamento e do distanciamento sexual do casal após a vinda dos filhos.

[...] (o relacionamento conjugal se mantém por)...costume, não é mais...acho que é o companheirismo, eu acho que não é mais o amor, já virou meio que uma convivência, porque assim, eu sempre fui meio...não vou dizer romântico, mas eu sempre gostei de beijar a minha esposa e depois que nasceu a primeira filha já acabou isso, a gente já não podia beijar, não podia abraçar, não podia sentar numa praça, ela meio que foi matando isso quando eu chegava perto ela falava que não, que não podia, que não dava certo, então eu fui que...meio que me afastando, hoje ela cobra de mim que eu volte a ser, mas eu não consigo porque isso foi assim...foi ela quem impôs pra mim, não foi eu que vim matando e hoje a gente é assim...meio que distante...bom-dia, boa-tarde, uma vez por semana, duas vezes por semana a gente dá um beijo e olha lá...entendeu?! A gente conversa sempre, mas eu não sei se a gente convive hoje por amor, se tem esse amor, ou se a gente tem só assim oh a função de um cuidar do outro, né?! – Cristiano

Os entrevistados vão sinalizando em suas falas as expectativas em relação ao casamento, com a ideia de amor romântico. No entanto, a rotina conjugal, o nascimento dos filhos e as divergências acarretam um gradual afastamento sexual do casal.

Adriana aponta os momentos de tensão no relacionamento e define seu casamento, ao dizer:

[...] às vezes eu fico brava, estressada, aí ele fala, ‘olha, você não é fácil também’, é um aguentando o outro, casamento é isso, na verdade, com certeza...tem que aguentar porque a gente não é igual, cada um tem seus defeitos e eu aprendi a conviver com os defeito dele, apesar que tem HORA que, nossa, parece que a gente não vai aguentar, tem hora que dá vontade mesmo de chutar o balde (sorriso), tem hora que dá essa vontade sim, mas, eu acho que no meu caso...eu acho assim que o amor fala mais alto e eu sou muito dependente também...esse é meu mal. – Adriana

Ainda sobre uma dependência do marido, explicitando a questão de não ter uma atividade laboral remunerada, decorrência de suas atribuições como mãe e dona de casa, a colaboradora acrescenta:

[...] a gente aguenta pelo filho muitas vezes, né?...que nem, eu não tenho uma profissão, nada, então, eu tenho que ir levando mesmo, apesar que assim, eu gosto dele (marido) bastante, mas do jeito que ele tem agido não tem sido fácil não [...] – Adriana

Acrescenta, ainda:

[...] ele (esposo) já chegou a falar pra mim que eu não trabalho pra fora, mas que eu ajudo bastante ele, que tem mulher que é...quer roupa, quer sapato, tudo que vê, que gasta mesmo, mas lá em casa não é assim não, é só quando ele autoriza que a gente vai lá e compra mesmo, fora isso não faço conta, nada, que ele mesmo fala ‘se você comprar cê vai ter que pagar porque se você comprar sem eu saber eu não pago’, então lá é bem assim, é do jeito dele, eu aprendi a aceitar ele e entender [...] – Adriana

Em contrapartida afirma:

[...] eu acho assim, também, tudo bem, o amor conta bastante, mas acho que a questão financeira também porque pode ser que não, mas eu acho que se as minhas condições fosse outra, eu fosse

uma mulher independente, tivesse talvez uma situação que eu pudesse me manter, talvez eu não aguentaria, mas não sei também, né...que é outra situação, então, não sei se também ia falar mais alto a questão financeira ou a questão do amor mesmo, aí eu não sei, tem hora que eu fico pensando dessa maneira, entendeu? – Adriana

Na direção da análise compreensiva, vemos que a tensão entre os valores de um modelo patriarcal e novos modelos sustentados, por exemplo, pela emancipação da mulher, se fazem presentes na reflexão de Adriana acerca de sua união conjugal. Constatamos, ainda, que na medida em que vai construindo seu relacionamento afetivo-sexual, o casal tem a possibilidade de desconstruir o legado que receberam de herança transgeracional e criativamente, buscarem novos caminhos para a construção da vida a dois. Falcke e Wagner (2005) afirmam que os processos de transmissão transgeracional ocorrem de uma geração para a seguinte. O prefixo *trans* enfatiza a permanência de tais processos no dia a dia das sucessivas gerações da família. Este conceito implica em olhar o ser humano como parte de um contexto histórico do qual é herdeiro e também autor/criador.

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Para Adriana, a relação com sua família de origem se mostra:

[...] eu nunca me dei muito assim com a minha mãe também... eu tenho outra irmã, só nós duas, mas sempre foi aquele caso, né, que a minha mãe sempre se deu melhor com a minha irmã mais velha, tudo era a minha irmã, então, criou aquele...eu tenho aquele complexo que eu acho que nem minha mãe não gosta de mim, cresci assim, eu era apegada com o meu pai, mas ele faleceu e até hoje eu não aceito (que ele tenha morrido)...eu sei que eu tenho problema (risos), eu sei porque é desde a época em que meu pai morreu que eu deveria ter...todo mundo fala pra mim que é coisa da minha cabeça achar que a minha mãe sempre fez diferença de mim e da minha irmã, sabe?...os complexos que eu tenho...talvez eu não consiga até, muitas vezes, ser mais feliz, fazer meu esposo mais feliz, talvez esteja em mim até o problema, não sei! [...] – Adriana

A colaboradora traz à tona vivências suas na família de origem e aventa a possibilidade de sua história pessoal anterior ao casamento fazer ressonância em sua vida com seu marido e filhos. Segundo Szejer e Stewart (1997, p. 67),

[...] Se, por exemplo, a mãe é a primogênita, sua relação com seu primeiro filho será marcada pela forma como ela mesma viveu esse lugar de primogênita. Assim, o lugar singular de cada filho do casal fará eco aos diferentes lugares ocupados pelos seus pais entre os próprios irmãos.

Assim, a colaboradora remete-se a transmissão transgeracional impressa nas vivências junto da família de origem para sua relação com seus filhos e esposo. Tais conteúdos são verbalizados e solicitam de Adriana uma reflexão, uma ressignificação para, segundo ela, poder ser feliz. De acordo com Falcke e Wagner (2005, p. 44),

[...] a construção da individualidade vai depender da descoberta de quais são os desígnios familiares e, com isso, será possível que o sujeito alcance o desenvolvimento de sua originalidade, mesmo com tons familiares. [...] ao desvendar a conexão familiar deixa-se de ter uma obediência cega ao que estava escrito e pode-se modificar aquilo que chama-se de destino.

Na história de nosso participante, falando sobre sua família de origem e o fato dos pais terem se separado quando ele tinha dois anos, a relação com as figuras parentais aparece:

[...] a gente ficou um tempo sem ver meu pai, eu fiquei até os quatorze anos...de dois anos pra três anos até quatorze, treze anos sem vê-lo, né?! Quando eu o vi, assim, eu percebi, não sei se eu senti errado, mas eu senti que pra ele assim, que ele tava vivendo bem e eu era só mais uma pessoa, não um FI-LHO, sabe?!...Quando ele morreu...eu chorei muito, mas muito mesmo, porque...quando ele morreu aí que eu percebi que a partir daquele momento aí eu jamais teria, nem eu nem ele, a oportunidade de consertar o sentimento que a gente já não...nunca existiu entre a gente. – Cristiano

Em outras palavras, Cristiano nos diz que o filho só se constrói como FI-LHO na relação vivida com seu pai/mãe, o que corrobora os dizeres de Badinter (1985) ao afirmar que a maternidade é uma construção que não está dada *a priori*.

De acordo com Szejer e Stewart (1997), a maneira como cada um se projeta no papel de pai ou mãe está ligado diretamente com os pais que eles próprios tiveram ou outros modelos parentais que a eles são modelos de referência, aos quais buscam corresponder ou se opor. Vendo-se como pai de seus filhos, o entrevistado identifica-se com a figura de seu próprio genitor, ao dizer:

[...] às vezes eu acho até que eu sou meio parecido com ele (refere-se ao genitor), que eu me fecho no meu mundo assim, sabe? Quando eu tenho problemas procuro não levar pra ninguém. Hoje eu entendo ele, eu acho que sim. Eu acho que às vezes ele se culpava por não ter se aproximado, nem ter criado a gente, quem criou foi minha mãe, nunca deu pensão, naquela época não tinha pensão, não existia da mulher, nem que não tem filho tem pensão, naquela época não, quem gerasse seu filho, quem ficasse tinha que cuidar e a minha mãe também nunca pediu nada pra ele, nunca deu, dos dois aos vinte anos, até quando ele (pai) morreu que eu já tinha dois filhos, eu nunca ganhei nada dele, nenhuma blusa, nenhuma camisa, nenhuma cueca, nenhum shorts, NEM O MAIS SIMPLES, que era ganhar um ‘oi, tudo bem?’, então, eu acho que talvez eu tenha um pouco dele, entendeu? porque talvez eu acho, assim, hoje, pensando nele, eu penso que talvez ele se fechou porque ele se sentia culpado de não ter se aproximado, de não ter cuidado da gente [...] – Cristiano

Um elemento a ser ressaltado é que o colaborador aponta, novamente, para a mudança das leis brasileiras que, atualmente, garantem à mulher que detém a guarda de um filho, no caso de separação conjugal, a pensão alimentícia pelo pai. O entrevistado refere uma ausência de provisão material pelo genitor, mas também se remete a uma falta do contato afetivo ao dizer, enfaticamente, que não tinha “*NEM O MAIS SIMPLES, que era ganhar um ‘oi, tudo bem?’*”. Identifica-se com o pai no momento presente (da entrevista), pois o terceiro filho, não planejado, não foi recebido/aceito por ele como os dois primeiros, foi obra de um descuido da esposa, ou porque ela o fez de propósito dado que ele se recusou a submeter-se à vasectomia quando do nascimento do segundo filho, como veremos adiante.

[...] a gente brigou muito nesse terceiro (filho) e eu nunca deixei de culpar ela, nunca, sempre achei que ela queria a menina e que ela parou de tomar remédio pra me sacanear sabendo que eu não queria. – Cristiano

Sobre a estruturação de sua família e a educação dos filhos, Cristiano se questiona:

*[...] eu não sei se eu fiz a coisa certa porque eu sempre quis proteger eles (esposa e filhos), sempre quis...mas talvez essa proteção tenha sido muito sufocante, o que cansou eles, então às vezes eu não sei se eu agi certo... às vezes eu me cobro se eu fiz a coisa certa de ter abdicado de viver em função de estruturar a família, na verdade, eu acho que acabei **protegen...prejudicando (grifo nosso)** eles, entendeu?! Então, eu culpo eles e me culpo também, então, por isso que eu acho assim que, não sei, fico assim meio na dúvida se eu eduquei corretamente meus filhos, sabe?...então, por isso que eu me culpo e falo assim ‘oh, será que eu fiz a coisa certa?’ – Cristiano*

Segundo Wang, Jablonski e Magalhães (2006), o modelo de masculinidade limitado a características como autoritarismo, opressão e dominação vem sendo questionado nos últimos anos já que também é alienante para os homens e gerador de dificuldades nos relacionamentos afetivo-sexuais que, atualmente, solicitam relacionamentos mais igualitários. Nosso entrevistado parece entrar em contato com as decorrências de sua postura *sufocante* na relação com mulher e filhos, articulando as palavras, *protegen(do)* e *prejudicando*, o que o leva a outras reflexões acerca da educação da prole.

[...] eu sempre fui muito rígido com meus filhos, sempre, né?! Eu gosto de horário certo, gosto de nota na escola, nunca pedi pra eles trabalharem, nem pra me ajudar...eu peço assim, EM TROCA, respeito e, então, às vezes eu acho que eu sou meio, como é que eu vou falar, possessivo, quero controlar a entrada, quero controlar a saída, quero saber com quem saiu, quero saber aonde foi, porque tirou o quatro sendo que dava pra tirar seis na matéria, então eu acho que isso pesa um pouco pra eles também, eu entendo, mas é assim, preocupação de pai, não sei se é correto, se é certo, se não é, mas é minha preocupação – Cristiano

E acrescenta:

[...] o que eu cobro deles (filhos) é só assim, vontade, é claro que eles não vão ser o melhor, mas, num mundo globalizado você tem que saber pelo menos um pouco porque senão você não vai chegar a lugar nenhum. – Cristiano

Notamos que a ideia de Cristiano de inserção do ser (filho) em um mundo globalizado passa pela aprendizagem que se dá nos bancos escolares e também pela vontade, segundo o colaborador, e uma volição de querer chegar a algum lugar (no mundo). Assim, na direção da compreensão do que o entrevistado coloca, entendemos que, no mundo contemporâneo, o acesso a esse “lugar” se dá nos bancos das escolas (lembramos que Cristiano nos relatou que acaba de iniciar graduação em engenharia).

E indaga:

[...] a minha preocupação é a seguinte ‘eles (filhos) vão ser o que, em um mundo, assim, globalizado, se eles não aprenderem, se eles não tiverem estudo?’ – Cristiano

Quanto ao seu papel como pai, afirma:

[...] o pai fala assim ‘ah, meu filho é bom, não sei porque ele foi pra droga, não sei porque que...na verdade, isso acontece porque em algum momento o pai se descuidou, não acontece do acaso, algum momento a gente como pai a gente se descuidou e o filho foi pra esse lugar que deu mais atenção pra ele. – Cristiano

Referindo-se ao fato de a filha mais velha (19 anos) ter informado que estava parando de estudar para se casar, relata:

[...] o pessoal (do trabalho) brinca, fala assim, ‘oh, fala pra tua filha usar camisinha e transar até um ano e meio e depois ela casa, talvez essa pressa pra casar é por causa disso’, mas como eu sou meio antigo eu JAMAIS vou conseguir falar isso pra ela, por proteger ela, porque assim, é...sei lá se é proteger, se é possessividade isso, se é querer mandar, eu não sei explicar o que é, mas é assim [...] – Cristiano

O entrevistado ainda acrescenta:

[...] eu sempre peguei muito no pé dela (filha, 19 anos)...pra que ela estudasse porque eu entendo assim ‘o homem não, se ele não estudar, ele vai trabalhar de servente de pedreiro, ele vai viver...A MULHER É DIFERENTE, porque se ela casar e ela depender do esposo e o esposo for aquele que não liga pra ela, ela tem duas opções, ou ela vai trabalhar de empregada doméstica ou ela volta pra casa do pai.’ – Cristiano

Fávero (2010) define o patriarcado contemporâneo como aquele que, em sintonia com o capitalismo, produz e reproduz a vida a partir de relações de dominação e expropriação,

especialmente dos corpos e da autonomia da mulher, o que acarreta uma crescente feminização da pobreza. Quando o entrevistado diz “MULHER É DIFERENTE”, ele captura essa ideia por suas próprias experiências vividas e parece vislumbrar para sua filha outra possibilidade de rompimento desse padrão, a partir dos estudos, no entanto, dado que ela não corresponde a suas expectativas, ele se frustra e nesses momentos entra em contato com sua própria angústia frente a um mundo (de entes) que não pode controlar e que se esvazia de significados.

Para May (1971), o dilema do homem moderno em meados do século XX é o *vazio*. Entenda-se por *vazio* o fato de muitos, frequentemente, não terem uma nitidez dos próprios sentimentos. Essa vivência comumente pode levar o sujeito a buscar tal preenchimento no outro, ou seja, nos relacionamentos com amigos, pais, filhos ou parceiros afetivo-sexuais, na expectativa de que esse(s) outro(s) ocupe(m) plenamente o *vazio* experimentado. Sobre tais pessoas May (1971, p. 14) afirma:

[...] em geral falam fluentemente sobre o que deveriam desejar – completar com êxito um curso superior, arranjar um emprego, apaixonar-se e casar, constituir família – mas torna-se logo evidente, até para eles, estarem descrevendo o que os outros [...] deles esperam e não o que realmente desejam.

May (1971, p. 19) acrescenta ainda que o homem comum procura corresponder àquilo que os outros esperam dele e, mais do que aprender e (re)criar, escolhe repetir os modelos vigentes e exemplifica:

o quadro mais nítido de uma vida vazia é o do homem suburbano, que se levanta à mesma hora todos os dias, toma o mesmo trem para trabalhar na cidade, executa as mesmas tarefas no escritório, almoça no mesmo restaurante, deixa diariamente a mesma gorjeta para o garçom, volta para casa no mesmo trem, tem dois, três filhos, cuida de um pequeno jardim, passa duas semanas de férias na praia todo verão, férias que ele não aprecia, vai à igreja no natal e na páscoa, levando assim uma existência rotineira, mecânica, ano após ano, até finalmente aposentar-se aos sessenta e cinco (anos) e morrer, pouco depois, do coração, num colapso causado talvez por hostilidade recalçada. Sempre suspeitei, porém, que morre mesmo de tédio.

A entrevistada aparece como mediadora na relação entre o esposo e os filhos:

[...] até comentei com ele, eu tô precisando de... fazer um tratamento com psicólogo...pra poder, sabe?...porque senão eu vou ficar louca...porque é os filhos, aí você aguenta ele (marido) de um lado passando pelos problema e sempre tá ali em pé, forte, no meio (grifo nosso), né, não é fácil não...(silêncio e choro). – Adriana

Segundo Romanelli (2000), são as mulheres as principais mediadoras das relações e dos afetos familiares e responsáveis pela integração familiar. Notamos que esse papel, daquela que fica no *meio*, entre o pai e os filhos, revela-se no discurso da entrevistada.

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Cristiano, aos 38 anos, referindo-se ao casamento e à realização do projeto de ter filhos, enfatiza:

[...] HOJE, com a idade que eu tenho e tudo que eu vivi, se você me perguntasse assim, 'você se casaria de novo?', sim, 'Teria filho?', não, nenhum, nenhum. Porque eu acho que pra você ter filho você tem que ter um senso de responsabilidade muito grande. – Cristiano

Vale ressaltar que o projeto de ser pai/mãe implica em projetar a si mesmo no futuro como pai/mãe desse filho, o que remete à maneira como cada um se vê como futuro pai ou futura mãe (SZEJER; STEWART, 1997), algo que o entrevistado se indaga. Cristiano se questiona, também, sobre sua escolha pela continuidade (ou não) da união conjugal atrelada ao fato de ter filhos, ao expressar:

[...] será que eu queria que fosse só a minha esposa e eu no casamento porque assim ficaria mais fácil separar? – Cristiano

Cristiano segue em seu relato:

[...] por esse terceiro filho, a gente teve brigas bem ríspidas mesmo, porque eu não aceitava, eu achava que era falta de cuidado dela...como eu não tinha vontade de ter filho, até um pecado eu falar isso, mas assim, te falar que eu fico emocionado, que eu fico...NÃO, eu sei que eu tenho uma responsabilidade como pai, mas se me perguntassem cem vezes se eu teria um terceiro filho eu falaria que não [...] – Cristiano

Assim, o colaborador explicita o não planejamento do terceiro filho.

Quanto à escolha da vasectomia, remete-se à gestação e ao nascimento do filho mais novo:

Foi assim, ou eu faço vasectomia, eu corto (grifo nosso), mas filho eu não quero mais. Como eu percebi que a ponta sou eu que não quero...eu acho que se você perguntar pra ela (esposa) se ela queria ter uma menina ela vai falar que ainda queria ter e como a ponta que não quer ter sou eu, então é mais fácil ela amanhã sozinha, ou com alguém, ou se a gente tiver junto ainda, e a gente tiver uma condição financeira boa, ADOTAR, do que acontecer de novo sem a minha vontade, sabendo de tudo que eu penso de filho, de tudo que eu sofro de...ter esse

pensamento sobre filho e aí eu não sei se nosso casamento duraria mais, se ele conseguiria passar por mais um filho, entendeu?!...por um filho que eu falo não é nem a criação dele, é a gestação dele, se ele passaria por nove meses, porque assim, eu me conheço, eu sou muito sistemático [...] – Cristiano

A vasectomia aparece como um corte, aquilo que (inter)rompe. Rios e Gomes (2009), em estudo de revisão bibliográfica sobre casais contemporâneos que optaram por não ter filhos, referem que é no PODER escolher ter (ou não) filhos que está a grande fonte de satisfação individual/conjugal, independente do que se escolhe.

Sobre isso, a colaboradora expressa:

[...] eu acho que se eu engravidar de novo o casamento da gente acaba porque quando eu engravidei ele rejeitou o bebê, ele queria que eu tirasse, ele se revoltou, ele falou pra eu dar um jeito porque ele não queria, ele não conversava comigo, não olhava na minha cara e revoltou de uma tal maneira que só me maltratava, sabe?...foi difícil (silêncio e lágrimas pela entrevistada) [...] – Adriana

Conforme Szejer e Stewart (1997, p. 91),

[...] o homem não tem o direito de atentar contra o corpo da mulher, nem impor-lhe uma gravidez contra sua vontade, nem constringendo-a a abortar como muitas vezes ocorre. Essa decisão pertence, antes de tudo, à mulher, porque se trata do seu corpo e seria impensável submetê-lo à vontade de um outro, ainda que seja o pai do embrião que está em seu ventre.

Nossa entrevistada refere sua atitude frente à reação do marido à gravidez:

[...] ele falava pra mim dar um jeito, eu falei ‘eu não vou fazer isso’, porque pra mim, desde o primeiro dia que eu engravidei é uma vida que tá aqui dentro, eu vou ser uma assassina se eu fizer isso aí, se você quiser você vai ter que matar eu e a criança, mas eu não faço isso. Ele ficou revoltado porque ele é assim, ele quer dar a ordem e quer que todo mundo obedeça e eu fui contra ele, eu falei ‘eu não vou fazer isso, jamais!...você não conhece uma mãe!...mãe que é mãe de verdade...jamais eu faria isso, nunca na vida!’...aí ele não aceitou porque ele achava que eu tinha que obedecer ele, só que eu falei ‘pelo meu filho eu morro, mas vai ter que me matar pra matar ele, mas eu não tiro!’ – Adriana

Ainda sobre a falta de planejamento da gravidez, a escolha da vasectomia e a rejeição do esposo ao terceiro filho, a entrevistada diz:

[...] ele optou, ele resolveu porque ele falou que não quer mais mesmo, pra mim operar com esse pequeno(filho mais novo) é difícil porque a gente não tem uma condição financeira de falar...porque eu vou ter que ficar um tempo sem fazer nada, o serviço em casa, eu tenho um menino pequeno pra cuidar, então, pra mim seria difícil, ele não ia ter condições de pagar uma pessoa pra me ajudar e eu também não tenho ninguém que possa me ajudar, no caso, mãe, nada, porque minha mãe tá longe, né?! – Adriana

E continua:

[...] ele resolveu, ele falou que ele ia operar porque ele não quer mais mesmo, ele não tem paciência, pra mim é melhor que ele opere, eu penso assim que pra gente não dá mesmo, agora, ou é mais um filho ou é meu casamento, depois do que eu passei, eu achava até assim que, eu até não levava a sério quando ele falava, até que eu tinha esse meu último menino, eu brincava às vezes, eu falava 'vamo arrumar mais um?...o (segundo filho) já tá grande, vamo arrumar uma criancinha na casa?'...e ele...nossa senhora, nessa hora ele ficava super revoltado, ele falava 'olha, se você arrumar um filho eu tô indo embora!'... larga a mão, eu achava que ele falava assim brincando, exagerava, daí, foi o que aconteceu [...] quando eu descobri que tava grávida e fui falar pra ele eu passei até mal de medo de falar porque eu sei ele não vai aceitar e realmente ele não aceitou, demorou, ele só aceitou um dia que eu fui no médico, fui fazer o ultrassom e a mulher fez ele entrar junto comigo e aí ele viu o nenê mexendo, aí depois daquele dia que ele aceitou...o olho dele encheu de água [...] – Adriana

Adriana relata, além da rejeição do esposo durante parte da gestação, o início de uma mudança por parte dele e uma melhor aceitação a partir da experiência de acompanhá-la a um exame de ultrassom do bebê. Para Szejer e Stewart (1997), é a palavra do médico (pelo exame) que confirma e reconhece a gravidez, nesse momento, a gravidez deixa o âmbito familiar e passa a estabelecer uma ligação com a sociedade pela figura do médico que esboça o laço pelo qual a criança, ao nascer, será considerada como cidadã. É nesse contexto que nosso entrevistado reconhece/aceita que vai ser pai novamente.

No que se refere ao planejamento familiar e informações sobre contracepção, o entrevistado relata:

[...] ela ia operar (fazer laqueadura depois que teve o segundo filho) e não deu certo por causa do nenê e da hemorragia e não podia operar porque tinha perdido muito sangue. Aí a gente continuou tomando remédio (anticoncepcional oral) e ela queria que eu fizesse vasectomia, mas eu sempre tive, assim, receio porque eu não conhecia ninguém que tinha feito. Depois de cinco anos, um amigo (do trabalho) fez, mas ele me explicou muito pouco, uma pessoa muito de idade, não soube me explicar. Aí aconteceu que ela engravidou do terceiro filho, mais uma vez a gente ia operar, como eu percebi que a ponta que não quer filho sou eu, aí eu falei assim, 'não deu certo de operar o terceiro filho, então eu opero'. – Cristiano

O colaborador aponta para o fato de que a vasectomia somente é cogitada quando a laqueadura não aconteceu, e o anticoncepcional oral não foi suficiente para evitar outra gestação. O entrevistado também sinaliza que chegou a conversar com um colega de trabalho que havia se submetido à cirurgia, mas não se convenceu de que deveria fazê-lo naquele momento. Marchi et al. (2003) afirmam que homens que optam pela vasectomia geralmente já conversaram sobre o assunto com amigos ou familiares que já fizeram a cirurgia e já utilizaram outros métodos contraceptivos que, ao não serem suficientes para garantir a contracepção, veem na vasectomia uma solução contraceptiva. Podemos perceber que as

informações adquiridas com outros homens vasectomizados não substituem a informação dos profissionais de saúde, visto que o próprio colaborador afirma que as informações foram insuficientes para a tomada de decisão naquele momento. O que definiu a elegibilidade pela esterilização cirúrgica para ele foi a vinda não planejada do terceiro filho. Pudemos perceber que este casal, em sua própria história, vive uma transição que mescla um legado familiar transgeracional com nuances do modelo patriarcal e, por outro lado, uma mudança gradual e construída na temporalidade da vida a dois, que aponta para um replanejamento da vida em comum nos âmbitos de realizações pessoais e profissionais.

Passemos, agora, para a análise do casal 2, José e Leda.

4.2.2 Perfil do casal 2: José e Leda

José, 41 anos, tem ensino médio incompleto, classificação econômica B2, fiscal de clube, declara-se católico não praticante, está casado com Leda há 18 anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, dois meninos, um com 18 anos e outro com 13 anos.

Leda, 36 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, auxiliar de faturamento, declara-se católica não praticante, está casada com José há 18 anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, dois meninos, um com 18 anos e outro com 13 anos.

José diz que começou a trabalhar aos oito anos, pois seu pai tinha dificuldades no sustento dele e de seus oito irmãos. Leda informa que sua infância foi ruim e que o pai era muito rígido e ela se sentia muito presa, além disso, não recebeu informações sobre sexualidade de seus pais. José refere que aos 18 anos decidiu que queria ter uma família, uma esposa e filhos. Relata que teve outras namoradas antes de Leda. Esta conta que teve outros namorados, mas iniciou sua vida sexual com o atual companheiro. O casal se conheceu quando Leda tinha 14 anos, namoraram durante dois anos e veio a gravidez e a decisão por se casar. A entrevistada refere que não houve planejamento das gravidezes dos seus dois filhos. Quanto ao relacionamento conjugal, o casal relata que a convivência é boa e tranquila desde o início do casamento e que não há brigas, sendo que quando discordam a respeito de algo,

calam-se até a raiva passar para, somente depois, voltar a conversar. Os dois filhos são estudantes, e o mais velho já tem atividade remunerada. José afirma que gostaria de oferecer melhores condições de vida à família e que desde que sua esposa está trabalhando a vida financeira da família melhorou. Para ambos, a escolha pela vasectomia está relacionada ao fato de que os filhos cresceram e nesse tempo não mais pensaram em ter outros filhos, e a condição financeira seria prejudicada com a vinda de outros filhos, já que Leda, que auxilia na manutenção da família, teria de interromper seu trabalho, como ocorrera durante os primeiros anos dos dois filhos do casal. Além disso, referem uso de anticoncepcional oral como método contraceptivo, e o entrevistado afirma querer evitar que sua esposa continue tomando o remédio ou faça laqueadura, já que a esterilização cirúrgica é mais simples para o homem do que para a mulher.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

José refere o fato de ter trabalhado desde criança, aos oito anos, para ajudar na subsistência da família.

Ah!...minha infância foi...trabalhando desde cedo mesmo...trabalhando...pai não tinha condição de dar para nós, então, nós começamos a trabalhar cedo tocando a vida por conta desde cedo...com oito anos eu comecei a me manter né?!...depende do meu trabalho...tudo...de estudar, no começo estudei só a quarta série depois que eu vim terminar mais um pouco. – José

A esposa refere-se à infância como um período de uma educação rígida por parte de seu pai. Para Badinter (2005), os ideais feministas da década de 1960 consistiam na conquista pela igualdade de direitos que equiparasse homens e mulheres, e ela destaca que os estereótipos dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, demarcados pelo paradigma patriarcal, serviam como nossos referenciais e, ao mesmo tempo, que nos enclausuravam, também nos tranquilizavam. Nessa direção, a entrevistada refere uma educação, na temporalidade de uma infância no início dos anos 1980, pautada pela escassez de diálogo e rigidez por parte das figuras parentais e reprodutora de uma ideologia para a qual o lugar da mulher e da criança era de submissão a todas as ordens paternas/maternas.

Ah! Minha infância sempre foi...foi ruim assim, sabe, porque meu pai era um pai muito rígido [...] – Leda

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

A entrevistada faz referência ao fato de ter no esposo seu primeiro parceiro sexual.

[...] tive outros namorados. Ele foi o primeiro que eu...entendeu?...(risos)...Foi o primeiro que eu tive relação. Foi com meu marido mesmo. Namorado tive vários, mas o primeiro que eu tive relação foi ele [...] – Leda

De acordo com Chauí (1984), é a Igreja Católica, por intermédio de seu discurso normatizante e repressor, sobretudo no que se refere ao corpo da mulher, que impõe padrões morais (e sexuais) que deveriam ser seguidos desde o início do cristianismo. Entretanto, como veremos adiante, a falta de informação, não veiculada entre pais e filhos na manutenção de um velamento acerca da sexualidade, atrelada ao desejo sexual do casal, traz a gravidez não planejada do primeiro filho, o que é o disparador do começo do casamento para eles. Assim, para além da iniciação sexual da mulher, observamos a gravidez como motivo para o início do relacionamento conjugal.

Segundo Szejer e Stewart (1997, p. 47),

[...] seja qual for a maneira como se formará esse casal, quer seja apenas pelo tempo necessário para fazer este filho, quer seja para compartilhar uma vida inteira, esse modo singular faz parte da pré-história desta criança e vai influir no seu futuro. Para cada membro do casal, esse encontro adquire sentido em sua própria história e vai fazer parte do banho de linhagem de onde emergirá esse filho.

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

A respeito da união conjugal, o entrevistado diz:

Depois do casamento ela (esposa) começou a trabalhar, nós estávamos casados há uns cinco anos, aí que ela começou a trabalhar...aí ela não quis parar mais.....tá trabalhando até hoje. Os meninos não têm perigo, ele ficam sempre em casa. Foi assim, quando um nasceu minha mulher ficou cuidando dele, eu cuidava...até os cinco anos, mais ou menos, seis anos...aí ela voltou a trabalhar...aí veio outro menino...aí ela ficou parada uns tempos, sem trabalhar...aí o pequeno começou a cuidar, não...o maior começou a cuidar do pequeno. – José

Sobre o fato (na temporalidade do presente) de exercer um trabalho fora do contexto doméstico, Leda verbaliza:

[...] (eu) ficava em casa, cuidava da casa, do filho...aí, os dois (ela e marido) trabalhando é melhor e fui trabalhar também e ele (marido) concordou [...] – Leda

Podemos constatar que, embora Leda trabalhe atualmente, houve um período do ciclo de vida da família (momento do nascimento dos filhos) em que isso não ocorria, dado que era ela quem se responsabilizava pelo cuidado das crianças (FÁVERO, 2010; MARCHI et al., 2003). A gradual quebra do paradigma patriarcal se faz notar na medida em que nossa entrevistada se insere no mercado de trabalho e colabora no orçamento da casa, o que é visto positivamente pelo esposo na medida em que José diz que a união conjugal e a participação de sua esposa como força de trabalho ajudaram a melhorar a condição econômica da família.

A gente não tinha casa para morar, passou a ter uma casinha para morar né?!...não tinha condução...carro por exemplo a gente já tem...ia sobrevivendo...assim, dentro de casa também...mais conforto né!...uma boa alimentação...roupa, calçado, uma casa melhor...parece que a dois fica mais fácil para você conseguir as coisas, fazer mais economia, o que ganha dá mais valor [...] – José

A participação da mulher no mercado de trabalho, para este casal, implica na divisão dos encargos de manutenção e aquisição de bens materiais, o que possibilitou a eles adquirir carro e casa própria, acerca do que a entrevistada verbaliza:

[...] no início de casamento a gente tem um pouco de crise, mas hoje não, hoje a gente tá...antes era só ele que trabalhava e eu não [...] – Leda

E faz coro com o marido:

[...] nós temos nossa casa própria, hoje nós temos nosso carro, lá nós não tinha, é isso. Assim...com nosso suor sempre, com nosso trabalho, nós dois construímos juntos. – Leda

Sobre o casamento e a vinda dos filhos, José expressa:

[...] casamos e não me arrependi não de ter casado....e aí veio os filhos (2) e fui tocando a vida aí...trabalhando e até hoje não me arrependo não. – José

Frente ao modelo de valores do Capitalismo – individualismo, consumismo, competição – somados a eventos como a globalização da atualidade e o desenvolvimento tecnológico crescente, a sociedade ocidental vivencia um processo de mudanças profundas das relações sociais/familiares. Luz (2001) refere que as relações familiares viveram um processo de transformação durante todo o século passado que culminou com a diminuição da família. Se antes os casais constituíam famílias com grandes proles, embaladas pelo discurso da Igreja Católica, pautado no “*crecei-vos e multiplicai-vos*” bíblico, hoje, no mundo visto como um mercado de consumidores (CAETANO, 2008; DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, 2009), a família se amolda para atingir tais finalidades.

Com relação à vivência afetivo-sexual, o colaborador diz:

No começo foi bom, foi muito bom e agora tá melhor ainda viu...a gente passou a ter mais confiança um com o outro mais...a respeitar mais...parece que a gente vai amadurecendo, vai tendo mais assim aquele carinho, aquele amor um pelo outro. No começo é...sabe como é que é, é aquela ilusão...casamento e tal...amor...hoje tá mais apegado um com o outro e tal, mais dedicado um ao outro. Eu acho que vai dar certo nós viver até o final. – José

A esposa também fala de uma convivência harmônica entre os dois:

É um relacionamento muito bom...não tem assim briga...difícil...briga de casal mesmo. – Leda

A visão do relacionamento conjugal alicerçado no amor romântico que os mantém unidos aparece na fala do entrevistado. O entrevistado credita ao amor sua escolha por permanecer casado:

[...] eu escolhi ela prá ser a minha esposa...eu gosto dela...acho que é o amor que eu sinto por ela que mantém esse relacionamento. – José

De acordo com Pretto, Maheirie e Toneli (2009), a reciprocidade relaciona-se com um compartilhar, o que envolve a comunicação entre os parceiros, o que só é possível a partir da presença de dois eus, de duas liberdades não submetidas e comprometidas uma com a outra. Para as autoras (p. 401),

[...] o comprometimento reside no plano do tecimento entre dois sujeitos, em que estes são cúmplices na construção da história, compartilhando o caminhar, estabelecendo um entrelaçar de seus princípios e sendo capazes de criar e recriar, conscientes da responsabilidade com sua existência e com a do outro.

Assim, na direção da compreensão de nosso fenômeno, os relatos de um casamento sustentado pelo amor romântico apontam, também, um velamento de valores que também o envolvem e relacionam-se com os valores de uma sociedade contemporânea e de consumo, em que o casal, mais do que um encontro de “almas gêmeas” personifica a união de duas pessoas dispostas a se auxiliarem (cuidarem um do outro e dos filhos) na sobrevivência dentro de uma convivência social.

Buscando definir o casamento, a colaboradora se indaga e responde:

O que é a rotina do casamento?...é casar, trabalho, comer, chega em casa ter o arroz, feijão (grifo nosso)... – Leda

Percebemos que a manutenção e a rotina da família estão relacionadas à subsistência pelo trabalho que a isso garante, o que justifica que a mulher também trabalhe. Interessante notar que a entrevistada utiliza o arroz e o feijão, símbolos da alimentação/subsistência básica dos brasileiros para expressar o significado da *cotidianidade* da união conjugal.

O entrevistado também aponta a maneira como o casal lida com momentos de desentendimentos:

Quando a gente tá com raiva de um ou do outro, a gente não procura assim conversar, discutir, fica um calado num canto e outro no outro...dá um dia sem falar nada...depois a gente procura conversar...às vezes é ela, às vezes é eu... aí volta ao normal. Quando fica com raiva, nós não chega a discutir, não chama a atenção um do outro, sabe, com palavras assim, não tem agressão não tem nada. Fica emburrado, quando tá com raiva fica emburrado ali num canto, noutro, calado, fica até um dia ou dois sem conversar, depois a gente pega e volta a conversar. – José

Quanto ao silêncio, para Heidegger, é preferível o silêncio, rico em significações e que revela o ser em seus sentidos, do que a tagarelice que pode ocultar o ser do homem (BEAINI, 1981). De acordo com José, o respeito recíproco ao silêncio do outro possibilita uma elaboração da situação divergente vivida.

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Quanto à família de origem, a colaboradora expressa:

[...] sabe um pai assim...acha que...mulher é prá ficar dentro de casa. Meu pai era desses pai assim [...] – Leda

José pouco fala de seus pais, referindo-se aos mesmos como já falecidos e com os quais tinha bom relacionamento. Importante lembrar que, de acordo com Szejer e Stewart (1997) e Falcke e Wagner (2005), as figuras parentais são modelos de referência para o casal que se forma, seja para repeti-los, seja para opor-se a eles quanto às suas atitudes e valores.

No momento presente, quanto à educação dos filhos, José diz:

*É, na medida do possível, eles são bem educados, o que um fala o outro concorda (refere-se a ele mesmo e sua esposa), no caso eu falo, o outro concorda, então, a gente procura educar dessa forma, ninguém interrompe...o **método de dar um exemplo (grifo nosso)** prá eles. Eu me admiro...não é porque é meu filho não, mas eles são bem educados, sabem se comportar muito bem...agora a gente não tem assim...eu gostaria de ter mais umas condição boas...prá oferecer o melhor prá eles, alguma coisa melhor... um estudo bom prá eles...um curso bom prá eles...ter*

uma vida boa, também, pela frente, né?!...não ficar igual ao pai... trabalhando prá manter mesmo o básico. Vamos ver, né?! – José

Até a atualidade, a família é espaço de reprodução de valores morais, preconceitos e interditos de uma herança repressiva, que são incorporados pelos seguintes discursos sociais: médico, jurídico, educacional, psiquiátrico/psicológico, religioso (Chauí, 1984; SANTOS, 2004; SANTOS; BRUNS, 2000). Quando o colaborador nos relata que o método de educar é o exemplo, remete-nos ao fato de que a linguagem é anterior à palavra proferida. Forghieri (1984) nos diz que a linguagem, no referencial heideggeriano, é a articulação da compreensão, esta por sua vez relaciona-se à existência vivida anterior ao pensar sobre ela, o que se passa na relação do entrevistado com seus próprios pais e se repete na interação com seus filhos.

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Referindo-se à realização do projeto de ter filhos, a colaboradora expressa:

*Foi o tempo de nós pensarmos, né?!... já tem dois, então....e durante esse tempo se a gente quisesse ter mais um...já passou um tempo, já estão grandes e a gente não pensa mais nisso.
– Leda*

[...] quer dizer, você realizou aquele sonho já, né?...tem uma família, tem os filhos...tá bom. – José

O casal expressa que o desejo/projeto de ter filhos e o de serem pais já se consumou no entrelaçamento do desejo de um e do outro, corroborando os dizeres de Szejer e Stewart (1997) ao afirmar que é nessa articulação, iniciada no encontro de duas pessoas que esse projeto se realiza.

Quanto à escolha da vasectomia, José afirma:

[...] ela não quis fazer o ligamento (laqueadura) prá evitar e, então, por ser mais fácil pró homem, no caso, eu tomei a decisão...então, deixa que agora eu mesmo faço. – José

E continua:

[...] agora que eu vou fazer a vasectomia eu tomei essa decisão porque os filhos já estão grandes já, né?!... eu acho que é o momento certo de parar, né?...aquela vida de ficar cuidando de criancinha tal...e a própria condição também financeira da gente não é a mesma coisa, né?...quer dizer, você realizou aquele sonho já, né?...tem uma família, tem os filhos...tá bom. Tudo já tem um volume certo. Prá evitar a esposa tá tomando remédio também, fica mais tranquilo também prá tomar essa decisão. – José

O colaborador nos lembra o fato de a esterilização feminina (laqueadura tubária) requerer a realização de procedimentos mais complexos e que interfeririam mais na vida familiar, o que é reafirmado por Leda ao dizer que ela trabalha e interromper o trabalho para cuidar de outros filhos não está entre seus projetos atuais. Além disso, a laqueadura a faria ter que permanecer longe do trabalho temporariamente, enquanto com a vasectomia a recuperação física é mais rápida.

Eu já tive dois e não pretendo ter mais, por causa do trabalho, a gente tem que trabalhar [...] – Leda

Quanto ao planejamento das gravidezes, a entrevistada afirma:

[...] nenhum dos dois foi planejado...Não foi planejado...foi assim...o primeiro...por ser nova demais...os pais não orientavam, meus pais mesmo nunca foram de me orientar assim... Quando eu engravidei que nós casamos [...] – Leda

A entrevistada revela que achava que não ficaria grávida ao iniciar sua vida sexual. Compreendemos que a falta de um planejamento familiar efetivo, com o acesso à informação sobre temas como virgindade, primeiras experiências sexuais e métodos contraceptivos, pode acarretar, como no caso, a vivência de uma gravidez sem uma reflexão sobre os significados e mudanças advindas com a gestação e a chegada de um filho. Marchi et al. (2003) afirmam que quando um homem resolve optar pela vasectomia como método contraceptivo, geralmente, já falou sobre o assunto com outros homens vasectomizados, desfazendo equívocos sobre o método e afastando temores. No entanto, vale destacar que muitos homens, por falta de acesso à informação, acreditam ainda que a vasectomia pode acarretar disfunção erétil, por exemplo, e por isso hesitam em optar pelo método cirúrgico.

Podemos constatar, também, que a escolha pela vasectomia implica em que, naquele momento da opção, os significados de ter filhos estejam intimamente ligados à história daquela conjugalidade e mais, que o homem vasectomizado, por PODER escolher, elege ter seus filhos somente com aquela mulher numa expressão de coautoria da relação a dois.

Por outro lado, a opção pela vasectomia pode estar vinculada a um desejo por experimentar a própria vida sexual, minimizando a possibilidade de haver uma gravidez indesejada decorrente disso.

À frente, vamos às falas e análise do casal 3, Valdir e Helena.

4.2.3 Perfil do casal 3: Valdir e Helena

Valdir, 38 anos, tem ensino superior completo, classificação econômica B1, engenheiro agrônomo, declara-se espírita, mantém união estável com Helena há sete anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, dois meninos, um com cinco anos e outro com três anos.

Helena, 42 anos, tem ensino superior completo, classificação econômica B1, técnica em informática, declara-se católica não praticante, mantém união estável com Valdir há sete anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, dois meninos, um com cinco anos e outro com três anos.

O colaborador afirma que teve infância difícil, sendo o irmão mais velho entre quatro irmãos. Aos seis anos, era responsável pelo cuidado dos irmãos e da casa, enquanto os pais trabalhavam. Coursou o ensino médio em um internato e, com isso distanciou-se de sua família, mantendo visitas periódicas aos familiares nos finais de semana. A colaboradora refere que durante sua infância, era obediente aos pais e foi criada para se casar e ter filhos. Acrescenta que na adolescência começou a namorar aos 17 anos, sendo que aos 25 casou-se com seu primeiro namorado. Separou-se dele por decisão daquele companheiro. Valdir também foi casado antes de se unir à Helena. Ambos não tiveram filhos na primeira experiência conjugal. Quando já separados, conheceram-se, namoraram durante quatro anos e depois resolveram morar juntos, quando Valdir terminou pós-graduação. Dado que havia uma dificuldade para engravidar já no primeiro casamento de ambos, submeteram-se a tratamento para infertilidade e tiveram dois filhos, sendo o primeiro após a primeira tentativa de ICSI (injeção intracitoplasmática de espermatozoide) e o segundo, não esperado, resultado de uma gravidez natural. Atualmente, ambos trabalham, mas Valdir tem sua atividade profissional em cidade diferente da qual Helena reside com os filhos, assim, o colaborador viaja aos finais de semana para estar com a família. Helena relata que nos últimos seis meses vinha fazendo uso de antidepressivo, receitado por seu ginecologista, pois vinha apresentando muita dificuldade em conciliar suas atribuições como mãe, dona de casa, profissional e esposa. Valdir diz que a escolha da vasectomia se deu juntamente com Helena, logo após o nascimento do segundo filho. O colaborador refere, também, que as duas gravidezes da companheira foram de risco e uma terceira colocaria em perigo a vida de Helena, além da possibilidade de a criança nascer com alguma deficiência

(síndrome de Down, por exemplo) devido à idade da parceira. Ele aponta que outros métodos contraceptivos podem falhar e que a pílula, método anticoncepcional utilizado pelo casal, levou sua mulher a ganhar peso. O colaborador acrescenta que a vasectomia é método contraceptivo mais fácil, seguro e que causa menos problema ao conjunto da família. A colaboradora refere ter bom relacionamento com seu parceiro, no entanto, percebe que tem deixado de lado demonstrações de carinho para com ele. Quanto ao relacionamento conjugal, o entrevistado afirma que o que o mantém é o amor e a facilidade do lado econômico.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

Quanto à infância, os entrevistados relatam:

A infância foi uma infância extremamente difícil, minha mãe, até hoje, é empregada doméstica, meu pai também sempre trabalhou de funcionário, ganhando salário, os dois sempre trabalhando, e eu, filho mais velho, cuidando dos irmãos. Nós somos em quatro irmãos e eu com essa responsabilidade, saiam prá trabalhar, acho que desde os seis, sete anos, eu ficava cuidando da casa, e tinha que aprontar comida, ajudava levar prá escola, coisas do tipo, desde cedo com essa responsabilidade. – Valdir

A colaboradora relata que sua infância teve a presença dos pais.

A minha infância foi bem junto da minha mãe e do meu pai, e até hoje com a minha mãe, né?!...Sempre aquela educação muito assim, é...pai olhou, eu respeitei...nunca fui uma pessoa que tentei avançar mais do que o pai deixava, nunca fui...sempre aceitei as condições que me davam, aí veio o meu primeiro relacionamento, foi bem dizer, o primeiro namoro, o primeiro casamento, eu tinha dezessete anos, então, eu namorei ele sete anos [...] – Helena

Assim, como já constatamos nas entrevistas de Cristiano e José, a infância de Valdir também vem marcada pelas responsabilidades desde tenra idade. O colaborador relata que desde os seis/sete anos ficava responsável pelo cuidado dos irmãos mais novos enquanto os genitores trabalhavam. O relato de Helena também corrobora as falas de Adriana e Leda, já que as três entrevistadas tiveram uma infância na companhia dos pais, aos quais deveriam obedecer, referindo-se, sobretudo, à expressão de suas sexualidades. A entrevistada expressa que sempre aceitou as condições impostas pelos pais, diferentemente de Adriana, que foi expulsa de casa por ter iniciado sua vida sexual e de Leda, que engravidou aos 16 anos, vindo a se casar em decorrência disso.

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

Na temporalidade da adolescência, os entrevistados expressam:

Com quinze anos, quando eu entrei, praticamente, no segundo grau, eu fui prá (outra cidade) e, então, eu já me afastei um pouco da família. – Valdir

Minha adolescência foi quase que de um primeiro namoro, nunca me incomodou muito aquela coisa de querer sair de casa, nunca tive isso...esses problemas de adolescente acho que nunca me afetaram não, não tenho muita essa recordação [...] – Helena

Valdir expressa que, durante a adolescência, afastou-se da família para estudar, e Helena relata que não se recorda de fatos marcantes, ou de conflitos com os pais, na adolescência, referindo, também, que nessa época começou a namorar aquele que viria a ser seu primeiro companheiro. A entrevistada demonstra uma atitude passiva em relação ao legado parental.

Após o término do ensino médio, o colaborador conta que ingressou em curso superior. Com relação ao seu relacionamento com seus pais, naquele momento, o entrevistado verbaliza:

[...] eu ingressei na faculdade, cinco anos, e assim, meus pais me AJUDAVAM na medida do possível, né...então, eu optei, inclusive, por (cidade onde fez curso universitário) [...] em função disso, eu levei em consideração a Universidade, a área de agrárias é uma das mais bem conceituadas, mas também em razão de que lá eu teria oportunidade de cursar os cinco anos exigindo pouco deles (pais), então, lá (na universidade) eu tinha alojamento, trabalhava no restaurante, no bandeirão, durante os cinco anos de graduação, então, teve todo esse processo. Trabalhei, também, de garçom, festas de quinze anos, festas de ex-alunos e aí vai... – Valdir

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

Na categoria, temporalidade da união conjugal, acerca da experiência com o primeiro companheiro, Helena relata:

[...] meu primeiro relacionamento, foi bem dizer, o primeiro namoro, o primeiro casamento, eu tinha dezessete anos, então, eu namorei ele sete anos, quando foi com vinte cinco anos eu me casei, nós não queríamos filhos porque a gente tava naquela vivência de construir uma casa, fazer a parte financeira mais estável, né, e de repente veio a separação, aquela coisa que prá mim foi...me pegou de surpresa porque casamento prá mim foi sempre casou e ficou, né...e foi me apresentada, depois dessa separação, umas coisas novas que me assustaram muito, tipo assim... 'ah! casamento não é prá sempre, acabou!', né,...não foi uma decisão minha porque prá mim tava tudo muito bom... – Helena

Lins (2000) aponta que, em nossa cultura, acredita-se que só se pode estar vivendo bem se houver uma relação amorosa e, com isso, o casamento por amor passou, então, a constituir-se em meta a ser alcançada por todos. Nossa entrevistada verbaliza sobre as expectativas que foram se construindo antes e durante sua primeira experiência conjugal. O fim da união conjugal parece levá-la a se questionar sobre os significados que atribuía ao relacionamento afetivo-sexual. Vivenciar o fato de que o casamento pode não ser para toda a vida a fez entrar em contato com seus temores e angústia. Dantas, Sá e Carreteiro (2009), a partir do pensamento heideggeriano, nos dizem que a vivência da angústia possibilita uma integração do ser com experiências fundamentais do existir humano, quais sejam, a dor, a liberdade, o amor e a morte. Helena nos assinala que a experiência de rompimento conjugal traz à tona projetos seus não realizados.

[...] eu fui criada prá casar, prá ter uma casa, prá depois, futuramente, ter um fil..., um marido, prá mim tava bom. Aí eu percebi que não tava bom prô meu companheiro, que ele queria uma outra vida, então, teve um período de...um ano, dois anos, vamos por aí, de adaptação, né (com a separação)...afinal de contas, teve uma raiva dele ter me tirado algumas coisas tipo...eu não vou poder comemorar vinte anos de casada, sabe?!... – Helena

De acordo com Falcke e Wagner (2005), as experiências vividas na família vão sendo gravadas pela criança que sofre influência, as quais se expressam no momento de tomar decisões, frente a suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais. Entretanto, as diferenças individuais modulam a intensidade e compreensão com que os valores familiares são gravados por cada integrante de determinada família. Na medida em que nossa entrevistada relata suas expectativas, também nos aponta valores presentes na transmissão transgeracional familiar, apontando uma construção de papéis sexuais e de gênero e o lugar que ela deveria ocupar no mundo. Essa construção, calcada no patriarcado, coloca a mulher no lugar de esposa, ou como diz Helena “*fui criada para casar*”. Para Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48), a transgeracionalidade social é

[...] um processo que abrange a transmissão de valores, crenças e valores sociais que vão sendo repassados às novas gerações, ocorrendo por intermédio da definição de comportamentos esperados ou proibidos, bem como da exigência de aceitação e comprometimento com os mesmos.

A entrevistada diz, também, sobre sua experiência no primeiro relacionamento conjugal:

Eu acho que o meu parceiro estava se...(pausa), como fala...se omite prô outro...a vida dele...ele queria uma outra vida que não era aquela...casa, trabalho, sabe?!...ele gostava...vamos dizer, ele procura mais aventura, ele gostava mais de sair, mais de conhecer coisas novas e o casamento não tava dando isso prá ele, depois que eu vim saber que, de

certa forma, foi isso, porque eu vi a vida dele, o que é a vida dele hoje sem interferência do que era a nossa... – Helena

Entre suas expectativas e as de seu ex-companheiro, ela aponta distâncias e dissonâncias. O casamento aparece como um projeto construído a dois em que duas singularidades se relacionam, no entanto, a escolha por permanecerem casados pode não fazer parte de um projeto do ser-aí para toda a vida.

Valdir, que também fora casado antes de conhecer Helena, refere-se ao relacionamento conjugal prévio, ao dizer:

[...] o primeiro casamento...nós ficamos casados cinco anos, aí a gente percebeu que não dava mais, a gente não tinha filho...acho que isso foi um facilitador também... – Valdir

O fato de não terem filhos é pontuado como um facilitador para a separação.

Valdir, ao falar do início da união estável com Helena, relata:

[...] quando nós iniciamos o relacionamento, não é nem o casamento, o relacionamento, eu ainda tava fazendo (pós-graduação), então, a gente tinha essa condição de estudante...bolsa...é meio complicado... – Valdir

E voltando-se à temporalidade do presente, pontua:

[...] e hoje o relacionamento é um relacionamento estável, tranquilo, têm os filhos (2)...CLARO que todo relacionamento no início é uma coisa, depois vem os filhos, aí você tenta...o seu tempo...ainda mais com essa vida minha de passar a semana toda longe deles...só no final de semana...então, você tenta ao máximo dedicar o final de semana prá eles...e durante a semana é trabalho, você liga...por telefone...você entra em contato, mas [...] já são quatro anos nessa vida, até, às vezes, comento com ela (esposa)...chega um momento que cê fala não...fica difícil...é preciso que...com certa urgência que...ou eles vêm prá cá, ou então, eu dou um jeito de vir prá (cidade onde esposa e filhos moram). – Valdir

Na sequência, percebemos que para Valdir, além do amor, o fato de ter se estabelecido profissionalmente foi algo que auxiliou na opção por ficarem juntos.

Eu acho que, realmente, é o sentimento, né, é o amor, enquanto ele existe, enquanto ele dá sinal, eu falo isso porque eu já tive...tanto eu...não sei qual vai ser a resposta dela, mas a gente já teve a experiência de viver um relacionamento em que esse sentimento se foi, então, quer dizer, a gente já passou por isso e sabe que enquanto isso é alimentado a coisa flui, a coisa vai, independente se você tem filho, ou não, é lógico que se você não tem filho, talvez, facilita você tomar a decisão, a decisão da separação, ela fica mais fácil, enquanto, por exemplo, às vezes, você ter lá os filhos...mas, no nosso caso não, esse amor permanece, lógico que, assim, não é aquele amor avassalador de um início de relacionamento, todo início de namoro é algo novo, é algo que você tá conhecendo, é algo que você quer ardentemente, é novidade, então, é algo diferente, mas a gente percebe que permanece, né...enquanto essa chama tá acesa o relacionamento vai embora e eu acho que esse... [...]

essa facilidade do lado econômico, também, eu acho que é um fator bastante importante, a gente tá vivenciando de forma progressiva, a gente tá em ascensão tanto que...ela não, ela tá vivendo uma fase de já quase próximo de aposentar, mas eu tô, assim, digamos assim, em ascensão na carreira, então, muda bastante, programar ter filhos, pensar em escola prós filhos, sair para jantar de vez em quando sem ficar preocupado com a conta que vai vencer, tudo isso são coisas que envolvem e acho que, também, acabam influenciando no relacionamento...se isso vai bem o relacionamento também vai bem. – Valdir

Verbalizando sobre a união conjugal, a entrevistada expressa que os filhos estão em primeiro lugar e que para isso conta com o apoio do companheiro.

[...] eu acho que os filhos vêm em primeiro lugar e outra, o (companheiro) é uma pessoa que dá um apoio grande, tá...na questão emocional, a parceria, embora ele esteja longe, ele é um cara presente, ele é um pai presente, ele é um esposo presente, e...então, eu acho que, mas, assim, se tivesse sem as crianças eu já pensaria se essa distância não iria me incomodar mais, acho que as crianças são o primeiro ponto aí. – Helena

Helena expressa, ainda, suas dificuldades emocionais em lidar e conciliar suas responsabilidades como mãe, profissional, dona de casa e esposa.

[...] eu cheguei um dia no Dr. (ginecologista) e ele falou ‘ vamos, calma, vamos fazer um teste, que tal a gente entrar com uma medicação, fazer um teste, depois qualquer coisa eu até te encaminho prá o psiquiatra’ (risos), ele acha que eu tava endoidando... que eu já não tava dando conta, não faz muito tempo não, tem uns oito meses. E foi isso que a gente fez (iniciou medicação) porque...dona de casa, mãe e profissional acho que me deixou abalada [...] – Helena

A colaboradora acrescenta:

[...] eu tava num ponto que se me chamasse eu queria sumir, não tinha como enfrentar aquilo (refere-se ao seu trabalho), hoje não, hoje eu já vou lá e falo ‘perai que eu vou tentar resolver’, então, eu acho que me ajudou e eu espero que a falta...que ter parado com a medicação não faça eu voltar, que eu consiga continuar firme(interrompeu o uso do remédio há poucas semanas) [...] – Helena

De acordo com Flaquer (1999), a perda da legitimidade do patriarcado é uma das mudanças mais importantes que caracterizam o final do século XX, tendo como um de seus sinalizadores o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres e o ofuscamento da figura do pai na constelação familiar. Therborn (2006), referindo-se às transformações na instituição familiar durante todo o século XX, afirma que o enfraquecimento do patriarcado e a revolução sexual em grande parte do Ocidente não decretaram o fim da família, no entanto, imprimiram a ela maior complexidade, agregando novos formatos que antes eram raros ou marginalizados, como os casais sem filhos, as monoparentais, uniões homoafetivas, domicílios unipessoais, entre outros. Como já dissemos, Romanelli (2000) afirma que são as

mulheres as principais mediadoras das relações e dos afetos familiares e responsáveis pela integração familiar.

Além disso, Giffin e Cavalcanti (1999) apontam que o gênero masculino está sendo repensado, consequência das novas demandas da contemporaneidade em que a mulher participa cada vez mais do espaço público como força de trabalho. As condições de vida das mulheres, em relação à escolaridade e renda aparecem na transformação da família contemporânea. O investimento na escolarização e na carreira ampliou as possibilidades femininas de alcançar maior autonomia pessoal e independência econômica, e a redução da dependência financeira promoveu alterações nas expectativas femininas quanto à vida conjugal e familiar, tendendo a rejeitar o padrão assimétrico e hierarquizado de relação de gênero no casamento, para privilegiar uniões conjugais mais igualitárias (PINELLI, 2004). Em contrapartida, Pinelli (2004) aponta que os comportamentos familiares e as relações de gênero, em países desenvolvidos (Estados Unidos, entre outros), com mulheres mais escolarizadas e com uma condição financeira melhor, encontram mulheres que continuam a ter de conciliar a dupla jornada de trabalho com o cuidado dos filhos e a atividade profissional.

Notamos, também, uma medicalização da angústia expressa pela entrevistada como forma de aplacá-la, o que também leva a um distanciamento de outras possibilidades de seu próprio vir-a-ser, em função da manutenção de uma rotina familiar estabelecida, o que a sobrecarrega na consecução de suas tarefas como profissional, mãe e dona de casa.

Por outro lado, a entrevistada reflete acerca do formato de sua união conjugal atual.

[...] me pergunto se eu consigo hoje ter um relacionamento de segunda a segunda com um marido em casa, eu não sei se eu vou conseguir. – Helena

E diz:

[...] também tem essas coisas que a gente começa a ter a sua individualidade, de repente ele prá cá, eu tenho que tá em casa, hoje eu ainda pego o carro e vou no mercado, sou eu que resolvo. – Helena

Quanto à vivência afetivo-sexual, Valdir descreve uma convivência harmônica com sua companheira ao dizer:

Fatos naturais do cotidiano, brigas no relacionamento...têm vez ou outra, mas nunca assim coisas agressivas, não...você até percebe que as crianças no mínimo de mudança que cê...as crianças já percebem...‘cês tão brigando?’, então, cê percebe que no mínimo, às vezes, um conversar um pouquinho diferente, às vezes, tem até ocasiões em que a gente não tá

discutindo, nós tamo, às vezes, conversando, discutindo algum assunto e eles falam 'cês tão brigando?'...não é que a gente é um casal que briga não, tá?...pelo contrário, a gente se dá super bem. – Valdir

Para Brandão (2010), no decorrer do século XX, as alianças conjugais passam a ser pautadas pelo afeto. Ademais, a qualidade de vida afetiva e sexual passa a ser foco de preocupação dos casais e da ciência.

O sentimento...acho que é a essência de tudo, enquanto você alimenta, enquanto você tem esse sentimento, enquanto você realmente AMA, essa chama tá acesa...a partir do momento que se torna algo só a-mi-go [...] (o desejo)Também, mas não é só desejo, não é só desejo. Eu acho que é algo mais além, algo mais de dentro, algo bem maior...porque o desejo é matéria, é coisa, assim, frágil... – Valdir

Acerca da vida afetivo-sexual, a entrevistada aponta que, após o nascimento dos filhos, o relacionamento com Valdir modificou-se.

[...] porque houve uma dedicação maior aos filhos, então, eu acho que a mãe fala muito mais alto do que a esposa, atualmente, é a mãe, principalmente, depois...principalmente não, acho que depois do nascimento do primeiro filho, eu não sei o que aconteceu, mas acho que a mãe falou mais...alto e, muitas vezes, eu não faço muita questão de, tipo assim, 'ah, deixa ele de lado', ou então assim, mesmo de bater de frente, 'eu não acho que é isso', então, eu vou deixando as coisas irem...que o que importa é...são as crianças. Poxa, já vivi tanto tempo prá mim, prá ele, agora é o momento de viver prá crianças. Com a chegada do segundo filho isso pesou mais, tá! Também essa vontade de sexo prá mim já tava quase que zerada, nossa, às vezes era naquela questão assim mesmo por 'poxa, tenho que fazer alguma coisa, né?!', então, mas eu...não é uma questão assim, por não gostar do companheiro, não é por não gostar de(le), eu não estava com vontade, não era com ele, não era com nenhum outro também, né?!...conversar com ele sobre isso acho que foi muito pouco, talvez ele nem saiba direito o que é que aconteceu nesse período (risos) porque eu também não sentia vontade de conversar, principalmente, depois do segundo filho...eu não tinha vontade mais de conversar, de falar que eu tava...porque que eu tava com vontade, ou não, ou porque que eu tava assim e conversar, parece que eu comecei a me isolar e me cobrar...eu tinha que dar conta do meu serviço profissional, eu tinha que dar conta do serviço de casa, eu tinha que dar conta das crianças...e tinha que ser esposa, acabei deixando um pouco de lado, talvez, até acredito que ele tenha ido muita paciência de ficar nem cobrando muito, sabe, não é um cara que fica cobrando, ele fica mais ali na retaguarda ... – Helena

Dirigindo-nos à compreensão do fenômeno, o relato de Helena vai ao encontro da fala de Adriana (casal 1) que também referiu mudanças na vida sexual após a vinda dos filhos. Lembremos que as alterações físicas e psicológicas com a gravidez e vinda de filho(s) biológico(s) acompanham toda mulher. Além disso, Helena vê ressonâncias de sua experiência prévia do relacionamento conjugal que terminou, influenciando suas escolhas atuais na convivência com Valdir.

A atitude que eu tinha no outro casamento eu procurei não ter nesse, por exemplo...tudo em comum no primeiro casamento só que quando eu me separei eu me senti sem uma perna...tudo em comum, desde contas, amizade, carro, casa, família, gostos, enfim, tudo...hoje não, até mesmo prá, vamos dizer assim, não que eu tenha aceitado completamente, mas por eu ter passado por aquela experiência, quando separou eu me senti, como eu te falei, só com uma perna, não conseguia me equilibrar, então hoje, prá eu me equilibrar eu sei que não pode ser assim, eu tenho que ter a minha, vamos dizer assim, a minha vida, e ele tem que ter a vida dele e a gente tem que ter uma vida em comum...então, talvez isso me incomodou também e...me ajudou a chegar à reflexão (risos)...nesse conflito todo que eu me peguei aí há um tempo atrás, nesses três últimos anos, né [...] – Helena

Para Beauvoir, enquanto a mulher coloca a realização amorosa como eixo exclusivo que justifica sua existência, o outro passa a ser depositário de expectativas irrealizáveis e por consequência, de frustrações imensas (PRETTO; MAHERIE; TONELI, 2009). Nossa entrevistada relata, metaforicamente, que o término do primeiro relacionamento conjugal foi como ter de equilibrar-se em uma só perna, e isso a fez refletir sobre como poderia construir o relacionamento atual sem fazer do outro depositário de tantas expectativas.

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

A entrevistada se refere aos pais e à educação por ela recebida:

Na infância, eu não tenho muito o que me marcou. Tive uma educação que gostaria de passar prós meus filhos, mas que também nos dias de hoje tem que ser mediada porque senão eles passam por cima da gente. A minha preocupação é muita em relação a isso. – Helena

Helena acrescenta, ainda:

Eu acho, assim, que hoje o jovem ele tá mais...ele diz muitos não...ele põe mais a opinião dele em qualquer momento. Eu venho de uma educação em que, por exemplo, o mais velho ele tem mais razão do que o mais novo, e hoje não, o mais novo vai...‘eu penso assim e pronto e acabou’, então, eu tenho medo de passar prô meu filho ‘olha, respeite o mais velho...olha, espere prá você...espere o outro que está na sua frente seguir...’, e de repente, eles ficarem prá trás, porque hoje o mundo não está assim, entendeu?!...‘ah, vou bater na porta prá poder entrar’...eu gostaria de passar isso prá eles, que eu faço, eu faço legal...só um exemplo...eu tenho prá exemplificar o que eu quero falar...hoje, o fato de eu ficar...bater na porta e esperar, pode me tirar a chance...porque ninguém, ninguém não, a MAIORIA não espera abrir a porta...bruuuum, já vão e vão ver o que tem lá dentro, então, eu tento, quer dizer, eu não tento, eu espero que eu consiga mediar isso...o que eu recebi com o que tem aqui hoje. (risos) – Helena

Santos (2004) afirma que a família conjugal da atualidade atravessa um período de transição, dados os avanços tecnológicos e a rapidez com que somos afetados por

acontecimentos e informações. Isso desencadeia uma transformação na estrutura familiar e na educação dos filhos, levando a uma maior liberdade sexual para ambos os sexos, uma inversão em que os filhos ensinam os pais (sobre o uso das novas tecnologias, por exemplo) e maior igualdade de direitos entre homens e mulheres. A colaboradora percebe-se como parte de uma geração vivendo em um momento de transição de valores e costumes que a afetam diretamente na medida em que, como mãe, necessita encontrar caminhos para fazer a passagem (mediação) entre aquilo que recebeu dos pais e aquilo que deve/pode oferecer aos filhos. Tal responsabilidade em educar os filhos, a partir de sua própria herança familiar transgeracional, desencadeia em Helena um impasse entre o desejo de dar aos filhos a educação que recebera dos pais, por outro lado, o medo de que se assim o fizer os filhos “*ficarem prá trás*”. Notamos que as mudanças culturais ocorridas, nas últimas décadas, em nossa sociedade criam novas demandas na construção da maternidade/paternidade e uma maior flexibilização da relação entre pais e filhos, dado que a obediência sem questionamento de outros tempos vai sendo substituída por crianças e adolescentes que têm acesso a informações em contextos fora do lar materno/paterno e, portanto, relacionam-se com os pais de maneira mais desafiadora, questionadora, ativa, participativa e argumentativa, ou seja, com maior proximidade e possibilidade de diálogo.

O relato do colaborador, referindo-se à educação dos filhos, aponta as mudanças percebidas por ele na sociedade em que ele próprio cresceu, para a atual sociedade na temporalidade da infância de seus filhos.

[...] Eu percebo que...há uma diferença muito grande da minha época de infância prá época de hoje deles...naquela época era uma dificuldade tamanha prá se conseguir coisas, hoje o consumismo é (risos) bem mais fácil, então, você consegue coisas de todo tipo de qualidade e de preço, então...e aí você...mais a educação com a creche...agora, já a partir do próximo ano o mais velho já começa a ir prá escola, então a gente ainda tá nesse dilema, escola particular, escola pública, a gente ainda não definiu isso. Isso eu acho que é uma coisa assim normal, natural...a gente, às vezes, se preocupa em ler alguma coisa sobre como fazer o melhor possível, mas eu acho que é uma coisa instintiva, né!? [...] – Valdir

Sinalizamos, também, o fato de o entrevistado referir-se à creche, lugar de cuidado de seus filhos, enquanto ele e a companheira se ocupam de seus trabalhos. A institucionalização dos cuidados maternos por profissionais especializados oferecidos à criança é uma das marcas da contemporaneidade (SCAVONE, 2001).

Referindo-se, ainda, à educação dos filhos, os entrevistados dizem:

[...] eu fico mais presente ali, né...eu acho que existem as divergências... ‘poxa, se fosse eu, não faria desse jeito’, poucas as vezes que a gente bate de frente junto com as crianças em relação à

educação. Eu evito muito fazer isso prá não dar margem prá crianças ficarem num tumulto, vamos dizer assim, mas a gente até que...ou ele tolera muito e eu também, né, a gente não costuma brigar, é muito difícil, muito difícil, acho que a tolerância aí é bem grande, espera passar aquela coisa, depois pode até...‘olha, eu acho que...’, foi bem o que eu te falei, nesse período de três anos, prá mim foi difícil chegar a essa conversa, eu queria deixar de lado, eu não conseguia, eu me fechei a ponto de não sentir vontade de falar nem com ele (marido), nem com ninguém. – Helena

Eu sinto, também, que a criança estando com a mãe ou a vó...elas ficam...na minha presença, parece que elas, digamos assim, ficam um pouquinho mais...como é que poderia dizer...elas sentem...eu não sei o termo correto que eu poderia usar, mas, talvez...não é amedrontados, na verdade, eles (filhos) são crianças que realmente me amam, quando eu chego é aquela festa, mas cê percebe que elas têm um respeito maior, elas te respeitam mais, então, se você, às vezes, num olhar, falar um pouquinho a mais, comparado com a mãe e a avó que tem essa...convivem a semana toda, às vezes, eles nem ligam tanto e, quando já sou eu, não sei se também é o fato...masculino, da entonação de voz um pouco mais, né!?... – Valdir

O casal relata as diferenças na interação entre cada um com os filhos, e o entrevistado percebe uma autoridade maior sua junto das crianças. Assim, como nos entrevistados anteriores, Cristiano e José, percebemos um sentimento de responsabilidade pelos filhos, no entanto, a maior parte do cuidado dos filhos (nos relatos dos três colaboradores) fica a cargo da mulher.

De acordo com Sutter e Bucher-Malsuchke (2008), há homens que na contemporaneidade se interessam em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos, envolvendo-se ativamente nas necessidades destes e considerando tal tarefa tão importante quanto a profissional, ou seja, exercem uma paternidade participativa, aquela em que o pai está presente no cuidado e há o envolvimento constante no cotidiano dos filhos no que se refere à alimentação, à higiene, ao lazer e à educação.

O casal, Helena e Valdir, reside em cidades diferentes, dado o fato de que o trabalho do colaborador se situa em município diverso do qual Helena trabalha e mora com os filhos. Falando sobre esta situação, a entrevistada nos diz:

[...] a minha educação não era prá ter um relacionamento LONGE, meus pais sempre moraram juntos, tenho irmã, hoje ela mora aqui...[...] Então, às vezes eu me pego falando ‘poxa, um relacionamento onde um mora longe quantos anos?... – Helena

A colaboradora remete-se ao seu aprendizado intrafamiliar e o seu próprio espanto em estar vivendo algo que não previa, para o qual não tinha o modelo parental para seguir, o que revela um (re)criar de valores familiares transmitidos, possibilitado, em parte, pelos avanços nos meios de transporte e de comunicação, o que os mantém vinculados.

Na condição de ser lançado ao mundo, o *Dasein* (ser-aí) está submetido às contingências sócio-político-histórico-culturais construídas historicamente, refletindo, portanto, o momento, época e local em que vive, sendo essa a facticidade particular de cada ser-aí (BRUNS; TRINDADE, 2007). Isso implica dizer que o ser-aí não escolhe o país, a cidade, a família, enfim, o “mundo” em que é lançado. Quando o *Dasein* começa a perceber que o mundo não o satisfaz totalmente e lhe sobrevém o estado de ânimo chamado angústia, então, abre-se para se perceber como principal referência em seu existir no mundo e se responsabilizar por suas próprias vivências.

É possível pensar que as contingências que se colocam, no decorrer da existência, muitas vezes, desencadeiam o sentimento de angústia e a necessidade de sair do palavrório, que poderia simplesmente organizar a realidade, para um contato de maior profundidade com o ser-aí, na expressão da linguagem que busca, para além de organizar, transformar e reinventar a vida a dois e em família.

Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48) afirmam que;

[...] a escolha do cônjuge e do tipo de relacionamento conjugal, que aparentemente são livres e espontâneas, estão permeadas por mensagens, implícitas ou explícitas, transmitidas transgeracionalmente pelos antecessores. O casamento constitui-se, então, em um processo que não é exclusivo do noivo e da noiva. Ao contrário, nele estão implicados fortemente os valores e legados do contexto familiar e social de cada um.

Assim, a constituição da subjetividade do sujeito, além de vir marcada pelos valores familiares transgeracionais, pode ser ressignificada pelos aprendizados socioculturais.

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Com relação à realização do projeto de ter filhos, Valdir expressa:

No início do relacionamento, quando você ainda não tem filhos é uma coisa completamente diferente, né?!...então, tem a fase de gestação [...] Você fala que é maravilhoso, que é algo assim que...é puro sentimento...a gestação e até mesmo o cuidado, né?!...o primeiro filho, você percebe o diferencial do primeiro prô segundo filho...que é...a diferença é porque o primeiro prá você é aquela coisa, assim, muito frágil, aquele serzinho que precisa de você...já no segundo, que nem, no primeiro uma febrezinha você já tá correndo com ele prô médico, tudo te apavora, tudo prá você é novidade, às vezes um trocar de fralda, às vezes...um soluço você já fica preocupado com tudo...mas quando você já tem experiência do primeiro, então, a coisa é mais tranquila, é interessante isso...às vezes até o próprio filho, também, você percebe que tem diferenciações...o primeiro, você percebe que ele é mais dependente e o segundo, ele já é...digamos assim, o avesso, talvez, não sei se existe essa

ligação, né, de ter sido uma coisa assim não tão muito é...preocupante...você percebe que ele, também, ele é um pouquinho mais independente, ele se vira bem, às vezes se ele brinca lá com as meninas no edifício ele se vira super bem, o outro já não, você percebe que tem diferenciações entre um e outro. – Valdir

Em se tratando da escolha da vasectomia e planejamento familiar, o entrevistado pontua:

Então, a vasectomia...é uma coisa em conjunto mesmo. É claro, quando você fala, você pensa no assunto...no nosso caso, a gente comentou que a situação...foram duas gravidezes de risco, quer dizer, uma terceira, realmente, seria muito preocupante e, entre você ter um terceiro filho e perder uma pessoa que você ama, que você quer tão bem, que, realmente, faz parte já dessa família que foi formada, né, então, eu acho que eu não tenho nem porque escolher, e eu acho que futuramente a gente pode...poderíamos, às vezes, usar outro método (contraceptivo), poderíamos, mas esse outro método...eles são reversíveis mas, ao mesmo tempo, o risco continua...porque a pílula, às vezes, é uma pílula de farinha, não é nem um nem dois casos, são n casos que, às vezes a pílula não funcionou e é o que ela tá usando hoje...e não é só isso, ela tá numa fase, também, que já começa um processo de diferenciações hormonais, começa, já talvez, uma entrada de menopausa, coisas do tipo, e esses medicamentos eu imagino que venha a influenciar, como influenciou até mesmo no...você percebe assim...quando ela começou a tomar os anticoncepcionais é...o corpo diferencia, a pessoa tem mais facilidade a ganhar peso, às vezes, até o lado emocional também...então, deve ter, então, eu penso, também, muito nesse lado, eu tô dando a oportunidade prá ela voltar o que ela era antes sem tá...sem a necessidade de injeção (hormônio), desses medicamentos...é nesse sentido, e aí junta também com esse lado de menopausa, eu acho que o risco, também, grande, do terceiro filho vir com algum probleminha, né, problema de Down (Síndrome de Down) e outros, né...problemas cromossômicos, acho que as chances vêm aumentando, então a gente, como uma forma de evitar tudo isso, acho que é o método mais fácil, mais seguro e causa menos problemas ao conjunto todo, à família, né?!...[...] – Valdir

Buscando a compreensão do fenômeno indagado nesta pesquisa, o colaborador aponta diversos significados para a escolha da vasectomia como método contraceptivo. Primeiramente, refere que a opção pela contracepção cirúrgica foi pensada conjuntamente com a entrevistada. Em segundo lugar, o fato de as gravidezes de Helena terem sido de risco o faz concluir que não há possibilidades de terem outros filhos. Gomes et al. (2006) apontam que a morte da mulher no parto, ou no puerpério, pode levar a uma desestruturação familiar, e tal risco pode levar o homem à participação na contracepção.

Valdir refere, ainda, seus temores quanto ao uso de outros métodos contraceptivos falharem. O uso do anticoncepcional oral, usado pelo casal, além da possibilidade de falhar (“*pílula de farinha*”), levou a companheira a ganhar peso, podendo levá-la a apresentar mudanças emocionais. O entrevistado pontua que a elegibilidade da vasectomia relaciona-se com o fato de ser um método “*mais fácil, mais seguro e causa menos problemas ao conjunto*

todo, à família”, além do que, sua parceira está com 42 anos, e uma criança gerada daqui para frente poderia vir com alguma deficiência.

O casal já percebia dificuldades para engravidar no primeiro casamento que tiveram. Quando resolveram ficar juntos, submeteram-se a tratamento para infertilidade e tiveram dois filhos, sendo o mais velho após a primeira tentativa de ICSI (injeção intracitoplasmática de espermatozoide) e o segundo, não esperado, resultado de uma gravidez natural. A chegada dos dois filhos gerou mudanças na vida do casal, e Helena explicita como se sentiu.

[...] com o primeiro deu bem, aí veio o segundo, fiquei em casa, quando eu voltei a trabalhar eu tive um impacto no trabalho muito grande, então, eu já tava, de certa maneira, desestruturada, não desestruturada, a gente fica mais frágil parece, não sei, e aí, responsabilidade de filho na escola, chamou é a mãe que tá aqui porque o pai tá longe...é uma dor de dente, é uma dor de cabeça, é uma febre, é um tombo, é você que tá à frente, você não tem com quem dividir, então, acho que foi uma carga que eu não conseguia administrar muito bem (chorosa)...foi aonde que...mas não foi isso que me levou a querer a vasectomia porque já estava definido antes de querer, foi logo depois da segunda gravidez que a gente já conversou, ‘olha, acho que é melhor’, né [...] – Helena

A opção pela vasectomia vem acompanhada pelo diálogo conjugal, já que ambos viam, na possibilidade de uma gravidez futura, maiores interferências na vida familiar, visto que nem o segundo filho havia sido planejado, somado ao risco de uma gravidez difícil por Helena. Portanto, o relacionamento do casal nos mostra uma participação do homem na vida doméstica, além de uma conscientização de suas responsabilidades, levando-se em conta as diferenças e necessidades de cada integrante da família.

Corroborando nossa compreensão da convivência familiar/conjugal, Helena nos diz a respeito dos significados da convivência familiar:

[...] um relacionamento de aceitação, de aprendizado, de companheirismo mesmo, mesmo sendo pessoas diferentes, onde cada um é cada um, cada um tem uma meta, maneiras de ver, de se expressar...a educação...os filhos são diferentes, completamente, nasceram da mesma mãe, do mesmo pai, a mesma educação e têm comportamentos diferentes e a gente têm que aprender a viver em comunhão. É isso... – Helena

Na sequência apresentaremos o casal 4, Sérgio e Cláudia.

4.2.4 Perfil do casal 4: Sérgio e Cláudia

Sérgio, 31 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, oficial administrativo, declara-se espírita, está casado com Cláudia há dois anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, um com seis anos e outro com um ano.

Cláudia, 31 anos, tem ensino superior completo, classificação econômica B2, educadora física, declara-se espírita, está casada com Sérgio há dois anos e tem dois filhos biológicos deste relacionamento, um com seis anos e outro com um ano.

Sérgio afirma que seus pais foram casados até seus sete anos de idade. Após a separação de seus pais, passou a morar com sua mãe e seu irmão mais velho, e a condição financeira piorou. Diz que era rebelde durante a adolescência e tinha difícil relacionamento com sua genitora, período em que começou a usar drogas ilícitas. Cláudia diz que durante sua infância achava-se feliz, mas durante a adolescência passou a ter dificuldade no relacionamento com os pais, sobretudo com sua mãe. Diz, também, que quando entrou na faculdade ficou assustada porque todos falavam em sexo e ela não tinha experiência sexual. Os colaboradores dizem que se conheceram na escola, durante a adolescência, mas eram somente amigos e vieram a se reencontrar numa festa quando Cláudia já estava no curso universitário. Namoraram e dada à infidelidade e aumento do uso de drogas pelo colaborador, se afastaram, mesmo Cláudia estando grávida, época em que o Sérgio procurou tratamento para dependência química, passando dois anos internado em tratamento. Em uma visita de Cláudia à clínica de reabilitação, para que Sérgio conhecesse o filho, o casal resolveu reatar o relacionamento e, logo depois que o colaborador saiu da internação, eles se casaram. Atualmente, estão casados há dois anos e têm dois filhos. Relatam que o relacionamento com a família de origem de ambos melhorou. Sérgio refere que o que o levou a optar pela vasectomia como método contraceptivo é por ser um procedimento mais simples que a laqueadura tubária. Cláudia diz que o marido foi quem pensou em fazer a cirurgia. Para ela, o que sustenta o relacionamento conjugal é o amor e, para ele, é o amadurecimento diário de ambos.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

Sérgio relata que tem somente um irmão mais velho e que, até seus sete anos, sua vida foi ao lado de seus pais que ofereciam a ele boas condições materiais. Após esse período, os pais se separaram, e ele passou a morar com sua mãe.

Minha família era bem melhor, assim, o socioeconômico, né, mas como eu sou o caçula, logo quando eu comecei a me perceber como gente mesmo foi quando a fase prá minha família começou a piorar, sabe?...a parte de grana...aí aos sete anos meus pais se separaram. É que meu pai tinha dois filhos, a mulher dele morreu e ele casou com a minha mãe e teve meu irmão e eu. Então, eles se separaram...eu e meu irmão fomos morar com a minha mãe e aí começou a piorar [...] então, foi uma diferença bem drástica, mas eu ainda era bem pequeno, não deu prá notar tanto, não senti tanto, eu acho, sei lá [...] – Sérgio

Cláudia relata sua infância como um período muito bom, embora sentisse a distância afetiva de sua mãe.

[...] quando criança eu me achava muito feliz. Aí quando fui crescendo, tudo... a minha mãe era muito difícil ter o acesso a ela, de amor e de carinho [...] o meu pai já era mais tranquilo, já tinha mais isso, mas a minha mãe era mais brava, então, eu ficava com receio. – Cláudia

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

Referindo-se ao relacionamento com sua mãe e ao uso de drogas, durante a adolescência, o entrevistado afirma:

[...] dos sete até os dezenove, mais ou menos, eu morei sempre com a minha mãe, nesse meio tempo eu morei um tempo com meu pai também...porque eu e minha mãe a gente nunca se deu muito bem, pelo menos nesse período, era muita briga, muita discussão [...] eu sempre fui meio rebelde, sei lá se era sem causa ou com causa, devia ter as minhas causas na época, né?...mas, foi bem difícil, foi um período bem difícil, tive um envolvimento com drogas feio, por muitos anos, fui...sou dependente químico até hoje [...] – Sérgio

Quanto à adolescência, a entrevistada relata as dificuldades no relacionamento com os pais.

[...] na adolescência eu comecei...assim, eu não me senti tão bem...já não era mais tão feliz (risos) e com minha mãe sempre foi difícil mesmo assim de chegar, então...acontecia muitas discussões, eu brigava muito com meu pai, apesar de me relacionar melhor assim com ele, na parte afetiva, a gente discutia muito por ideias, sabe, a ideia dele é aquilo, pronto e acabou...e eu ficava brava. A gente discutia muito e minha mãe não entendia, é claro, né! – Cláudia

A colaboradora sinaliza as diferenças de pensamento da geração de seus pais para a sua, e as discussões que tais diferenças geravam. Além disso, a entrevistada relata seus conflitos relacionados à expressão da sexualidade.

Ah!...eu jogava basquete no terceiro colegial, quando eu comecei a namorar [...] quando terminou o terceiro (colegial), meu namorado (mudou de cidade), porque ele era de lá e foi prestar o vestibular lá, né? Fazer a faculdade lá. Então, a gente terminou porque ele ia embora, não que a gente ia terminar, porque a gente brigou, porque aconteceu alguma coisa. Foi porque teve que ir. E acho que foi juntando essas coisas, a gente entrou na faculdade, todo mundo falando de sexo, sexo, e eu ainda não tinha nada, e eu pensava 'o que que é isso?!...e eu me sentia mal com tudo isso, com qualquer pessoa que você saía, já...sabe [...] – Cláudia

E continua:

Não tinha tido relação ainda...foi muito assustador assim prá mim, aí eu fui me fechando e fiquei super mal com tudo isso, 'não tô preparada prá isso'. E aí, como que vai voltar atrás? E prá conversar com a minha mãe, assim, a gente nunca conversou, sabe, nunca pedi orientação assim, sabe, não quero culpá-la, acho que não era parte dela. E aí no terceiro ano de faculdade que o (Sérgio), a gente tinha estudado junto já no colégio...e na faculdade, quando eu melhorei e comecei a sair, no segundo ano de faculdade a gente tava saindo, tive os primeiros trabalhos no segundo semestre, fui dar (aula de) auxiliar de natação, depois eu fiquei por aí mesmo dando aula de natação, só aparecia aula de natação, e aí no segundo ano eu comecei a sair mais, aí já tava melhor, assim, a autoestima tava melhor, e no terceiro ano eu saí e encontrei com o (Sérgio), sempre encontrava assim, a gente sempre falava oi, só oi, sabe?!...a gente nunca foi amiiiiigo assim, nem no colégio, só era de falar oi, aí a gente saiu e se encontrou em (outra cidade), era festa do namorado de uma amiga minha, numa boate lá, a gente se encontrou e começou a ficar, daí a gente ficou em janeiro e em fevereiro a gente começou a namorar...e aí foi né, um relacionamento super tumultuado né, com várias brigas, no começo a gente brigava mais por causa das drogas e depois teve várias traições e algumas loucuras, até que fiquei grávida, e aí eu fiquei grávida e o (Sérgio) se afastou, sumiu, né, depois que eu fiquei grávida, que foi numa época que eu não esperava [...] – Cláudia

Conta que apresentava sintomas de depressão e que foi entre os amigos universitários que encontrou acolhimento para suas dificuldades em lidar com questões afetivo-sexuais e as divergências no relacionamento com os pais.

[...] na faculdade, que eu comecei a sair, antes de ir prá faculdade, eu tive um namoro no terceiro colegial, que foi meu primeiro namorado e foi escondido porque meu pai não podia saber, assim, acho que no fundo, eu acho que sabia um pouquinho, não queria ver, não podia mostrar, sabe. Minha mãe tudo bem. Aí nessa parte minha mãe ajudou, aí meu pai já não podia, aí ele já era mais bravo, com essa relação sabe. Eu lembro que ele não gostava muito que eu tinha amigos, tinha ciúmes, né?!...ele brigava quando meus amigos iam em casa, aí todo mundo tinha medo dele. Agora, minha mãe, aí a relação era tranquila, mas ela era ainda mais fechada, eu acho, aí, quando eu entrei na faculdade, no primeiro ano, eu entrei em depressão, eu só fui entender que era depressão depois da gente começar a estudar a depressão na faculdade, então...eu ficava, assim, eu não tinha vontade de fazer nada, só tomava banho para ir prá faculdade, ia porque tinha que ir, sabe, 'minha mãe tá pagando, então tenho que ir', e assim empurrava, não fazia nada, dormia o dia todo, eu chorava, e às

vezes ficava rindo à toa e voltava a chorar e ficava nesse quadro assim. Durante uns seis, oito meses fiquei assim e aí depois...fui melhorando, assim, com os amigos a gente conversando, foi melhorando [...] – Cláudia

Na temporalidade da adolescência de nossa entrevistada, na década de 1990, Cláudia expressa suas dificuldades em lidar com sua sexualidade. Além disso, ela refere que somente encontrou espaço de acolhimento para seus medos e dúvidas entre os amigos. A colaboradora referiu, também, que ficou grávida de Sérgio em uma época em que não esperava engravidar.

Retomando o conceito de planejamento familiar, lembramos que ele inclui o conhecimento e acesso aos métodos contraceptivos, além de um planejamento efetivo na escolha consciente em ter (ou não) filhos, o que abrange a possibilidade de orientação concernente à vida reprodutiva e sexual de cada pessoa. A colaboradora assinala que não encontrou espaço de diálogo na família ou em serviços de saúde para tratar de tais questões, o que expõe uma lacuna, preenchida pelos amigos, nos dois contextos.

Sobre como o casal se conheceu, ainda na adolescência, Sérgio conta:

[...] a gente estudou junto no ginásio, acho que na sétima série se conheceu, sétima, oitava, primeiro a gente estudou junto, mas é como amigo, nunca falou nada, nem de longe...a única coisa legal é que os dois gostavam muito de basquete...porque ela...é difícil, naquela época, mulher que gostava de basquete, mas, nunca, sabe...nunca passou pela cabeça de nenhum dos dois. Aí ela foi estudar em outra escola e eu fiquei onde a gente estudou e muito tempo depois, uns três ou quatro anos depois, a gente se encontrou numa boate lá em (outra cidade), tal, e acabou ficando a primeira vez ali e foi indo, sabe?...foi rolando...foi numa época legal...achei legal, achei fantástico ter encontrado ela ali, uma pessoa legal, tal, uma pessoa do bem, correta sempre, não é do time dos negativos assim...mas aí foi indo...nos primeiros...o que?...três, quatro anos do namoro foi fantástico, foi...eu morava sozinho nessa época, tinha meu apartamento, tinha dois empregos, tava bem...não tava como gostaria, mas tava tranquilo, minha vida era bem tranquila...bem correta, assim...bem dominada, sabe? Eu tinha ela sob controle...então, essa época foi muito bom, mas aí, depois disso a gente começou com muita briga, sabe? Muita briga, eu e ela. A partir dos três, quatro anos começou a ficar difícil...teve vários casos de infidelidade (do próprio entrevistado) [...] – Sérgio

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

Conforme já relatado, em decorrência do abuso de entorpecentes, o colaborador passa dois anos em uma clínica de reabilitação e, somente depois, Sérgio e Cláudia se casaram.

No começo do casamento, Cláudia relata as dificuldades de convivência.

Era difícil a convivência, de coisas banais assim, até de cuidar de casa, deixar roupa jogada, dessas coisas, acho que a gente não tava realmente ligado de novo um no outro, a gente ficou um tempo separado e de repente, vamos ficar? Vamos...mas não deu tempo de voltar, tava meio morno assim, agora já melhorou. – Cláudia

Quanto à questão financeira, o entrevistado relata que esse já foi um problema do casal no início do casamento e que as divergências e dificuldades de comunicação o fizeram questionar se era isso (casamento, família) o que ele realmente queria. Parece que nesses momentos de crise do relacionamento conjugal havia um desejo de escapolar da situação-problema, conforme o relato a seguir.

A grana era um dos principais motivos, o estresse um do outro, sabe, o meu estresse ela não conseguia lidar, eu não conseguia lidar com o estresse dela, a gente não se entendia, não se comunicava, não conversava direito, um achava que o outro tinha bola de cristal, sabe aquela história?!...só conversava quando era prá explodir, não procurava bater um papo sério, não tinha uma união, não tinha companheirismo, não tinha nada disso, foi bem difícil, até se cogitou em cada um prô seu canto e tal, mas ainda bem que não deu certo isso aí...acho que medo um do outro, sei lá, medo da história acontecendo, será que é isso...sabe quando entra aquela pergunta 'será que é isso que eu queria prá minha vida?' [...] – Sérgio

Na temporalidade do presente, falando sobre papéis de gênero, Sérgio afirma:

[...] a ideia é essa...quem se formou foi ela, então, ela que vai ter que crescer, eu não vou mudar muito. Eu acomodei, na verdade, com trabalhar (instituição), mesmo porque agora é difícil de arriscar, sair, correr atrás de outra...porque qualquer outra coisa que eu for fazer eu vou ter que começar do zero, então, esse período de até pegar uma renda legal, terminar a faculdade, e tudo mais, o que eu vou fazer prá cuidar dos dois, dela, da casa ainda, aluguel nosso? Então, deixa eu quietinho (na instituição em que trabalha), pelo menos essa grana paga as nossas contas básicas, assim, e aí conforme ela for melhorando, a gente vai comprando nosso carrinho, devagar, melhorando [...] – Sérgio

As condições de vida das mulheres, em relação à escolaridade e renda também aparecem no painel de transformação da família contemporânea. Os investimentos na escolarização e na carreira ampliaram as possibilidades femininas de alcançar maior autonomia pessoal e independência econômica, e a redução da dependência financeira trouxe alterações nas expectativas femininas quanto à vida conjugal e familiar, tendendo a rejeitar o padrão assimétrico e hierarquizado de relação de gênero que o casamento suscita, para privilegiar uniões conjugais mais igualitárias (PINELLI, 2004). Além disso, podemos perceber que a elegibilidade da vasectomia vem acompanhada por um replanejamento do casal na direção de realizar projetos profissionais, pessoais e melhoria do padrão socioeconômico da família. Notemos que Sérgio espera que haja uma ascensão profissional de sua companheira e que, está disposto a ajudá-la nisso, mantendo as contas básicas da casa com o seu próprio trabalho, o que demonstra um caminhar na direção de uma flexibilização dos papéis de gênero.

Na temporalidade do presente, o colaborador verbaliza o que considera importante no casamento.

O que eu acho importante no casamento? Sei lá... [...] perseverar, né?! Saber que momentos de discórdia vão aparecer, mas não adianta querer pensar 'vou arrumar outra', a outra vai ter outro problema também, falam que trocar de mulher é trocar de problema, né?! Mas tudo bem, não vejo minha mulher como problema não, pelo contrário, a gente tá numa fase...há quase dois anos de casado aí, tá numa fase de plena ascensão, sabe, a gente não chegou num ponto de equilibrar a coisa, a gente ainda tá se descobrindo agora, tá aprendendo a fazer a coisa certa agora, acho que a gente ainda vai ter um tempo prá gente se curtir mais, por enquanto tá cuidando de filho, aprendendo a viver de uma forma junta, cuidando de casa, aquelas coisas, ainda tá nesse período, apesar de já ter anos aí, mas acho que comparado com o resto da vida ainda é pouca coisa, a ideia é permanecer, não tenho nenhuma ideia de largar, sei lá, de viver a minha vida, a minha vida são eles agora e tô tranquilo com isso, tô satisfeito, pelo menos até hoje eu tô satisfeito com isso. – Sérgio

Para a entrevistada, o casamento também tem significados.

[...] acho que o casamento é [...] autoconhecimento [...]...e saber lidar com todas as outras situações, é um crescimento além do autoconhecimento...a gente tá aprendendo muito junto assim, de convivência, de saber lidar, de doar, de doar de si, de tudo, sabe?!...de amor, de ver que quanto mais você dá, ele não acaba, né?!... – Cláudia

Bauman (2010, p. 204) afirma que “amar é estar determinado a partilhar e mesclar duas biografias [...]”. Viver na contemporaneidade, em que coexiste a ideia de encontrar e viver uma relação amorosa que dure por toda a vida, em contrapartida com a flexibilização das relações abertas à experiência de novas possibilidades, é o desafio que se coloca na pauta do dia para ser refletido pelos protagonistas da conjugalidade, mediadores e (re)criadores de formas de se relacionar e realizar o projeto do ser-aí na atualidade.

De acordo com Torres (2004), o casamento contemporâneo é motivado por escolhas individuais e seu desenvolvimento um projeto discutido e negociado a dois. Assim, o laço conjugal não se mantém, necessariamente, pela formalidade e rigidez dos direitos e deveres que estas relações implicam, mas por serem fonte de satisfação emocional para as duas pessoas envolvidas.

De acordo com Sérgio, sua reabilitação da dependência química o tornou uma pessoa diferente, com uma maneira diversa de lidar com as pessoas e com responsabilidades.

[...] porque desde...a partir da fazenda, o que eu passei, a gente ficou totalmente diferente, não só...apesar do relacionamento ser a mesma pessoa, emprego com as mesmas pessoas, o pai é a mesma pessoa, foi tudo muito diferente prá mim, sabe? Até hoje eu tenho que lidar com coisas que não tava acostumado, nem queria lidar, por isso que eu me detonava tanto...até prá fugir de algumas responsabilidades aí...Então, prá mim era tudo muito difícil. Acho que tudo ficou diferente, tudo foi mais trabalhoso assim. – Sérgio

Sérgio relata, ainda, sua saída da clínica de recuperação e seu casamento em seguida.

[...] eu saí da fazenda e dois meses depois a gente tava casando. Mas foi muito difícil, não teve nada daquele glamour de casamento, né?...aquela correria prá festa, todo mundo feliz, foi o maior “TRASH”, apavorado, não sabia o que fazer, tinha acabado de sair de uma fazenda de recuperação, PERDIDAÇÃO assim, não sabia prá onde ir direito, a única coisa que eu tinha era o meu emprego (instituição), que Deus manteve... ‘não, segura esse aqui que você vai precisar dele mais prá frente’...e aí a gente...foi...mas foi “PUNK”, no dia do casamento, a maior ansiedade, todo mundo correndo prá ver se dava tempo, um nervoso com o outro já...foi meio esquisito, a gente já casou meio brigando. Aí esse primeiro ano de casamento foi difícil também, tivemos várias discussões, é complicado... de repente, mesmo a gente se conhecendo há muito tempo, era um grupo diferente, tudo muito diferente, cuidados, um cuidava do outro, sei lá...a gente se dando bem, fazendo a coisa acontecer, foi muito difícil, mas a gente segurou a onda assim. – Sérgio

E continua:

[...] a gente quando casou, nenhum dos dois sabia o que fazer, então, acho que com as pancadas, com as pedras do caminho a gente foi amadurecendo, não desistiu, perseverou e acho que tá nesse processo ainda, sabe?! É que agora acho que tá mais ameno, é mais fácil lidar um com o outro, a gente se entende melhor, mas acredito que vamo amadurecer ainda, até os noventa anos de casado... – Sérgio

Segundo Almeida (2004), o casamento e o primeiro filho são responsáveis por mudanças de *status* social e de gênero. O entrevistado, ao falar de amadurecimento no acontecer da união conjugal nos remete ao pensamento heideggeriano ao apontar que é na existência concreta e escolhida de maneira responsável que o ser-aí se projeta e se lança para aquilo que não pode controlar, pois não conhece, mas que vai sempre levando a novas escolhas e novos passos na trajetória da existência.

[...]...acho que a própria convivência vai mostrando que é o correto, é o que tá bom, é o que tá funcionando, né?! Uma coisa que aconteceu na minha vida, depois desses processos todos aí, de bagunça, é...acredito que o que fez a verdadeira mudança foi o lance de me espiritualizar mais, sabe?!...acreditar que tem que ser feito o correto mesmo. O próprio Pai Nosso fala ‘Seja feita a vossa vontade’...a minha vontade eu fiz a vida inteira e só deu errado, só metendo a cara nos muros aí, e acredito mais nisso, então, vejo nessa relação o que tem de melhor, no caso, flui muito bem e tudo, a própria criação que a gente dá aos nossos filhos, a nossa maneira de viver em relação a tudo, não só um com o outro, mas os dois buscando uma melhora nisso, procurar sempre estar fazendo o correto, fazendo o melhor, sempre se dedicando a isso, sabe? Não achar que um é mais esperto, que ganhou dando “nó” um no outro, como era minha vida antigamente, eu acho que isso é uma das coisas que...não por causa disso que eu continuo casado, mas porque eu gosto demais dela, a gente se dá bem, hoje a gente não quer mais ficar caçando por aí, acho que já encontrei, estou satisfeito, sabe?! Eu tô bem satisfeito, em relação...é claro que a gente tem nossas desavenças uma vez ou outra, mas isso faz parte...essas crises fazem que a gente cresça, a gente vai passar...tudo melhorou por causa dessas crises, foi com elas que a gente foi aprendendo, que passou por elas os dois, sabe, hoje tá...tá legal, a gente brigando juntos, temos muita coisa prá melhorar ainda, mas...beleza, né?! V’ambora...acho que é isso. – Sérgio

A respeito do dia a dia da união conjugal, a entrevistada relata:

Tem momentos que eu fico meio mal ainda, sabe, não fico cem por cento, sabe?! Eu não tenho uma autoestima, eu tenho baixa autoestima, então qualquer coisinha assim, às vezes, eu observo e já...assim, há pouco tempo a gente encontrou uma moça que eu sei que o (marido) teve com ela e, nossa, eu me abalei totalmente, fiquei mal e a gente conversou bastante, e é isso que tem ajudado a gente...a relação tem melhorado, a gente tem conversado bastante, sabe?! Eu não tenho escondido nada, a gente realmente tá sendo amigo de contar tudo. Então, tudo que acontece a gente vai conversando e aí foi melhorando, e sabe...porque você tira as dúvidas...porque ah, aconteceu...e hoje é outra coisa. Ele falou 'mas não aconteceu nada', eu falei 'mas claro que aconteceu, eu sei que aconteceu', mas ele não sabia que eu sabia...eu falei 'eu sei o que aconteceu!', ele falou 'como?', aí ele falou que não tem nada hoje, a gente conversou e ele ficou todo...assim, melhorou, mas às vezes eu ainda fica meio (mal) [...] – Cláudia

A colaboradora aponta que as dificuldades do início do relacionamento com Sérgio, eventualmente, ainda a afligem, por outro lado, o diálogo entre ela e o esposo na atualidade desfaz medos e aumenta a intimidade entre eles. Para Heidegger, o cuidado (*sorge*), ou cura, está ligado ao ser do Dasein, ou seja, à sua condição de possibilidade, de abertura necessária para o acontecer dos fenômenos, enfim, relaciona-se com o ser que convive e se preocupa com sua própria existência e com a existência em geral, enquanto ser-no-mundo-com-outros.

Quando fala do que mantém seu casamento no momento atual, a entrevistada diz:

[...] amor, acho que é isso, porque dinheiro não, não é dinheiro definitivamente. É o amor que está sustentando porque se não fosse...(risos) – Cláudia

Sérgio informa:

Desde o casamento a gente tá se virando, trabalho no (nome da instituição), fazendo milagres...eu falo que o milagre da multiplicação acontece em casa todo mês. Eu nem procuro pôr no papel, fazer conta, que eu fico louco, não acredito como que dá. Tem a ajuda do banco também, a gente corre atrás, eu de vez em quando faço umas tardes finais a mais, eu mexo com computador, mas é esporádico, eu não tenho clientela fixa, nada, mas é o que entra, é uma pizza a mais, assim...um passeio a mais, a gente vai se virando como dá. – Sérgio

A entrevistada fala:

Quando a gente casou, eu tinha acabado de sair de uma academia que eu trabalhei sete anos, então eu tava buscando um outro emprego, eu tava em outras, mas ganhava muito pouco, muito mal, aí então, no dia que a gente casou, uma semana antes eu saí da academia que eu estava, a gente conversou sobre isso né, se ia afetar...ele falou que não, que a gente dava jeito, e aí, um mês depois eu comecei em outra, eu dava três aulas por semana, muito pouco, isso é assim, tem hora que melhora...mês passado começou a melhorar, agora é inverno, eu dou aula de hidro e natação, aí caiu de novo, então esse mês tá mais apertado, tem hora que ele fica desesperado assim com as contas [...] – Cláudia

Corroborando os relatos dos casais anteriores, Sérgio e Cláudia relatam as demandas da contemporaneidade para a manutenção da família. Pagar as contas da casa solicita deles um investimento no trabalho fixo, esporádico ou, ainda, novas possibilidades.

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Acerca da separação dos pais durante sua infância, o entrevistado revela:

[...] não encanei assim por que eles se separaram, nada disso sabe? Hoje, depois que eu tava com dezenove, vinte anos, eu até entendia meu pai, eu até falava prá ele ‘eu entendo porque você se separou da minha mãe, ela é insuportável e tal...’, mas sei lá, acho que o fato de ter uma família bagunçada, naquela época não era tão comum quanto é hoje, sabe, ter os pais separados, hoje na escola do (filho) a quantidade de filhos ali com pais separados é muito maior do que na minha época...então, sei lá, não era muito fã disso, acho que isso ajudou na minha rebeldia vir mais à tona, talvez. – Sérgio

No momento atual (da entrevista), o colaborador refere compreender seu pai e o que levou a separar-se de sua mãe. Para Szejer e Stewart (1997, p. 63),

[...] a forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda com outros modelos parentais. Os pais sempre são um modelo de referência em relação ao qual nos determinamos, seja querendo fazer como eles, seja tentando corresponder ao seu desejo ou opondo-nos a ele.

Podemos pensar que a vivência da conjugalidade e da paternidade fazem com que o entrevistado ressignifique suas próprias experiências com as figuras parentais. Além do que uma separação conjugal nos dias de hoje é vista com uma aceitação social que não ocorria em décadas anteriores.

Therborn (2006), referindo-se às transformações na instituição familiar durante todo o século XX, afirma que o enfraquecimento do patriarcado e a revolução sexual, em grande parte do Ocidente, não decretaram o fim da família, no entanto, imprimiram a ela maior complexidade, agregando novos formatos que antes eram raros ou marginalizados, como os casais sem filhos, as famílias monoparentais, uniões homoafetivas, domicílios unipessoais, os recasamentos, entre outras. Embora esta complexidade não decreta o fim da família, lança a ela novos desafios e conflitos. Para o autor, o que está ruindo é um modelo (patriarcal), não a instituição familiar. Some-se a isso que a separação dos pais de Sérgio se dá na década seguinte ao surgimento da adoção do divórcio, pela Lei 6.515, de 1977. Tal mudança de comportamento pelos casais pode ser observada no relato de

Sérgio ao perceber que um casal que se separa é algo corriqueiro entre os amiguinhos de escola de seus filhos, no entanto, quando isso aconteceu quando o entrevistado ainda era criança, era algo muito novo. Além disso, o relacionamento com sua mãe era muito difícil, e o consumo de drogas ilícitas desencadeou maiores conflitos entre ele e a mãe.

O colaborador revela que o uso de entorpecentes, na temporalidade da adolescência, levou a uma piora de seu relacionamento com sua mãe.

Acabei em droga, não dava prá pagar aluguel, torrava toda a grana...devagarinho fui me desfazendo de todas as coisas...isso foi rápido, esse processo foi bem rápido. Aí eu voltei a morar com a minha mãe e a coisa piorou mais ainda porque foi a pior fase do nosso relacionamento, meu e da minha mãe, esse aí, a coisa piorou muito. – Sérgio

Já na temporalidade do presente, afirma que a convivência com sua família de origem melhorou, após a interrupção do uso de drogas ilícitas.

Hoje tá super bem, nunca teve tão bem como tá hoje, inclusive com a minha mãe também a gente se dá muito bem, com meu pai assim, hoje eu vejo todo mundo precisando de mim, sabe?! Eu acho fantástico, até a pouco tempo atrás eu era o problema de todos, né?! [...] mas hoje a coisa tá bem diferente, então eu tô satisfeito e tô feliz, o (segundo filho) veio aí prá alegrar mais ainda a coisa, tá fantástica, tá muito bom agora [...] – Sérgio

Cláudia conta como foi sua experiência de descobrir-se grávida e contar isso a seus familiares.

[...] quando eu fiquei grávida, a minha cunhada, minha ex-cunhada hoje, me deu um super apoio, ela queria que fizesse os exames [...] eu tava passando muito mal, tava vomitando já, com muitas dores abdominais, aí eu tinha já feito exame no posto, só que tava demorando o resultado, e ela falou não...eu tava passando mal e ela me levou, a gente foi fez a consulta e o médico falou, então, que precisava fazer um exame para saber se era gravidez ou não, aí eu disse não vou fazer, já fiz um exame no posto, vou esperar o resultado, ela disse vamos fazer um exame de farmácia, aí a gente fez e deu positivo na hora...e eu lá esperando...e aí ela ficou toda feliz, você tá grávida, vamos comemorar, não, não posso, com isso fomos prá casa, tal, ela falou 'que você vai fazer?'... 'Ah! Não sei'...No outro dia saiu o resultado do posto, aí eu fui e minha irmã me ligou que tinha falado com meus irmãos e eles se reuniram para conversar comigo prá ver o que ia fazer. No primeiro momento eu falei até "tiro", mas só falei da boca prá fora, não tinha intenção, sabe?!...só prá falar que eu ia acatar alguma coisa que eles me falassem, mas aí eles falaram não, me ajudaram, foram conversar com os meus pais, a gente reuniu, conversou e a reação dos meus pais foi completamente diferente do que eu imaginava, sabe, aí me acolheram e aí eu continuei, né, tive meu filho [...] – Cláudia

Cláudia relata que, num primeiro momento, pensou em fazer um aborto, já que não havia planejado uma gravidez e não sabia se poderia contar com o apoio dos familiares e de Sérgio. Na sequência, a colaboradora conta ter permanecido com seus pais durante sua primeira gestação e nascimento do primeiro filho. Relata, também, que Sérgio foi para a

reabilitação, e Cláudia foi visitá-lo para que ele conhecesse o primeiro filho, momento em que reataram o relacionamento.

[...] o (primeiro filho) nasceu, eu fiquei com os meus pais morando lá ainda, só que minha mãe pegou uma raiva do (Sérgio) que não podia escutar nem a voz dele, ela não queria nem que ele fosse em casa. Aí a gente convenceu que, pelo menos, prá ver o menino, só que com isso prá ver o filho, a gente voltava, a gente brigava, sabe?!...e foi enrolando até que ele sumiu, ficou um tempo fora e aí ele voltou, e depois já queria casar comigo de uma vez sabe? Mas como a gente vai ficar junto, você ficou dois meses fora e eu nem sei o que aconteceu e agora você quer ficar junto assim?!...eu falei 'não, eu não vou ficar junto, eu até gosto de você, mas primeiro faz o seguinte: fica um mês morando sozinho, não com a sua mãe, morando sozinho mesmo, se você der conta de ficar um mês sozinho, pagando suas contas, tudo organizado, a gente PENSA na possibilidade porque eu não vou ficar expondo o (primeiro filho) a toda essa situação, né?! E aí não deu, né!...ele foi e até fez isso, mas ele não aguentou ficar um mês, daí ele internou e quando ele internou eu simplesmente falei não quero mais saber, não é isso que eu quero prá mim, acabou, chega, preciso de viver, de paz, vendo ele, desesperada vendo tudo que acontece, fiquei uns três ou quatro meses, acho, até mais, sem falar com ele, ele escrevia, eu não respondia, não queria mais saber mesmo, tava decidida. Aí o (filho) pedia muito, ele queria ver o pai, eu tinha levado na médica, e ela falou: 'não, leva, não por você, leva pelo seu filho, porque ele precisa ter relação com o pai, leva por ele'. E aí, no dia, peguei e fui, só que aí eu cheguei, ele tava totalmente diferente, tava sem droga, com droga é uma pessoa, e tava outra pessoa mesmo, aí a gente começou a conversar, comecei a visitar ele, acho que era uma vez por mês que tinha visita, visitei mais umas duas ou três vezes, e lá dentro, no último mês, na última visita, a gente decidiu casar. Assim, ele pediu vamos casar? Vamos. Eu falei vamos casar, mas nem sei o que vai acontecer, vamos ver como vai ser lá fora. Aí ele saiu num (mês) e no (mês seguinte) a gente tava casando. – Cláudia

A entrevistada explicita, ainda, o período em que Sérgio saiu da clínica de reabilitação e corrobora o relato do companheiro ao dizer da melhora do relacionamento com os familiares, após o tratamento dele.

Aí quando ele saiu minha mãe fez as pazes com ele, minha mãe ajudou, sabe, todo mundo ajudou, minha família inteira ajudou no casamento e até hoje todo mundo dá um super apoio, e às vezes, quando eu discuto com o (Sérgio), que eu brigo, eu vou na minha mãe e falo 'a gente brigou', umas três brigas feias assim que a gente teve, né?!...ela fica preocupada, 'não, você não pode brigar com ele, vai prá casa e faz as pazes com ele' (risos)... 'mãe, não vai acontecer nada', 'não, mas vai..', sabe, eu fiquei tranquila, e assim, agora nesses últimos meses a gente tá até melhor, o relacionamento tá fluindo bem melhor do que antes. – Cláudia

Além disso, a colaboradora refere que a distância afetiva que tinha com sua mãe, durante a adolescência, foi sendo substituída por uma aproximação da genitora, sobretudo, quando a mãe adoeceu.

[...] com a minha mãe hoje melhorou, hoje eu consigo me comunicar... [...] Só de pensar em ficar perto dela eu sentia pânico, eu era meio confusa sim. E como eles (mãe de Cláudia e Sérgio) se dão bem hoje, e ela teve cinco AVCs né, nesses dois anos, né, e no primeiro, eu lembro que assim que eu soube do primeiro, corri para o hospital, desesperada, e a primeira coisa que eu falei prá ela é que eu amava ela, é difícil a gente expor isso assim [...] não abraçar, não ter isso, tem que ir

chegando de mansinho, não sabe qual vai ser a reação. Eu lembro que eu falei, e ela não tava...ela tava meio longe, 'agora que eu tô falando ela não consegue entender'. Mas agora tá mais tranquilo, eu consigo abraçar e beijar ela, tá bem melhor. – Cláudia

O entrevistado refere-se ao casamento e à família como uma realização pessoal, um projeto realizado e que, por isso, deve ser preservado.

É... aqui é o que precisa ser o casamento, é uma união, principalmente quando se tem filhos. A minha ideia é que nosso lar seja um porto seguro para os quatro, porque eu lembro da minha época, eu odiava ir prá minha casa, prá casa da minha mãe, eu não quero que meus filhos tenham esse sentimento, não sei...vão passar pela adolescência também, vão ter os problemas deles, mas eu espero saber lidar com isso tudo para que eles possam se sentir seguros dentro de casa, tanto eles como minha esposa também, ter prazer em estar voltando prá casa.... – Sérgio

Segundo Falcke e Wagner (2005), embora os indivíduos possam buscar tanto relacionamentos semelhantes como diferentes de seus pais, seja para repetir ou evitar os modelos parentais, dependendo de suas experiências, esse relacionamento segue como uma importante referência.

Com relação à educação dos filhos, o colaborador afirma:

[...] sempre tem muita ajuda especialmente da parte da família dela, a mãe dela dá uma força enorme, a minha sogra, as minhas cunhadas também, sempre que podem vão ficando com as crianças...é que a gente procura não abusar, só quando precisa mesmo, a trabalho, até hoje a gente não fez uma...a gente quer ir ao cinema faz tempo, sabe? Nunca fizemos nada pela gente mesmo, sabe? – Sérgio

Cláudia corrobora o relato do marido:

Teve época...que a gente teve no começo, meus pais assim, minha mãe ajudou do jeito que pode, olhando as crianças para eu trabalhar, não ia prá escolinha ainda, hoje tá na escolinha. Hoje o maior vai prá escola [...] – Cláudia

O colaborador explicita acerca da vivência da paternidade e como se sente frente à educação de seus filhos.

[...] (educação dos filhos)...Difícil, cara, nossa como é difícil! [...] a gente se dedica muito, eu acho que eu sou...eu pego demais, pesado até em alguns momentos, sabe, em relação a isso.....porque eu acredito que é daí que vai surgir alguma coisa, não é numa escola melhor, tá certo que hoje em dia tem tecnologias que ajudam, mas se eu não tenho condição de dar uma escola fantástica prá eles, pelos menos dentro de casa a gente...a gente é...maneira nossa de educação deles, a gente gosta de verdade, em cima de coisas corretas, de ser uma pessoa correta, porque ele tendo essa base, porque eu tenho consciência que tô criando eles (filhos) prá vida e não prá mim. Eu...se for ver...minha vida não é das mais...mas eu tenho que cuidar da minha vida, e com eles não vai ser diferente, sabe, espero também que eles me amem no futuro, mas eles vão ter que cuidar da vida deles.

Sérgio continua:

[...] a hora que você vê o retorno disso é muito bom, todo mundo elogiando a educação, maior super educado seu filho, a gente vê nas festinhas, os outros ficam...(risos)...a gente vê que tem criança que não tem educação nenhuma, não tem respeito pelos pais nenhum, acho que isso tem que ser preservado, sempre o respeito, coisa que a gente não vê mais hoje em dia, na própria sala de aula aluno ameaçando o professor, não quero que meu filho seja um desses mais prá frente [...] – Sérgio

A entrevistada refere que as crenças espiritualistas do casal os ajudam na educação dos filhos e na condução da família.

Os dois tentam, a gente busca agir sempre da melhor maneira, mas nem sempre a gente consegue, né?! Não gritar, não bater, a gente evita ao máximo, mas tem hora que o maior pede, ele sabe o que...ele fica provocando assim prá ver até onde vai o limite, principalmente comigo, porque eu morava com meus pais e eu e minha mãe tínhamos mais ou menos a mesma opinião, e meu pai vinha e ‘não, não, deixa ele fazer...’, ‘mas vai quebrar a casa...’, ‘deixa...’, sabe, ficava superprotegendo, então, com isso ele perdeu totalmente o respeito por mim, então, nada que eu falava ele obedecia, e aí quando a gente casou que foi melhorando, porque aí o (marido) se impunha e ele obedece, sabe, o (marido) chega e ele já até...tem hora que até parece que é mais medo do que respeito, ele fica meio que se segurando, assim, mas comigo ele fica provocando até falar ‘cheeeega’ (risos), e eu acabo gritando, então eu falo ‘você vai fazer isso, então tá bom, vai ficar de castigo sem jogar videogame’, aí ele fica chorando ‘ai, não vai deixar.’ E a gente fica buscando estudar, a gente que é espírita e tem a educação, a evangelização né, que tinha uma reunião que acontece ao mesmo tempo com os pais, que vai vendo vários tópicos assim, de pais mesmo...é claro que entra alguma coisa espírita, mas como...relacionamento da família, sabe?! [...] É um jeito melhor de educar, de acompanhar. – Cláudia

A colaboradora aponta, ainda, que o esposo trabalha em uma instituição em que há creche, no entanto, somente as genitoras que trabalham no lugar têm direito a deixar seus filhos ali, demonstrando que do ponto de vista social é a mãe que deve arcar com as maiores responsabilidades no que concerne aos cuidados de filhos pequenos.

Não posso (deixar na creche) porque é só prá mãe, o (esposo) não tem direito. É só prá mãe que trabalha (na instituição)...a gente foi ver a possibilidade, ia ajudar muito, né?! – Cláudia

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Referindo-se à experiência da gravidez, a entrevistada aponta:

[...] aí, (Sérgio) começou muito a usar droga de novo e, um ano depois, exatamente um ano depois eu fiquei grávida, e aí o papo foi meio um choque prá ele, ele ficou meio... prá mim também né, aí a casa caiu, ele sumiu(internou-se para tratamento da dependência química) e eu fiquei desesperada, eu falei ‘o que eu faço agora?!...como que eu vou ter esse filho?! Eu

trabalhava o período todo, mas eu fiquei com medo porque minha mãe sempre teve problema de coração, ‘minha mãe vai enfartar, né?!...vou matar minha mãe!...’, e aí meus irmãos me acolheram, porque eu tinha me afastado da família por causa de drogas também, eu usava, mas não tanto quanto ele, a gente usava junto. – Cláudia

Assim, a colaboradora demonstra que não houve planejamento para a gravidez do primeiro filho.

Quanto à opção pela vasectomia como método contraceptivo, Sérgio expressa:

Eu pensei assim, não que eu falei primeiro, mas assim, a gente tava satisfeito já com os dois. [...] O que pesou mesmo, não querendo falar nada, mas pelo fato de eu saber que a cirurgia nela é mais difícil, mais, mais...o pós-operatório é muito pior, a chance de dar alguma coisa errada é muito maior, apesar de ser pouca é maior do que a do homem. Eu faço, não tem problema nenhum, não tenho nenhum receio quanto a isso não [...] – Sérgio

Na busca pela compreensão do fenômeno que ora se coloca, os significados atribuídos pelo entrevistado para a elegibilidade da vasectomia como contraceptivo estão na satisfação com o número de filhos e pelo fato de a esterilização cirúrgica do homem ser mais simples que a laqueadura.

Para Cláudia, a escolha da vasectomia foi, em primeiro lugar, de seu marido.

Foi ele que pensou, a princípio. Acho que foi por causa dos remédios, ele vê, assim, eu passando mal desde o namoro...que sempre foi tumultuado assim, e aí, quando a gente decidiu não ter mais, pensei em continuar tomando pílula, falei ‘eu não vou fazer cirurgia’, aí ele falou ‘eu faço’, eu falei ‘você faz?’, e ele falou ‘eu faço’, é muito mais prático, meu cunhado já tinha feito, né, ele falou ‘eu faço, eu faço’, tá bom. Ele que realmente decidiu, por ele [...] – Cláudia

Constatamos que na recusa de Cláudia em se submeter à esterilização cirúrgica e devido aos efeitos colaterais provocados pelo anticoncepcional oral, Sérgio opta pelo corte com a vasectomia. O colaborador relata a interferência na vida sexual do casal decorrente da possibilidade de uma gravidez indesejada, motivo que também o faz participar ativamente da escolha contraceptiva.

Prá gente ficar mais tranquilo...ficar mais...qualquer atrasinho já entrava em pânico, ‘Nossa, e agora?’...ainda não tô na boa, não tô feliz ainda, ainda tô nesse apuro, ainda mais agora que ela precisou ficar esse mês aí sem tomar remédio, ‘não chega nem perto, vai, sai pra lá...’ – Sérgio

Seguimos, a partir deste ponto, para os relatos do casal 5, Rogério e Carla.

4.2.5 Perfil do casal 5: Rogério e Carla

Rogério, 35 anos, tem ensino fundamental incompleto, classificação econômica C2, servidor agrícola, declara-se católico não praticante, mantém união estável com Carla há oito anos e tem três filhos biológicos deste relacionamento, uma menina, com oito anos e dois meninos, um com sete anos e outro com quatro anos.

Carla, 32 anos, tem ensino fundamental incompleto, classificação econômica C2, do lar, declara-se evangélica, mantém união estável com Rogério há oito anos e tem três filhos biológicos deste relacionamento, uma menina, com oito anos e dois meninos, um com sete anos e outro com quatro anos.

O entrevistado relata que sua infância foi vivida na fazenda com os pais e irmãos. Durante a adolescência, mudou-se com a família para a cidade e começou a trabalhar. Carla refere uma infância marcada pela separação dos pais e sua mãe como responsável por ela e seus quatro irmãos mais novos. Comenta que, enquanto sua mãe ia trabalhar, ela e os irmãos iam para a rua pedir comida e leite, dadas as dificuldades de manutenção da casa por parte da genitora. A entrevistada verbaliza que, na adolescência, iniciou atividade laboral remunerada no período da manhã, como doméstica aos 15 anos, e estudava à tarde. Carla relata que sua mãe faleceu quando ela tinha 15 anos, e uma tia responsabilizou-se por ela e os irmãos, e um tempo depois, foi a própria entrevistada que assumiu a condução da casa. Rogério e Carla se conheceram em uma boate e, após namorarem por sete anos, resolveram morar juntos. O casal tem três filhos, e o colaborador é responsável pelo sustento do lar, já que desde a primeira gestação da entrevistada, ela passou a apresentar problemas de saúde. Os problemas na bexiga e a tendinite nos pés impediram Carla de continuar trabalhando. Assim, a condição socioeconômica da família piorou no decorrer da união conjugal. Quanto à vasectomia, relatam que a decisão foi motivada por recomendação médica, já que a entrevistada não poderia mais engravidar dado o risco gestacional. O entrevistado assume, então, sua corresponsabilidade pela contracepção. Apesar das dificuldades materiais, o casal relata que o que os mantém juntos é o amor compartilhado.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

Referindo-se à sua infância, Rogério relata:

[...] A infância...era bom...eu morava na fazenda [...] eu nasci na fazenda, ia na escola, jogava bola, brincava...eu e meus irmãos... [...] – Rogério

O entrevistado relata sua infância na zona rural. Já a colaboradora nos diz:

Infância, infância...eu não tive, né?!...se eu te falar eu tô mentindo...porque minha infância, assim, toda eu...minha mãe me pôs prá trabalhar porque antigamente era difícil, minha mãe tinha cinco filho e era separada do meu pai, então, assim, minha mãe ia trabalhar e nós saia pedir as coisa na rua, então, nós vivia mais na rua do que...sem brincar...porque tinha que pedir comida, leite, essas coisa [...] – Carla

Na temporalidade da infância da entrevistada, no início da década de 1980, assim como nos relatos de Cristiano, José e Valdir, as brincadeiras de criança são substituídas por atividades que auxiliem na subsistência da família, no caso de Carla, pedindo alimentos nas ruas. A infância de Carla também é marcada pela separação dos pais, o que também já encontramos na biografia de Cristiano e Sérgio.

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

[...] Aí a família mudou prá cidade e eu arrumei serviço... [...] saía, me divertia, chegava tarde, ia em boate... [...] – Rogério

Na adolescência, Rogério conta que se mudou para a cidade com sua família, onde começou a trabalhar e sair para se divertir.

Eu sou a mais velha...a minha adolescência eu aproveitei bastante, né?!...muito! Acho que o que eu não fiz de criança, eu fiz na adolescência...assim, brincar de boneca, na adolescência eu brinquei...porque aí eu já tinha mais tempo, eu já trabalhava, mas...eu trabalhava de manhã, ia na escola depois do almoço e aí à tarde eu tinha as tarde livre prá brincar de boneca, essas coisa assim...aí depois eu perdi minha mãe...com 15 anos...e minha tia foi morar com nós, acabou de criar nós e depois ela abandonou nós porque ela tinha a vida dela, ela teve que casar...aí eu fiquei assim como responsável da casa, aí a responsabilidade ficou tudo prá mim, aí era eu que fazia compra das coisa...aí já não tinha tempo prá mim porque tinha que cuidar dos outro, nós somos em cinco [...] – Carla

A temporalidade da adolescência vem acompanhada pelas responsabilidades com os cuidados dos irmãos mais novos, dado que a mãe faleceu e uma tia da colaboradora somente se responsabilizou por Carla e seus irmãos, temporariamente.

Quanto ao namoro com Rogério, a colaboradora diz:

Eu conheci ele numa boate, aí eu conheci ele, aí nós ficou no final de semana, hoje é ficar que fala...e aí, depois...ele namorava uma vizinha minha e ele ficava comigo e com a vizinha...eu sabia, só que ela não sabia, aí eu achei errado porque era minha vizinha e eu tinha amizade com ela. Peguei fui e contei prá ela, aí nós duas foi esperar ele lá fora, na hora que ele apareceu eu falei prá ele 'agora você escolhe, ou eu ou ela', aí ele pegou e deixou nós duas lá e foi embora, aí no outro dia ele me procurou e nós começou a namorar e nós tá junto até hoje. – Carla

E acrescenta, referindo-se às suas gravidezes:

Comecei a namorar o (companheiro atual), namorei com ele sete anos, aí nós resolveu morar junto, [...] eu engravidei da (filha mais velha)...eu comecei a namorar com ele com 21 anos [...] e, logo engravidei do (segundo filho) também, eu tive um atrás do outro foi onde prejudicou mais ainda (a saúde) e tô com ele até hoje. – Carla

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

O entrevistado relata que o início da união consensual com Carla ocorreu quando a companheira ficou grávida, explicitando, com isso, o não planejamento da vinda do primeiro filho.

A (companheira atual) ficou grávida, a gente tava namorando e ela ficou grávida, a gente arrumou uma casa e...não foi fácil [...] tava na firma e lá pagava atrasado prá mim e vinha as conta, tal e tudo e só eu trabalhava...pagar força, leite, gás, não é fácil com (um salário mínimo). – Rogério

Na temporalidade da união conjugal, Carla verbaliza a respeito da condição socioeconômica da família:

(a condição econômica) Antes era melhor, porque antes eu trabalhava, agora não, agora ele trabalha sozinho, né?! [...] Era melhor, assim, porque fazia despesa, comprava tudo prá dentro de casa, um mês era eu, outro mês era ele, né, nós dividia as coisa [...] Hoje só ele trabalha, ele tem que pôr tudo dentro de casa, falta coisa...o menino (filho mais novo) que mama leite, usa fralda ainda com quatro anos, então é difícil! – Carla

A colaboradora expõe o fato de que, enquanto tinha atividade laboral remunerada e dividia as despesas da casa com o companheiro, a condição econômica da família era melhor

e, após ter adoecido, o que a impossibilitou de continuar trabalhando e participando da manutenção financeira doméstica, as necessidades básicas da família ficaram comprometidas.

Eu fiquei desempregada...eu tive a minha menina e complicou o problema de saúde, o problema na bexiga...e eu trabalhei até os nove mês e não devia ter trabalhado...eu engordei demais dela, então eu fazia faxina e prá fazer faxina você agacha, levanta e eu, gordona, então, o peso dela desceu prá minhas perna, aí foi onde que deu mais problema nas perna...aí parei de trabalhar, tive que parar! – Carla

A entrevistada ressalta que se viu obrigada a interromper o trabalho dada a sua condição física.

Aos trancos e barrancos vai levando...tem briga...é, só que mais eu porque eu sou muito nervosa, sabe?!...porque começa a faltar as coisa dentro de casa eu começo a me desesperar, começo a chorar, começo a falar ‘se tivesse trabalhando não tava assim’...eu sei que a culpa não é dele, ele foi dispensado da firma, é contrato dele (temporário) e vai começar agora (no próximo mês)...vamo vê se dá certo, mas assim, minha vida é bem difícil, difícil mesmo! Às vezes eu falo ‘nossa, se eu tivesse trabalhando não estaria nessa situação, né?!...mas eu não consigo trabalhar mais, não consigo assim, agachar embaixo da cama prá limpar porque se eu agachar eu não consigo levantar porque eu não tenho força nas perna, então é difícil...ele me ajuda muito em casa, lava roupa, limpa a casa...tem dia que eu não consigo nem pôr o pé no chão porque a tendinite ataca, aí ele lava a roupa, limpa a casa, põe as criança prá tomar banho, faz comida também, ele cozinha, ele me ajuda muito! ...e nós tá junto até hoje. – Carla

Carla afirma que, dadas as limitações impostas pelas doenças que apresenta, Rogério a auxilia nas tarefas domésticas, o que inclui o cuidado dos filhos. Sutter e Bucher-Malsuchke (2008, p. 81) afirmam que;

[...] o pai cuidador parece ser aquele que recupera em si a capacidade de amar, acolher e cuidar, recalcada por um passado patriarcal, que nega ao homem essa dimensão própria do seu desenvolvimento humano e psicobiológico. Ao mesmo tempo, esses homens são a transição entre antigos modelos identitários, preestabelecidos, e novas demandas e posicionamentos, embora o fio condutor da masculinidade permaneça apoiado em algum diferencial eleito, tal como ser capaz de proteger e prover a família.

Quanto ao que mantém a união conjugal, o entrevistado expressa:

[...] (a união conjugal) agora tá bom! Antes era melhor porque tinha menos criança... [...] mas agora eles ajuda...o menor dá mais trabalho que os maior. Nossa senhora! – Rogério

Rogério sinaliza, assim como já fizera com relação à vinda do primeiro filho, que não houve planejamento no orçamento familiar para receber todos os três filhos, referindo que isso interfere na união conjugal e na vida familiar que “era melhor porque tinha menos criança”.

O colaborador refere que, além de cuidar de seus próprios filhos, é responsável por dois sobrinhos que vivem com ele, Carla e os filhos do casal, o que parece agravar mais a situação econômica da família.

[...] Hoje moro eu, minha esposa, os três filhos e dois sobrinhos. – Rogério

A colaboradora assinala que, em sua opinião, não é o fato de ter filhos o que mantém a união consensual deles e, sim, o amor que sente por ele.

Acho que é o amor que a gente sente um pelo outro, porque filho não segura casamento, na minha opinião, acho que não! O meu sentimento continua o mesmo, eu trato ele igualzinho quando era namorado, no começo do namoro e hoje também – Carla

O sentimento por Carla também aparece no relato do colaborador. Além disso, o sonho em ter a casa própria como um projeto em comum esteve presente nas falas do casal. Assim como nos casais 1, 2 e 4, a aquisição de bens materiais, sobretudo carro e casa própria, surge como um ideal dessas conjugalidades.

A gente se gosta! Meu sonho é ter uma casa prá minha família... [...] meu cunhado tá construindo. – Rogério

Carla verbaliza o mesmo sonho do companheiro em adquirir uma casa própria para ela e sua família.

O meu sonho é ter uma casa, ter os meus filho do meu lado, o pai deles...eu quero tudo prá mim, né?!...é minha vida...eles! – Carla

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Quanto à educação dos filhos, a entrevistada relata discordâncias na maneira de educar um dos filhos, o que não ocorre com os outros dois.

Eu corrijo mais...e ele (companheiro)...sempre tem um filho que os pais desentende, né?! Nós briga mais por causa do nosso filho do meio porque ele (companheiro) acha que ele (filho) é mais miudinho que os outro, ele acha que ele é mais fraquinho do que os outros e assim, é...se eu dou uma coisa prá um dos meus filhos eu dou prôs outros dois, se não dou prôs outros dois eu também não dou prá ele, eu sou assim...se eu vou corrigir ele, ele (companheiro) diz '(filho), se tivesse me ouvido ela não tinha falado isso prá você'...ele (companheiro) é desse jeito, e é assim, ele apoia mais o do meio do que os outros dois...só que eu falei prá ele que não pode porque vai crescendo e sente a diferença... – Carla

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

O entrevistado relata:

Ela (companheira) falou acho que o jeito é você fazer, operar ocê porque prá mulher é pior e tem a doença dela...na firma eu tinha convênio, né, eu marquei lá prá fazer com o médico, mas ele não chamou mais, aí não fiz, então. Não foi fácil, ela operou (da bexiga), demorou prá recuperar. [...] – Rogério

Na direção da compreensão do fenômeno indagado neste estudo, o colaborador afirma que a opção pela vasectomia ocorreu a partir de uma conversa com Carla. Os significados da escolha da vasectomia pelo casal abrangem a menor complexidade da cirurgia para o homem se comparada à laqueadura, e a doença na bexiga da entrevistada que poderia levar a uma gravidez de risco no futuro. Além disso, o entrevistado refere que tentou fazer a vasectomia por intermédio de seu convênio médico.

A PNDS 2006 aponta que a regulamentação da prática da esterilização nos serviços de saúde pública (em 1996/97) parece ter contribuído para mudar o perfil de uso de métodos contraceptivos. Houve uma homogeneização do acesso à esterilização feminina para os estratos sociais e um aumento da participação do homem na contracepção de mulheres com melhor nível socioeconômico. Observa-se que a participação masculina, com o uso do preservativo ou na realização da vasectomia, foi de quase 30% entre as mulheres de classes econômicas mais altas, enquanto na classe econômica mais baixa, a participação dos homens foi pouco mais que 10%. Quanto ao crescente acesso à esterilização cirúrgica, em janeiro de 2008, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS, 2008) publicou no Diário Oficial da União, a Resolução Normativa nº 167, que revia o Rol de Procedimentos e Eventos em Saúde e ampliou as coberturas para os beneficiários de planos de saúde. A laqueadura tubária e a vasectomia passaram a ter cobertura obrigatória, desde que seguidas as diretrizes do Ministério da Saúde descritas na Lei 9.263.

A colaboradora verbaliza que a escolha da vasectomia ocorreu por uma indicação médica. Carla relata que, após sua cirurgia na bexiga, os médicos reponsáveis por seu tratamento indicaram a esterilização cirúrgica de seu companheiro. Diz, também, que dialogou com Rogério, e que ele aceitou submeter-se à vasectomia, o que é corroborado pelo relato do entrevistado. A escolha da contracepção cirúrgica acontece em um momento da união conjugal no qual a entrevistada refere que não há a intenção em se separar e, mais que isso, caso se separem no futuro, o companheiro teria de arcar com “*pensão*” para os filhos.

Assim, a corresponsabilidade pela escolha contraceptiva e participação direta do homem, neste caso, foi mediada pela autoridade e saber do médico.

Agora, sobre a vasectomia, foi uma escolha dos próprios médico, né?! Eles optou por ele...eu, no segundo filho eu já queria ter operado, mas os médico não aceitou, não quis operar porque eu era muito nova e aí depois dos meus problema, o médico fez tratamento com remédio durante dois meses, aí depois eles optou pela cirurgia (da bexiga), aí depois de duas semanas de cirurgia eles falou 'oh! Pela cirurgia que nós fez, você não vai poder ter mais filho'...e mesmo que eu pudesse eu não queria, porque eu já tenho três, são saudável e eu não quero mais e eles falou 'vai ter que optar pelo seu marido' e eu falei 'isso é uma escolha dele porque por mim eu não quero mais ter filho mesmo de JEItto nenhum mais'...mesmo porque eu não posso mesmo, aí ele (marido) aceitou. Ele falou 'não, eu faço'...também eu conversei com ele 'a gente não sabe se vai ficar junto prô resto da vida, né?!'...mas se ele chegar a ter uma nova pessoa, às vezes quer ter com essa pessoa e não pode, aí foi onde ele falou 'não, eu não quero ter mais filho porque negócio de pensão'...se chegar a separar, né?!...mas só que ele falou 'do cê eu não penso em separar não!'...mas, foi mais uma escolha do médico mesmo. – Carla

Giffin e Cavalcanti (1999), analisando o homem em sua relação com a reprodução, afirmam que os homens que escolhem a vasectomia como método apontam as preocupações com a saúde de suas companheiras como motivo. Gomes et al. (2006) apontam que a morte da mulher no parto, ou no puerpério, pode levar a uma desestruturação familiar e tal risco pode levar o homem à participação na contracepção. A preocupação e cuidado de Rogério com sua companheira nos aponta para a compreensão de Heidegger para quem o cuidar é um fenômeno ontológico fundamental, ou seja, no fenômeno do cuidado (*sorge*), o homem preocupa-se com a sua própria existência e a existência em geral. Isso é possibilitado pelo fato do ser, enquanto presença, ser-no-mundo-com-outros, o que lhe possibilita a abertura para a convivência e se relaciona com a condição de possibilidade de ser-no-mundo.

Na sequência, passaremos às unidades de significação do casal 6, Carlos e Vera.

4.2.6 Perfil do casal 6: Carlos e Vera

Carlos, 38 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, representante comercial, declara-se católico não praticante, está casado com Vera há 12 anos e tem duas filhas biológicas deste relacionamento, uma com oito anos e outra com quatro anos.

Vera, 33 anos, tem ensino médio completo, classificação econômica B2, gerente de vendas, declara-se católica não praticante, está casada com Carlos há 12 anos e tem duas filhas biológicas deste relacionamento, uma com oito anos e outra com quatro anos.

O casal relata que ambos tiveram pai alcoolista e que seus genitores se separaram quando ainda eram crianças. Além disso, Vera tinha 11 anos quando seu pai faleceu, e Carlos tinha 12 anos quando o genitor morreu. A colaboradora relata que começou a trabalhar aos 15 anos por iniciativa própria, e ambos contam que desde que começaram a ter atividade laboral remunerada ajudaram na subsistência de suas famílias de origem. Conheceram-se por intermédio de um irmão de Vera e estudaram no ensino fundamental e médio juntos. Namoraram durante oito anos antes de se casarem. Atualmente, ambos trabalham, e o casal tem duas filhas. Referem um relacionamento conjugal harmônico e dialogado. Relatam que a condição financeira melhorou, mas os gastos também aumentaram visto que se dedicam para oferecer bons estudos e condições materiais para as filhas. Vera afirma que Carlos é um pai participativo, o que inclui alimentar as filhas, dar banho, levar à escola, brincar. Quanto à opção pela vasectomia ambos relatam que quem pensou nessa possibilidade primeiramente foi Carlos, já que as gravidezes da esposa foram difíceis, e uma gravidez futura poderia pôr em risco a vida de Vera. Quanto à união conjugal, o casal atribui a manutenção do casamento à cumplicidade vivida entre eles.

Categoria 1 – Temporalidade da infância

Carlos assinala sua infância ao lado de sua mãe, marcada pelo desquite entre os pais e a morte do genitor aos 12 anos.

[...] eu sempre fui muito ligado com ela (mãe), até porque eu tive pouco contato, pouco contato não, minha mãe desquitou do meu pai eu tinha seis anos. Depois nós viemos para (outra cidade), eu tinha seis prá sete anos, ela foi sempre assim, nunca tive muito contato com o pai 'que Deus o tenha'...meu laço com ela é muito forte [...] eu não tenho pai desde doze anos – Carlos

A colaboradora refere-se à infância como um período difícil, em que os pais se separaram quando ela contava com três anos e que não tinha lembranças da convivência familiar com os dois genitores unidos. Como já constatamos no depoimento de Cristiano, Sérgio e Carla, a separação dos pais está presente na infância. Destacamos que a adoção do divórcio, pela Lei 6.515, se deu em 1977 (BRASIL, 1977), apesar da oposição da Igreja Católica.

Minha infância foi muito difícil, assim... Minha mãe foi separada do meu pai, minha mãe separou do meu pai eu acho que eu tinha três anos, mas eu não me lembro da minhaaaa, da minha família assim, minha casa com a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos. Eu tenho três irmãos, dois mais velhos e um mais novo...então, eu não tenho essa imagem na minha cabeça, a imagem que eu tenho na minha cabeça da minha infância é da minha mãe ter ajuda da minha vó, que é a mãe dela, na nossa criação...eu não me lembro de tá numa casa com a minha família assim, meu pai, minha mãe e meus irmãos, né?! – Vera

De acordo com os entrevistados, os pais de ambos eram alcoolistas. Vera relata:

[...] aí teve um período, eu tinha mais ou menos uns nove anos e meu pai parou de beber, parou, parou definitivamente, tratou...se conscientizou, foi pra uma clínica, parou de beber...antes desse período era muito difícil porque eram cinco crianças pra escola, então não tinha material escolar, esse tipo de coisa, era muito difícil, roupa era muito difícil, calçado era muito difícil... – Vera

Vera refere uma reaproximação de seus pais entre seus nove e 11 anos, e o falecimento do genitor quando ela tinha 11 anos.

(o pai) trabalhava numa empresa, trabalhava de motorista de caminhão de combustível, emprego super bom mesmo, ganhava super bem...e ele começou a ajudar muito minha mãe, tudo que ele não fez...então, ele começou a ajudar financeiramente, o salário dele ele dava todo pra minha mãe praticamente, deixava um pouquinho porque ele morava com a mãe dele, né?!...e eles pagavam aluguel também e o resto ele dava tudo pra minha mãe. No final do dia ele tava na minha casa, ele começou a ser mais presente, né, aí que eu fui ter imagem de pai na minha vida, dos nove aos onze anos, porque com onze anos ele faleceu num acidente de caminhão...ele...foi morte instantânea e ele morreu e aí começou sabe...nesse período foi bom, porque nesse período foi uma fase assim que eu não vi problemas, as coisas eram mais fáceis, eu tinha vontade de comer alguma coisa eu podia, material escolar nessa fase era mais fácil porque tinha o dinheiro pra comprar, mas é isso, faleceu e foi uma fase assim, eu...na época eu tinha acabado de menstruar, sabe?! e eu sou a única filha mulher, então, assim, [...] eu meio que amadureci muito rápido nesse período, na morte do meu pai, a

'perca' do meu pai, foi muito feio, foi um acidente assim...inclusive hoje eu não consigo dirigir, tirei carta e não dirijo, não consigo, sabe?!... – Vera

As experiências familiares na infância e pré-adolescência relatadas, segundo a entrevistada, marcam um período de amadurecimento, o que vem acompanhado pela menarca. Vera descreve, também, o impacto com a morte de seu genitor quando contava com onze anos de idade. Segundo Falcke e Wagner (2005), as experiências vividas na família vão sendo gravadas pela criança que sofre influência, as quais se expressam no momento de tomar decisões, frente a suas escolhas afetivas, sexuais e profissionais, por exemplo. Entretanto, as diferenças individuais modulam a intensidade e compreensão com que os valores familiares são gravados por cada integrante de determinada família.

A importância familiar desta atribuição é que irá determinar o poder e o quanto esse mandato passará a fazer parte do modo de viver do sujeito. A frustração da expectativa familiar, na recusa de cumprir determinado papel ou função, gera sentimentos de abandono e solidão [...]...a tentativa de rejeição do padrão familiar de origem, em muitos casos, se dá pela busca do modelo oposto. Assim, seria como se encontrar com o outro lado da mesma moeda e, inevitavelmente, o sujeito passa a sofrer consequências semelhantes àquelas do padrão vivenciado na família de origem (p. 27).

Categoria 2 – Temporalidade da adolescência

Na adolescência, os entrevistados assinalam o início do namoro.

[...] eu conheci ela cedo, eu tinha dezessete anos, ela tinha treze, doze prá treze anos, e aí começou um namorinho, não sei o que...foi...a gente foi ficando...e acabou a gente ficando noivo. Na época minha mãe não aceitava muito, minha mãe tinha muito ciúme de mim, mas assim, desde cedo eu já sabia que eu ia acabar casando com ela, porque é uma pessoa que é muito...é uma pessoa honesta, uma pessoa trabalhadora, sabe?!...então, pô, tinha mais é que 'quietar', né?!...desde moleque, eu sempre fui...dei trabalho na escola...trabalho assim, coisa de moleque mesmo, fazer arte... – Carlos

Vera verbaliza que começou a namorar Carlos aos 12 anos, e o casal estudou junto entre o ensino fundamental e médio, passando a ter uma convivência quase diária desde o início do relacionamento.

[...] na época comecei a namorar o (marido atual) eu tinha doze anos, foi quando a gente começou a namorar e...comecei a namorar e minha mãe não deixava eu sair de casa porque eu era muito nova...hoje eu imagino se fosse minha filha...e minha mãe falava 'se seu pai tivesse vivo ele não ia deixar porque você é muito nova, você é uma criança!'...eu falava 'mãe, mas se você não deixar eu vou namorar na rua', aí ela deixava namorar em casa, e meus

irmãos em cima porque não era ninguém casado ainda...comecei a namorar primeiro que eles e fui a última a casar pela idade. Aí começamos naquele processo, comecei a namorar o (Carlos), aí eu mudei é...na época eu tinha doze e estudava de manhã...quando eu fiz treze fui estudar à noite porque eu já queria trabalhar, era uma decisão minha, eu queria trabalhar, eu queria ter minhas coisas, eu sabia que minha mãe não tinha condições de dar, então eu queria trabalhar, aí eu mudei de período e fui estudar à noite. Coincidentemente, o (Carlos), na época, tinha parado de estudar, ele tinha parado na série que eu ia começar a estudar à noite...ele voltou, eu incentivei, eu falei '(Carlos), vamos voltar a estudar, né?!...é bom pra você.'...ele nunca repetiu de ano, sempre parava de estudar, aí ele voltou a estudar e nós caímos na mesma classe porque nós estudávamos na mesma escola e da 7ª ao 3º colegial nós estudamos na mesma classe [...] – Vera

Carlos relata:

[...] a gente começou a namorar, fui criado desde pequeno com o irmão dela, depois que eu vim a conhecer ela e começamos a namorar, depois ficamos noivos e, do nada... 'vamos casar?'... 'Vamos'... também, já tava na hora, oito anos e pouco de namoro (risos) – Carlos

A temporalidade da adolescência vem acompanhada pelo namoro entre os dois, os estudos em comum e o desejo de se inserir no mercado de trabalho pela colaboradora.

A partir da década de 1970, Barsted (1999, p. 61) pontua a crescente entrada do sexo feminino no mercado de trabalho, o que impôs uma mudança na percepção da mulher como mera colaboradora na condução da família.

[...] o intenso processo de urbanização, a introdução de contraceptivos desde a década de (19)60 – que dissociaram reprodução e sexualidade -, a influência das mensagens do movimento feminista, a importância das mensagens da mídia, dentre outros fatores, alteraram fortemente os padrões de moralidade sexual.

Categoria 3 – Temporalidade da união conjugal

O casal de entrevistados revela que as responsabilidades pela manutenção de suas famílias de origem os acompanharam, e acompanham, na temporalidade da união conjugal.

[...] desde muito novo eu sempre ajudei muito em casa, eu e a (esposa atual) também, então, quando nós casamos, um pouco antes do casamento ela foi fazer uma despesa pra mãe dela e pra avó, que ela morava com a avó e com a mãe e eu fui fazer pra minha mãe, quando foi fazer a nossa a gente já ficou meio assim, né?!... – Carlos

Vera relata que começou a trabalhar aos 15 anos e conta a mesma história que seu esposo acerca da ajuda do casal às suas respectivas famílias maternas, às vésperas de se casarem.

[...] com quinze eu comecei trabalhar, e já comecei a ajudar na minha casa, o meu salário praticamente era inteiro pra minha casa, sobrava pouco pra mim e...nós começamos a pensar em casar quando eu tinha dezoito, não, eu comecei a namorar com doze, treze, quatorze, quinze, com quinze anos nós resolvemos ficar noivo...'ah, vamo ficar noivo, vamo ficar noivo'...o irmão dele já tinha casado e, aí depois de um período, meu primo que morava com a gente casou...só que assim, a gente sonhava em ter a casa, sonhava em comprar as coisa mas nunca dava, nunca dava. Aí namoramos oito anos, acabamos namorando oito anos...quando nós resolvemos casar, foi que ele falou 'ou a gente casa, ou a gente larga porque não vamos esperar que as coisas vão cair do céu porque não dá...porque na casa da minha mãe e na casa da sua mãe a gente não consegue guardar um dinheiro pra gente, vamo casar prá tentar guardar esse dinheiro'. Foi aí que nós casamos, nós não tínhamos casa, falamos 'vamo pagar aluguel, fazer o que?!', nós tínhamos poucos móveis, ganhamos algumas coisas no casamento dos padrinhos, porque não dava pra comprar, aí a gente brinca porque no mês que nós casamos eu fiz a compra pra minha casa prô mês e ele fez a compra pra mãe dele prô mês e na hora que foi comprar pra gente não tinha dinheiro, é bem assim. – Vera

Sobre a cotidianidade da conjugalidade, Carlos refere-se às condições socioeconômicas da família.

[...] a gente sempre teve uma vida muito assim, como é que eu vou dizer...não teve muito esbanjo, sabe, a gente teve que suar, correr, prá ter...o que a gente tem a gente conseguiu foi batalhando bastante, desde o começo do casamento a gente teve que parar e dizer 'olha, não tem jeito, a gente tem que correr atrás' [...] – Carlos

A colaboradora também se refere ao início do casamento, às condições financeiras do casal e a sua participação no orçamento da casa, o que se modificou com a chegada das duas filhas do casal.

Desde o começo do casamento até hoje...(risos). Mudou, mudou em algumas partes, né?! Nós nos casamos...ajudávamos na minha casa, muito não né?!...praticamente minha mãe dependia muito de mim, a mãe dele também, então nós nos casamos...é...nós pagamos aluguel até hoje, mas na época eu era vendedora, ele trabalhava no supermercado, a renda era menor, só que logo que nós casamos, depois tipo de uns seis meses eu fiquei desempregada durante um período, né?!...aí ficou meio complicado e teve altos e baixos. Mudou, o que eu vejo que mudou, é claro, hoje até nossa renda acaba sendo maior só que os nossos custos são maiores, né?!...temos duas filhas, então, acaba sendo o nosso custo de vida maior, porque além de tudo nós queremos dar para elas uma melhor condição de vida, um estudo, o que a gente não teve a gente quer dar prá elas. Então, eu creio que melhorou sim. Na minha profissão, no caso, eu tive promoção, evolução de cargo, o (marido) também. Ele foi gerente de uma loja durante sete anos, na época a renda dele era muito mais alta que hoje até inclusive...então, teve muito altos e baixos. Eu creio, assim, que nós evoluímos, é claro, em questão de aprendizado e tudo... – Vera

Carlos assinala que as dificuldades enfrentadas pelo casal os uniu e aponta, também, as mudanças no comportamento de consumo observada socialmente.

[...] a gente tem um pouco melhor hoje, porque a gente paga escola pras meninas, a gente se alimenta bem, a gente procura ter...assim, prá mim e prá ela a gente até deixa um pouco de

lado, a gente se preocupa muito com elas (filhas), né?! A gente tem medo de fazer que elas passem o que a gente passou, mas desde o começo do casamento foi muito controladinho, foi meio apertado, porque não tinha recurso, hoje tá mais fácil, né?!...Antigamente, você tomava Coca-Cola uma vez por semana, e era um copo assim (mostra o tamanho com as mãos) e hoje não, você toma como toma água normal, mas é assim, tirando de tudo isso...foi importante, uniu muito a gente, por causa dessas dificuldades – Carlos

Segundo Lipovetsky e Serroy (2011, p. 32), entre as características da contemporaneidade, ou seja, do presente momento histórico, está o

[...] hipercapitalismo, força motriz da globalização financeira; a hipertecnificação, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o hiperindividualismo, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o hiperconsumo, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. [...] é nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores.

O acesso à cultura/conhecimento também é assinalado por Vera como um aspecto que melhorou em sua família.

[...] mais cultura, nós temos mais conhecimento hoje do que quando nós casamos [...] – Vera

Em direção à compreensão do fenômeno indagado, percebemos que o acesso à informação é fundamental para esclarecimento de dúvidas e superação de temores, além da tomada de decisão pela contracepção cirúrgica, dadas ideias do senso comum que vinculam a vasectomia a disfunções sexuais masculinas. O relato da entrevistada corrobora a importância das informações que se disponibiliza à população leiga a respeito da escolha contraceptiva e podemos dizer, sobre planejamento familiar, ao dizer:

[...] ele (Carlos) é informado, ele se informa, ele lê, ele pesquisa, então, quanto a isso (ter problemas sexuais pós-vasectomia) nunca passou pela cabeça dele, tem aquele medinho de fazer a cirurgia como todo homem tem, mas é.. – Vera

Carlos pontua acerca do início do relacionamento e as mudanças que foi percebendo no decorrer da convivência conjugal.

[...] Quando nós casamos eu tinha vinte e seis, ela tinha vinte e um, era completamente diferente, não tinha horários, enfim, cê tinha um ritmo mais louco, né?! Hoje é diferente, mas tá ótimo o jeito de viver, você amadurece, fica mais tranquilo, mais sereno, então mudou bastante, em todos os sentidos, hoje eu converso mais com ela, hoje a gente conversa bastante ... – Carlos

Acrescenta que a vinda das filhas trouxe outras alterações no dia a dia conjugal e familiar.

[...] como vou te dizer?...não tinha essa maturidade, então, é diferente, você entende diferente...até na hora que você não tem filho você vê de uma forma, a partir do momento que você tem filho, você já para, já reflete diferente, já...por exemplo, eu tenho o hábito de falar palavrão, então, antes se eu tivesse que xingar, eu xingava, hoje eu...(pausa)...saio de perto, ela fica meio emburradona, mas eu prefiro não discutir, eu não gosto porque eu pensei isso muito tempo prá mim, então eu já evito. Lógico que eu falo, eu jogo bola com um pessoal...comecei a jogar, e às vezes você fala, xinga, mas em casa eu realmente (não faço)...Então, fui amadurecendo, a gente amadureceu a gente não discute...às vezes respira mais fundo para não ferir o outro, ou vice-versa, ela fica mais na dela quando tá tiririca comigo... ela fala 'é, não e por que?', eu falo e ela 'é, não e por que?' Então, eu já sei, você acaba se conhecendo mais, então, cê já evita aquele choque, né?! – Carlos

O entrevistado credita à companheira o fato de ter aprendido a comunicar seus próprios sentimentos e necessidades.

Eu sempre fui uma pessoa que guardava muito... hoje eu já não guardo mais... [...] Você pode me cutucar com uma agulha aqui agora, você me cutucou, tá, não vai ficar a mesma coisa, só que antes eu falava 'ah, tá bom...', daí a pouco eu te dava o troco, hoje não, hoje eu falo não gostei e acabou, vou ficar com raiva uns três dias, antes eu enfartava depois de dar o troco, hoje não, tem que falar na hora, não adianta ficar remoendo um negócio que vai me fazer mal e falar daqui um ano, não adianta...antes eu tinha esse hábito, então, a maturidade foi fazendo que eu realmente...isso eu aprendi muito com ela, o que ela tem que te falar ela te fala na cara e eu..., isso assusta as pessoas, eu trabalho com pessoas, também, numa multinacional, que são assim, então, eu levo isso prá minha vida pessoal também, então, prá que ficar aqui remoendo, se a pessoa nem sabe que te magoou de repente, pode ser uma brincadeira, então hoje, prá nós, no meu caso acho que tá bem melhor... – Carlos

O colaborador relata que estar no ambiente doméstico é valorizado por ele e que por isso modificou sua carga de trabalho para ter mais tempo para estar com a esposa e as filhas.

[...] eu gosto muito de ficar na cozinha (de casa), a gente fica beliscando alguma coisa, as meninas fazem a lição por ali, a gente vai conversando e com isso, de um tempo prá cá a gente começou a se entender melhor, justamente por causa dessa parada, na mesa, eu não tinha esse hábito, eu chegava em casa onze horas quase, ela já tava num canto, as meninas no outro, então, começou a ficar mais família depois que eu mudei de emprego, para esse emprego, foi agora (recentemente)...Eu era uma pessoa muito estressada, eu tava numa multinacional e o meu cargo era um cargo de muita pressão, tinha uma equipe, lidava com uma equipe, lidava com compras, e tinha que cuidar da loja, então era complicado, então eu era uma pessoa muito estressada, no geral, até com as meninas eu irritava um pouco mais.. com a (esposa) estava mais estressado, com todo mundo, falava uma coisa, eu já xingava, já estressava e tal...Aí depois que eu mudei que a gente começou a ter um contato maior, de um tempo prá cá ficou mais intenso, a gente conversa mais, a gente entende mais, eu falo 'oh, eu não concordei com isso', a (filha) fica ali, as meninas prestam atenção, a gente criou um laço maior, eu acho. – Carlos

O entrevistado fala sobre a cumplicidade entre ele e a esposa:

Cumplicidade, a união dos dois é muito...não é...às vezes eu penso uma coisa e ela vem e fala, ou vice-versa, até minha filha tava comentando, você podia fazer isso, né papai?, eu falei 'eu já tô

fazendo’...então, essa cumplicidade que a gente tem, eu não sei te explicar o porquê, mas já faz um tempo, na realidade, de um tempo prá cá tá mais à flor da pele, do tipo ‘(esposa), vamos fazer tal coisa?’, ela fala ‘(entrevistado), eu ia te falar isso agora’...ou eu sei que ela vai ligar, eu já fecho a sala quando ela vai ligar, se eu tô no carro já pego o telefone e já toca o telefone...então, o laço, o elo que a gente tem é muito forte, essa união... – Carlos

Vera faz coro com o marido:

[...] a gente é muito cúmplice...de tudo, e é muito verdadeiro e é aquilo, às vezes eu tô pensando nele e ele me liga, às vezes a gente tá em casa comentando alguma coisa que o outro comenta ou vice-versa, então, a nossa ligação é muito forte, eu acho muito difícil acabar até inclusive, viu?!...eu falo pra ele ‘é muito difícil isso acabar e se acabar vai ser muito doloroso porque...mas...os momentos positivos são sempre os mais presentes. Às vezes eu comento na loja, tal, com as meninas que eu vejo assim que no dia a dia de todo mundo de quem é casado, de quem namora, reclamação disso...uma reclamação disso, outra reclamação daquilo e eu...eu não gosto nem de ficar comentando muito a minha vida porque às vezes as pessoas falam assim ‘poxa, não tem defeito, ele só tem qualidades, né?!’, mas as qualidades são tantas que os defeitos são pequenos, sabe, são poucos, ele tem defeitos, claro, eu não sou perfeita, nem ele, nem ninguém é perfeito, mas a gente acaba vendo mais as qualidades dele do que os defeitos porque são muitas as qualidades, e os defeitos acabam ficando pequenos, né?! – Vera

Quanto à vida sexual do casal, Vera nos diz:

[...] eu acho que nós amadurecemos em questão de tudo, né...de relacionamento, do que é importante prá gente, do que não é no nosso dia a dia, o que faz falta e o que não faz. Eu sinto que no início do casamento, principalmente eu...eu tive só ele de namorado praticamente, só tive relação sexual com ele, então, tinha coisas que eu não falava, às vezes por receio, apesar de tá namorando oito anos, mas quando você casa é diferente, quando você vai morar na mesma casa é diferente, as pessoas têm costumes diferentes, né, então tinha coisas que eu deixava de falar, hoje a gente deixa de falar nada um pro outro, nada...isso me incomoda, eu vou falar...isso incomoda ele, ele vai falar, né...e às vezes, tipo na relação sexual tinha vergonha de alguma coisa, hoje a gente não tem, a gente não faz nada...pelo menos eu não faço nada que eu não queira, né, e nem ele faz nada que ele não queira, mas é tudo muito claro, na minha casa é tudo muito claro, transparente, e tudo que acontece você acaba contando pro outro em todos os sentidos... – Vera

Podemos constatar que a iniciação sexual da entrevistada e as experiências afetivo-sexuais estão ligadas ao seu relacionamento com Carlos. Ainda, referindo-se ao casamento, fala sobre infidelidade conjugal.

[...]a gente não é só marido e mulher, a gente acaba sendo amigos e companheiros um do outro, então a gente senta, conversa, tem brigas às vezes, eu acabo... desconto nele coitado por coisas que ele não tem culpa e vice-versa coisas do meu dia a dia, então, eu creio que mudou sim, amadureceu muito e amadurece a cada dia, né, assim, nós...pelo menos durante o meu casamento eu...eu tenho quase certeza que eu não tive, por exemplo, nenhum tipo de traição com...ele com outra pessoa...antes do casamento a gente teve até algumas situações enquanto namorava, mas depois que nós casamos ele não me deu nunca motivo nenhum prá desconfiar que ele tenha outra pessoa, né, normalmente eu converso com amigas minhas que são casadas ‘ai, acho que meu marido tá me traindo e tal...’ nunca tive essa desconfiança dele, nunca, nunca percebi nada que ele esteja interessado em outra pessoa, então, eu fico até certo ponto segura a respeito disso, né, e agora a dificuldade financeira a gente já passou, claro, mas isso foi esperado, né... – Vera

Na temporalidade do presente, Vera refere as ressonâncias do modelo patriarcal na união conjugal na medida em que o papel de provedor não é exclusividade do marido. A colaboradora afirma que o que mantém seu casamento não são necessidades financeiras e sim um afeto (amor) nutrido pelo companheiro.

[...] hoje a gente tá numa fase da nossa...do nosso trabalho, da nossa vida que a minha renda é muito maior que a dele, isso deixa ele meio incomodado, muito incomodado, né, por mais que ele não seja machista, é aquilo...todo homem acha que tem que manter a casa, manter as contas...e já foi assim, teve uma época que já foi, mas hoje não, hoje a minha renda é muito maior e eu tenho que tomar esse cuidado antes de falar alguma coisa porque ele acha que eu tô falando porque eu ganho mais que ele...em determinadas situações...então, é assim, se ele não tivesse todas essas qualidades, se ele não fosse bom pai, um bom marido, eu não precisava dele...financeiramente, eu não preciso, eu consigo manter minha vida e minhas filhas, sem até mesmo pensão, tipo dele assim, 'ah, eu não preciso da sua pensão!...'...eu me viro, então, o que mantém o nosso casamento é isso, né, é a confiança que eu tenho, mesmo que ele tivesse desempregado hoje não tinha problema nenhum porque eu assisti várias experiências também que o homem parou de dar o dinheiro não presta mais, sabe essas coisas assim?!...que o que mantinha o casamento era o dinheiro, acabou o dinheiro, tchau!...então, não é por aí, eu...a gente mantém nosso relacionamento por isso...pela confiança, pelo fato dele me tratar muito bem, tratar muito bem minhas filhas, eu amo ele, é claro, acima de tudo, não tô só porque eu gosto ou porque ele é meu amigo ou porque ele é pai das minhas filhas, eu amo ele, eu sinto falta o dia que ele viaja porque em determinadas situações eu paro e penso 'será que eu me acostumei com a presença dele ou será que faz falta e que eu amo realmente?', então, depois que ele começou a viajar isso me veio à tona, poxa, faz falta, eu amo, claro que eu amo, a presença dele tá me fazendo falta dentro da minha casa, na hora de dormir ele não tá na minha cama, nos primeiros dias foi até difícil pra mim, então, se isso não for amor o que que é, né?!...- Vera

A colaboradora revela como lida com as questões cotidianas com o marido.

É, não tem essa, 'ah, vou esconder porque ele vai achar ruim, vou esconder... ele não sabe quanto que eu ganho, não pode saber...imagina, marido não pode saber quanto que a mulher ganha...', então, umas coisas assim que na minha casa não acontecem, não tem o meu dinheiro, não tem o dinheiro dele, nós temos o nosso dinheiro, a gente recebe, nós juntamos o dinheiro, pegamos o valor de cada um e pagamos as contas de casa. Se eu tenho dois reais, ele tem dois reais, se eu não tenho ele também não tem. Então, é bem assim, né?! [...] É compartilhado (risos), [...] compartilhado tudo, momentos difíceis, momentos bons... - Vera

Categoria 4 – Família de origem e transgeracionalidade

Quanto às vivências com a família de origem o entrevistado afirma:

Desde que me conheço por gente, eu sempre vi meu pai brigando muito com a minha mãe...ele era uma pessoa assim...ele era formado, uma pessoa muito culta, professor universitário, dava aula na cidade que a gente morava, na época, ele era uma pessoa muito culta, só que eu não aceitava, até hoje, ela (esposa) fala que eu tenho até revolta, mas não...eu só não perdoo, é diferente, eu não aceito...uma pessoa que é instruída?!...a gente passou muito apertado, meus irmãos...meus irmãos tiveram que trabalhar muito cedo

também, minha mãe mantinha a casa e ele (pai) era o cara que tinha problema de alcoolismo e acabou morrendo, então, eu sempre, desde novo, eu sempre acreditei 'eu vou achar a pessoa certa para casar e eu acho que não vou ser o que meu pai foi'. Procuo até hoje, ficar com meus filhos, ser companheiro e tal, então, minha mãe sempre foi uma pessoa muito forte...eu sempre procurei uma pessoa muito forte, não prá me apoiar, não, mas pra poder contar e a (esposa atual) é uma pessoa muito assim decidida, uma pessoa até mais decidida, mais firme nas decisões do que eu. – Carlos

Vera também conta suas experiências familiares:

Não tenho nenhum tipo de revolta do meu pai porque minha mãe sempre preservou a imagem dele...como pai, não como marido, mas como pai. Quando ele ia nos visitar na casa da minha vó, se ele tivesse alcoolizado não deixavam ele ver a gente, pedia pra ele ir embora, voltar outro dia, então ela manteve essa imagem dele até nós entendermos o que era essa situação porque se nós víssemos aquela situação a gente ia acabar se revoltando, então nenhum dos meus irmãos nem eu tenho mágoa do meu pai por conta disso porque nós não presenciamos, pelo menos eu, principalmente, o mais velho ainda presenciou alguma coisa porque eles moraram juntos, mas eu e o segundo filho também, que é o meu irmão do meio também não tem um pingão de revolta por conta disso...aí nós fomos criados com a minha avó, tinha um certo preconceito porque minha mãe era a única filha que era separada do marido na época, minha mãe tem acho que cinco irmãos, então assim, minhas tias meio que judiavam da minha mãe, sabe?!...a minha vó sempre ajudou...nossa! minha vó foi a minha mãe também, então, minha vó sempre ajudou minha mãe em todos os aspectos e nós fomos crescendo nessa fase, tinha dias que tinha coisa pra comer, tinha dias que não tinha...porque, minha mãe...minha mãe trabalhava pouco porque tinha as quatro crianças [...] – Vera

Zordan, Falcke e Wagner (2005, p. 48) afirmam que:

[...] a escolha do cônjuge e do tipo de relacionamento conjugal, que aparentemente são livres e espontâneas, estão permeadas por mensagens, implícitas ou explícitas, transmitidas transgeracionalmente pelos antecessores. O casamento constitui-se, então, em um processo que não é exclusivo do noivo e da noiva. Ao contrário, nele estão implicados fortemente os valores e legados do contexto familiar e social de cada um.

Carlos diz que atualmente tem mais tempo disponível para suas filhas e participa da educação das mesmas. Percebemos que estar com a prole é uma prioridade para esse colaborador.

Hoje já tenho mais tempo, então, hoje já participo...antes...hoje já participo mais, hoje eu ajudo fazer lição, eu dou banho, eu faço janta, principalmente no sábado elas ficam só comigo, que a (esposa) vai pró (local de trabalho) trabalhar, então, eu faço almoço, aí elas falam 'ah, é almoço do papai'. – Carlos

Referindo-se ao fato de conciliar trabalho e cuidado das filhas, o colaborador revela:

[...] (no trabalho atual) posso ir a hora que eu for, desde que eu dê resultado, então eu chego...antes eu não tinha...eu chegava tarde, trabalhava, por exemplo, no meu último emprego até dez e meia da noite, chegava cansado e tal, e saía e vinha em casa duas horas. Então, de manhã elas ficavam comigo e eu levava prá escola e de lá ia trabalhar. – Carlos

O relato da colaboradora corrobora o que Carlos dissera e assinala o cuidado do companheiro para com a mãe de Vera.

[...] e o (marido atual) além de tudo, além dele cuidar das minhas filhas, ele cuida até da minha mãe porque ele leva minha mãe em médico, ele compra remédio pra ela, outro dia ele até comentou comigo 'você sabe que remédio que a sua mãe toma? Você sabe que dia ela tem que ir no médico?...você não sabe, né?!, porque é eu que faço, não porque eu faço por obrigação, eu faço porque eu quero, porque eu me preocupo com ela.'...então, o dia que a minha mãe não tá bem o (marido) sabe, então, além dele cuidar de mim e das minhas filhas, ele se preocupa com a minha mãe, né...a minha mãe liga prá ele e fala ' (marido da entrevistada) eu preciso disso agora' e ele vai lá e faz, ' (Carlos) eu preciso que você vá no supermercado pra mim', ele vai lá e faz, né, então ele se preocupa com...e isso me deixa assim bem tranquila, sabe, então, às vezes eu falo pra ele '(Carlos) você faz tudo isso porque realmente você quer ficar comigo, você me ama e gosta de mim, né, a gente questiona assim, ou porque você tem medo de ficar sozinho, não ter pra onde ir, daí ele falou 'não, que realmente eu amo vocês e gosto de vocês e cuido da sua e o que ela faz pras minhas filhas dinheiro nenhum paga, então, o que eu tô fazendo pra ela é muito pouco perante o que ela faz pras minhas filhas [...] – Vera

O cuidado dos filhos pelo homem, embora seja algo que tem sido delegado às mulheres, há homens que na contemporaneidade se interessam em participar do cotidiano e do crescimento dos filhos, envolvendo-se ativamente nas necessidades destes e considerando tal tarefa tão importante quanto a profissional. De acordo com Sutter; Bucher-Malsuchke (2008), a paternidade participativa é aquela em que o pai está presente no cuidado e há o envolvimento constante no cotidiano dos filhos no que se refere à alimentação, à higiene, ao lazer e à educação. Como constatamos a partir de nossos interdiálogos, durante séculos o cuidado da prole foi delegado à mulher que exercia tal tarefa a sua maneira. O envolvimento dos homens no universo doméstico, que inclui, o trato dos filhos, traz consigo uma possibilidade de se (re)criar a maneira com que se interage, cuida e zela pela criança, o que leva a novas reflexões e relativização do que seria certo (ou errado) no cuidado e educação dos filhos, desde rotinas como dar banho, alimentar e brincar até valores morais. A participação crescente dos pais em questões relacionadas à vida doméstica, como o cuidado dos filhos e a participação no planejamento familiar, explicita mudanças que a contemporaneidade tem trazido para as relações afetivo-sexuais.

Com relação à educação das filhas, o casal verbaliza:

Então, a gente dá uma educação que é assim, se eu dou uma prensa, se eu corriji uma, ou vou corrigir a outra, a (esposa) percebe, aí ela chega e fala 'não faz isso não'. E a gente é assim, procura corrigir o máximo, só que ninguém atrapalha também, então, a gente ficando conversando muito, a gente conversa muito...eu não bato, não tenho o hábito, eu nunca...às vezes você dá um tabefe, mas eu não sou um pai de bater...mas ela (esposa) nunca interferiu, nunca nunca, e nem eu, às vezes até piso na bola, pô, que chato né e tal, mas a gente que é pai, a gente é cúmplice na educação delas, a gente faz um esforço terrível para pagar escola,

[...]...então, na educação a gente é muito assim, em cima, prá ser uma pessoa...sem bagunça, se lá na frente quiser seguir um caminho diferente, você fez o que você pode e tentou educar da melhor forma possível, como foi feito comigo. Então, a gente participa bastante de tudo isso. – Carlos

O colaborador remete-se ao legado familiar transgeracional para afirmar que deseja oferecer às filhas aquilo que ele recebeu em termos de cuidado, proteção, educação. A entrevistada nos diz:

[...] por exemplo, elas brigam muito, estão numa fase...às vezes, ele vai corrigir e falou com a filha errada...no momento eu fico quieta, eu não falo nada na frente das minhas filhas porque eu não tiro a autoridade dele, depois eu falo ‘olha, achei que você não fez direito...é assim, assim’... se eu discordo ou não discordo eu falo, prá ele saber o que eu acho, só que em nenhum momento a gente corrige um ao outro a educação delas na frente delas... [...] o que a gente pode dar para elas de melhor a gente vai dar. São coisinhas do dia a dia mesmo, que às vezes passam, um concorda o outro não, só que a gente se fala, mas não na frente delas, a gente se preocupa com isso, se preocupa...por que de um modo...não tirar a autoridade de um ou de outro, né?! – Vera

Vera refere-se à educação das filhas apontando que há um diálogo entre ela e o esposo sobre a maneira de conduzir isso. Em outras unidades de significado do casal, o diálogo é colocado como algo presente no relacionamento a dois e que possibilita desfazer equívocos, assegurar ao outro um caminho a ser tomado nas decisões cotidianas, e também quanto à educação das filhas. Isso nos mostra a possibilidade de uma convivência mais igualitária entre o casal, o que parece repercutir na educação das filhas como uma paternidade responsável e participativa. A presença do diálogo nos aponta para uma possibilidade de um modo de existir que vai ao encontro da responsabilização pelas próprias atitudes e uma escolha por compartilhar a vida com outro, o que assinala uma postura autêntica do ser-com.

Categoria 5 – Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia

Quanto à temporalidade do projeto de ter filhos, Vera faz uma reflexão desde o início de seu relacionamento com Carlos.

[...] eu acho assim, eu não me arrependo de nada, se tivesse que fazer tudo de novo eu faria, não me arrependo...como...se fosse hoje eu não teria casado, não teria passado por tudo que eu passei, não!...eu não me arrependo de nada que eu fiz, do casamento, do namoro, do tempo em que as pessoas falavam assim pra mim ‘nossa, você namorou muito tempo, você perdeu não sei que na sua vida...’...eu não perdi nada, eu só ganhei, né, eu não me arrependo, não sinto falta de nada, não posso falar isso que sinto falta de ter saído mais, de ter ido mais em balada, hoje as meninas vão em balada, não sinto essa falta, né, não me faz

falta nenhuma, o (marido atual) supriu todas as minhas necessidades até agora, então se eu sinto vontade de ir em algum lugar ele vai, mesmo que ele não goste, sabe, pra me agradar... [...] – Vera

A entrevistada assinala sua escolha pelo namoro, pelo casamento e fala do sentimento de que suas necessidades eram e são supridas no relacionamento com Carlos, apontando uma satisfação no relacionamento conjugal. Segundo Norgren et al. (2004), satisfação conjugal é um fenômeno complexo que se relaciona com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, segurança, fatores que propiciem intimidade decorrendo da congruência entre expectativas e aspirações que os cônjuges têm em comparação à realidade vivenciada no casamento. Para Norgren et al. (2004, p. 583), em estudo qualitativo com 38 casais, casados há pelo menos 20 anos e pertencentes às camadas médias da população da região metropolitana da cidade de São Paulo

[...] todos os cônjuges satisfeitos e insatisfeitos, homens e mulheres, deram como motivo para permanecer na relação, o amor. Isso parece confirmar o valor que o amor-paixão-romântico desempenha na cultura ocidental atual. Busca-se a alma gêmea, a cara metade e, ao ser encarado desse modo, o amor deixa de ser um atributo importante da relação conjugal, tornando-se algo sem o qual não se vive. Almejando compartilhar a vida com alguém especial espera-se viver feliz para sempre: relações conjugais duradouras e satisfatórias.

Referindo-se às suas gravidezes, Vera destaca o companheirismo do esposo.

[...] na minha gravidez, quando eu fiquei grávida ele (marido) ia em todas as consultas comigo, todos ultrassom, sabe, foi companheiro em todos os momentos e quando eu fiquei grávida da minha segunda filha foi meio que descuido porque nós não programamos a (segunda filha) e aí, então, eu tinha parado de tomar pílula e nós começamos a usar o preservativo, foi na época em que nós começamos a usar o preservativo, só que eu descuidei uma vez, nessa uma vez que eu descuidei e fiquei grávida da (segunda filha) e eu fiquei muito assustada, muito, no início, nossa! eu chorava, chorava e eu dependia da minha mãe pra cuidar da (primeira filha) também, né?! [...] e eu fiquei meio assustada e ele (marido) com toda calma do mundo ele falou ‘calma, a gente se ajeita, né...não era o nosso planejamento mas aconteceu e vamos aí curtindo, agora você tá grávida a gente tem que curtir a gravidez’...aí eu fui ficando mais tranqüila...e minha preocupação também era de eu morrer na hora do parto porque na primeira gravidez, como eu tive pressão alta tive que controlar a comida porque não podia comer o sal, eu inchei demais e eu fiquei muito assustada com isso, mas o da (segunda filha) foi pior porque durante a gravidez, aí chegou no sexto mês fez aquele exame de diabetes, e deu diabetes, aí eu fui no médic...aí a médica achou um soprinho no coração, tive que ir no cardiologista, aí eu tinha uma anemia, eu tenho uma anemia, eu tenho talassemia, agora que eu descobri depois de muito tempo, então, durante a gravidez alterou muito... [...] eu fiquei muito abatida e desde lá prá cá eu fiquei super sistemática com gravidez, né?!...eu tinha...eu TENHO medo, todo mês...eu tô pra menstruar, eu tenho que menstruar 29 dias, meu ciclo dá hoje, se eu não menstruar hoje eu fico louca porque eu falo sempre ‘como que eu...gente, será que eu tô grávida?’ e eu assim, não deixei de usar nenhum

dia o preservativo, mas aquela besteira, será que furou e eu não vi?...sabe aquela coisa?! então é ansiedade... – Vera

Podemos observar que os riscos vivenciados nas duas gravidezes de Vera levaram a temores do casal quanto à possibilidade de uma gravidez futura. No mais, a entrevistada afirma que a segunda gravidez não foi esperada e, assim, como já constatamos entre outros casais entrevistados, a elegibilidade da vasectomia vem acompanhada pela satisfação com os filhos, o que não implica em um planejamento efetivo em ter determinado número de filhos.

O colaborador refere que foi o primeiro a pensar na possibilidade de optar pela vasectomia como método contraceptivo.

Na verdade, EU pensei primeiro, mas eu sou muuuuito medroso. Então, eu nunca tinha feito nenhuma cirurgia, nunca tinha feito nada. Dava ponto, cortava, cabeça, cortava braço, cortava perna, essas coisera toda, mas eu sempre fui muito medroso. No ano passado, trabalhando, eu trabalhei na (nome da loja) e, por causa de esforço repetitivo, porque eu ficava na mão de peão lá, e acabei tendo duas hérnia inguinal e tive que operar correndo e tal. Depois disso eu comecei ver...vamos fazer...de um ano prá cá nós já...é lógico, já ia fazer...aí conversei com meu irmão, antes de falar com ela, falei com meu irmão, falei com meu cunhado, falei com outro amigo meu, que já fizeram, eu sei que na realidade conversei com umas cinco pessoas, conversei com meu tio também, aí foi indo, foi indo e vou fazer, e ela falou 'tem certeza?, pensa bem e tal...', e eu sei que prá mulher fazer é complicado, não custa nada, eu tô ciente, não quero mais ter filho, então tá bom, se amanhã ela vier a casar com outro, de repente...mas eu, realmente, prá mim...foi um ato pensado, desde o início, fui amadurecendo aos poucos – Carlos

Na análise compreensiva do fenômeno, os significados atribuídos pelo entrevistado para a opção pela esterilização cirúrgica incluem: a menor complexidade do procedimento se comparado à laqueadura, o fato de ter conversado com outros homens que se submeteram à vasectomia e a satisfação com o número de filhos. Notamos que Carlos coloca que seus temores com a possibilidade da cirurgia o impediam de buscar pela contracepção cirúrgica e relata que tudo em sua vida foram decisões que necessitaram ser amadurecidas antes de suas conseqüências.

[...] a gente sempre planejou muito, desde o início a gente falou ah, vamo casar, tudo tem seu tempo, a gente começou a fazer as coisas prá casar, e assim vamos casar? Vamos, vamos ter filhos? Vamos, no seu tempo...no seu tempo...e foi tudo programado, né?!...a (segunda filha) veio meio no susto, mas não me arrependo também de ter, e outra...depois da primeira gravidez, como ela passou um pouco mal, aumentou muito o peso, teve problema sério de pressão, na segunda ela passou mais mal ainda e no dia do parto teve hemorragia e uma série de coisas...aí que começou a cair minha ficha, né?! Assim, pô, a gente tem que evitar ao máximo, que eu não quero que ela passe por isso também e o medo né?!...que a gente tem de perder, então, fui amadurecendo. Quando a (segunda filha) alcançou uma idade...a gente falou, vamos fazer, ela sempre passou mal com anticoncepcional...ela sempre usou e aí teve uma hora que ela começou a passar mal, depois da gravidez ela começou a passar muito mal, eu comecei a observar...eu não gosto disso e aí, então...e hoje prá você ter mais filho e

não poder dar o...e começar a largar muito... também acho que não dá...então, e eu sou muito ligado nela, então, ficar fazendo ela sofrer...então eu...foi recente...a gente tá enrolando prá vim, enrolando prá vim...até amadurecer a ideia, até eu resolver vou realmente fazer, aí então eu vim e procurei, falei com meu (parente), ele trabalha (na instituição hospitalar), que conseguiu falar com o pessoal, mas foi assim bem pensado, desde o início, sempre fui amadurecendo a ideia, não foi nada assim... – Carlos

Giffin e Cavalcanti (1999), analisando o homem em sua relação com a reprodução, afirmam que os homens que escolhem a vasectomia como método contraceptivo apontam as preocupações com a saúde de suas companheiras como motivo. Gomes et al. (2006) apontam que a morte da mulher no parto, ou no puerpério, pode levar a uma desestruturação familiar e tal risco pode levar o homem à participação na contracepção. O participante revela que as gravidezes de risco e os efeitos colaterais do uso do anticoncepcional por sua companheira também envolvem sua escolha contraceptiva. Além disso, revela o processo de construção de suas escolhas.

[...] tudo na minha vida fui amadurecendo, preciso namorar, namorar, então desde cedo eu fui...eu demoro um pouco mais, não que eu sou um pouco mais indeciso, mas eu penso antes de..., às vezes não parece, fico meio assim e tal, levo meio na boa, dou risada, brinco, mas fico assim triturando, entendeu?!...ela é assim oito ou oitenta, eu não sou assim, eu vou pensando, associando, raciocinando qual vai ser o pró, o contra, prá depois tomar a decisão. Às vezes eu pago um pouco pesado, a (esposa atual) me cobra, ‘você pensa demais’, não sei o que, não que ela queira mudar meu jeito de ser, mas assim, tudo na minha vida, eu penso, eu sou um pouco mais demorado prá...mas também quando eu faço, eu faço mesmo. Então foi uma...as pessoas falam dois filhos, só?...e eu falo, não, tá bom!...Eu vou fazer time de basquete, de vôlei?! Não dá, né?! (risos) – Carlos

Referindo-se à cirurgia, afirma:

Eu falei prá ela ‘eu faço, eu vou fazer, não dependo de ninguém, eu faço, acabou, recupero rápido’... – Carlos

O colaborador pensa sobre possibilidades de arrependimento futuro com a decisão atual. Notamos que, embora pareça que a prole ocupe um espaço de continuidade da linhagem familiar, a possibilidade de perder as filhas parece fazer o entrevistado contactar a finitude da vida e a angústia decorrente disso.

Conversamos (o entrevistado e sua esposa) bastante, aí o que aconteceu, eu fui até...entrei em contato com pessoas que fizeram e daí eu comecei, depois, eu fui...ela começou a tomar remédio, engordou bastante, levou uns vinte e poucos dias, eu fui refletindo, se eu posso fazer e eu realmente não quero mais ter filhos?!...Se eu posso fazer, não vou deixar ela passar todo esse mal, entendeu? Aí veio aquela pergunta: mas e se eu largar dela? Fiquei remoendo e eu levei mais um tempo. Aí eu pensei se amanhã eu largar dela, prá mim tá ótimo, eu tenho duas, independente se amanhã, Deeeus me livre e guarde, dá até um medo de falar isso, faltar uma, não vou querer, porque uma não vai substituir a outra, mas se eu puder evitar ela

de passar mal, de alguns transtornos, eu vou fazer. (o entrevistado chora e permanece choroso boa parte da entrevista) – Carlos

Vera corrobora a informação do marido de que foi ele quem primeiramente pensou em optar pela vasectomia como método anticoncepcional e que os receios em ficar “brocha” como decorrência da cirurgia não atemorizavam severamente o marido.

Foi dele. Ele falou, assim que nós tivemos a (segunda filha) ele falou ‘olha, eu vou fazer a cirurgia’. Aí eu falei, a gente teve outra conversa, eu falei ‘você sabe que a cirurgia, VOCÊ não vai poder ter mais filho não sou eu’...e ele falou ‘não, mas eu não quero ter mais filho...se você largar de mim futuramente e quiser ter com outra pessoa...você vai ter filho, mas eu não quero ter mais’...só que é assim, ele falou ‘já pensou se você engravida de novo, passar por tudo isso de novo, aquele negócio de novo...eu sei que além de tudo isso existe também o fato da escola, da educação, de que deixava a gente trabalhar, mas além de tudo e se você numa gravidez você morre?!...aí vai ficar pior’, aí ele falou ‘não, não, independente disso eu não quero mais ter filho e eu vejo que prá mim é muito...’, porque ele conversa com várias pessoas que já fez, a gente conhece bastante gente que já fez e as pessoas falam que é super fácil, super prático, ele nunca teve esse preconceito assim, porque os homens normalmente têm preconceito, ah, de ficar brocha, isso e aquilo, ele não, nunca passou isso pela cabeça dele, né... – Vera

A entrevistada aponta a interferência na vida sexual do casal devido ao método contraceptivo hormonal e pelo receio de uma gravidez futura.

[...] Não sei se eu sentia, ou se era impressão minha quando eu tomava pílula...porque é assim, durante o meu namoro e tal até eu ficar grávida da J. eu tomei pílula e era tudo normal. Depois que eu tive (primeira filha). eu notei que a pílula me deixava meio que sem vontade, sabe?!...eu não sei se era fato, não sei, era a mesma, a mesma pílula que eu tomava antes. Depois eu comecei a trocar porque eu falei assim pra minha ginecologista ‘olha, eu percebo que quando eu tomo pílula não tenho o mesmo entusiasmo, não tenho a mesma vontade que eu tinha antes’, e ela falou ‘olha (entrevistada) é mais difícil isso acontecer, mas vamos trocar a pílula’ e, realmente toda pílula que eu tomava acontecia isso, nos meses que eu tomava ficava sem ânimo, os meses que eu não tomava eram melhores, ele (marido) mesmo fala e foi por isso que até eu comecei a parar de tomar a pílula porque eu vejo que quando eu não tomo eu tenho muito mais vontade, muito mais prazer, eu não sei o que acontece, né...e eu acho que...não sei se é da minha cabeça, possivelmente é, então, e a pílula assim, quando eu tomo pílula eu tenho cândida, muita cândida, porque eu tenho cândida, normalmente eu tenho, minha cândida depende do estado emocional, eu fiquei estressada, fiquei nervosa me dá cândida, mas com a pílula era fatal, todo mês eu tinha...aí fiz o tratamento, usava creme, tomava remédio, era meio que chato e a ginecologista disse que a pílula, assim, não é que causa cândida, fica mais vulnerável prá dar candidíase...é, problema vascular também que eu tenho, que é hereditário da minha família, então, a pílula já não tava me fazendo bem por isso que nós optamos em usar o preservativo, né, e não deixamos de usar...eu faço a tabelinha, por exemplo, aí naquele período eu fico mais preocupada ainda, fico mais atenta, mas eu não deixo de usar a camisinha nenhum dia do mês de medo de acontecer alguma coisa. – Vera

A entrevistada relata que um outro filho no futuro não substituiria uma de suas filhas, caso venha a perdê-las.

[...] a gente já cogitou o fato de perder uma das nossas filhas, mas isso é uma situação assim que NADA vai substituir...outro filho?! Iria agregar, mas não substituir, então isso não ia tirar a dor da perda de outra filha, ia ficar sempre aquele vazio, aquele buraco, então ele...eu falei pra ele 'Olha (marido atual) se você não quiser fazer é opção sua, eu também não quero ter mais filhos, se você não for fazer agora, futuramente eu vou fazer a laqueadura'. Ele falou 'não, eu não quero que você passe mais por isso, então, eu vou fazer'...nós optamos por nós fazermos, não fizemos antes porque particular ia ficar um pouco mais caro, então nós não tínhamos essa disponibilidade de dinheiro pra fazer, então, como a gente conseguiu aqui, meu tio conversou com os médicos tudo da opção dele de fazer [...] eu sinto que isso não to forçando nenhuma situação pra ele, é uma escolha dele mesmo, ele realmente quer, ele não quer ter mais filhos independente se for comigo ou com outra pessoa. – Vera

Por fim, a colaboradora aponta o fato de que a decisão final é do marido Carlos e que, já que ele fará a cirurgia, percebe que a escolha deva ser dele. Entendemos que informações acerca dos métodos contraceptivos, o que inclui a vasectomia, é parte de uma decisão segura por parte dos usuários dos serviços de saúde. Além disso, os temores masculinos relacionados à decisão pela participação direta no planejamento familiar e escolha contraceptiva demonstram uma lacuna e um silêncio dos serviços de saúde na direção de um efetivo acompanhamento e esclarecimento de homens e mulheres em programas de planejamento familiar.

Após a análise dos relatos dos casais, com a qual buscamos aprofundar nossa compreensão acerca dos significados envolvidos na escolha da vasectomia como método contraceptivo pelo(a)s colaboradore(a)s, no próximo capítulo caminharemos na direção do desvelar dos significados aos sentidos da escolha da vasectomia por estes casais. Relembramos que nesta pesquisa não intentamos alcançar generalizações sobre a elegibilidade da vasectomia como contracepção por todo homem, ou casal, e sim, nosso percurso se dirige para um olhar em profundidade da escolha contraceptiva pelos sujeitos que encontramos neste estudo.

Capítulo 5



CAPÍTULO 5 - O DESVELAR DO(S) SIGNIFICADO(S) AO(S) SENTIDO(S) DO FENÔMENO - Casais contemporâneos e a escolha da vasectomia como método contraceptivo

É hora de recapitular. Depois do caminho de análise percorrido, o que podemos dizer acerca do fenômeno para o qual nos voltamos? Com o intuito de nos dirigirmos dos significados (particulares) aos sentidos (ontológicos) do fenômeno “a escolha da vasectomia por casais heterossexuais”, ou seja, compreender a estrutura do presente fenômeno, neste capítulo, dividimos nossa explanação em dois itens: aspectos gerais, em que sintetizaremos os achados em cada categoria estudada no capítulo 4; e o ser-no-mundo heideggeriano, em que apresentaremos uma interpretação do fenômeno à luz do entendimento de ser-no-mundo do filósofo alemão. Lembramos, ainda uma vez, que nossa finalidade não é esgotar o fenômeno em todas as suas nuances e complexidade, mas sim, ampliar a compreensão do mesmo, aprofundando-nos em seus significados e sentidos, a partir dos relatos do(a)s participantes deste estudo científico. Relembremos, neste ponto, que nos dois capítulos iniciais discorremos sobre os eixos teóricos que fundamentam este estudo pelos interdiálogos e constatamos a complexidade que envolve o fenômeno no que concerne às relações de gênero, às formações familiares e ao ser situado no mundo.

5.1 Aspectos gerais

Quantas repetidas vezes escutamos as entrevistas gravadas, lemos as transcrições dos depoimentos, perdemo-nos em pensamentos acerca de cada um de nosso(a)s entrevistado(a)s. Quanta vida há neles! No face a face com cada um(a) do(a)s participantes desta pesquisa, tivemos acesso ao conteúdo manifesto daquilo que envolveu a escolha da vasectomia como método contraceptivo, ou seja, uma decisão da vida privada do casal, estava ali, sendo compartilhada conosco, sendo exposta em seus motivos e em suas razões. Os casais que trouxemos conosco nesta jornada nos procuraram em um momento de tomada de decisão e expressaram seus temores e dúvidas durante o processo de aconselhamento psicológico, após o qual os convidamos para participar desta pesquisa. Devemos pontuar nosso entendimento de que, embora tenhamos garantido o sigilo de suas identidades e a continuidade do

acompanhamento ambulatorial no qual estavam inseridos, não podemos contar com uma neutralidade completa em seus relatos, visto que falavam para uma profissional do próprio hospital em que estavam sendo assistidos e ainda não haviam realizado o procedimento cirúrgico que estavam buscando. Assim, sabemos que essa é uma limitação que se coloca em nossa pesquisa, no entanto, que não impediu nossos colaboradores e colaboradoras de presentear-nos com depoimentos generosos e abrangentes a respeito de suas histórias de vida. Além disso, pudemos perceber que entrevistar o casal minimizou tal viés na medida em que algumas questões, a possibilidade de aborto no casal 1, por exemplo, não tenham sido trazidas no relato de um, apareciam no depoimento do outro e, assim, o entrecruzamento das duas (psico)biografias iam revelando significados nesse diálogo entre os dois depoimentos. Ao final de seu relato, o entrevistado Valdir nos disse: *Acho que tá tudo aí mesmo. Já dá prá fazer um livro de autobiografia, tá tudo aí na gravação (risos).*

Importante dizer, também, que apesar de encontrá-los em um hospital de complexidade, eles não traziam como problema principal uma doença e sim uma escolha. É claro que observamos que houve casais em que a opção pela esterilização cirúrgica do homem estava atrelada a um risco de vida de sua companheira caso viesse a ter uma gestação no futuro, no entanto, a tônica do aconselhamento psicológico e dos depoimentos concedidos levou-nos a vê-los, para além da escolha contraceptiva, como casais vivendo na contemporaneidade e, mais do que isso, no mundo do efêmero, escolhendo viver a conjugalidade em seus percalços e alegrias.

Pudemos constatar, de maneira geral, convergências em cada casal no que se refere ao modo de pensar o relacionamento conjugal, a educação dos filhos e a atividade laboral, havendo uma similaridade na maneira de pensar a vida em comum pelos pares (cada casal).

Então, vejamos? Propusemo-nos a buscar o desvelamento do fenômeno que indagamos e chegamos a cinco categorias temáticas: temporalidade da infância, temporalidade da adolescência, temporalidade da união conjugal, família de origem e transgeracionalidade e temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia. Ressaltamos que a temporalidade é marca do ser mundano na medida em que cada pessoa encontra-se no mundo banhado por contingências sócio-histórico-políticas e culturais durante o período finito em que vive. Colocado isso, faremos apontamentos na direção de alargar os horizontes da compreensão hermenêutica do fenômeno estudado, a partir de uma síntese das categorias temáticas encontradas.

Quanto à categoria **Temporalidade da infância**, observamos que entre os fatos relatados pelo(a)s participantes estavam brincadeiras de criança, responsabilidades desde

tenra idade (trabalho, cuidado dos irmãos) e separação dos pais. Pudemos observar entre os homens uma verbalização recorrente que remetia a uma infância difícil e por vezes à atividade laboral desde a infância. Entre as mulheres, vimos meninas criadas para casar, e cuja expressão da sexualidade era mediada pelos pais. Além disso, a entrevistada Carla (casal 5) nos trouxe o relato de uma criança que saía às ruas para pedir comida para ela e para os irmãos, desde criança. Numa infância vivida no final da década de 1970 e início da década seguinte, percebemos o quanto as leis brasileiras se modificaram nos últimos 30 anos na compreensão das necessidades da criança e da proteção que deve estar garantida a esses seres humanos em formação física e emocional. Muito embora haja leis de proteção à criança e ao adolescente desde o início da década de 1990 com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), isso não se reverteu, ainda, em melhores condições de proteção e cuidado a todas as crianças e adolescentes brasileiros.

Outro aspecto trazido pelos participantes é a separação conjugal relatada por Cristiano, Sérgio, Carla, Carlos e Vera. Na vivência do desquite/divórcio de seus genitores, pudemos constatar uma mudança nos costumes dos casais já que, na temporalidade da infância de nossos entrevistados e entrevistadas, a separação conjugal ainda era algo pouco comum e a indissolubilidade do casamento era a regra seguida pela maioria das famílias. A adoção do divórcio, pela Lei 6.515, data de 1977 (BRASIL, 1977), o que assinala a alteração das normas sociais sobre essa questão.

Com relação à categoria temática **Temporalidade da adolescência**, encontramos as primeiras experiências afetivo-sexuais, dificuldades no relacionamento com os pais e os estudos. Nos relatos das entrevistadas Adriana, Leda, Helena e Cláudia esteve presente o desnorreamento em lidar com a própria sexualidade, seguindo ou se opondo aos padrões familiares e sociais transmitidos transgeracionalmente. Lembremos que até a década de 1960 o modelo patriarcal e a heteronormatividade eram hegemônicos em nossa sociedade e, a quebra de tais referências fez, faz e fará ressonâncias nos comportamentos sexuais de ontem, hoje e nas próximas gerações, na medida em que uma mudança de paradigma se realiza de forma gradual.

Ainda na temporalidade da adolescência, o colaborador Sérgio nos trouxe o uso de drogas ilícitas, evidenciando um momento de grande vulnerabilidade à inserção no universo das drogas, do ser-no-mundo pelo adolescente. Insistimos em dizer que, assim como a criança, o adolescente está em formação física e emocional e deve ser assistido em suas necessidades e potencialidades. Não somente a família, como outras instituições, tais como as instituições de saúde, os juizados da infância e juventude, as instituições escolares, as igrejas e

suas diferentes religiões, devem abrir-se para o diálogo acerca da criança e do adolescente e o papel de cada uma na formação integral desses seres humanos.

Para Bruns (2010), uma alternativa educativa está em nossos meios de comunicação. É por meio das mídias que há um canal de comunicação com os jovens e uma oportunidade de alertá-los quanto às consequências de uma gravidez e uma paternidade/maternidade indesejada, bem como as consequências das doenças sexualmente transmissíveis e o uso de drogas.

Na dimensão **Temporalidade da união conjugal**, nossos colaboradores e colaboradoras nos mostraram que viver a conjugalidade na contemporaneidade envolve um recriar de um modelo patriarcal que persistiu como legado transgeracional por séculos a fio. Entendemos que o cuidado recíproco, a cumplicidade, a admiração e o sentimento de confiança estão presentes entre nossos casais e, muito embora possamos supor que esse não passa de um discurso politicamente correto, supomos também que ao menos no âmbito da razão, conhecem um caminho de convivência possível a seguir. Por outro lado, fechados no casamento/união conjugal um com o outro, a finalidade doméstica, apartada do mundo, ocupa-se em garantir a sobrevivência dos componentes da família, alijando-se do que é exterior a isso. Enfim, o casal se une, muitas vezes, para lutar pela sobrevivência num mundo marcado pelo individualismo e pela indiferença.

De maneira geral, percebemos nas entrevistas, um homem mais participativo nos assuntos domésticos, que convive com uma companheira que trabalha (ou já trabalhou), e que em alguns casos, participa efetivamente do cuidado dos filhos (percebemos isso, sobretudo, no relato do casal 6). Como constatamos a partir de nossos interdiálogos, durante séculos o cuidado da prole foi delegado à mulher que exercia tal tarefa a sua maneira. O envolvimento dos homens no universo doméstico, que inclui, o trato dos filhos, traz consigo uma possibilidade de se (re)criar a maneira com que se interage, cuida e zela pela criança, o que leva a novas reflexões e relativização do que seria certo (ou errado) no cuidado e educação dos filhos, desde rotinas como dar banho, alimentar e brincar até valores morais. A participação crescente dos homens/pais em questões relacionadas à vida doméstica, como o cuidado dos filhos e a participação no planejamento familiar, explicita as mudanças que a contemporaneidade tem trazido para as relações afetivo-sexuais. Que os homens ocupem seu lugar (para além da ausência) na formação de nossas crianças.

Já na categoria **Família de origem e transgeracionalidade**, homens e mulheres parecem fazer suas reflexões sobre suas escolhas pessoais e profissionais, a partir de suas próprias experiências familiares, as dificuldades vividas, a ausência paterna, as dificuldades

no relacionamento com a mãe ou com o pai. Esses e outros aspectos servem como disparador de suas próprias posturas e escolhas. A transgeracionalidade familiar se traduz na maneira de repetir, evitar ou recriar o que fora experienciado na família de origem. Os discursos remetem a uma mudança contínua e a uma flexibilização dos papéis de gênero se comparados com gerações anteriores. Consta-se que estes casais heterossexuais contemporâneos, vivendo em um contexto de pluralidade de formações familiares e numa sociedade de consumo, influenciados pela transmissão familiar transgeracional, transitam por caminhos na direção de um casal mais igualitário, ressignificando o modelo patriarcal.

Na categoria temática **Temporalidade do projeto de ter filhos e escolha da vasectomia**, os motivos relatados para a opção pelo método contraceptivo cirúrgico inclui a menor complexidade da vasectomia se comparada à laqueadura; o número de filhos (2 ou 3), já satisfazendo o sonho de constituir uma família com filhos, mesmo quando referiram um não planejamento da vinda do(s) filho(s); as dificuldades da mulher em utilizar outros métodos anticoncepcionais, sobretudo, os hormonais, que podem alterar o humor, levar ao aumento de peso, entre outros efeitos colaterais; a condição financeira do casal que não comportaria a chegada de mais filhos; a corresponsabilidade do homem na escolha contraceptiva em função do risco de uma gravidez futura para a vida da companheira ou do conceito (opção esta mediada direta, ou indiretamente, pelo saber médico); e, sobretudo, o desejo de não ter mais filhos. Além disso, replanejar o projeto de vida a dois e vivenciar outras realizações pessoais e profissionais acompanha a elegibilidade da vasectomia. Notamos que os temores quanto à vida sexual pós-vasectomia pouco apareceram nos depoimentos e talvez isso se explique dado o fato de que a entrevista ocorreu após os casais já terem recebido aconselhamento psicológico em que puderam desfazer possíveis equívocos e medos a esse respeito.

Enfim, respondemos à nossa pergunta inicial sobre quais os significados e sentidos da escolha da vasectomia pelos nossos casais-colaboradores? Com relação aos significados atribuídos por nossos entrevistados e entrevistadas pensamos ter capturado tal entendimento, no entanto, qual o sentido de tal escolha contraceptiva? Buscaremos no pensamento heideggeriano tal reflexão.

Para o leitor que chegou até aqui e pode ver que nossa âncora (símbolo da esperança) está nos interdiálogos de compreensão, o que inclui as ideias do filósofo contemporâneo Martin Heidegger, podemos perceber que a palavra é porta-voz do ser, e (des)vela e atualiza o ser-no-mundo. Tendo isso em vista, passemos à compreensão do fenômeno à luz da perspectiva heideggeriana.

5.2 O ser-no-mundo heideggeriano

Temos algumas reflexões a fazer. Em nosso Pré-reflexivo pensávamos no ser-no-mundo a partir do conceito de liberdade definido pelo filósofo existencialista Jean-Paul Sartre. Que liberdade é essa? Que escolha (da vasectomia) é essa?

Heidegger nos ensina que, lançados ao mundo, os seres humanos mergulham em condições socio-históricas, políticas, culturais e econômicas, as quais não escolheram, mas a elas estão condenados. É certo que podem escolher recriar tais contingências, no entanto, a liberdade deve ser tomada, então, como uma liberdade relativa na medida em que a ação humana se dá num cenário já colocado *a priori* e com regras próprias. A partir dessas colocações, entendemos que as subjetividades humanas são construções sociais. É certo que a individualidade colore de singularidade cada ser, no entanto, os padrões normativos sociais que encontramos em diferentes momentos históricos da humanidade interferem e marcam a subjetividade humana.

Onde nossos colaboradores e colaboradoras entram nisso? Por intermédio de suas falas, pudemos acessar aspectos da vida doméstica que eles têm escolhido compartilhar na conjugalidade. Assim, para chegar à elegibilidade da vasectomia, já fizeram outras tantas escolhas em comum. Entendemos que a opção pela vasectomia é uma expressão de como acontecem as relações de poder entre o casal. Obviamente, a participação do homem é bem-vinda na escolha do método contraceptivo, tendo em vista sua corresponsabilidade pelo(s) filho(s) que gera, no entanto, por vezes, essa escolha deixa velada a relação de um casal em que o homem toma as decisões, o que não implica em uma atitude dialogada e compartilhada pelo casal. Por outro lado, as circunstâncias em que encontramos nossos casais-colaboradores nos mostram que se possibilitarmos uma reflexão a dois, ela se fará, mesmo que mediada por um profissional. A práxis do aconselhamento de casal pode viabilizar a reflexão acerca da questão para a qual este estudo se volta, assim como para outras que se coloquem na convivência conjugal. A vasectomia, enquanto um corte, demarca um momento histórico em que ter filhos é uma escolha e não mais um destino, até por isso implica em grande responsabilidade por parte dos protagonistas da conjugalidade que, enquanto seres de projeto, incluem a paternidade/maternidade entre suas realizações.

O investimento em efetivos programas de planejamento familiar se faz urgente, tendo em vista que é a consciência da responsabilidade implicada em ter um filho que pode tornar homens e mulheres mais responsáveis em suas escolhas, caso contrário, corre-se o risco de,

numa sociedade de consumo como a nossa, outro ser humano, ser tomado como mais um utensílio a satisfazer os desejos consumistas de muitos. Além disso, constatamos por meio dos depoimentos de nosso(a)s colaboradore(a)s que não há um planejamento familiar consistente da parte deles no que se refere a ter filhos. Alguns filhos vêm, muitas vezes, da prática sexual sem orientação sobre a adequada utilização dos métodos contraceptivos, ou à revelia de um dos cônjuges, enfim, percebemos uma lacuna no acolhimento dos jovens para compreenderem de maneira abrangente os significados de suas próprias práticas sexuais e reprodutivas.

É justo dizer que, no mundo do efêmero, do descartável, da desorientação, da falta de limites, estes casais nos mostram que é possível contruir algo em comum, mesmo que temporariamente. Mas em que condições? Pudemos ouvir relatos de coautores em histórias nas quais os significados se mesclam, em alguns momentos até nos pareceu haver uma anulação de si em nome da relação conjugal e familiar, mas logo isso se desfazia dadas as reflexões vindas dos próprios sujeitos de suas condições na conjugalidade e na família. Notamos que, embora aos nossos entrevistados e entrevistadas tenha sido dado pouco do ponto de vista material e cultural (referímo-nos à temporalidade da infância), eles avançaram muito no sentido de entender a própria responsabilidade por suas vidas e daqueles que colocarem no mundo. Essa postura autêntica implica no olhar possibilidades, em analisar a si próprio dentro desse contexto sócio-histórico que, não pensado, nos carrega como que levados pelo vento, sem direção própria, engolindo o que nos oferecem sem reflexão. Vivendo na contemporaneidade, participamos de imensas mudanças econômicas, culturais e políticas que nos atingem diretamente, todavia, podemos nos manter estreitados em apenas seguir o comando de uma minoria que dita as regras. Mas há, ainda, outros caminhos, caminhos que nesse mundo de transição, da maneira de nos comunicarmos e nos relacionarmos, podemos (re)criar, podemos ser parte da autoria do novo que se constrói continuamente e que pode possibilitar às pessoas a descoberta de seus próprios potenciais na construção de um mundo mais humanizado, mais justo e mais digno de se viver.

No desvelar dos sentidos do fenômeno que indagamos, a inclusão dos homens em programas de planejamento familiar seria, então, parte de uma democratização e responsabilização pela anticoncepção por ambos os sexos, visando à promoção da vivência de uma sexualidade mais dialogada, mas humanizada, mais genuinamente com direitos equiparados. Interessante perceber que a adoção de criança(s) também surgiu no relato dos sujeitos como maneiras de vivenciarem a paternidade, caso se arrependam da decisão tomada na escolha da vasectomia. Mas é certo, também, que eles contam com a reversibilidade da cirurgia, caso disso necessitem futuramente.

“Homem não chora”, ou “homens não falam sobre seus sentimentos” são frases feitas pelo senso comum que não condizem com o que nos deparamos na prática profissional que nos mostraram homens que, quando acolhidos em seus temores e dúvidas, se expõem como seres humanos que necessitam de espaço de escuta para suas fragilidades. Culturalmente, durante séculos, vivemos uma dominação masculina que se legitimava por nossas instituições, que a reproduziam. Na atualidade, não se trata de atribuir à mulher o lugar de vítima e colocar o homem no papel de algoz (BADINTER, 2005; FÁVERO, 2010), mas vemos a necessidade de considerar a construção simbólica, cultural e institucional às quais estamos expostos no processo de socialização (BOURDIEU, 2009). Portanto, é dever de todos caminharmos em direção a um mundo mais igualitário. Onde quer que estejamos inseridos, o respeito ao outro é a lógica que deve reger nossos comportamentos.

Ainda em nosso pré-reflexivo, pontuamos a relevância da linguagem no (des)velar do ser mundano (HEIDEGGER, 2008a) e a expressão da sexualidade como um protótipo das demais reações humanas frente à vida (FREUD, 1996). A contracepção envolve diretamente a expressão da sexualidade. Quando um homem elege a vasectomia como método, não podemos supor contratos de fidelidade sexual, ou que por trás de tal escolha não esteja o desejo de controlar um possível comportamento sexual de sua companheira, mas, de qualquer maneira, esses homens foram afetados pelas imensas reponsabilidades que significam ter filho(s), que para além das alegrias, é responsabilidade para toda a vida. Por parte de nossas entrevistadas também poderíamos supor que o desejo para que seus companheiros optem por um método contraceptivo poderia garantir filhos somente na relação conjugal com ela, mas ainda assim, é a criança gerada, ou aquela que não vem ao mundo de maneira irrefletida, a maior beneficiada. Não nos propusemos a debater a educação oferecida às crianças neste estudo, porém assinalamos que o respeito à criança para ajudá-las a explorar suas próprias potencialidades na vida, não por se dobrar a um poder despótico por parte delas, mas por entendê-las inseridas no contexto histórico em que nasceram e estão sendo formadas como cidadãs, é parte de uma construção de uma conjugalidade responsável.

Outro ponto que destacamos é a longevidade de homens e mulheres na contemporaneidade, marcando a temporalidade vivida. Segundo Bruns (2010, p. 27),

a expectativa de vida do brasileiro [...] é por volta de 70 anos, o que representa por volta de 8% de nossa população. Na década de (19)50, a expectativa de vida do brasileiro era de 43,2 anos. Ter 20 anos nessa década era estar na meia idade, isto é, exatamente o que significa ter 40 anos nos dias de hoje.

Essa realidade de uma vida longa que se vislumbra na atualidade, possibilitada pelos imensos avanços na área biomédica, impõe a cada ser humano o planejamento e replanejamento da própria existência, o que configura uma realidade bastante diversa e nova da vida em décadas/séculos anteriores. Se podemos dizer que há algo novo em nossos projetos familiares, isso se dá pelo impacto que as criações humanas têm provocado de mudanças no interior das famílias, o que impõe uma revisão de formatos familiares, uma tolerância às diferenças, um replanejamento da educação dos filhos e dos próprios projetos de vida. Aliás, perguntamo-nos, quais outros projetos nossos casais-colaboradores têm em comum, além de ter filhos, criá-los e adquirir bens materiais? Não estamos minimizando tais projetos, entretanto, o ser humano, na exploração de suas potencialidades, pode e deve investir em projetos que garantam a sua individualidade e, assim, possam ensinar tal percurso aos outros que chegam ao mundo, cada qual, com seus sonhos, habilidades e contribuindo no âmbito social com sua parte no todo.

Por fim, constatamos que o diálogo conjugal é peça fundamental na tomada de decisão, em nosso caso, na decisão contraceptiva. É claro que sabemos que nem todos os casais estão dispostos a dialogar como os que cruzaram o nosso caminho. No entanto, isso também pode ser construído. Além disso, mais do que um diálogo autêntico entre casais que se colocam como protagonistas em suas vidas compartilhadas, é necessário plantar o diálogo entre as nossas instituições. Referimo-nos ao interdiálogo entre as instituições que incorporam valores morais, preconceitos e interditos de uma herança repressiva que carregamos, quais sejam, os saberes médico, jurídico, educacional, psiquiátrico/psicológico, religioso, entre outros (CHAUÍ, 1984; SANTOS, 2004; SANTOS; BRUNS, 2000). Propomos, então, que as instituições, verdadeiramente, entendam a necessidade de se darem as mãos, de olharem para a expressão da sexualidade como parte da vida humana e, somente, com responsabilidade pode ser vivida de maneira plena e respeitosa. Para sair do palavreiro, o esforço é indispensável.

Capítulo 6



CAPÍTULO 6 – HORIZONTES

Ontem um menino que brincava me falou
 que hoje é semente do amanhã.
 Para não ter medo que este tempo vai passar
 Não se desespere não, nem pare de sonhar.
 Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs
 Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!
 Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!
 Nós podemos tudo,
 Nós podemos mais
 Vamos lá FAZER o que será.

Semente do amanhã (Gonzaguinha)

É hora de olhar os horizontes, mas para seguir em frente, é preciso olhar para trás ainda uma vez. Apontar as possibilidades a partir do rastro deixado neste percurso demanda mais um movimento. Tão difícil quanto necessária, a despedida será breve, até porque finalizar um trabalho que se propõe compreensivo não significa pôr um ponto final, caberiam melhor novas interrogações.

Nossas reflexões nos levaram a perceber a necessária capacitação continuada dos profissionais de saúde, sobretudo psicólogo(a)s e enfermeiro(a)s no intuito de acolher e lidar com demandas específicas de homens e mulheres no que se refere ao planejamento familiar, incluindo a saúde reprodutiva e sexual e tendo em vista que mesmo os casais deste estudo, que fazem parte de classificação econômica entre B e C (de acordo com a classificação ABEP, 2008), apresentam dúvidas e medos relacionados ao uso de métodos contraceptivos e, além disso, relatos de não planejamento da gestação de seus filhos. As instituições de saúde devem entender o lugar privilegiado que ocupam como autoridades que informam, orientam e atualizam seus usuários em suas práticas reprodutivas e sexuais. A valorização da participação de homens na escolha do método contraceptivo, de maneira direta, fazendo uso do preservativo masculino ou optando pela vasectomia, ou indireta, acompanhando sua companheira nesse processo eletivo e uso de um contraceptivo, vai reconfigurando o universo familiar, tornando os papéis de gênero mais flexíveis e fazendo o casal cada vez mais apto para dialogar sobre suas escolhas, levando em conta a alteridade de ambos. A criação de espaços reflexivos sobre os projetos de vida de jovens e adultos devem estar presentes no cotidiano da prática de profissionais da área da saúde que se empenham em zelar por uma melhora na qualidade de vida de crianças, adolescentes, adultos e idosos. Pensamos que, ainda

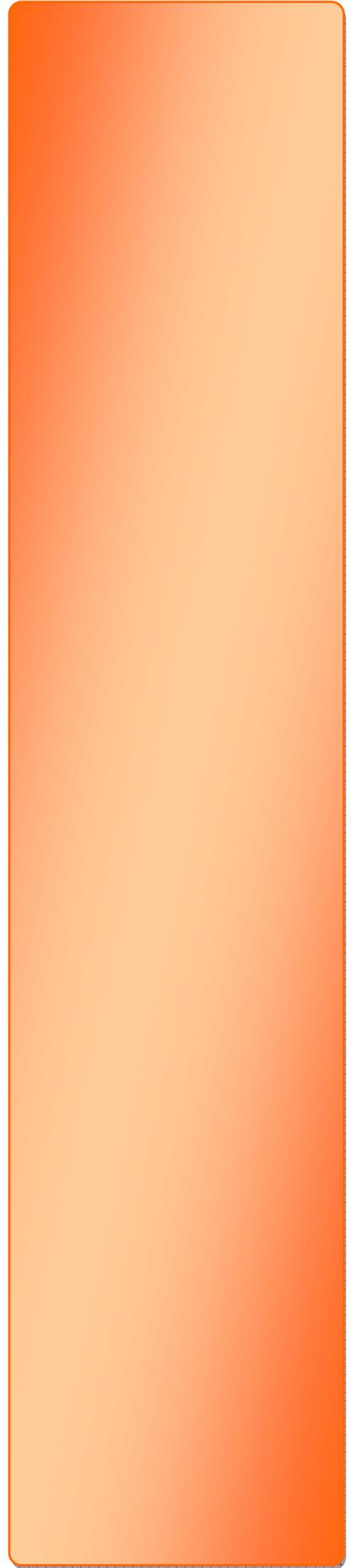
hoje, os profissionais subestimam o poder de suas orientações para com seus pacientes. Sejam facilitadores e instrumentalizemos homens e mulheres para que possam dialogar. Quantas vezes na prática profissional, após oferecer diversas informações acerca da saúde reprodutiva e sexual a casais, pudemos observar que aqueles conteúdos possibilitavam uma reflexão entre eles sobre suas próprias escolhas em comum. A formação do profissional de saúde deve estar voltada às mudanças na contemporaneidade e comprometida com a atualização periódica, já que somente assim poderá viabilizar que as pessoas assistidas se sintam capazes de fazer escolhas.

Um ponto a ser ressaltado é a importância da realização de seguimento ambulatorial pelos profissionais da saúde – médico(a)s, enfermeiro(a)s, psicólogo(a)s – de homens/casais após a realização da vasectomia. Tal acompanhamento é necessário na medida em que abre espaço de reflexão para questões relacionadas à família e possíveis repercussões da esterilização cirúrgica no relacionamento conjugal e familiar, entre as quais destacamos, medos relacionados à performance sexual já que o método cirúrgico implica em um corte no corpo o que comporta símbolos particulares para cada homem e mulher, significados para o homem (e sua companheira) do fato do ato sexual não mais ter a função de reprodução, projetos profissionais e pessoais individuais do homem e da mulher e novos projetos em comum do casal.

Outra possibilidade é o aperfeiçoamento da informação acerca do planejamento familiar pelas mídias digitais (rádio, TV, internet). A informação correta e abrangente deve ser divulgada entre os usuários dos serviços de saúde ou em outras instituições de atenção à família. Entendemos que cada pessoa/casal que tenha acesso a informações consistentes e em linguagem compatível com suas necessidades e compreensão é um multiplicador de tais reflexões.

Assinalamos, também, que a responsabilidade não está somente nos casais/famílias ou nos serviços de saúde. Encontra-se, como já dissemos, nas igrejas das diferentes religiões, nas instituições do Poder Judiciário, nos bancos escolares, enfim, em todos os possíveis espaços de acolhimento para as famílias e casais da contemporaneidade. Destacamos, ainda, que as universidades são lugares em que deve haver a ampliação do espaço dado ao debate sobre o exercício da sexualidade e planejamento da família. Devemos ter em mente que o saber e a experiência de cada uma dessas instituições devem ser compartilhados por intermédio de interdiálogos e num desejo genuíno de fazermos, cada um, a parte que nos cabe.

Referências



REFERÊNCIAS¹⁶

ALARCÃO, M. (Coord.). **(Des)equilíbrios familiares**. 2. ed. Coimbra: Quarteto, 2002.

ALBERONI, F. **O erotismo**: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ALMEIDA, C. C. L. **Fechando com chave de ouro**: o significado da paternidade e da maternidade na experiência das classes populares no Rio de Janeiro. 2004. [s. n.]. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 17-25.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARILHA, M. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: GIFFIN, K.; COSTA, S. H. **Questões da saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. p. 455-467.

ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: 34 Editora, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA (ABEP). **Critério de classificação econômica Brasil**: dados com base no levantamento sócioeconômico 2005. IBOPE, 2008. Disponível em: <<http://www.abep.org>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

BADINTER, E. **O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARSTED, L. L. Família, sexualidade e reprodução no Direito Brasileiro. In: GIFFIN, K.; COSTA, S. H. **Questões da saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. p. 51-66.

¹⁶ De acordo com: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023.

BATAILLE, G. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Vida a crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BEAINI, T. C. **À escuta do silêncio**: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger. São Paulo: Cortez, 1981.

BEAUJOT, R. Earnig and caring: demographic change and policy implications. **Canadian Studies in Population**, Edmonton, v. 29, n. 2, p. 195-225, 2002.

BERQUÓ, E.; GARCIA, S.; LAGO, T. (Coord.). **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher**: PNDS 2006. Brasília, DF: CEBRAP, 2008. (Relatório final).

BERTERO, E.; HALLAK, J.; GROMATZKY, C.; LUCON, A. M.; ARAP, S. Assessment of sexual function in patients undergoing vasectomy using the international index of erectile function. **International Braz J Urol**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, p. 452-58, 2005.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAGA, I. F. Contracepção cirúrgica – vasectomia. **Arquivos de Ciências da Saúde Unipar**, Umuarama, v. 2, n. 1, p. 41-8, jan./abr. 1998.

BRANDÃO, E. P. **Nem Édipo, nem Barbárie**: genealogia dos laços entre aliança e a sexualidade. Curitiba: Juruá, 2010.

BRASIL. Lei n. 6.515, de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1977.

_____. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 16 de jul. 1990.

BRASIL. Lei n. 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 jan. 1996.

_____. Ministério da Saúde. **Aconselhamento em DST, HIV e Aids**: diretrizes e procedimentos básicos. 4. ed. Brasília, DF, 2000.

_____. **Lei nº 1.046, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. São Paulo: Saraiva, 2003.

_____. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Câmara dos Deputados/Coordenação de Publicações, 2007.

_____. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Ampliação de cobertura obrigatória de planos de saúde**. Brasília, DF, 2008.

_____. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher** – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde e da criança/ Ministério da Saúde, Centro de Análise e Planejamento. Brasília: Ministério da Saúde, 2009a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem** (Princípios e Diretrizes). Brasília, DF, 2009b.

BRISIGUELLI NETO, A.; ARAÚJO, A. C.; DOHER, M. P.; HADDAD, M. A. Revisão sobre a eficácia do preservativo em relação à proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gestação. **Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 123-125, 2009.

BRUNS, M. A. T. O olhar do cotidiano e a perda da sensibilidade. In: BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade** - preconceito, tabus, mitos e curiosidades. 2. ed. Campinas: Átomo, 2010. p. 11-48.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade - objetividade. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 65-75.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 77-92.

CAETANO, M. J. Ética e meio ambiente – reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade. In: HISSA, C. E. V. (Org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 181-192.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIOFFI, S. M. P. **Relatos da vida amorosa: a intimidade no contexto contemporâneo**. 2005. 201 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DANTAS, J. B.; SÁ, R. N.; CARRETEIRO, T. C. O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-9, 2009.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1992.

DECLARAÇÃO e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Pequim, 1995. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_4_conferencia_mundial_mulher.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

DIAS, P. L. R. The long-term effects of vasectomy on sexual behavior. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, Copenhagem, v. 67, p. 333-338, 1983.

DUARTE, G. A.; ALVARENGA, A. T.; OSIS, M. J. D.; FAÚNDES, A.; SOUZA, M. H. Participação masculina no uso de métodos contraceptivos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 207-216, 2003.

EHN, B. E.; LILJESTRAND, J. A long-term follow-up of 108 vasectomized men. **Scandinavian Journal of Urology and Nephrology**, London, v. 29, p. 477-481, 1995.

EIGUER, A. A parte maldita da herança. In: EIGUER, A. et al. (Orgs.). **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia psicanalítica**. São Paulo: Unimardo, 1998. p. 21-127.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, A. (Coord.). **Como se perpetua a família? – a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do gênero – psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

FERREIRA, M. L. S. M.; GONÇALVES, I. R.; JAMAS, M. T. Comportamiento de mujeres y sus parejas referentes a la planificación familiar. **Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín, v. 28, n. 2, p. 195-203, jul. 2010.

FLAQUER, L. **La estrella menguante del padre**. Barcelona: Ariel, 1999.

FORGHIERI, Y. C. Levantamento e classificação de pesquisas fenomenológicas no campo da Psicologia. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 7-19, 1984.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: a sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2003.

GIFFIN, K.; CAVALCANTI, C. Homens e reprodução. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, p. 53-71, 1999.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975. v. 1.

GOMES, F. A.; NAKANO, A. M. S.; ALMEIDA, A. M.; MATUO, Y. K. Mortalidade materna na perspectiva do familiar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 50-56, mar. 2006.

GUNE, E. Momentos liminares: dinâmicas e significados do uso do preservativo. **Análise Social**, Lisboa, v. 43, p. 297-318, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, M. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Todos nós...ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. São Paulo: Moraes, 1981.

_____. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

HOLANDA, A. Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2007. p. 41-64.

JEAN-FRANÇOIS, E. La vasectomie au Quebec. **Cahiers de Sociologie et de Démographie Médicales**, Paris, v. 39, n. 1, p. 41-58, 1999.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LUZ, M. O vazio nas relações sociais na cultura atual. In: POIAN, C. (Orgs.). **Formas do vazio: desafios ao sujeito contemporâneo**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001. p. 49-66.

MANHOSO, F. R.; HOGA, L. A. K. Men's experiences of vasectomy in the brasilian public health service. **International Nursing Review**, Oxford, v. 52, p. 101-108, 2005.

MARCHI, N. M.; ALVARENGA, A. T.; OSIS, M. J. D.; BAHAMONDES, L. Opção pela vasectomia e relações de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1017-1027, 2003.

MARCOLINO, C.; GALASTRO, E. P. As visões feminina e masculina acerca da participação de mulheres e homens no planejamento familiar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, p. 77-82, maio 2001.

MARCONDES, G. S. **Refazendo famílias: trajetórias familiares de homens recasados**. 2008. [s. n.]. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MARREGA, M. F.; BRUNS, M. A. T. Super-homem e a mudança da história: um estudo sobre papéis de gênero. In: CUNHA, M. V.; PASIAN, R. S.; ROMANELLI, G. (Orgs.). **Pesquisas em psicologia: múltiplas abordagens**. São Paulo: Vetor, 2009. p. 83-96.

MARTINS FILHO, J. R. F. Heidegger e a concepção de "outro" em Ser e Tempo. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 56-76, 2010.

MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

MELONI, E.; FÁBIO, S. V.; GUELERI, W.; PICADO, M. P.; YOSHINAGA, E.; SOUZA, L. Características dos candidatos à esterilização cirúrgica e os fatores associados ao tipo de procedimento. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1785-1791, nov.-dez., 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOÁS, L. C.; VARGAS, E. P. Discursos normativos sobre o desejo de ter filhos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 758-762, 2010.

MONTIGNY, F.; LACHARITÉ, C.; AMYOT, E. Tornar-se pai: modelo da experiência dos pais em período pós-natal. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, p. 25-36, 2006.

MORATO, H. T. P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade. In: MORATO, H. T. P. (Coord.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 61-90.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

NAVES, G. S. Liberdade e autenticidade em Martin Heidegger: uma análise fenomenológica do homem. **Poros**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 63-77, 2009.

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, S. A. O apagão da masculinidade? **Trabalho e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 9-16, dez. 2001.

_____. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. **Interfaces Brasil/Canadá**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 29-43, 2003.

_____. Body modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 370-395, set. 2006.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHIMIDT, H.; SHARLIN, S. A. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 575-584, 2004.

NUNES, B. **Passagem para o poético (filosofia e poesia em Heidegger)**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OLIVEIRA, M. C. F. A.; BRITO, R. S. A. Gênero, conjugalidade e família na população-alvo dos serviços. In: OLIVEIRA, M. C. F. A.; BRITO, R. S. A. **Avaliação do impacto da mediação familiar como método de intervenção em situações de violência intrafamiliar**. Campinas: Unicamp, 2007. (Relatório Final de Pesquisa).

PASQUALOTTO, F. F.; LUCON, A. M.; SOBREIRO, B. P.; PASQUALOTTO, E. B.; ARAP, S. The best infertility treatment for vasectomized men: assisted reproduction or vasectomy reversal? **Revista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina São Paulo**. v. 59, n. 5, p. 312-315, 2004.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 57-69, 2007.

PINELLI, A. Gênero e família nos países desenvolvidos. In: PINELLI, A. (Org.). **Gênero nos estudos de população**. Campinas: ABEP, 2004. p. 55-98. (Coleção Demographicas).

PINTO, M. J. C. **A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas**. 2008. 227 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo: FFLCH/USP, 1993. (Projeto NURC/SP).

PRETTO, Z.; MAHEIRIE, K.; TONELI, M. J. F. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, abr./jun. 2009.

RAFAEL, M. A.; RIBEIRO, G. M. F. A questão da tecnologia no pensamento de Martin Heidegger ou uma possível leitura da conferência "Serenidade" (1959). **Existência e Arte**, São João Del-Rei, v. 3, n. 3, p. 1-10, jan.-dez. 2007.

RELATÓRIO da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento: Plataforma de Cairo, 1994. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/portal_pr/eventos_internacionais/onu/Relat%C3%B3rio%20Cairo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 215-225, abr./jun. 2009.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 72-88.

ROQUE, E. M. S. T. **Estudo das famílias de crianças e adolescentes, vítimas de violência, que sofreram intervenção da justiça, em comarca de vara única – Estado de São Paulo – Brasil**. 2006. 278 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SAFRANSKI, R. **Heidegger** – um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SALZEDAS, P. L. **Sexualidade feminina**: a temporalidade e a singularidade da mulher no climatério. 2001. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

SALZEDAS, P. L.; BRUNS, M. A. T. O Corpo em transformação. A silenciosa passagem pelo tempo. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. **Envelhecimento humano**: diferentes perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 13-22.

SANDLOW, J. I.; WESTEFELD, J. S.; MAPLES, M. R.; SCHEEL, K. R. Psychological correlates of vasectomy. **Fertility and Sterility**, New York, v. 75, p. 544-548, 2001.

SANTOS, C. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos**: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. 2004. 445 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço**: novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega, 2000.

SANTOS, N. C. Legal, ilegal ou antiético? **Jornal da FEBRASGO**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-9, 1999.

SANTOS, R. B. **Homens com câncer de próstata**: um estudo da sexualidade à luz da perspectiva heideggeriana. 2006. 243f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 7-38. (Coleção Os Pensadores).

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, 2005.

SILVA, A. B. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais** – paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 267-297.

SILVA, I. M.; MENEZES, C. C.; LOPES, R. C. S. Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 383-391, jul.-set. 2010.

SILVA, M. M. L.; NOGUEIRA, V. M.; FRAGA, V. B. O vazio existencial: de Lacan à contemporaneidade. **Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 7, p. 102-112, jan./fev./mar. 2009.

SOUZA-LEITE, C. R. V.; BRUNS, M. A. T. Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares. In: BRUNS, M. A. T.; SOUZA-LEITE, C. R. V. (Orgs.). **Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares**. São Paulo: Iglu, 2010. p. 17-32.

STEINER, G. **As idéias de Heidegger**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SUTTER, C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82, jan./mar. 2008.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher**: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

THERBORN, G. **Sexo e poder** – a família no mundo 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, A. Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. **Cadernos CRH**. Salvador, v. 17, n. 42, p. 405-429, set./dez. 2004.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VARGAS, E. P.; MOÁS, L. C. Discursos normativos sobre o desejo de ter filhos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 758-62, 2010.

VARGAS, E. P.; RUSSO, J. A.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e reprodução: usos e valores relativos ao desejo de filhos entre casais de camadas médias no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 153-162, jan. 2010.

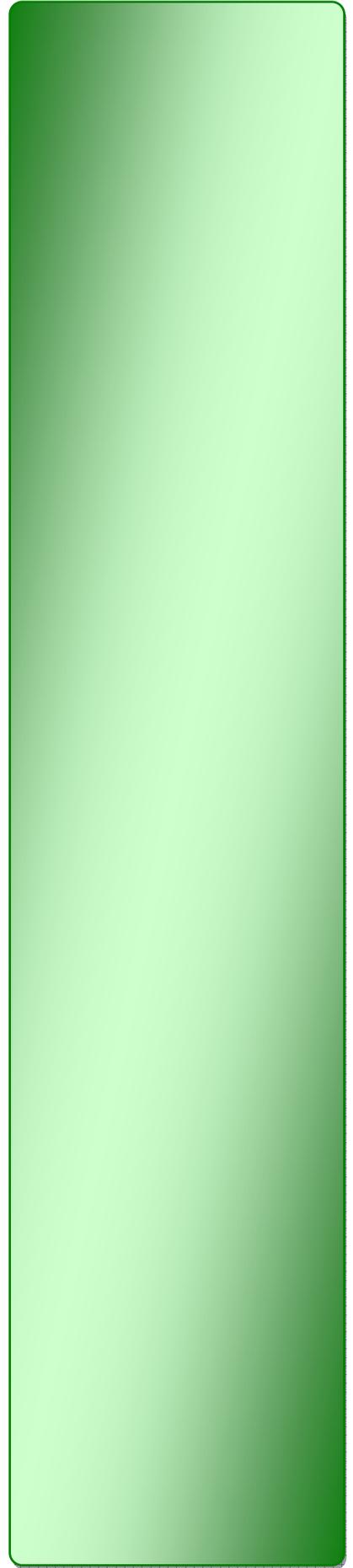
VIEIRA, E. M. Políticas públicas no Brasil. In: BERQUÓ, E. (Org.). **Sexo & vida** – panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 151-196.

VILLELA, W. V.; ARILHA, M. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, E. (Org.). **Sexo & vida** – panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 95-150.

WANG, M.; JABLONSKI, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 54-65, 2006.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: WAGNER, A. (Coord.). **Como se perpetua a família?** – a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 47-66.

Apêndices



APÊNDICES**APÊNDICE A – Caracterização dos colaboradores da pesquisa
(após a escolha pela vasectomia)**

Data: ___/___/___

1. Caracterização:

a. Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____

b. Escolaridade:

- Ensino Fundamental Incompleto
 Ensino Fundamental Completo (8 anos de estudo)
 Ensino Médio Incompleto
 Ensino Médio Completo
 Superior Incompleto
 Superior Completo

c. Profissão: _____

Com que idade começou a trabalhar? _____

d. Estado civil:

- Casado. Há quanto tempo? (em meses): _____
 Relacionamento estável. Há quanto tempo? (em meses): _____

e. Número de filhos:

- 2
 3
 4
 5 ou mais

sexo dos filhos: ___ feminino ___ masculino

f. Quantos anos você tinha quando teve o primeiro filho? _____

g. Qual a sua religião? _____

h. Faça um breve relato da sua condição socioeconômica desde o início do casamento até os dias de hoje.

APÊNDICE B – Caracterização das colaboradoras da pesquisa**(após a escolha pela vasectomia)**

Data: ___/___/___

1. Caracterização:

a. Data de nascimento: ___/___/___ Idade: _____

b. Escolaridade:

 Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo (8 anos de estudo) Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo Superior Incompleto Superior Completo

c. Profissão: _____

Com que idade começou a trabalhar? _____

d. Estado civil:

 Casada. Há quanto tempo? (em meses): _____ Relacionamento estável. Há quanto tempo? (em meses): _____

e. Número de filhos:

 2 3 4 5 ou mais

sexo dos filhos: ___ feminino ___ masculino

f. Quantos anos você tinha quando teve o primeiro filho? _____

g. Qual a sua religião? _____

h. Faça um breve relato da sua condição socioeconômica desde o início do casamento até os dias de hoje.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina
de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa HC e FMRP-USP – Campus Universitário
Av. Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto, SP – 14048-900
Fone: (16) 3602 2228
E-mail: cep@hcrp.fmrp.usp.br**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(Resolução nº 196/96)

Nome da pesquisa: **“O casal da atualidade: a escolha compartilhada da vasectomia como método contraceptivo”**.

Pesquisadora responsável: Patrícia Lopes Salzedas (CRP 06/54291-1)

Orientadora da pesquisa: **Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns**

Sou psicóloga e estou realizando uma pesquisa para obter o título de Doutor(a) em Psicologia pela Universidade de São Paulo. O objetivo de minha pesquisa é o de compreender o relacionamento conjugal de casais que escolhem a vasectomia como método contraceptivo. Esta pesquisa poderá contribuir com profissionais que trabalham com casais atendidos em Serviços de Saúde.

Vou entrevistá-lo(a) a partir de uma pergunta sobre sua história de vida. Seu relato poderá trazer momentos significativos de suas experiências vividas. Durante a entrevista, poderei fazer outras questões para facilitar o seu relato. A entrevista poderá durar, aproximadamente, uma hora e trinta minutos, ou o tempo que você considerar necessário para expressar-se livremente.

Peço autorização para gravar esta entrevista e desde já esclareço que sua participação é voluntária. Seu nome não será exposto no trabalho e vou utilizar outro nome ou um número em substituição ao seu. Também quero esclarecer que você poderá ouvir o seu relato (a fita) e alterar, retirar ou acrescentar alguma informação. Caso eu fique com alguma dúvida, poderei lhe pedir para se encontrar comigo novamente, se você estiver de acordo e tiver disponibilidade. Você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e também não terá nenhum ganho ou despesa financeira para participar do estudo. A sua participação, ou não, neste estudo não interfere no seu atendimento no Ambulatório de Planejamento Familiar (Vasectomia).

Por tratarmos aqui de questões relacionadas à sua história de vida, existe o risco de você experimentar um desconforto psicológico provocado por lembranças, reflexões ou emoções vindas à tona com a entrevista. Caso isso ocorra e você julgue ser necessário algum tipo de apoio profissional (psicológico, por exemplo), coloco-me à sua disposição para ajudá-lo(a) pessoalmente ou encaminhá-lo(a). Para tanto, informo-lhe meu telefone (16) 3011-7232 e meu e-mail psalzedas@hcrp.fmrp.usp.br. Além do que foi relatado, o(a) senhor(a) será convidado(a) a responder a um questionário para caracterizar os(as) participantes do estudo.

Desde já agradeço a sua colaboração.

Patrícia Lopes Salzedas

Responsável pela pesquisa

Eu _____ R.G. _____, abaixo assinado, concordo em participar desta pesquisa, tendo recebido as informações contidas acima e estando ciente dos meus direitos abaixo relacionados:

1. A garantia de receber esclarecimento a qualquer dúvida ou pergunta acerca dos procedimentos, benefícios, riscos e outros, relacionados com a pesquisa.

2. A liberdade de deixar de participar da pesquisa a qualquer momento e a garantia de que continuarei sendo atendido no Ambulatório de Planejamento Familiar (Vasectomia).

3. A segurança de não ser identificado(a) e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade.

4. O compromisso de me proporcionar informação atualizada durante a pesquisa e depois dela.

5. A certeza de que não terei nenhum ganho ou despesa financeira para participar da pesquisa.

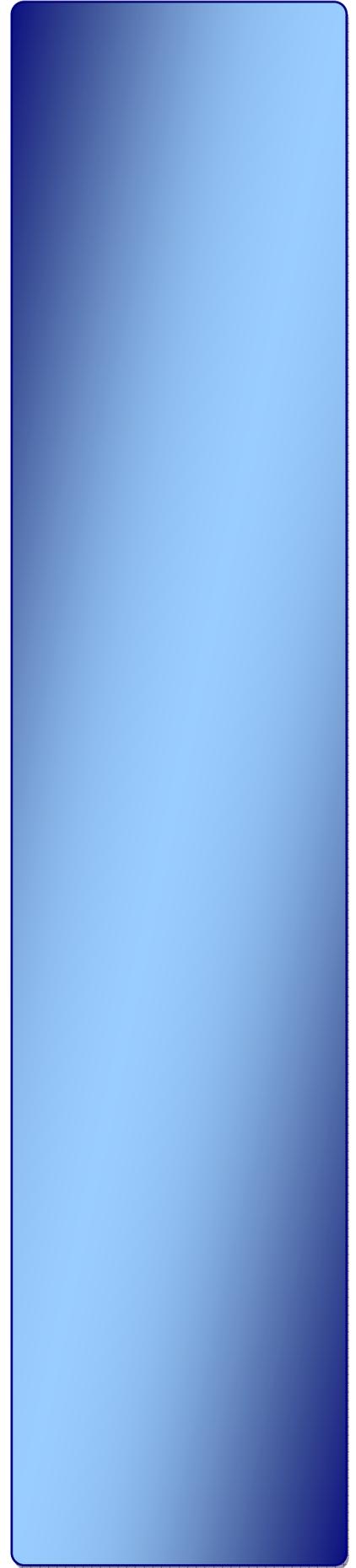
Tenho ciência do exposto acima e autorizo a utilização de minha entrevista como parte dos dados da pesquisa *“O casal da atualidade: a escolha compartilhada da vasectomia como método contraceptivo”*.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora responsável

Anexos



ANEXOS

ANEXO A - CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA – BRASIL



Critério de Classificação Econômica Brasil

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é exclusivamente de **classes econômicas**.

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Até 3ª. Série Fundamental	0
Primário completo / Ginásial incompleto	Até 4ª. Série Fundamental	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	Fundamental completo	2
Colegial completo / Superior incompleto	Médio completo	4
Superior completo	Superior completo	8

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	42 - 46	0,9%
A2	35 - 41	4,1%
B1	29 - 34	8,9%
B2	23 - 28	15,7%
C1	18 - 22	20,7%
C2	14 - 17	21,8%
D	8 - 13	25,4%
E	0 - 7	2,6%

Fonte: ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – 2008 – www.abep.org
 Dados com base no Levantamento Socioeconômico - 2005 – IBOPE.

ANEXO B – Autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP



HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

www.hcrp.fmrp.usp.br



Ribeirão Preto, 05 de dezembro de 2007

Ofício nº 4326/2007
CEP/SPC

Prezada Senhora,

O trabalho intitulado “**O CASAL DA ATUALIDADE: A ESCOLHA COMPARTILHADA DA VASECTOMIA COMO MÉTODO CONTRACEPTIVO**”, foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em sua 259ª Reunião Ordinária realizada em 03/12/2007, e enquadrado na categoria: **APROVADO, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, de acordo com o Processo HCRP nº 8601/2007.

Lembramos que devem ser apresentados a este CEP, o Relatório Parcial e o Relatório Final da pesquisa.

Atenciosamente.

PROF. DR. SÉRGIO PEREIRA DA CUNHA
Coordenador do Comitê de Ética em
Pesquisa do HCRP e da FMRP-USP

Ilustríssima Senhora

PATRÍCIA LOPES SALZEDAS

PROFª DRª MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS (Orientadora)

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP

Depto. de Psicologia e Educação

Comitê de Ética em Pesquisa HC e FMRP-USP - Campus Universitário

FWA – 0000 2733; IRB – 0000 2186

Fone (16) 3602-2228 - E-mail : cep@hcrp.fmrp.usp.br
Monte Alegre 14048-900 Ribeirão Preto SP